



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

**THE
PENNSYLVANIA
STATE UNIVERSITY
LIBRARY**



3-e

REVISTA LUSITANA

PUBLICAÇÃO DO MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

REVISTA LUSITANA

Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

PUBLICADO

com a collaboração dos especialistas portugueses
e a de alguns estrangeiros

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor do Curso de Bibliothecario-Archivista
Primeiro Conservador da Bibliotheca Nacional de Lisboa

VOL. XII

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1909

REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPRENSA NACIONAL DE LISBOA

VOL. XII

1909

N.^{os} 1-2

LIVRO D'ALVEITARIA

DO

MESTRE GIRALDO

Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana*, dá noticia de *mes-tre Giraldo*, physico ou medico de elrei D. Dinis, e autor de um tratado de alveitaria, e de outro das enfermidades das aves de caça. Pela concisão da noticia, parece que o illustre bibliographo não teve presente a obra. A Bibliotheca Nacional de Lisboa pos-sue uma copia feita no seculo xv. Está contida no codice n.º 2:294 da collecção geral dos manuscritos, o qual contém tambem do mesmo autor um *Tratado das enfermidades das aves de caça*, in-completo, que publiquei em opusculo (Lisboa 1909, 26 paginas). É um in-folio, de 270×195 millimetros com 59 folhas. A pagina tem na media 30 linhas, escritas em caracteres nitidos, cursivo da epoca, com bastantes abreviaturas.

O *Livro d'alveitaria* tem prefacio, indice e texto; no prefacio declara mestre Giraldo que por ordem de elrei D. Dinis consultou os livros que tratavam do assunto, traduziu e compilou, for-mando assim o seu tratado. Quasi no fim do codice se diz que a obra terminou em 1318. Giraldo cita os livros de Theuderique e de Jurdam de Calavero: d'este não tenho noticia; do tratado de Thierry existem copias. No famoso *Trattato della agricoltura*, de Piero de Crescenzi, escritor do seculo xiii, encontro capitulos proximos de alguns de Giraldo. A obra de Fr. Bernardo Português, descrita em Nic. Antonio (*Bibl. Hisp. Vet.*, II, p. 144 nota), é em hespanhol, dividida em sete volumes; bem differente da conservada no codice da Bibliotheca Nacional de Lisboa. A obra de Fr. Ber-nardo foi escrita no sec. xiv e existe na Bibliotheca Nacional de Madrid (Gallardo, *Ensayo de una biblioteca española*, II, Madrid, 1866). Do manuscrito original de Giraldo não encontrei noticia.

GABRIEL PEREIRA.

Liuro dalueitaria pera quallquer besta que qujseres ¹

- Quando as sçiençias e as artes ssom escriptas e emsignadas segundo hordenamento quall devem podennas os homêes achar mais asinha e ho entendimento er podellas ha mais ligeiramente filhar e entender. // Hende porque hy ha hũu liuro de alueitarja
5. que fez *theuderique* e achãno escripto desuairadamente segundo desuairados liuros // e ha hy outro liuro que fez Jurdam de calauero que ffoy tirado deste de theuderjque segundo como parece / pero que pos em ell mays e menos segundo como lhe semelhou // E outrossy este achãno escripto em desuairadas guisas e sem hordenamento dereyto / porende o muy nobre Senhor rrey dom donjs mandou a m̃y meestre giraldo que conposesse e hordenasse hũu liuro ho mjlhor que e m̃y semelhasse em que conpillasse hordenamente todallas coussas que ssom contheudas em cada hũu destes liuros de suso dictos / E eu com ajuda de deos assy trelladey e
 15. hordeney todo per linguagem portugues o mjlhor que pude e enttendy. E este liuro he partido em duas partes // A prjmeira he das coussas que conuêe ao cauallo do tempo em que naçe ataa o tempo que lhe deytam freo e sella // A segunda he de todallas enfermidades que podem acaeçer aos caualllos. da cabeça ataa os pees tam
 20. bem de doenças naturaes como doutras acidentaaes que lhes podem aqueeçer // E este liuro contem per todo esto sateenta e sete capitollos.

- O prjmeiro capitollo he quall deue de seer o cauallo que ha
25. de geerar e da egoa em quanto he prenhe como lhe deuem a ffaizer e da geeraçom e da naçença (Fl. 1) do cauallo e do tempo em que anda com sa madre.

O segundo capitollo he do tempo em que o deuem a filhar e com que e como. //

30. O iijº capitollo he de como deue estar liado no preseuall e como lhe deuem a fazer pera sse amansar majs asinha. //

O quarto capitollo he quaees deuem seer as prissoees pera prender os caualllos e de quantas gujssas.

¹ No pé da primeira pagina encontra-se escrita a seguinte nota em letra do seculo xv: «E pera ho escarno dos casclos filha hũu harratel de hunto de porco he meio arratel dacuerre he mea canada de vinho branco he hũua escudela de farrelo de trigo he meo harratel de . . trigo.

O quinto capitollo he quall deue de seer a estada e ha manja-
doira dos caualllos e dalgũuas coussas que conpre de lhes fazerem
cada dia. //

O seisto capitollo he de quaaes coussas deuem a comer os
caualllos e quejandas deuem a seer as auguas que deuem a be- 5.
ber. //

O seitimo capitollo he dalgũuas oras em que deuem a guardar
os caualllos que nom comam nem bebam. //

O oytavo capitollo he de quanto devem a çear os caualllos pel-
los tenpos do anno. 10.

O nono capitollo he de que deuem a estar os caualllos cober-
tos segundo os tenpos que fforem.

O deçimo capitollo he de quando e como deuem a seer fferra-
dos os caualllos. //

O vndeçimo capitollo he das naturas e das maneiras dos 15.
ffreos.

O duodeçimo capitollo he de como e quando prjmeiramente
devem meter o freo ao cauallo. //

O terceiro deçimo capitollo he de como deuem a emsignar os
caualllos e como os deuem a fazer bõos. 20.

O quarto deçimo capitollo he do tenpo em que deuem a es-
faelar os caualllos e ho prouejto que lhes tem.

O quinto deçymo capitollo he dos tenpos em que deuem san-
grar os caualllos quando ssom sãaos e de quaaes veas.

O seisto deçimo capitollo he das conhocenças dos caualllos se- 25.
gundo as feituraz que ouuerem. (Fl. 1 v.).

O septimo deçimo capitollo he do trabalho e do exerciçio dos
caualllos.

Aqj se acabam os capitollos da primeira parte deste
liuro e começamse os da segunda. // 30.

O prjmeiro capitollo he da segunda parte e dalgũuas emfermj-
dades desnaturadas com que naçem os caualllos. //

O segundo capitollo he da frjura da cabeça do cauallo e cha-
momlhe mormo que ajnda nam corre. // 35.

O terceiro capitollo he de hũa door que chamam em latjm
chimorraea e em nossa linguagem mormo depois que corre. //

O quarto capitollo he das doores dos olhos dos caualllos.

O qujnto capitollo he de hũa jnfirmdade a que chamam mal
de boca e em nossa linguagem trauagem. 40.

O sexto capitollo he de hũa enfirmdade que chamam em la-
tjm *lampastus* e em nosa linguagem he magneira de trauagem. //

O septimo capitollo he de hũa jnfirmdade que chamam em latjm *floncellos* e em nosa lingoagem sapos. //

O oytauo capitollo he de hũa enfirmdade que chamam em latym *barbulos* e nos lhe chamamos baruos. //

5. O nono capitollo he do mall da lingoa que nos chamamos peeyra da lingoa e doutros cajooes que acaecem nas lingoas dos caualllos. //

O deçimo capitollo he de hũa door que chamam em latjm *vinulas* e em nossa linguagem oljuas. //

10. O vndeçimo capitollo he que de hũa jnfirmdade que chamam estrangullo. //

O duo deçjmo capitollo he de hũa jnfirmdade que chamom adragunchos. //

O iijº deçimo capitollo he do adraguncho voadio. //

15. O quarto deçimo capitollo he de hũa emfirmjidade que chamam *anticora* e em nosa linguagem pode seer chamada // (Fl. 2).

O quinto deçimo capitollo he do agrauamento dos peytos que uem ao cauallo. //

20. O seisto deçimo capitollo he de hũa imfirmjidade que chamam em latim *morbis pulssiuis* e em nossa lingoagem polmoeyra. //

O seitimo deçimo capitollo he da sobegidõoe do sanguy e he dicta em linguagem outrossy. //

O oytauo deçimo capitollo he da ventosidade. //

25. O nono deçimo capitollo he do cauallo açeuadado que come muyto trijgo ou muyta ladella. //

O viçesimo capitollo he do cauallo aaugado per muito comer ou per muito beber ou do gram trabalho. //

30. O viçesimo prjmeiro capitollo he de *equoinfastico* e he do cauallo augoadado que se faz quando chega queente e sũureento e leixãno estar sem trager e sem comer. //

O viçesimo segundo capitollo he pera engordar os caualllos.

O viçesimo terçio capitollo he de hũa jnfirmdade que faz emmagreçer os caualllos e he dicta em latjm *esculmatus* e em nossa linguagem dessocamento. //

35. O viçesimo quarto capitollo he de hũa enfirmdade que chamam em latjm *arrigiatura* e em nosa lingnagem enterimento. //

O viçesimo quinto capitollo he do retjmento do mejar do cauallo.

O viçesimo seisto capitollo he do jnchamento da natura do cauallo. //

40. O viçesimo septimo capitollo he de hũa emfermidade e he dicta em latjm *espalliacia* e em nossa lingoagem polmão do calo das espadoas. //

O vicesimo oytavo capitulo he da infirmidade que he dicta
polmão do lonbo.//

O vicesimo nono capitulo he dos danamentos do espinhaço
que vêe per razom da seella ou da albarda e este capitulo he em
geerall.//

5.

O triçesimo capitulo he da sostra. (Fl. 2 v.).

O triçesimo primo capitulo he dos verrezes.//

O triçesimo segundo capitulo he do proydo do sangue sobeio
e perde ende os cabellos.//

O triçesimo terço capitulo he do derreamento das bestas.// 10.

O triçesimo quarto capitulo he do espadoamento ou do eslo-
medramento dos caualllos.//

O triçesimo quinto capitulo he das doores das pernas dos
caualllos que lhes veem per algũas feridas ou per algũs cajoões.//

O triçesimo sexto capitulo he do jnchaço que sse faz aos caual- 15.
los nas coixas e nas pernas.//

O triçesimo septimo capitulo he de hũa infirmidade que he
dicta em latim *gedra* e em nossa lingoagem anafafes.

O triçesimo oytavo capitulo he de hũa door que chamam
sporuanus em latim, e em nossa linguagem eyricoos e exaagua- 20.
zes.//

O triçesimo nono capitulo he de hũa enfermidade que cha-
mam em latim *curba* e em nossa lingoagem jnchaço da curva.//

O quadragesimo capitulo he de hũa jnchaço que se faz so os
geolhos do cauallo.// 25.

O quadragesimo primo capitulo he dos sobre ossos.//

O quadragesimo segundo capitulo he das encalçaduras dos
caualllos.

O quadragesimo terço capitulo he das ovas.//

O quadragesimo [quarto] capitulo he das greças. 30.

O quadragesimo [quinto] capitulo he das quebraduras que se
fazem aos caualllos antre as juntas dos pees e as vnhas.//

O quadragesimo seisto capitulo he dos ensartilhamentos que
aveem aos caualllos.//

O quadragesimo setimo capitulo he das estrepaduras que 35.
aqueçem aos caualllos nos geolhos ou nas outras juntas e nos
outros logares das pernas.// (Fl. 3)

O quadragesimo oytavo capitulo he de hũa infirmidade que
he dicta em latim *furina* e em nossa linguagem jnchaço duro que
se faz na coroa da hunha hu se junta a carne com ella. 40.

O quadragesimo nono capitulo he do *cançer*.//

O quinquagesimo capitulo he das fistollas.//

O quinquagesimo prjmeiro capitollo he da peeira que uem aos caualllos nos pees. //

O quinquagesimo segundo capitollo he do danamento que aquaeçe ao cauallo quando põe hũa mão sobre ha outra. //

5. O quinquagesimo terçio capitollo he das esponlhas ¹ que nacam aos caualllos. //

O quinquagesimo quarto capitollo he das landoas. //

O quinquagesimo quinto capitollo he das sedas e das gretas que se fazem nas hunhas dos caualllos. //

10. O quinquagesimo seisto capitollo he das encrauaduras. //

O quinquagesimo septimo capitollo he das encrauaduras que fumegam. //

O quinquagesimo oytauo capitollo he de hũa infirmjdade que chamam em latjm *ficus* e em nossa lingoagem guavarro. //

15. O quinquagesimo nono capitollo he do espolmamento das hunhas.

O sexagesimo capitollo he do mudamento das hunhas.

O sexagesimo prjmo capitollo he das hunas ² cortas contra dentro ou contra fora como nom deuem. //

- 20.

O primeiro capitollo he da egoa enquanto he prenhe e como lhe deuem a fazer e da geeraçom e da naçença do cauallo e do tenpo em que anda com sa madre. // primeiro. //

- 25.

Deues a saber que estillo em latjm tanto quer seer em nossa linguagem como cauallo que lançam aas egoas pera geerar. // E este cauallo deue de seer tall e assy guardado. // primeiramente deue de seer de boo linhagem e fremosso e bem feyto. E deue de

30. (Fl. 3 v.) sseer bem pensado e bem guardado que nom caualguem em ell salluo poucas vezes por sollaz e de gujssa que sseja a proueyto do cauallo. // Ca auendo estas coussas todas deleitaria mays o cauallo em se chegar aa egoa e lançarlhe a mays semente e mays comprjdamente. // E por estas rrazooes geerasse ende o
35. filho fremosso e mais grande e mais vallente. / E depois que souberes que a egoa conçebeo de tall cauallo faze de gujssa que a nom tragas muj grossa nem muj magra ca se for muy grossa apertara em ssy o fjlho polla mujta grosura e polla mujta humjdade

¹ Á margem em letra do fim ou meado do sec. xvi lê-se: *esponias*.

² Evidentemente *hunas*.

que auera em ssy e nom se poderam os nenbros dell estender quanto deuem e seerja ende mais pequeno e mais sumjdo./

Outrossy se er ffor muj mágra nom podera dar tanto nutrimento ao filho no ventre quanto conpre e auera hende de sayr fraco e magro e assy parece que a egoa deue de seer nem muy 5. magra nem muj grossa e per esta gujssa a deuem a manteer.

Item deues a ssaber que a egoa des que conçeber nunca deue seer emçarrada em nem hūu logar de dia nem de noyte, e hu nom teuer de comer. Ca aqueeceria que estando encarrada poderia aver fframe ou sede em tall gujssa que perderia ende o ffilho e 10. auelloya a deitar ante tenpo.//

E outrossy deues a ssaber que nom deue de seer sangrada ca pella sangrja tall mjingoa prenderia o filho andando no ventre que e perderia ca o sange he mantijmento da creatura, e per ell se gouerna emquanto no ventre anda.// 15.

Outrossy deues a saber que lhe nom deuem dar gram trabalho nem deue de seer ferjda ca per cada hūua destas cousas se poderia perder o filho ca' lhe poderjam quebrar os liamentos em que esta liado e mantheudo no lugar em que ffoy geerado e auerja (Fl. 4) de sair deste logar ante tenpo e asy sse perderja.// 20.

E deues a ssaber que o cauallo deue de seer conçebydo e geerado em tall tenpo que possa naçer em tenpo dauondamento deruas// ca per esto a madre auera mais leite pollo paçer que avera auondosamente e gouernara o filho mjlor e se bem criado e bem gouernado ffor as carnes e os nenbros seera todo mais fforte 25. e mais conprido.//

E trabalha te que o tenpo em que naçer o cauallo que naça em logar de montes/ ca sobindo e desçendo per logares de montes as coixas e as pernas e as hunhas dell faransse mais ffortes e mjlhores.// 30.

E ajnda em estes montes deue aver pedras e seixos ca se o cauallo desta naçença ffor criado em logares de montes e de pedras seera ende melhor e mais vssador e mais fforte nas pernas e nos pees e nas hunhas e nos outros nenbros.//

E ho filho deue a sigujr a madre conthinoadamente per boos 35. logares cheos deruas e de paçeres ataa que venha a hydade de dous annos e nom mais.// Ca o cauallo naturalmente despois dous annos mouesse pera se juntar com as egoas.//

E assy averja que andando com sa madre ou com outra egoa poderja ende prender dapno per esta rrazom.// Pero aynda des- 40. pollos dous annos o deuem trager hūu anno sem companhia de hegoa em logares auondados deruas e de paçeres. Ca andando assy

pellos canpos e pello aar ameude auera per hy os menbros mays ffortes e mais grossos. E espeçialmente as pernas e os pees e as hunhas. //

5. O segundo capitollo he do tenpo em que o deuem a ffilhar e com que e como. / ij.º

- O caualllo deue de seer ffilhado primeiramente e preso em tenpo tenperado e nuujosso e que nom faça gram quentura ca pollo gram
10. trabalho de (Fl. 4 v.) quando o prenderem se o tenpo ffor queente rreçebera hende dapno e deue de seer ffilhado e presso prjmeiramente com laço de corda grossa e forte e deue de seer de lãa porque he mays molle e mays doce ca a do linho. // E depois que ffor preso metâlhe hûu cabresto bem ffeito na cabeça e tragãno
15. em conpanhia com outro caualllo manso o melhor que poderem pera aquell logar hu ho ouuerem damansar e densignar. //

- E sabe que o caualllo nunca deue de seer tomado nem preso ante de dous ¹ anos / Ca prendendoo ou o metendo em soltas em quanto ffor mais nouo receberja per hy mays aginha dapno per que
20. veeria a mancar. //

O terceiro capitollo he de como deue estar liado no preseual e como lhe deuem a fazer pera se amanssar mais aginha. //

25. Deues saber que ha mester pera o caualllo seer mais asinha mansso destar presso de dous ramaaes no preseuell ² em tall guisa que por sa braueza nom se possa tirar a hûa parte nem aa outra. //

30. E outro caualllo ou outra besta este senpre a par dell por se afazer com ell e por tal que mais seguramente se possa homem a ell chegar. // E deuêno a tanger com as mãos muj mansamente per cada lugar e esffregarlhe com ellas a cabeça muj doçemente er tragerlhas muj mansamente per todo o corpo e estremadamente
35. pellas pernas e pellas mãos e alçemlhas mujto amende e batam lhy em ellas como quem o quer ferrar. // E deues a saber que nom deuem fazer ao caualllo ataa que seia bem mansso nem hûua coussa esquiva nem que o mujto agraue.

¹ Nom menos de dous está na margem em letra do sec. xv cursiva.

² Nos logares anteriores vem *presevall*.

O quarto capitollo he quaees deuem ser as prisooes pera prender os caualllos e de quantas gujssas. // iiij capitollo.

As prisooes das bestas deuem seer fectas per tall guissa. // Prjmeiramente o cabresto deue de seer feyto de coyro grosso e forte 5. pero que seia doce. /

E deue de seer tall que lhe cayba na cabeça. / E deue de teer dous ramaes (Fl. 5) per que esteo presso ao preseuell assy como he dicto no capitollo dante deste. // E deue de teer boas soltas conpridas e bem feitas. // E em quanto ffor o cauallo nouo seiam 10. de lãa e depois podēnas fazer doutras cordas. // E outrossy nas pernas deue de teer hũa corda legada a de parte em cada perna. E esta prisam chamam arretall e deue estar de tal guissa liado que nom possa hir contra diante. E esto todo lhe fazem pera estar mais guardado e pera nom emmanquecer estando mall preso 15. e per outros cajooes que lhe aqueecerjam.

O qujnto capitollo he quall deue seer a estada e manjadoira dos caualllos e dalgũuas coussas que conpre de lhes fazerem cada dia. // V.º capitollo. / 20.

Deues a saber que a estada dos cavallos deue de seer tenperada e boa e deue de seer cada dia linpa do estrabo e de todo lixo. // E aa noyte façam-lhe boa cama da palha longa ou do feno e estrem lhe bem a estada pera folgar hy. // 25.

E outrossy deues a saber que o cauallo deue de teer a manjadoira baixa antas maaos ataa hu elle possa a tanger com a boca por tall que estendendo o collo e a cabeça ameude pera filhar o que ha de comer xe lhe faça a cabeça e ho collo mais sotijs e mais ligeiros pollo bulljr. e pollo trabalho que ende filhara mais se a 30. manjadoira teuer baixa. E seera per hy mjlor emfreado e majs fremosso. //

E ajnda digo se teuer a manjadoira baixa e as mãaos que engordara e cobrara per hy mais eno alcafar. E esto he porque pollo trabalho que filha de deante como dicto he fica majs ligeiro na- 35. quella parte. // E o mais do nutrjmento e do sangue e dos spritos vaylhe contra aas partes derradeiras. // E por que com ellas nom bulle tanto nem filha hy tam gram sofrjmento como de (Fl. 5 v.) diante conuem que se nom consuma hy tanto e que filhe hy mayor nudrjmento e mayor grosura. // E assy parece que mais engrosara 40. ho cauallo no alcafar e nas partes derradeiras teendo a manjadoira e a estada baixa de deante. // E seera majs ligeiro na cabeça

e no collo e nas mãos e mais descarregado e mais leue dos peytos. // E sabe outrossy que estando ho cauallo na estada tanto que ffor manhã tiremlhe a cama e ponhamlhe ho almafaçe e ho mondill e alynpēno muy bem e esfregēno muito estremadamente

5. nas coixas e nas pernas e nos trauadoiros assy como virem que lhe mester seera. // E depos esto leuēno a beuer em pequeno passo e tello na auga frja corrente ou na salgada tambem a manhã como aa noyte ataa os geolhos ou pouco mais quanto possam seer dous ratos ou tres do dia. / E esto se faz porque a frjura da auga doce
10. ou siquidoem daugoa do mar naturallmente secam e apertam e fazem exutas as mãos e os pees do cauallo costringendo os humores e as jnfirmdades que deçem pera aquelles logares. // E quando tornarem ho cauallo pera a estada em nenhũa guissa nõ no metam no estrabo ataa que sejam as pernas bem lijnas e bem
15. emxutas da augoa ca mujtas vezes a quentura do estrabo se lhe acha as mãos ou as pernas molhadas faz lhe enfirmdades desuairadas assy como ouas e eyriços e greças e outras coussas muytas. //

20. O seisto capitollo he de quaaes coussas deuem a comer os caualllos e quejandas deuem a seer as augoas que deuem a beber. // VI capitollo. //

As coussas que os caualllos deuem a comer som estas // feno / 20. e palha. / orgo. / auea. / e coussas semelhauées a estas que ssom seu comer e sa çea. //

- E se ffor o cauallo nouo vse a comer (Fl. 6) erua e feno e orgo por que com estas coussas alargara mais e crecerlham os nenbros mays. E sse ja for de idade mais conprida coma palha e orgo ten-
30. peradamente. // Porque polla siquidade da palha ho cauallo emgrossa ligeiramente pero nom mujto. Mais tragesse em boas carnes e conujnhauées e seera mais forte e podera mjlor trabalhar e mais seguramente. // E deues a saber que o cauallo nom deue de seer muj magro nem muj grosso ca se for muj groso e lhe de-
 35. rem gram trabalho poderja per hi morrer mais aginha /

- E de mais quanto os caualllos som mais grossos tanto mais aginha emmanqueçem polla sobegidoem dos humores que lhes decem pera as pernas e pera as mãos. // Outrossy se o cauallo for muj magro minguarlha per hy a força e a sijra e assy conuem
40. de o tragerem senpre de boa carne de comeynos. // E sabe que o feno he cousa que emancha o cauallo e trageo bõo pera parecer. // Outrossy des que o cauallo for de ydade conprida coma ferraes

ou prados pera se purgar e esto deue de seer hũa vez no anno no tenpo do verãao per espaço de hũu mes.// E quando esto comer este bem coberto e nom estee ao aar ca a freura destas heruas se bem coberto nom fosse ho faria ligeiramente arrefeecer de gujsa que lhe veerriam ende allgũuas enfermidades.// Outrossy quando derem orgo ao cauallo pera cear aljnpêlho muj bem e depois ponhãlho na manjadoira ca o poo da çeuada sooylhe a fazer tosse e dessequa o dentro no corpo.// E saby outrossy que [a] augua que beber o cauallo deue de seer molle e ja quanto salgada e toruenta e corrente pouco ou njmjalha.//

5.

10.

E esto he porque a augua desta magneira polla mollidõe e polla grossidade he majs caente e demajs grossa sustança e engrossa per hy majs o cauallo e trageo majs rrefeito e majs (Fl. 7) carnudo.// E porende er entendy que auga frja e muj corrente nom pode mujto nudrjr nem emgrossar o cauallo.//

15.

O septimo capitollo he dalgũuas oras em que deuem a gordar os caualllos que nom comham nem bebam.// VII C.º

Coussa proueitosa he ao cauallo de nom comer nem beber em quanto ffor muj queente mas deuemlhe deytar no colo pano muj ligeiro e tragello pelo chãao muj mansso ataa que arrefeeça e depois tragelo muj bem e des que for frjo denlhy a comer e a beber se quiserem.//

20.

Outrossy quando ho cauallo andar mui queente nom lhe dem a beber entrante aa pousada ca podia aaugar mujto aginha.// Outrossy he bem de nom caualgarem o cauallo ao serãao de gusjsa que o escaentem mujto ca nom poderia arrefeecer senom tarde e perderia o sono e nom çearia tembem nem lhe pres-tarja tanto.

30.

Oytauo capitollo he de quoanto deuem a çear os caualllos pellos tenpos do anno.// VIII cap.º//

Deues a saber que o cauallo deue çear no jnuerno seseenta presas de boo orgo e per todaªa queentura quoreenta.// Pero podenlhe emader mays ou menos segundo como o cauallo ffor mayorou menor ou pollo trabalho que ouuer ou segundo como for comedor.

35.

40.

O nono capitollo he do que deuem a estar os caualllos cobertos segundo os tenpos que fforem.// IX cap.º

Os cauallos deuem assy estar cobertos no tenpo do jnuerno deuem a teer cobertas de lãa e de linho por estarem majs queen-tes. //

E no uerãao deuem a teer sollamente cobertas de linho por
5. estarem nedeos e guardados das moscas.

O deçimo capitollo he dê quando e como deuem a seer ferrados os cauallos, // X cap.^o

10. Fferrados deuem seer os cauallos de taaes ferraduras que sejam rredondas assy como as hunhas e seiam os canellos dellas delgados e chãaos. / Ca se as ferraduras forem leues e bem fectas alçará per hy ho cauallo majs ligeiramente os pees. //

E nom façam as fferraduras diante mais anchas que as hunhas
15. ca per esto vsarom mais as hunhas e faranse mais ffortes. E sabuda coussa he outrossy quanto ho cauallo ferrarem mais nouo tanto xe lhe faram as hunhas mais molles e mais quebrançosas. E se vsar dandar sem fferraduras em quanto for nouo teera per hy depois os cascos mays grandes e mais ffortes.

20.

O vndecimo capitollo he das naturas e das maneiras dos ffreos. // XI. // capitollo . //

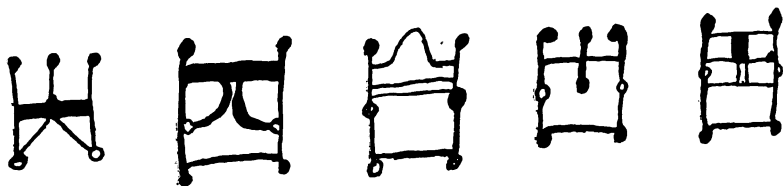
Os ffreos som de mujtas magneiras. Ha hy hũu freo que chamam de barra porque ha duas barras atrauessos e hũua a longo e
25. he este ho mjlhor e mais ligeiro ca os outros.

Ha hy outro freo que chamam de meo mordimento e ha duas barras atraues e hũua ao longo partida per meo. //

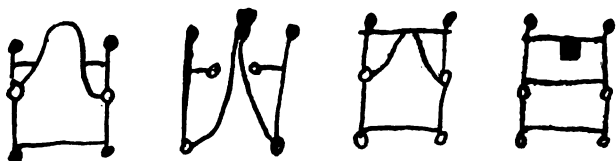
Ahy outras magneiras mujtas de freos que aqui sam feguradas
30. e os nomes que ham. //

E saby que se o cauallo nom fezer bem com hũu freo deuem lhy a canbar outros. E des que lhe acharem algũu freo bõ nunca lho canbem nem no metam em boca doutra besta. // E cada hũu deue a esguardar o cauallo se he boquimolle ou que boca ouuer. //
35. Ca segundo esto tall freo lhe deue a catar que seia mais aa vontade daquelle que em elle andar. //

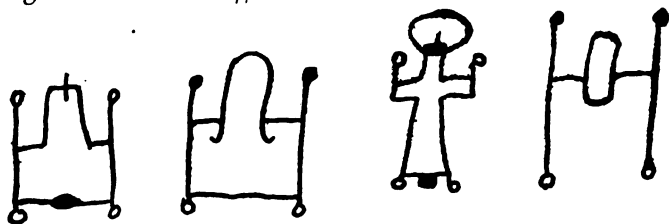
Estas ssom as ffiguradas dos freos. //



Tarym de pollegar.// Tarym.// Freo dorgao.// Freo dūu pollegar.// Freo de barra.// (Fl. 8).



Ffreo corapto.// Ffreo garçom.// Ffreo vasconjll.// Ffreo dūu orgão e dūu esteo.//



Ffreo genete.// Ffreo de garçeta.// Ffreo genete.// Ffreo ffallssso.//

O duodeçimo capjtollo he de como e quando primeiramente deuem meter o ffreo ao cauallo.// XII cap.º// 5.

Deues a saber quando primeiramente meteres o ffreo ao cauallo deue de seer ligeiro e doce e que nom tolha delle espanto ca se doutra gujssa fosse poderja ende tornar boquimolle e deuêno coçar mujtas vezes no dia ataa que seia mansso e se colher pavor do ffreo huntêlho do mell e envolluãno em estopas.// E desque for husado do ffreo deytemlhy saco ou pano ligeiro per dous dias e tragãno mansso pellos canpos.// E depois caualguem em elle hū homem ligeiro em oussso con uara e sem esporas e tragao em muj pequeno passo e hūu homem ante ell e esto seia cada dia manhaa e serãao.// 10. 15.

E acabado dūu mes deytemlhy hūua sella ligeira e caualgem em ell muj passo e per logar chãao.//

O terçiodeçimo capitollo he de como deuem a ensinar os caualllos e como os deuem de fazer bõos.// XIII.//

- Dicto he de como deuem filhar e amanssar o cauallo// agora
5. digamos da guarda e da ensignança que lhy deuem a ffazer.// Pri-meiramente o cauallo deue senpre de teer na cabeça hũu cabresto de coiro grosso e molle com dous ramaaes leados no preseuall como de suso dicto he. Em no terceiro capitollo.// E deue destar em soltas e sobre todo esto deue de teer legadas nas pernas hũuas
 10. cordas que chamam rretaaes.// E esto he por seer mais guardado e mais sãao nas pernas e por estar mais mansso.// E outrossy digo que o cauallo nõ no deuem de correr nen no trager a galope ataa que passe tres anos. E desally adiante corrã no hũa vez no dia sem esporas per carreira longa e direita nom muj dura nem
 15. muj molle.//

E desque for bem segurado de correr metãno em passo pequeno e depois em grande e depois em outro majs grande e deshy em pequeno.//

- E depois remetãno hũu pouco a deestro e a seestro pero que
20. o façam majs tirar ao deestro porque todollos caualllos naturalmente querem o seestro.// E depois que o remeteres segurẽno e metãno em bõo passo e nom lhe façam aquell dia mays mall e esto lhe façam duas vezes ou tres na ssomana e nomais.//

- Pero nom lho deuem fazer nos dias canjcolares nem em outro
25. tempo mui destenperado.// E desque passar pellos quatro annos façãno saltar saltos pequenos.//

E desque er passar pellos çinquo anos façãno saltar saltos mays grandes pero cumunaaes ca dos saltos muj grandes sem mesura podesse ende perder o cauallo ou pode morrer.//

30. Outrossy digo que ao começo de mostrar o cauallo a fazer e a correr no fazer deuenlhe colher o freo pouco e pouco de gujssa que traga a cabeça colheita e nom per força.// (Fl. 8 v.).

- E ao correr soltemlhe a rredea mais nom toda e parẽno man-
35. samente ataa que passe per çinquo annos e nõ no coytem das esporas ca pella ventura tornarja ende rreuelador ou meçerja as sedas e se nom fezer bem com hũu freo metamlhe outro.// Outrossy he bõo ao cauallo de o caualgarem mansamente pella villa e fazerõno hjr ameude per hu jouuerem coiros e per hu esteuer
 40. mujta gente e per hu laurarem os ferreiros e os tonoeiros e per logar de feira e esto lhe fazem por seer mais seguro e que nom filhe mais espanto.// E se pella ventura se temer da primeira o

cauallo djr per estes logares taacs feirão mall com hũa vara e nom com esporas.//

Pero quando mester ffor podéno ferir com ellas mansamente e leuêno per bem, ca se sse espantasse o cauallo e ho logo nom ferissem senpre se depois espantaria.// E saluo todas estas coussas de suso dictas ha mester ho cauallo que caualguem em ell algũas vezes no dia e desçam delle mansamente e esto he por tall que rreceba bem.// 5.

E todas estas coussas de susso dictas seiam muj bem guardadas ataa que o cauallo seia yguall que lhe deuem a tirar os dentes.// 10.

Outrossy digo que des que o cauallo passar çinquo annos deue de seer corrediço de grandes correrres por tall que se mester ffor entenda que a de correr longe e corrãno algũas vezes sobre seu freo e aas vezes a freo solto e algũas vezes vse a correr com outros cauallos a par em carreira e outras fora de carreira tam bem longe como preto.// 15.

O quarto deçimo capitollo he do tenpo em que deuem a esfaelar os cauallos e ho proueito que lhes tem.// XIII.º

O cauallo deue de seer esfaelado des quatro anos adeante pero he mjlor de o esfaelarem aos çinquo anos e esto he por lhy nom naçerem outra vez os dentes.// E quando ho esfauellarem deuemlhy a tirar as fauellas e as paas da queixada de fundo da hũa parte e da outra e depois rrayam-lhe bem os cabos e as queixadas com hũu cojtello agudo e desy esfreguemlhas mujto com do sall e com do farello se o qujser.// 20. 25.

E o que lhe sacar os dentes (Fl. 9) guardelhe a queixada como lhe nom quebre.// E depois tres dias adeante tiremlhe a baruella ao ffreo e estopemlho e ponhamlhe do mell e metamlho.// E a cabo dũu mes tirenlhe as estopas e metamlhe a barbela e ataa que seja sãao lavemlhe cada dia as chagas com do vjnho.// E desque lhe desinchar a boca do esfauellamento caualguem em ell e non no trabalhem mujto no freo.// E deues a saber que o cauallo emgrossa mais desque he esfaelado e torna mais mansso e de mjlhores costumes.// 30. 35.

O qujnto deçimo capjtollo he dos tenpos em que deuem sangrar os cauallos quando ssom sãaos e de quaaes veas.// XV.º//

A sangria dos cauallos deuesse assy de ffazer deuem a seer sangrados quatro vezes no anno na vea do collo costumada.// 40.

Conuem a saber hũa vez no março.// E no Junho outra.// E no setembro outra.// E no dezenbro outra/ ou no Janeiro se fazer tempo mais tenperado pera sangria e em cada hũa destas vezes tiremlhe sangue tenperadamente.// E deues a ssaber que o cauallo
 5. caualgado e guardado assy como desusso dicto he durara em sa força de vijnte e sete ataa trijnta annos.//

O sexto deçimo capitollo he das conheçenças dos cauall
 los segundo as feituas que ouuerem.// XVI.º//

10.

- Os caualllos podemse conhoçer em esta guissa segundo as feituas que ouuerem.// O cauallo deue a auer o corpo grande comunall e longo per terra.// E os nenbros rresponderem ao corpo conujnhauellmente.// E a cabeça deue de seer delgada e seca e
 15. longa.// E a boca grande e eslanhada.// E os narjzes grandes e grossos e bem abertos.// E os olhos grandes e alegres e pretos e a catadura derecha.// E as orelhas grandes e agudas.// E ho collo longo e delgado contra a cabeça.// E os cabellos bem nedeos.// E os lonbos grossos.// E o peyto grosso e rredondo.// E ho espi-
 20. nhaço curto.// E os lonbos grossos e rredondos.// E as costas grossas.// E so o uentre seer longo.// E os ylhaaes nom muj colheytos e pequenos.// E o alcafar longo e ancho.// E o rrabo grosso e os cabellos delle bem leiues.// E as coixas grosas e colheitas , pera çima.// E as pernas serem grossas e dereitas e os trauadoi-
 25. ros nem muj longos nem muj grosos e seerem baruudos e nom muy dereytos.// E os pees e as hunhas grandes e anchas e caudas.// E outrossy o cauallo deue de seer mais alto de tras ca deante assy como çeruo saluo que o collo del deue de seer muj alçado e mui leuantado dello peito açjma.// E digo mais que os
 30. nenbros deuemlhy bem a rresponder a todo tam bem em longo como em altura como em todallas outras coussas.// E saby que das collores dos caualllos o mjlhor he ho bayo craro e ho ruço cardeo solamente que em al aja boas feituas.// E o cauallo vall majs por seer frontinho e alazam dũa perna ou de duas.// E as
 35. feituas do cauallo podense mjlhor conhoçer seendo ho cauallo magro em comunal ca se muj grosso for encobririlha algũuas das maas ffeituas que ouuer.// Aynda deues a ssaber que os caualllos ham algũuas naturas e propiedades em ssy segundo algũuas feituas que ham estremadas.//
40. Assy como se o cauallo tem o coiro hu sse junta a garganta com a cabeça muy ficado no osso./ Digo ca este cauallo he bõo pera lidar dell.//

E se o caualllo tem as queixadas grossas e ho collo curto e grosso nom pode seer bem enfreado.//

O caualllo que tem as orelhas grandes e (Fl. 10) penças e os olhos cauados seera molle e preguiçoso.// E outrossy se tirarem o caualllo muyto e teso pello rrabo e depois leixarêno quanto o assy 5. mais ffortemente tirar e colher tanto mais viuo e mais ardido he.// E o caualllo que ha os narjzes grandes e abertos e os olhos grandes naturallmente he ardido.// E o caualllo que ha a boca grande e eslanhada e as queixadas magras e delgadas e ho collo longo e contra a cabeça delgado este tall pode seer bem enfreado.// E o 10. caualllo que trage sempre o rabo bem metidiço e bem ficado antras coixas este tall seera sempre forte e soffredor e nom seera muy trijgoso,// E o caualllo que tem a coixa longa e ancha e as anchas longas e tendudas, este seera muy corredor.//

O caualllo que tem as costas grossas como boy e ho ventre 15. grande e ho espinhaço pando naturallmente seera soffredor de trabalho.// E o que tem as junturas das pernas e dos braços grossas deue de seer forte.// E o caualllo que tem as hunhas todas brancas som maas e quebram ameude.//

E outrossy saby que se o caualllo esta sobrelos pees jguaaes e 20. dereitos e estremadamente sobre las mãaos e que nom alçe hũu mais que o outro nem anteponha,// tall caualllo tem todollos nen-bros de dentro sãaos e firmes e os de fora outrossy.//

O seitimo deçimo capitollo he do trabalho e do eixer- 25. çijio dos caualllos.// XVII. //

Deues a saber que todollos caualllos deuem a auer trabalho temperadamente em andar e em correr e em saltar ca ssom per hy mais saãos e mjlhores, (Fl. 10 v.) e mjlhoremsignados.// E 30. guarda senpre o cavallo do gram trabalho nos dias canjcolares .s. em nos dias da gram queentura e do gram frio assy como no julho e no agosto e no janeiro e he bem dauer o caualllo em estes messes folga e boom pensamento e denlhe na quentura boa casa frja e linpa e de noyte cama ca mujtas vezes se o caualllo trabalha 35. na gram quentura quebra lhy a çofra e desseca ataa que morre.// E outrossy se muyto trabalha no tenpo do gram frjo colhe hende cajom e perdesse mujtas vezes.//

Aquy sse acabam os capitollos da prjmeira parte deste liuro e 40. começamse os da segunda. //

O primeiro capitollo da segunda parte he dalgũas enfermidades desnaturaladas com que naçem os caualos. / I.

- Aas vezes aqueeçe que o cauallo de ssa nacença naçe com seus
5. nenbros desanaturadamente e esto he dicto segundo latim *de raro contingentibus*. // E outrossy pode seer chamado em latim *axstrum* e quer dizer em nossa linguagem marauilha que auem raramente. // Assy como veemos que o caualo naçe com sa queixada de juso majs longa ca a de suso. //
10. E aas vezes naçe com dous rrabos. // E aas vezes com hũu olho branco e com ho outro preto. // E hũu pequeno e outro grande. // E mujtas vezes hũu lomedro grande e outro pequeno. // E esto todo se faz segundo como sobeia ou myngua a materja da geeraçom. //
15. E outrossy naçem mujtas vezes os caualllos com as pernas tortas e vaugas. // E outrossy com as hunhas entradas dentro ou saydas por fora mais que nom deue. // E esto aqueeçe hu a materja da geeraçom ou o lugar em que se faz ssom em tall gujssa que nom pode a natura mais ffazer ca hu ella pode senpre faz o
20. melhor. //
- E por ende deues a saber que os caualllos que assy naçem como som desanaturados em feytura assy som desanaturados em manhas e em bondade ca a maa feigura do corpo mostra maldade nas outras coussas. // E deues a saber que a cura destas enffirmi-
25. dades taaes he se as podes trager aa tall feytura quall deuem a auer naturallmente per algũua arte ou per algũu engenho assy como ho caualo que tem dous rrabos talhem lhe hũu e as hunhas entradas pera dentro cada que ferrarem o caualo talhem lhe dellas de dentro. // E esto tantas vezes ataa que as tenha corregidas e assy
30. lhe ffaçam de cada hũua das outras coussas como virem que lhe cõpre. //

O segundo capitollo he da friura da cabeça do caualo. /

II. //

35. Hũua enfermidade vem aos caualllos que chamam friura da cabeça e chamamlhe em nossa linguagem mormo que nom corre ajnda mujto e fazlhe ynchar a cabeça e os olhos. // E esta enfermidade se faz dalgũua materia fria que tem na cabeça. // e os
40. sinaaes desta doença ssom taaes. / A cabeça e os olhos ynchados e lagrjmentos e os narjzes frjos e o baffo dos narjzes outro tall e os ylhaaes ferem mais ca deuem. // E o cauallo como e bebe

pouco e tosse e sternuda ¹ a meude. // A cura desta doença he tall tenha ho caualo (Fl. 11 v.) coberta a cabeça de pano de laa e esfreguêno a meude antre as orelhas com manteiga e esto lhe presta mujto. // Outrossy digo que lhe presta de filhar hũu pano de lynho metudo em olyo de loureyro e leguemlho no pollegar ou na barra 5. do freo e façãno beber com ell. // E esto lhe ffaçam cada que ouuer a beuer e rrecebera ende o çellebro conforto e queentura e guareçera. // E outrossy per esta rrazom meesma lhe presta hũua erua que chamam sauina e cheira bem e deuemlha assy a legar no ffreo de guissa que a tenha na boca. Ainda hy ha outra meezjnha que 10. lhe pode prestar façamlhe rreçeber o fumo do pano do lynho quejmado pellos narjzes. //

Outrossy pera esto meesmo presta mujto o trijgo ou o çenteo cozido e meterêno bem queente em hũu saco quall o poder sofrer e meterem dentro a cabeça do cauallo e leguemlho e leixeno assy 15. estar e coma dell se qujser e em tanto tenha a cabeça bem coberta. // E algũs cozem com este çenteo que lhe assy pðoe a saujna e os poeios e presta per y mays porque rreçebe ende o çelebro mays queentura e mays conforto. //

Pera esto meesmo deytemlhe nos narjzes do sabom frances 20. e prestarlha e facamlho yr o mays alto que poderem. // Outrossy pera esto meesmo presta de filharem a manteiga e rreterêna com ho olio do loureiro e meterêna dentro nos narjzes do cauallo e abafaremlhe a cabeça e guardarêno do frjo e darenlhe beueragem queente. // Ajnda hy ha outra meezjnha prouada per mujtas vezes 25. (Fl. 12) pera esta infermjdade segundo o que diz Theuderiqui e nom he achada no lyuro que se chama de Jurdam de Calaura. // Ffilha a norça e talhaa com sas ffolhas e com seus rramos em pedaços de hũu palmo e malhaa antre duas pedras e metea em hũu saco e leixaa ir a ffundo e mjtj dentro a cabeça do cauallo de 30. gujssa que tanga a norça com a boca e com os narjzes e apertalhe o saco em çima em tall guissa que a nom possa comer e assy o leixa estar e polla quentura que o çelebro hende rreçebera desta erua desoluerssam os maaos humores e seeram fflora. // E esta meezjnha lhe façam duas ou tres vezes e achallaam prouada. // 35. Aynda hy ha outra meezjnha pera esto que pode seer o pestumeiro rremedio queymêno em hũuas landoas que tem antre o colo e a cabeça hu sse sooê fazer as olyuas e queymêno com hũu ferro

¹ Por cima escreveram em letra do tempo *espiro*.

- que seia agudo ia que ¹ e façamlhas queimas ja que altas.// E outrossy o podem queymar no meyogoo da fronte com hũu ferro rredondo e este queymar lhe fazem por tall que os humores frios que tem na cabeça se purguem per hy e por se confortar o çelebro.// E outros lhes metem aynda sedas nos peytos pera sse purgar per hy destes humores frjos.// E outrossy digo que he boo remedio e prouado.//

10. O terceiro capitollo de hũa door que chamam em latim *chimorrea* e em nosa linguagem mormo.// (Fl. 12 v.) III./

- Chimorrea* he hũa enfermidade que faz deytar ao caualo muyto pollos narizes e he chamado em nossa lengoagem mormo que corre.// E esta jnfirmdade sse faz de frjura que tem na cabeça de que sse faz ho outro mormo de susso dicto.// E desdeque 15. lhe os humores frjos começam de correr pellos narizes contjnoadamente chamomlhe *chimorrea*./ E aas vezes se faz esta jnfirmdade que chamam adraguncho uoadjo de que depois falaremos ca lhy faz correr muytos humores frios pellos narizes.// E a cura 20. pera esta doença de quall cousa quer que lhe venha seia tall cubranlhy a cabeça de pano de laa e tenhamilha bem queente e denlhe a comer coussas queentes e beberagees queentes.//

- E aas vezes presta a esta jnfirmdade de paçer o cauallo em eruas pequenas ca do amerger da cabeça e de tirar pellas eruas 25. purgasse ende aas vezes o çellebro mais esto he rraramente ca o demais esta doença nunca sse cura.//

- Outrossy pera esto vall o fumo do ffeltro queymado ou do algodom velho se lho fazerem entrar pellos narjzses de gujssa que lhe vaa ao çellebro ca lhe desolue os humores que estam congel- 30. lados de longo tenpo.// Outrossy lhe presta de lhe dejtarem a meude do sabom frances dentro nos narizes e estas coussas lhe podem prestar algũuas vezes pero raramente segundo o que eu prouey.// E ainda digo quando ho caualo esta em (fl. 13) ponto de se perder desta *chimorrea* ou destrangulho ou demtapamento dos 35. narizes fazelhe esta meezjnha que se segue que he muj proueitossa pera estas doenças.// Ffilha a tona meyãa do vlmo que esta sobre augua e aljnپaa bem da codea de fora e inchy ende hũa ola noua com augua bem ljnپa que cobra as tonas e ferua tanto ataa que mjingue o meyo.//

¹ Esta palavra apparece tambem na fl. 15, etc.

Er jnchia outra vez dauga como da prjmeira e assy tres vezes per todo e de cada vez ferua ataa que mjingue a meyadade.// E aa terceira coa todo per hũu mandill destamenha espremendo bem as tonas.// E guarda bem esta calda e quando quiseres filha duas colhares boas della.// 5.

E hũa de lardo ou de manteiga e acaenta todo e lançalho tjbe pella garganta de gujsa que o troça.// E quando lho lançares alçalha cabeça com hũu freo pera çima o mais que poderes.// E quando lhe fezeres esta meezjnha trabalha que tenha o uentre vazio de comer e de beber.// E depois que lho fezeres este per 10. tres oras que nom coma nem beba e guardenno entanto bem do frjo.// E esto lhe faze per tres djas cada dia hũa vez.//

O quarto capitollo he das doores dos olhos dos caual-
los.// IIIJ.º// 15.

Aqueçe muitas vezes que das jnfirmdades de susso dictas ou doutras sobegidoos correm muitos humores aos olhos do cauallo e fazemlhos chorar a meude.// E aas vezes xe lhe fazem em elles escuridõe ou nuue per esta rrazom e aas vezes neuoa e pano 20. grande de gujssa que nom pode ende veer e a isto chamam emfermj-
dade dos olhos (Fl. 13 v.) e esta jnfirmdade podesse curar em esta gujssa.// Primeiramente se lhe os olhos choram faze tall emprasto.// Ffilha ho encenço redondo e longo e a almeçega e ho sanguy dra-
gom e o bollo armeryco tanto dũu como doutro e mestura todo 25. com clara douo como emprasto e pœno em çima dũu bragall ancho
de quatro dedos e longo que abraça dũua trjncheira aa outra e rrayanlhe prjmeiro estes logares na cabeça quanto possa a tanger este pano e lavemlho com vjnho queente e ponhamlhe este en-
prasto ataa que prenda e chamamlhe os alueitares estrictorio e 30. leixenlho trazer gram tenpo ca ha virtude de lhe fazer secar e
rreteer as lagrjmas e tolherlhoas quando qujseres lygeiramente com auga queente e com azeite.//

Outrossy pera ho chorar dos olhos presta mujto de lhy quej-
marem duas veas meestras que tem a par de as trjncheiras e 35. quejmalhas conujnhauellmente ca este he o pestumeiro rremedio.//
E se se fezer pano aa besta nos olhos quer seia velho quer nouo fazelhe esto.// Ffilha o casco da siba e ho saro da cuba e o sal-
gema tanto dũu como do outro e fazy poo e peneyrao muj sotill e deytalho com hũa canella nos olhos duas vezes no dia.// 40.

Outrossy pera esto filha o sall e ho esterco dos lagartos e moy todo esto muj sotill e deytalho outrossy nos olhos/

mas desta meezjnha lhe deyta chus pouca ca lhe danarja os olhos.

Outra meezjnha hy ha muy bõa o dente do porco montes torrado e muudo com o sall lançalho outrossy nos olhos e presta. //

5. E saby que se o pano for velho ante que lhe ¹ (Fl. 14) deitem estas meezjnhas de susso dictas deuemlhe a huntar ho olho dentro tres ou quatro vezes com emxulha de galinha. // E saby que diz Eogerjo que he bom rremedio pera ho pano dos olhos do cauallo se lhy deitarem a meude ho çumo da era terrestre ² que hũa erua que
10. jaze longa tenduda pollo cháao e tẽ nas folhas pequenas e rredondas. //

O qujnto capitollo he de hũa jnfirmdade que chamam mall da boca e em nosa ljuugagem trauagem. // V.º /

15.

Ffazensse aas vezes na boca do cauallo inchaços ou lamdoas longas em maneira damendoas e fazemxilhe dentro nas queixadas e apertalhas e fazenlhas jnchar de guysa que as nom pode abrir nem comer com ellas como soee. / E aas vezes lhe jncha ho paadar

20. tam sollamente e aas vezes toda a boca de guisa que nom ousa de tanger o que ha de comer e a esta jnfirmdade chamam em latym mall da boca e em nossa linguagem trauagem e fazesse dalgũs humores que lhe correm aas queixadas. // A cura pode seer tall se teuer toda a boca jnchada sangrẽno cauallo das veas
25. de sobela lingoa e desque deytar bem do sangue esfreguemlhe mujto o logar da sangrja com vjnagre ou com vjnho forte e com saro de cuba e com sall. // E sse per esta sangrja se estes jnchaços e estas landoas se nom desfezerem deytemlhe hũu ferro curuo sotill em ellas e alçamlhas pera çima e talhemlhas de rraiz e de-
30. pois lavemlhe as chagas como dicto he. //

E se ffor ho paadar jnchado abramlha boca e (Fl. 14 v.) talhemlhas ao longo com boas lançoos agudas alty e esfreguemlha boca como dicto he. // E estas curas ssom todas boas. //

¹ No pé da fl. 14 encontra-se o seguinte em letra contemporanea: Pera o mormo toma o esterquo das pôbas bem mudo e com ujnho branco o mais forte que achares e dao ao caualo em beberagem e lhe aproueita. / It toma folhas de couues e dentro metelhe unto que coma todo que se nõ pegue aos dentes e lhe presta.

² O original diz *carestre*.

O sexto capitollo he de hũa enfermidade que chamam em latim *lampastus* e em nossa lɲguagem maneira de trauagem.// VI.º//

Lampastus he hũa enfermidade que se faz ao caualllo na boca .5. em çima da queixada de susso sobrellos dentes e sobre as genguias e fizesse de sobejydõoe de sangue e podesse assy conhoçer.// Pareçemlhy logo aquelles rregos que tem atrauessados pella boca inchados sobre os dentes ou yguaaes delles de guysa que nom pode teer com elles aquello que come e caylhe da boca mo- 10. lhado.// E a cura pera esta jnfirmdade he tall.// Se a jmfirmdade ffor noua e com pouco inchaço contalhe dos dentes dyan-teiros ataa tres rregos e sangrao hy com hũu ferro que seia agudo ou lhe talha atraues de gujsa que deyte sanguy.// Outros o quei-mam nos dous rregos com hũu ferro queente e he todo boo e 15. prouado.//

O septimo capitollo he de hũa jnfirmdade que cha-mam em latym *floncellos* e em nosa lɲguagem sapos.// VII.º —// 20.

Ffazensse ao caualllo hũus jnchaços molles e pequenos e negros no meyogoo e fazenxlhe dentro na boca no beicho contra os dentes queixaaes e chamamlhe em latym *floncellos* e em nossa lɲguagem sapos //. E esta jnfirmdade se faz do comer derua frja ou de poo 25. aspero que xe lhe aprende antre o beicho e a queixada. E a cura desto he tall.// Filha hũu fferro delgado reuolto na ponta jaque e agudo como ponta destillo e (Fl. 15) mjtio em meo do inchaço do sapo e tirao e rraylho com hũu cujtelo bem agudo de rraiz a redor em maneira danelle lançalho a longe e depois laualha boca 30. com do vjnhlo e com do sall.//

O oytauo capitollo he de hũa jnfirmdade que chamam em latym *barbulos* e em nossa lɲguagem lhe chamam bar-uos.// VIIIº// 35.

Hũa doença vem ao caualo so a lɲgoa como bicos de mama secos e he mayor que grãao de trjgo e creçem e fazem ao caualllo que nom pode comer.//

Esta doença se faz dalgũu humor sobejo que corre pera arrei- 40. gada da lɲgoa e chamamlhe em latym *barbulos* e em nossa lɲ-guagem barbos.// E a cura desta doença he tall mety per ell hũu

ferro delgado que tenha a ponta aguda e tornada e alça o pera cima e talha per fundo da rraiz com hūuas thisoyras. E assy lhe faze a quantos teuer. //

5. O nono capitollo he do mall da lingoa que nos chamamos peeyra da lingoa e doutros cajões que aquecem nas lingoas dos caualllos. // IX. //

Vem aos caualllos doenças nas lingoas per muitas gujssas e
10. fazenxelve em ella chagas e rruymentos que ssom maos de curar e aas vezes xe lhe faz de quando sse em ella morde com os dentes. // E aas vezes do freo maa que lha rroe. // E aas vezes de hūua doença que chamam em latym *malum lingue* e em nossa linguagem peeyra da lingoa. //

15. E sse vires que xe lhe dana a lingoa muj mall do freo ou de mordidura em traueso e que nom pode guarecer talhalha (Pl. 15 v.) lingoa de gujssa que todo aquell danado vaa fora ca desque pera mall¹ para por marauilha nom pode doutra gujssa guarecer. // E saby que por talhares ao cauallo hūa peça da lingoa nom lhe
20. empeece mujto. // E se a chaga da lingoa traueessa for pequena ou se ffor ao longo da lingoa ainda que seia grande. // Ffazy tall vngoento. // Filha o mell bem vermelho e o alardo da carne do porco salgada. //

E hūua pouca de caall viua e de poo de pjmenta e faze de todo
25. vngoento. //

E deste vngoento lhe vntem a chaga da lingoa duas vezes no dia e lauemilhas primeiro com ho vjnho queente. // E esto lhe façã ataa que xe lhe soldem as chagas da lingoa e nom lhe metam freo ataa que seia guarjdo. //

30. E quando esta doença vem ao cauallo do mall da lingoa que chamam peeira fazesse per esta guissa. //

Quando ho cauallo come allgūa coussa podre e corrupta geerasse ende sanguy corrupto e fazelhe esta doença na lingoa. // E aas vezes xe lhe aprende doutro cauallo que esta door tem que esta

35. com ell na cassa ca esta jnfirmdade he tam corrupta em ssy que se aprende dūu ao outro. // E esta doença conhecesse per taaes signaaes. // Tem a lingoa esfolada. // E as veas de sob ella ennegrem mujto e deyta como freyma podre pella boca. // E esta doença deçelhe aas vezes aos pees pollo sanguy corrupto que lhy

40.

¹ Este passo deve estar corrompido.

pera alos corre e aas vezes do mao estrabo e desque esta doença tem nos pees nom pode estar ssobre elles e se lhe em elles durar (Fl. 16) mujto fazlhy desaprender a hunha dos machos. // E a cura desta doença he tall. // Tapenlhe bem a ujscosidade e a prodridoem que tem so a lingoa a esfreguemilha com duas colheres de ffellugem 5. e hũa de sall e hũa cabeça dalhos todo malhado e mesturado e sangrêno das veas do pescoço costumadas e tiremlhe mujto sangue. // E depois talhem lhy duas veas que tem so a lingoa ao traues de gujssa que corra dellas quanto sangue qujser. //

E pollo mall que ja teuer nos pees sangrêno nos machos ou 10. lhos furem com hũu ferro agudo queente e desabafa o com hũa legra antre os machos e ha hunha que possam per hy sayr os maaos baffos e guardalhe muito os pees de cousa lixosa e da auga e do trabalho e ponhanlhe nos pees enprasto de seuo e de farelo e de ujnagre e leguemlho queente a rredor com hũu pano e nom 15. comha erua nem coma mujto. Ca estas duas coussas fazem sobeiar os humores que lhe seeria contrairo. // E saby que se lhy da a peeyra em hum pee e lhy nom acorrem logo xi lhy faz em todos. //

20.

O deçimo capitollo he de hũa door que chamam em latym *vinnulas* e em nossa linguagem oliuas. // X. //

Vinolas ssom hũuas landoas que naçem antre a cabeça e ho collo do caualo de hũa parte e da outra so as trjncheiras e vãa 25. creçendo da reyma e dos humores que lhe deçem da cabeça e apertamlhy o gorgomjillo de gujssa que adur pode comer e beuer e defolgar e som chamadas em nossa linguagem oliuas. //

E esta doença se faz dos humores que correm da cabeça como dicto he. // E ha cura desta doença he tall. // Quando vires que 30. lhe jncham aquellas landoas tamanhas como ouos ou meores e que lhe apertam as arterjas da garganta filha hũu ferro (Fl. 16 v.) feruente agudo e quẽimalhas com elle per meyogoo ataa rraiz della: tambem da hũa como da outra se ujres que lhe conpre. // Outrossy podes assy fazer abry lhes ho coiro com hũa naualha e tiraas de 25. rayz e desque lhas tirares inchalhe a chaga destopa linpa metuda na clara do ovo e legalha que lhe nom caya. // E depois er tirã lhas esta estopa ao terçer dia e laualhas chagas com ho vjnho queente cada dia duas e tres vezes e tenlhas senpre exutas e lnpas e curalhas as como outras chagas. // E sabe que se logo nom 40. acorreres a esta doença com estas coussas que logo mata ca aperta tanto as arterjas do corpo e da garganta que affoga os esprjtos e

nom pode o caualllo defollegar majs per força se deyta em terra e fere tanto com a cabeça que adur ou nunca sse ende erge. //

5. O vndeçimo capitollo he hũa jnfirmdade que chamam estrangulho. // XI. //

- Outrossy ha hy outras landoas que seem apar da cabeça do caualllo e jazem ende algũas so a garganta. // E estas lhe jncham mujtas vezes e creçem pollos humores que correm da cabeça assy
10. como dissemos das olljuas. // E esta doença he chamada em nossa linguagem estrangulho porque aperta e abaffa e ffazese dos humores frjos que correm pera aquelle logar e jncham e emgrosam e fazem jnchar a garganta ao caualllo de gujssa que aadur pode comer e beuer e defollegar. //
15. E a cura desta doença he tall. // Cobramlhe a cabeça com pelles de carneiros (Pl. 17) de gram laa ou com algũs panos de laa de gujssa que a tenha bem quente. // E se virem que lhe jncham aquelas landoas so a garganta mays qua deuem logo sem outra deteença metamlhe sedas conuinhaus so a garganta e corranlhas
20. manhaa e noyte des tres dias assy como ujrem que mjlhor seera. //
- E se virem que per esto nom guarece e lhy nom desjncham estas landoas façamlhe tall rremedyo. / Talhemlhy o coyro sobre ellas e desareyguemlhas como oljuas e curemlhe depois a chaga assy como se curam as outras chagas e como dicto he no capitollo
25. dante este. //

O duodeçimo capitollo he da enfirmdade que chamam adragunchos. // XII. //

30. Vem aos caualos hua jnfirmdade no peyto e antre as pernas nas rreigadas das coixas e deçemlhe aas pernas e aos braços e faz lhas jnchar e rrebentar per muitos logares. // E esta jnfirmdade chamam em latim *uermis* e em nosa linguagem adraguncho e fazemse estes adragunchos dumores maaos queentes e sobeios
35. criados per longo tenpo e correm a hũa landoa que cada hũa caualllo tem naturallmente no peyto. // E outrossy corre a outra que tem antre as coixas a par de sa natura. //
- E quando se dooe destas landoas per algũa rrazom correm os dictos humores pera ellas e jnchamlhos peytos e as coixas e
40. jncham aquellas landoas e fazenxelhes gram door. //
- E porque os humores som sobejos deçem pellas pernas e pellos braços e rrebentam per mujtos logares e fazem jmchaço e mujtas

chagas e muj feas com rrajzes de maa carne corronpuda e podre. // E a hy (Fl. 17 v.) algũs que ssom de pyor natura e outros que se podem curar mayz aginha. //

E a cura dos adragunchos he tal. // quando vires que hincham aquellas duas landoas ao caualllo mayz que deuem sabe que lhe 5. querem vïjr adragunchos. // E por ende conuem que o sangres logo da uea costumada antre o colo e a cabeça e em anballas coixas nas veas grossas que parecem de dentro. //

E esta sangrja lhe deuem a ffazer hũu dia despolo outro e de cada hũua dellas lhe tirem mujto sanguy e esto he por tall que se 10. vazem per hy os humores sobejos. // E depos esto metamlhy hũuas cordas nos peytos ou nas coixas e corramilhas a meude por tall que sse purguem per hy os dictos humores e que lhe nom possam ffazer gram dapno. //

Pero saby que as cordas non nas deues a correr ataa terçer 15. dia. // E desalj adiante correas menhãa e noyte tanto que ajam hy que fazer dous homẽes em correndoas e ante que lhas corram caualgem enno caualo hũu pouco e andem com elle a passo. //

E se os adragunchos nom mjnguarem pellas cordas e pollas sangrias e creçemlhos humores e inchamlhas coixas entom tirem- 20. lhos per esta guissa. // fendamlho coiro ao longo e da carne ataa que lhe pareça a landoa do adraguncho e metamlhe em ella hũu ferro agudo tornado de guissa que lha tirem toda de rrajz. // E desque lha assy tirarem as cabeças dos adragunchos enchamlha (Fl. 18) coua destopas molhadas em clara douo e leguemilha de guissa 25. que nom caya e nom lhe bulam com ella ataa terçer dia e desaly aljnpenilha duas vezes no dia e ponhamlhe estopas com azeite e com clara douo todo mesturado. pero que lhe lauem ante a chaga com vjnho queente e desta cura hussem ata que seia guarjdo pero que lhe corram cada dia as cordas como dicto he. // E algũs lhe fazem 30. assy por seer mais forte meezinha des que talham ho coiro e a carne das cabeças dos adragunchos metemlhe do rrosallgar muudo pesso de dous dinheiros ou tres muudo emburjlhado em algodom. // E desque ho adraguncho he comesto curalhe a chaga como dicto he. // E eu nom louuo esta cura que o rrosalgar he prijgosso hu 35. quer que o pãoe. // E saby desque arjncarem as cabeças aos adragunchos nom deuem a caualgar no caualo ataa tres dias. // E desally caualguem em ell cada dia e guardenno que nom coma erua. //

E outrossy o guardem que nom coma mujto qua a erua ou ho mujto comer acrecenta os humores. // E sabe que he boo de o pa- 40. rarem de noyte em lugar frjo qua a frjura naturallmente aperta os humores. // E se per todas estas cousas desusso dictas nom

guareçer delles queimaos com hũu ferro que tenha a cabeça rredonda e tamanha como ho adraguncho e quejmalhe com elle as cabeças dos adragunchos todas de rrajz E quejmalhe primeiro hũuas (Fl. 18 v.) veas que hy acharas no peyto trauessas. //

5. Item. Pera esta door prestam estes escritos em feria quarta na lũa mjnguante em purgãmjnho virgem e atados com hũa ljnha de moça virgem antre as orelhas da besta. E deueos de trazer ix dias. Em fim delles jrsse a hũu Rio corrente e deslegue o dicto escripto e deitẽno na augua e os nomes som estes. Terram
10. vacua asses magna e manjc ¹.

O terceiro deçimo capitollo he do adraguncho voadio. //

XIII.

15. Algũas vezes auem que sse faz aas bestas hũa doença que chamam adraguncho voadio e fazesse de sanguy corrupto e ssom hũas quebraduras pequenas e desuairadas maneiras. //

E fazesse especiallmente na cabeça e em outros lugares. //

E fazelhy aas vezes jnchar a cabeça e deytar humores pellos na-

20. rjzes. // E a esta doença chamam adraguncho voadio. // E a mester tall cura. // sangrẽno prmeiramente nas veas de so as queixadas acustumadas e tiremlhe asaz do sangue. // E depois metamlhe cordas so a garganta. // E tanbem em correr as cordas como em caualgar no caualo e em darlhe de comer e na estada em que ha
25. destar em todo lhe façam como de susso dicto he no primeiro capitollo dante este. // E se per ventura este adraguncho se tornar em chymorrea façamlhe como dicto he em seu capitollo. //

O quarto deçimo capitollo he de hũa infirmjdade que

30. chamam *anticora* e em (Fl. 19) nossa linguagem pode seer chamada. // XIV.

Hũa landoa tem o caualo no peyto e aas vezes jnchalhy mujto pollos humores sobejos que lhe correm e fazeos decer aos

35. braços e fazexilhy hũa infirmjdade que he chamada em latim *anticora* e quer dizer door que esta anto coraçom. // E quando lhe assy vires esta landoa mujto inchar trabalhate de lha tirares toda de rrajz assy como he dicto do adraguncho. // E outrossy lhe cura

40. _____

¹ Este *item* foi traçado remotamente por alguem que o achou supersticioso.

a chaga desque lhe a landoa tñares. // Mas em esta doença nom metas cordas ao caualllo nenno metas em cassa frja. //

O quinto deçjmo capitollo he do agrauamento dos peytos que uem aos caualllos. // XV.º // 5.

Algũas vezes auem que o peyto do caualllo he agrauado em tall gujssa que o embarga em seu andar e fazeo mais pesado. // E esta doença chamam carregamento dos peytos. // E fazesse de sanguy sobejo ou de trabalho sobejo ou de gram camjinho ou de gram carrega. // E a curã pera esto he tall. // Sangremno nas veas costumadas danballas partes do peyto e de pois ponhamlhe hũuas cordas no peyto ou lhe meta[m] coyros em senhas das espadoas e assy guareçera. // E digo que as cordas non nas deue trager se nom per quinze dias e corramlhas duas vezes no dia de lo terçer dia a diante. // 15.

O seisto deçjmo capitollo he de hũa enfermidade que chamam em latym *morbis pulssius* e em nossa linguagem polmoeira. // XVI. // (Fl. 19 v.) 20.

Hũa enfermidade ha hy que uem ao caualllo apar do bofe e entapalhy os logares perque deue a defolgar de guissa que adur pode defollegar pollo grande entapamento e fazeo soprar pellos narjzes e feremlhos ylhaaes muyto ameude. // E esta doença he chamada em latym *morbis pulsuius* e em nossa linguagem polmoeira. // E fazese esta doença dalgũu humor que entapa as veas e os logares per hu deuem a defolgar dapar do boffe. // E faze muj ligeiramente ao caualllo muj gordo do gram trabalho ca pollo gram trabalho e desagujado rretesse e aqueeçelhe a enxũda e a grusura e rretesse e desoluesse e corrilhe pera aquell logar e tapalhe as arterjas e as veas dapar do boffe de gujssa que nom pode defolgar. // 25.

E coalhaxilhy muitas vezes aquella grosura naquell lugar e fazlhe gram dapno. // E a cura desta doença he tall. // Primeiramente fazelhy coussas queentes pera delijr aquella grosura que tem colhada apar do boffe pellas veas e pellas arterjas e correra e mouerssa ende. // 30.

E porende lhe fazem hũa beueragem tall. //

Filha os crauos girofres e a noz mozcada. E o galingal e hũa semente que chamam cardamomo e a batafaluga e os comjnhos e a grãa do fuuncho tanto dũu como do outro e da graam do 40.

- funcho em mayor quantidade e moam todo e destenperêno com boom vjnhu e com hũu pouco daçafrom e deytemlhe das gemas dos ouos tantas como de todo o all e mesturem todo muj bem e deliãno (Fol. 20) em tall guissa que o possa beuer ligeiramente.// E
5. deytem esta confeyçom em hũu corno de boy e lançêna com elle na boca do cauallu per duas ou tres vezes de gujssa que o troça todo e fazelhy teer a cabeça alçada sem freo ho mjlhor que poderes de guissa que lhe desça esta beueragem a fundo.// E depois tragãno em pequeno passo pella rredea ou caualgem em ell passamente por
10. tall que aquella meezjnha passe bem pollo corpo e rreçebãna bem os nenbros e nonna volua pella boca.// E estê hũu dia e hũa noyte que nom coma nem beba por tall que nom seja embargada a meezjnha da sa virtude per rrazom do comer ou do beuer.// E em outro dia denlhy erua verde a comer quall a poderem achar
15. ou senon folhas de canas por tall que sse tenpere a queentura desta meezjnha ia que pella frjura da erua que comer.//
- E se a dicta enfermjdade for noua curasse per estas coussas que dictas som.// E se for antijsa non sse pode curar senom mui rraramente.//
20. Pero podelhe fazer tall cura que em prestumeiro rremedio quejmemlhe os ylhaaes com fferros conujnhauaes feruentes com duas ljnhas traessas em maneira de cruz.// E esto lhe fazem por tall que pello apertamento do fogo lhe mjingue ho ferjr dos ylhaaes e demajs talhem lhy as ventaas dos narjzes ao longo por tall que
25. possa mylhor desfollegar.//

O seitimo deçimo capitollo he da sobegidooem do sanguy he dicta em linguagem proido.// XVII.

30. Hũa jnfirmdade vem ao cauallu nas queixadas e no collo e no rrabo e coçasse mujto e (Fl. 20 v.) chamamlhe proydo e esto se faz de sangue sobejo e fazlhe perder os cabellos.// A cura desta infirmdade he tall.// Samgrêno na vea do pesçoço acostumada e tiremlhe bõa peça de sanguy. E depois filhem ho eixofre
35. e ho sal e ho sarro da cuba tanto dũu como doutro e moam todo e mesturêno com vinagre e com azeite e façam ende como vngoento e vntêno com ell duas vezes ou tres no dia nos lugares hu ouuer o proydo.// Outrossy pera esto he bom ho vjnagre mesturado com ourjna de menjno e com amago de cidra costall
40. e vntêno como dicto he.// E pera esto he outrossy bõo de filharem as fezes do ouro muudas e ho vjnagre bem forte e ho azeite e amasarem todo e vntarêno ende assy como dicto he.//

O oytauo deçimo capitollo he da uentosidade.// XVIII.º//

Vem hũa door ao caualllo dentro no corpo que o faz mujtas vezes inchar.// E outrossy lhe faz firjr e inchar os jlhaaes e esta doença he chamada ventosidade.// E fazesse ao caualllo quando uem quente e tem os poros e as veas abertas e dalho vento e traspassao.// E esta doença ho atormenta mujtas vezes mall.// E ha çura desta door he tal.// Ffilhem hũa canella bem grossa longa dũu palmo e vntēna com azejte e metamlha pollo sesso e jasça dentro a moor parte e leguemilha com ho rrabo e com hũu pano ou com hũa corda de gujssa que nom possa sayr senom quando lha quiserem tirar.// E caualguem em ell logo sem de-teença e tragãno per montes e per emfestas passamente (Fl. 21) e ande coberto e untemlhe primeiro os ylhaaes com azeite.//

E esto todo lhe fazem porque jra aquecendo e consumjrsa a uentosidade e deytara muita da que trouxer no uentre per aquella canella do fundo.// E denlhe a comer coussas queentes e o orgo e boa palha e feno e demlhe a beuer auga cozida com vjnho e com grãa de funcho e aas uezes auga tiba ja quanto mesturada com farjnha de trijgo e leixemlhy ante aver gram sede por tall que a beua de boamente e estē sempre em logar bem quente e usse estas coussas ataa que seia bem guarjdo.//

O nono deçimo capitollo he do caualllo açeuadado que come mujto trijgo ou mujta ladella.// XIX.//

Ay hũa door que sse faz ao caualllo no corpo do mujto comer da çeuada e inchalho ventre e ho estamago e fazemxlhe todo muj duro e em quanto ha esta doença tem os ylhaas inchados.// E o caualllo que ha esta doença çhamamlhe açeuadado e adur pode estar erjudo que se nom deyte em terra.//

E esta doença se faz do mujto comer do trijgo ou do çenteo ou da ladella.// E a çura desta door he tal.// Ffilha as maluas e o gigante e a parjtarja que chamam alfauega de cooura e a mercurjall e a erua das viollass e do farello do trijgo e cozãnas em auga e depois filhem a calda coada e deytemlhe do mell e do sall e do azeite e mesturem bem todo e deytem esta calda quente em hũu folle de coyro que tenha hũa canella legada como chris-tell¹ saluo que seja bem grossa e metamlha per seu fundo e dey-

40.

¹ Xp'stell.

temlhe esta calda nas tripas. // E quando lha deytarem tenha as maaos baixas e os (Fl. 21 v.) pees altos e desque lha deitarem tiremlha canella e tapemlho fondo com tomentos ou com panos. // E filhem hũu paaos dous homeens hũu dũua parte e outro da
 5. outra e tragamlho per sso o ventre premendo das mãaos contra as pernas. // E desque esto sofrer hũa boa peça caualgem em ell e tragãno passo per outeiros ataa que esterque e deyte aquella calda e ho esterquo maaos que em ssy trouxer e assy se quedará esta door. //

10.

O uijçesimo capitollo he do cauallo augado per mujto comer ou per mujto beuer ou do gram trabalho. // XX. //

- Ahy outra doença que vem ao caualo per mujto comer ou per
 15. mujto beuer e aas vezes lhe vem do gram trabalho sem mesura e chamamlhe em nossa lñguagem augoamento. // E a rrazom porque se faz he esta ca per mujto comer acreçentasse o sangue e os humores sobeiamente e decemlhy pellas coixas e pellas pernas e enbargalhe ho andar. // E aas vezes ho fazem çopegar dũu pee
 20. e aas vezes de dous e aas vezes de todos. // E quando vay moue as coixas muj pesadamente depos sy e nom se pode dobrar nem voluer senom a grandes penas. // E outrossy do gram trabalho aqueçe que o sangue e os humores mouemse e desoluemse e deçemlhy pellas pernas e chegamlhy muito aginha aos pees e aas
 25. hunhas se lhy çedo nom acorrerem. // E esta emfirmjidade aperta grauemente ho caualo mujtas vezes pollo sangue e pollos humores que lhe assy correm como dicto he. // E a cura desta emfirmjidade he tall se o caualo ffor grosso e de ydade conprjda tanto que lhe esta doença virem denlhy a beuer quanto quiser e depois (Fl. 22)
 30. mezhnhẽno danballas trjñcheiras e danballas coixas das veas acustumadas e tiremlhe mujto sanguy e des hy metãno em auga frja corrente ataa ho uentre. E asy o tenham hy a meude e nom lhe leixem comer nem beber ataa que seia liure. // E se o cauallo ffor nouo ou magro nom lhe dem de beuer como dicto he mas tenham
 35. com o freo e leguemlha cabeça bem alta de gujssa que a tenha estenduda contra ho aar o majs que poder. // E des y estralhe dos seixos sob elle assy como cama tamanhos como homem pode filhar com sa mão e seiam estrados de gujssa que tenha os pees sobre elles. // E esto lhe fazem porque nom podera estar sobre estes
 40. seixos rredondos e mouersa a meude e estenderssam os neruos e os nenbros de guissa que perderam aquelle pesamento. // E cobrãno dũa coberta molhada na auga e guardẽno que nom coma

nem beua salvo se qujser beuer vjnhu puro e nõno tirem ao sol per nēnhũa guissa e esto lhe façam ataa que seia saão. // E sabe que esta jnfirmdade nom empeeçe aos caualllos nouos mas prestalhes por que lhes engrossam as pernas e fazemse rrefeytas pollos humores que lhes hy deçem. // E outrossy deues a saber que algũs proençaaes curam esta doença per tall gujssa. // Cozem ho orgo na auga e metēno em peças de pano legado quente e desferrāno cauallo de todollos pees e metemlho sob elles e coma dell se qujser. //

O vijçessimmo primo (Fl. 22 v.) capitollo he de *equo imfastico* e e do cavalo aagoadado que se faz quando chega quente e suurento e leyxāno estar sem trager e sem comer. // XXI. //

Outra enfirmdade ha hy que vem ao cauallo algũas vezes que jncha dela e algũas vezes que nom e he como magneira dauga esta se faz ao cauallo quando vem quente suurento e ho leixam estar e nom lhe dam a comer nem no tragem e entra o uento per ell e fazeo inchar e ha hy vezes que lhe choram os olhos e esta door chama ho meestre que fez este livro *enfasticom* e nos chamamos agoa. // E a cura desta doença he tal. // Assy como mujtas vezes ey exprjmentado. // Primeiramente deuem parar o cavallo que ouuer esta door em logar quente. // Des y filhem ferros e pedras muitas queentes e metānas so o ventre do cauallo em terra em gujssa que non tangam os pees ca o quejmarom. // Des y filhem pano de boa laa bem grosso tam grande que cobra o cauallo todo e feyra pollo chāo de toda parte. // Outrossy filhem a agoa que feruer e deytēna pouca e pouca per aquellas pedras que jazem ja sob elle vermelhas e bem queentes em tall guissa que todo ho fumo que sayr daquellas pedras entre e corra pelo corpo do cauallo ata que todo o corpo e os nenbros lhe suem. // E des y ēvoluāno bem e çilhem aquell pano desta coberta e estē assy com elle ataa que a suur seia sumjda toda delle e tolheyta depois filhem da manteiga quente conujnhauellmente ou do azeite ou do olyo e esfreguemlhe com el per mujtas vezes no dia as pernas e os braços. // Ou façam feruer as palhas do trijgo e as rrestes dos alhos e as maluas e a cijnza todo ensinbra na agoa. // (Fl. 23). E com auga destas coussas sobredictas assy quente que veiam que o cavallo a pode sofrer caldegemlhy com ella mujto as pernas e os braços e mais os neruos, e o cauallo estē senpre em logar quente e coma coussas queentes ataa que seia tornado a seu estado. //

O uicesimo segundo capitollo he pera engordar os cauallos. // XXII. //

- Pera engrossar os cavallos filhem a carne dos cagados e fa-
 5. çãna bem cozer na auga e tirem ende bem o çumo dessa carne e pois mete ende o çumo na auga meesma em que ferueo e metamlhy do farello do trijgo e dêyno a beuer ao cauallo e vsemilha a dar a meude s cada dia hũa vez e emgordara muito. // Pera esto outrossy som boas as fauas cozidas e salgarênas e isto he
 10. prouado. //

O uijçesimo terçio capjtollo he de hũa enfermidade que faz emagrecer os cauallos e he dicta em latim *esculmatus* e em nossa linguagem dessecação. // XXIII. //

15. A hy hũa enfermidade que se faz aos cauallos que os faz dessequar e emmagreçer e fazlhes cheirar ho esterco como domem e pyor. // E ssooêse ende a fazer ao cauallo vermees vermelhos ou brancos. E esta doença sse faz ao caualo da gram magridade
 20. e de pouco comer e de grande esqueentamento feito ameude de gujssa que o cauallo nom pode emgrossar nem filhar carnes. // Aquesta enfermidade chamam em latim *sculmatus* e em nossa linguagem dessecação. // E a cura desta doença he tal. // Deuem a dar ao cauallo cousas frjas e humedas tenperadamente pera lhe
 25. tirar o dessecamento do corpo e pera a tornar mays humido. // E depois (Fl. 23 v.) façamlhe hũa decouçon tall. // Ffilha a erua das viollas. // E a parjtarja que chamam em nossa linguagem alfauega de cooura. / E ho gigante. / E as ffolhas do salgueiro. // E as maluas. E coze todo emsenbra e mesturalhes hũu pouco de farelo dorjo. // E de-
 30. pois que estas coussas todas fforem cozidas coénas per hũa estamenha e filhem a calda e metam em ela hũa boa peça de manteiga e da cassia fistola outro tanto. // E deytem esta calda assy tenperada pello fundo do cauallo com hũu cristell feito assy como dicto he no capitollo do cauallo açeuadado. // E ssaby que
 35. o cauallo deue a teer esta calda que lhe deytares ho mays que sse poder ffazer ca enquanto a hy mais teuer em tanto tornara ende mais humedo nas tripas e no corpo. // E depois façam lhe hũa beueragem tall. // Ffilhem as gemas dos ouos. / E ho olyo violado. // E ho açafrom mesturado todo com bõ vjnhho branco pero
 40. que seia tanto das gemas dos ouos como de todo o all e mesturem todo bem e metãno em hũu corno de boy e dêyno a beuer duas ou tres vezes cheo ao cauallo pela maneira que ffoy dicto no

capitollo da polmoeira. // E pera esto meesmo presta se o caualllo que ouuer esta doença esteuer soo em hũu estrabo per dous ou per tres dias que nom coma ¹ nem (Fl. 24) beua e depois demlhe a comer a lardo do porco salgado ca polla gram fame e polo sal do lardo comeloa de bõamente. // E des que o comer quer 5. muyto quer pouco denlhe a beuer da auga queente mesturada com da farjnha do orjo e beua ende quanta qujser. // E des y cauallguem em ell muj passo e tragãno ataa que lance do ventre aquello que comeo. E des que assy vazar o uentre e as trijpas denlhy algũuas coussas conujnhauẽes e vijnra ligeiramente a seu 10. estado. //

E antre todallas outras coussas que comer que lhe melhor seera denlhe a comer o trijgo bem ljnpo cozjdo com sal e denlhe duas ou tres pressas delle a ora e assy lho dem duas vezes no dia ante que beua. // E este trijgo tall assy cozjdo crja e nudre o corpo 15. do caualq tanto que pode muyto emgrossar e muy ligeiramente. //

O uicesimo quarto capitollo he de hũa enfermjdade que chamam em latym *arrigiatura* e em nossa lnyguagem entirimento. // XXIIIIº. // 20.

Outra infirmjdade se faz ao caualo no uentre que faz rroncar as trijpas e demais fazeo a meude estercar raro como auga. E deste estercar a tal vazalho ventre de tall gujssa que se lhe nom sobcorrerem com meezjnha aadur lhe ffcará no ventre njmjalha 25. de quanto comer que o nom deyte todo fora per seu fondo e ysto lhe vem mujtas vezes quando come a çeuada sobeia e isto lhe corre ao estamago e pois nom esterca assy como deue e des y caualgem logo em ell. // E algũuas vezes lhauem quando come a çeuada e lhe dam logo a beuer. // E outrossy se lhe dam a be- 30. uer (Fl. 24 v.) emquanto he muyto queente e mujtas vezes lhe vem do grande inchamento do corpo quando ha algũuas doores pello grande jnchamento do uentre vemlhe fluxo honde o caualo torna fraco que adur pode estar sobrelas pernas. // E esta door chamam em latim *arrigiatura* e nos jntirjmento. // 35.

E a cura desta door he tall quando virem o caualllo deixar longe duas vezes ou tres seu esterco e a agoa e a çeuada mestu-

¹ Na margem desta folha encontra-se lançado o seguinte apontamento: Vejo se aho domingo a hũa ora do dia 29 de outubro tres dias por andar do dia de todosos santos de 1600 anos e segundou bspora da bspora de natal as 11 oras do qual prosedeo o costumado.

- rada todo come cruu. E entom ssem detardar tolhamilha sella e o freo e leixêno andar solto paçendo e nõno mouam pera nelhur sem sa vontade ataa que uejam que ja assy nom esnua. Ca se o mouem anaçaxilhy o uentre e as tripas e esnuara porem mayor-
5. mente e com a erua verde ca esta lhe seera bõa e prestalhy mujto porque o esnijamento faz emfraqueçer o estamago do caualllo e ha erua he bõa de moer no estamago. // E depos esto guardêno bem que nom beba ca auga lhe fary acreçentar a door. // Aquesto lhe façam ata que torne em sa força e algũuas vezes daquesta door
10. auga ho caualo. // E aquell façam assy como he dicto no capitollo do augamento sobredicto.

O uijçesimo quinto capitollo he do rretijmento do me-
jar do caualo. // XXV.º //

15. Outra door vem dentro no corpo do caualo quando anda e nõno leixam megar e por este retijmento lhe vem muj gram door jnchalhe a uexjga e aduz gram door ao corpo do caualllo e grandes entorcimentos e de mujtas magneiras e pero sem nem
20. hũu jnchaço apar (Fl. 25) da natura do caualo. // E aaqueste constrange com jlhaaes mujto ao caualllo que ha esta door e he dicta retijmento do meiar. // Contra as coussas dictas eu as prouey per mujtas vezes estas meezjnhas adiante escriptas. // Ffilha o cardo beeyto e cretano marjnho e parjtarja que chamam alfauega
25. de cooura e as rraizes do espargo e da gil barbeira tanto dũua como da outra e feruam todas conujnhauellmente na auga e ponhã lhe estas heruas queentes apar de sa natura e leguemlhas com hũa faixa ancha sobrelo espinhaço assy como virem que mjlhör seera e aquesto lhe façam o mais ameude que poderem.
30. E aquellas eruas meesmas tanto que forem frjas aqueentennas outras vezes e depois ponhamlhas em esse meesmo logar. //

- A esta coussa meesma vall asaz se a verga do caualllo que a door ha ffor tirada com mãaos huntadas dolllo. // E depois esfreguemlha bem conujnhauellmente com olio queente e dysy pisarem
35. da pimenta e dos alhos e metamlho dentro no fundo da natura com o dedo meendjnho. //

- A esta door meesma presta mujto se o meterem solto com hũua egoa pello estrabo ca pello moujmento que auera contra a egoa per força meyara logo e seera guarjdo. // E saby que este
40. pestumeiro rremedio da egoa he boom contra cada hũas doores e aproueita mujto porque ha vontade do chegamento ou do ajuntamento da egoa esforça muito as virtudes do corpo e conffortasse

e aujuasse mujto a compleixom do cauallo. // E sabe quando ho caualo nom pode mejar e torna trjste e jnchamlhe as jnguas e esta em prigoo de morte.

O uijesimo seisto capitollo he do jnchamento da natura 5.
do cauallo. // XXVI. // (Fl. 25 v.)

A hy hũa jnfirmdade que se faz aos caualllos e fazelhes ynchar sa natura e arredor della antre as coixas. // E esta doença se faz de mujtos humores grossos e sobejos que per aly correm e 10. fizesse estremadamente no tenpo do verãao porque entom come a erua verde que he humeda e ho tenpo he humedo // E por estas duas coussas creçem mais os humores e correm aaquell lugar e fazemlhe gram door. //

E aas vezes auem que do gram trabalho e da gram carrega 15. caaemlhe as tripas no fole dos conpanhooes per esta guissa. quebralhy hũa pelle em que se teem as trijpas que chamam em latim *sifac* e caaẽ per aly naquel fole e esta doença he muj prijgossa ao caualo. // E quando assy quebra esta pelle pode esta doença seer chamada quebradura. // E quando se faz dos humores se 20. jncham pello ventre pode seer solho er pode seer chamado jnchaço de natura como dicto he. //

E a cura desta doença he tall. // Ffilha o ujnagre muj fforte e a greda branca muuda e mestura todo tanto ataa que se faça como massa molle e mesturalhe hũu pouco de sall bem muudo. // 25. E desta massa tal vnta duas vezes no dja conpridamente a uerga e os folles dos conpanhooes. // E quandolhe poseres hũa tolhelhe a outra. // E pera esto vall mujto outrossy se parares o caualo na vea da auga bem corrente de gujssa que lhe dey per aquel lugar do jnchaço. //

Outrossy presta pera este inchaço que se faz dos humores se 30. filharem as fauas muudas e cozerẽnas e deytaremlhes do vnto nouo do porco e poeremlhas assy queentes sobre aquel (Fl. 26) jnchaço e legaremlhas o melhor que poderem. // Outrossy sabe que se o jnchaço dos conpanhooes ffor da quebradura da pele como dicto he nom ha outra cura se nom esta deuẽno a crastar 35. e tiraremlhe ho' conpanhom da parte honde quebrou a pele ou anbos se quiserem. //

E desy voluamlhe as tripas dentro o mjlor que poderem. // E desy cosamlhe aquella pele per hu quebrou. E des y quemmemlha com hũu fferro feruente ancho e queymemlha toda arredor 40. conujnhavelmente. // E des y curemlhe a outra chaga do fole assy como a curam aos outros caualos crastados. //

O ujçesimo seitimo capitollo he de hũa emfirmjidade que he dicta em latym *espallatia* e em nossa linguagem polmom do calo das espadoas. // XXVII. //

5. Hũa jnfirmdade se faz nas espadoas ao caualo e fazlhe inchaço e fazlhe como calo de carne sobre as espadoas des que aquelle jnchaço he velho. E esta doença se faz da gram carrega ou do mujto trager da sella aturadamente. // E esta doença chamam em latim *espallacia* e em nossa linguagem polmom das espadoas. /
10. E a cura desta doença he tal. // Se ujres que aquelle jnchaço he muj duro filha as maluas e as couues malhadas / e a parjtaria que chamam alfauega de cooura e a alosna. / e o gigante e malha todo com hunto e cozio e põe-lho depois naquell jnchaço duro ante que o talhem. // E depois ffazeo talhar e deytalhe do re[s]algar ca
15. com esto se pode curar muj bem. //

O ujçesimo oytauo capitollo he da jnfirmdade que he dicta polmom do lonbo. // XXVIIIº. //

20. Ffazesse aas vezes ao caualo no lonbo hũa doença e ffazlhe grandes jnchaços e aaçima geerasse carne (Fl. 26 v.) podre. // E esta doença se faz do gram premjmento da sela ou da gram carrega sobrellas espadoas des que aquele inchaço e desque enue-lheçe geerasse carne podre e corrupta. //
25. E aas vezes apodreçe a par dos ossos dentro e rronpe ho coiro e deyta ende vrmo ou auga. // E esta doença chamam em latim *pulmo* e em nossa linguagem polmom do lonbo. // E a cura desta doença he tall. // Talhemlhe aquell polmom e aquell dapnamento todo arredor da rraiz e arrinquemlho. // E aquesto ffecto er ta-
30. lhemlhe da outra prodidõe o majs que poderem de gujssa que fique a chaga sem ella. // E depois ponhamlhe em çima da estopa e da clara do ouo per tres dias mudandolha cada dia hũa uez. // E depois pensemlhy da chaga ata que seia soldada como pensam da chaga da sostra. // Outra cura hy ha melhor pera esta doença
35. e majs ligeira e esto he se lhe deytarem o rrosalgar ca o nom talharom tanto nem lhe farom tam gram door ca o rrosalgar matara ligeiramente o polmõ. // E este rrosalgar lffe deuem a poer assy como he dicto em no capitollo dos adragunchos. // Outrossy sabe que ha hy outro rremedio mais conprjdo pera esto. // Filha
40. a coobra e talhalhe a cabeça e ho rrabo quatro dedos em traues de cada parte e faze postas da outra do meyo e mjtias em hũ espeto e asaas sobrelas brasas ataa que saya dellas a grosura e que sse derretam. //

E desta grosura tall em quanto assy caae queente destillem della no polmom do espinhaço do caualo ahj hu virem que he (Fl. 27) mais rreigado e mais corrupto e mais podre. // E saby por certo que esta meezjnha destrue e mata o polmom em hũu dia maraujlhosamente mas guardate que lhe nom dejetes dela em logar 5. sãao. //

O uijçesimo nono capitulo dos danamentos do espinhaço que veem per rrazom da sella ou da albarda e este capitulo he em geerall. // XXIX. // 10.

Ffazensse muytos dapnamentos ao caualo no espinhaço aas vezes polla gram carrega e aas vezes pollo muito trager da sela. // E aas vezes se lhe fazem enpollas pequenas e jnchaços cheos de sanguy e de vrmo e rronpesse ho coiro e a carne e ficam cha- 15. gas ffeytas grandes ou pequenas. // E a todo esto tal chamam dapnamento do espinhaço. E quanto estes danamentos taaes mais chegam aos ossos do espinhaço tanto ssom mais priigoosos. // E a cura desta doença he tall. //

Quando vires o caualo jnchar em algũu logar do espinhaço 20. fazio reer muj bem e põlhe hũu enprasto de farjnha de trijgo e de clara douo e hũu pano de ljnho em çjma e nom lho tolhaes rrigamente. // E quando lho tolheres se ujres que tem vurmo furaao com hũa lançaao em logar baixo que possa deytar quanto tem e vntalho algũuas vezes con do unto pera deytar mjlhor. // 25.

E saby que em todollos lugares escoirados que quiseres soldar deues a deitar ho poo da murta seca ou do lentisco ou da galha ou do çanbarco. // E o que mais vall pera soldar e pera encoirar he ho poo ffeito da cal e do mell. // Pero ante que deites estes poos taaes laua o logar com do vjnho queente. // 30.

Outrossy o poo das cascas das (Fl. 27 v.) auellãas com azejte mesturado faz naçer o cabelo. //

Saby que o sal e ho vinagre se os poseres em quaees quer jnchaços que os faz logo apremar. // 35.

O trjçesimo capitollo he da sostra. // XXX. //

Ffazesse hũa jnfirmdade ao caualo no espinhaço e nas costas e fazlhe rronper o coiro e caualhe aas vezes a tanto o costado que lhe pareçem os ossos. // E no meoo daquell cauamento ante 40. que abra tem hũa hunha rredonda fecta de carne podre e corrupta com rraizes bem arreigadas. // E depois que lhe esta deita-

rem ffora per fforça das meezinhas fica emtom aquell cauamento
fecto como dicto he. // E esta doença se faz mujtas vezes do tra-
zer da sella mujto aficado com gram trabalho e outrossy se faz da
gram carrega. //

5. E saby que esta doença chamam em latym *cornu* porque en-
durenta o coiro como corno e em nossa linguagem sostra. // E a
cura desta doença mais cumunall he tal. //

Logo no começo rrayãna a rredor e depois ponham lho vnto
velho e a çijnsa amasada e se lhe mesturarem das couues pisadas
10. valera majs e ponhamlho em çima da sostra emquanto tem a hunha
e leguemilha e fazendolho algũuas vezes ffaramlhe deytar a hunha. //

E pera esto meesmo vall a escabiosa e ho maluajscio se lho
poserem todo molhado com hunto velho e leguemilha outrossy. //

E esso meesmo lhe fara a çijnsa amasada com ho azeite quente
15. se lho poserem. // E outro tanto lhe vallera a fellugem amasada
com (Fl. 28) azeite e com o sall se lha poserem algũuas vezes. //

E pera esto presta outrossy ho esterco do homem posto emçima. //

E sabe que lhe nom deues de deixar a sela saluo pouco ca se lha
muito husares fara o majs inchar. //

20. E se lha deitares algũu pouco ajudarlhr a desareigar a hunha. //
- E tanto que a hunha for desarreigada e fora enchamlha a chaga
destopa picada meuda ou de tascos e de call viua pero que lhe
laues primeiramente a chaga com vjnhho quente ou com ourjna. //
- E esto lhe faze duas vezes no dia ataa que a chaga seia soldada. //
25. Pero guardate que lhe nom ponhas peso ataa que a carne seia
yguada com o coyro. //

E deues a saber que esta doença he prijgossa e estremada-
mente quando jncha a besta em algũu lugar a par do espinhaço. //

E ante que desinche deytálha sella mujto aturada ou gram peso
30. e se sse entom fazer sostra muito areigada aqueeçe que ante que
lha tirem morre ende a besta ou vem a prijgoo. // E por ende
fazem algũus assy e he muj bem quando vêe tal jnchaço fazem
alfinjna aa sela no bardom en dereito daquell jnchaço por tall que
lho nom tanga. //

35. Ajnda (Fl. 28 v.) ha hy outra cura pera a sostra. Ffilha a codea
do queijo bem grosso e seia grossa e seia mays ancha ca o logar
da sostra e chega a ao fogo ataa que se derreta e pœno assy
quente sobrela sostra e leixalha teer e esto lhe ffaçam duas vezes
no dia ataa que xe lhe lhe desarreigue a hunha. // E se nom pode-
40. res escusar de caualgar ponlhe hũa tona de queijo mais delgada
jaque e quente como dicto he e ponlha em çima da sostra e
legalha ligeiramente e lançalha sela com sa alfenjna e vayte com

Deos. // E des que lançar a hunha jnchilha a chaga destopas e fazilhy como dicto he. //

O triçesimo prjmo capitollo he dos verrezes. // XXXI. //

5.

Ffazesse hũa jnfirmdade aos caualllos no espinhaço e ssom como jnchaços e escoyramentos e fazense da sella e da gram carrega ou de sobegidõe do sanguy. // E esta doença chamam em latim *crabuncollos* e em nossa lñguagem verrezes. // E a cura pera esta doença he tal. // Deuem a rreer aquel jnchaço muy bem arre- 10.
dor e poeremlhe cada dia da cal viua com do mell. //

Ou deuem amassar a cal e ho mell tostarem todo e fazerem ende poo e lançaremlio em çjma ataa que seia bem soldada lauandolhe prmeiramente a chaga com do vjnhho queente. //

E algũs hy ha em mentres estes (Fl. 29) jnchaços ssom pequenos que lhes nom fazem senom raēnos e escarnānos e pooēlhes do sal dentro e lauānos algũuas vezes com da ourjna e asy guarecem. .

O triçesimo secundo capitollo he do proydo do sanguy sobejo e perde ende os cabellos. // XXXII. //

20.

Auem mujtas vezes aos caualllos proydo apar do pescoço e em outros lugares e fazlhe algũas chagas e perde ende os cabellos em mujtos logares. // E se esta doença nom curam voluosse em tjnhha ou em sarna grande. //

25.

E esta doença se faz de sanguy podre ou sobejo ou cõrrupto e chamamlhe em nossa lñguagem proydo. // E a cura desta doença he tall. // Se lhe sobeja sanguy sangrēno logo no começo e vntem todos aquelles lugares hu ha proydo daquell sanguy queente. //

30.

E ao terçer dia lauēno com decoada queente fecta da cijnza do orjo queymado e com vinagre ou com dauga salgada. //

E em outro dia vnta o deste vngoento. // Ffilha o ujnagre e ho amago da cidra costal e ho azeite e as fezes do ouro. E o vnto velho salgado e amassa todo e ponlho hu ouuer o proydo per 35.
algũuas vezes e saara. //

O triçesimo terçio capitollo he do derreamento das bestas. // XXXIII. //

Hũa jnfirmdade veem aas bestas nos rrijs e nos lonbos e aper- 40.
taas em tall gujssa que (Fl. 29 v.) nom podem estar sobre las pernas. //

E esta doença se faz de mujtos humores sobejos. // E aas vezes da gram carrega que trage no espinhaço como nom deue. // Honde aqueeçe que o caualo nom se pode bem ajudar dos nenbros derradeiros nem alçar as pernas e as coixas como deue. //

5. E esta doença chamam em latym *maleferuga* e em nossa lñguagem derreamento. // E a cura pera esta doença he tal. rrayamlhe muy bem os lonbos e os rrijs. // E des y ponhamlhe hũu enprasto apertador assy fecto. //

- Ffilhẽno pez e rretãno e deytẽno sobre hũa pelle tam grande
10. como os lonbos e filhem ho bolo almenjco e o pez grego e o galbano que he hũa goma e ho ençenço e a almeçega e ho sangue dragom e malhem todo e deytẽno per çima daquell pez assy rretudo e estendam todo o melhor que poderem sobre aquella pelle e ponhamlho em çima dos lonbos e dos rrijs e nom lha tolham ataa
15. que senom desoprenda de seu. //

- Outro enprasto ha hy mays fforte. // Ffilha o sal da mayor que he hũa erua que semelha borragem e ho bono almerjco que he hũa terra vermelha e ho galbano e armonieco que ssom gomas que fedem e o pez grego e a almeçega e o ençenço e o sanguy
20. dragom (Fl. 3o) e ho sangue fresco do cauallo e seia tanta da almeçega e do ençenço e do pez grego como de todas as outras cousas e amasa todo com claras douos em boa cantidade e ponhamlho em çima dos lonbos e dos rrijs assy como dicto he do outro enprasto. //

25. Outrossy saby que o pestumeiro rremedyo pera esto he deuemlhe quejmar os lonbos e os rrijs com ferro conuenhauel feruente e façamlhe mujtas queimas ao longo e dellas ao traues dũa parte aa outra e assy pode guareçer. //

- E sabe que os enprastos de susso dictos soldam os rrijs e secam
30. os humores e adoçãos neruos. // E ho ffigo seca fortemente e aperta assy cada hũa destas coussas ou os enprastos ou ho ffigo podem mujto prestar pera esta doença. //

- O triçesimo quarto capitollo he do espadoamento ou do
35. eslomedramento dos caualos. // XXXIII.º //

Ffazesse mujtas vezes aos cavalos hũu danamento quando lhe saae os quadrijs ou os giolhos ou as espadoas de seu logar. //

- E esto xe lhe faz per queeda ou per escorregamento ou per
40. ferjda ou per algũu cajom e esta doença he dicta em nossa lñguagem espadoamento ou eslomedramento. // E a cura pera esto he tall. // Ffaçamlhe hũu enprasto tall pera lhe apertar e conffortar

os nenbros.// Ffilhem o pez e ho ençenço e almeçega e ho sanguy dragom e o bolo armenjco, e o poo da murta seca e ho pez seia mais ca todo o all e rretāno e mesturem todo esto al com el, e ponhamlho queente quall ho poder sofrer sobrela espadoa ou sobre ho lugar (Fl. 3o v.) honde se mais sjntir.// 5.

E ante que se este enprasto coalhe estendalhe per çima das estopas meudas.//

Outrossy pera esto presta se lhe meterem no logar sintido sedas em cruz e lhas correrem cada dia delo terçer dia adeante ca sse liuraram per hy os humores que naturallmente correm ao 10. logar da door.// E saby que o pestumeiro rremedio pera esta doença he tall.// Queimēno caualllo no lomedro ou no lugar em que se sentir com fferros feruentes conuenhauees pera esto e queymēno ao longo e ao traues em magneira destrella.// E esto lhe ffazem porque ho fogo naturallmente seca e aperta os humores e 15. conforta o logar em que o pooem.//

O triçesimo qjnto capitulo he das doores das pernas dos caualllos que lhes vee per algūuas fferjdas ou per algūus 20. cajoos.// XXXV.º //

Muytas vezes aqueeeçe cajom nas pernas do caualllo de couçe doutra besta ou de ferjda ou dalgūu estrepe que lhe entra per ella.// E esta doença chamam em latym *lesiofalcis* e em nossa linguagem ferjda da perna.// E a cura desta doença he tall.// Se 25. o jnchaço ffor de danamento ou de ferjda rrayamlhe todo muj bem.// E desy filha a losna.// E alfauega da cooura que chamam parjtarja.// E o gigante e malha todo com hunto velho de porco em boa cantidade e deytalhe do mell e do azeite e da farjnha do trijgo e faze todo feruer e meixio todo ataa que seia coyto e pon- 30. lho assy queente sobrello lo (Fl. 31) gar tenperadamente e legalho e assy lho pōe tres ou quatro vezes ou majs se conprir e tolherlha a door e adoçarlha os neruos.// E pera esto he boom outrossy.// O çumo da alosna e do aaypo, e da çera e do hunto velho tanto de hūu como de outro e hūu pouco de vjnho branco e dazeite 35. e deytalhe da farjnha do trijgo e cozer todo e meixello bem e poerlho queente assy como dicto he da outra meezjnha.// Outrossy presta pera esto o çumo dalosna e do aaypo mesturado com azeite e com manteiga e deytarlhe da farjnha do trijgo e cozer todo er poerlho como ja parece.// E se este dapnamento ffor dalgūu paao 40. ou dalgūua espinha que xe lhe meta per ela e lhy vem a jnchar

r-rayamlhe aquell jnchaço como dicto he. // E ponhamlhe tres cabeças de lagartas malhadas em çima. //

Outrossy lhe presta pera esto a rrajz da canavea e da erua tunjz se as malharem com manteiga e lhas poserem. // Outrossy

5. lhe prestaram as lesmezes malhadas com manteiga e coytas se lhas poserem em çima. // Ca estas meezjnhas todas am virtude daljnpar as chagas e tirar ende espinhas ou que quer que jasca dentro. // E depois que todo ffor tirado curéna chaga como outras. //

- E se pella ventura se naquell lugar fezer vurmo furéno em
10. fundo delle com hũa lancoo e depois que for liure curéno como as outras chagas. (Fl. 31 v.).

E se pela ventura se desto fezer sobre osso queyma o com ferro feruente conujnhauelmente. //

15. O trçesimo sexto capitollo he dos jnchaços que se faz aos caualllos nas coixas e nas pernas. // XXXVI. //

- Ffazense aos caualllos mujtos jnchaços e desuairados nas coixas e nas pernas e de mujtas gujssas segundo como parece per partes
20. nos capitollos que sse seguem. //

O trçesimo septimo capitollo he de hũa jnfirmydade que he dicta em latym *gedra* e em nossa linguagem anafafes. // XXXVII. //

25.

- Mujtas vezes vem ao caualo hũa jnfirmydade nas pernas e nos geolhos e fazexelhe jnchaço tamanho como noz ou mayor e fazexilhe tanbem de dentro como de fora e ffazesse mujtas vezes aos cavalos nouos e aos muj gordos do gram trabalho ca se lhy
30. soluem os humores e correm pera as pernas e pera os giolhos e apanham se hy e fazensse estes inchaços. // E aas vezes se fazem do estrabo. //

- E esta doença chamam em latim quandosse faz nas pernas *lardas* e quandosse faz nos geolhos *gallas* e *gedra* e em nossa
35. linguagem anafafes. // E a cura desta doença seia tall quando lhe vires estes jnchaços queyma o e elles em longo e enuias ¹ com fferros feruentes o mjlhor que poderes. // E filha a bosta do boy e mesturaa com azeite e ponlha em çima das quejma (Fl. 32) duras hũa vez e no mais. //

¹ Envés

E desy prendy ho cauallo em tall gujssa que sse nom coma em estas quejmaduras por coussa do mundo ca chegarja ataa os neruos com proydo. // E outrossy o guarda que se nom esfregue com os pees nem com outra coussa dura. E guarda o nõ no tanga lixo nem auga e põelhe cada dia nas quejmaduras do azeite queente 5. e esto lhe fazy per quynze dias. // E des que lhe cayr o coiro das queymaduras o que se faz de noue dias ou dez adiante parêno cada dia na auga frja corrente della menhãa ataa terça. // E outrossy o parem em ela aa vespera e tenhamo hy gram peça e cada que o tirarem dauga deyttem lhe do poo da teira ou da çijnza dos 10. feitos e esto lhe façam ataa que as chagas sejam soldadas e saby que auga frja e corrente aperta os humores. // E o fogo desequa e aperta e conforta. // E porem saby que he muj bom rremedio. // E cada que quejmares a besta em qual parte quer do corpo guardaa nom se coma ca chegarja aos neruos e aos ossos e destruyrsia. // 15.

O tricesimo ojtauo capitollo hê de hũa enfermidade que he dicta em latim *sparuanus* e em nossa linguagem eyriçoos e exaaguazes. // XXXVIIIº. //

Hũa jnfirmdade se faz sobrelo giolho do cauallo e aas vezes 20. sob elle e fazlhe jnchaço em hũa vea que chamam meestra ou fontenela e faz (Fl. 32 v.) lhe per hy correr os humores per aquell jnchaço e fazeo çopegar. E esta doença chamam em latim *sparuanos* e em nossa llinguagem exaarguazes eyriçoos. // E a cura pera 25. esta doença he tal. // leguemlhy aquella vea meestra hũ pouco açjma do jnchaço e sangra logo aquella vea antre ho legamento e ho jnchaço e tiremlhe dela mujto sanguy // e depois quejmemlhos jnchaços com ferro feruente em longo e em viaes e pensemlhe das queimaduras como dicto he das outras quejmas. // 30.

O tricesimo nono capitolo he dũa enfermidade que chamam em latym *curba* e em nossa llinguagem jnchaço da curva. // XXXIX. //

Ffazesse hũa jnfirmdade aos cauallos so o geolho da parte de 35. dentro e fazlhe jnchar o neruo meestre que jaz so a curva e fazlho asanhar e danar. // E porque o corpo todo sade sofrer sobre este neruo faze çopegar o caualo per força. // E esta doença se faz quando caualgam o caualo mays nouo ca deuem. // Er fazesse 40. aas vezes da gram carrega ou do gram trabalho e esta doença chamam em latym *curba* e em nossa llinguagem jnchaço de curua. // E a cura desta doença he tall. //

- Quando vires que aquell neruo meestre em que esta este jn-
 chaço se começa dencuruar do geolho jndo contra os pees e den-
 grosar mais ca deue entom mujto aginha fazeo queymar naquell
 jnchaço ao longo e en vjaes e seiam as quejmaduras espessas e
 5. bem feitas e des y façamlhe todallas outras coussas assy como
 dicto he no capitollo dos anafafes. // E saby cada que ouueres de
 quejmar o caualo nas pernas senpre ho deues de quejmar em
 longo e en ujaes como naçem os cabelos e cubrirssa per hy mjlor
 delles depois ca se lhas fizessem em trauessos e se pella ventura
 10. o fogo (Fl. 33) tanger algũu neruo nom lhe enpeeçera tanto. //

O quadragesimo capitollo he dũu jnchaço que se faz
 so os geolhos do caualo. // R.^{1a} //

15. Outrossy se faz hũa doença ao caualo so o geolho arredor das
 juntas dos ossos do geolho de cada hũu lado e fazexelhe jnchaço
 tamanho como auellã e aas vezes mayor ou meyor apertalhe tanto
 a junta que o faz çopegar. // E esta doença se faz ao caualo
 caualgado mais nouo que deue e do gram trabalho e da gram
 20. carrega. //

- E esta doença chamam em latim *espinela jarrety* e em nossa
 linguagem espinha do jarete. // E a cura desta doença he tal. //
 Queymemlhe aquestes jnchaços com ferros feruentes em longo e
 em viaes o melhor que poderem. // E desy façamlhe como dicto
 25. he de susso nos outros capitollos em que manda queymar. // E deues
 a saber sem esqueçimento que o fogo he o pestumeiro rremedio
 de todallas enfermidades dos caualllos. // E outrossy deues a saber
 que todallas queimaduras deuemsse de fazer ja que altas por tal
 que depois nom faça mester de lho outra vez o fogo poer. //

30.

O Rj capitollo he dos sobre ossos. // Rj. //

- Ffazense aos caualllos nas pernas hũuas doenças e jncham e
 endureçem e fazemxelles mujtas vezes de ferjda ou de topadura
 35. em coussa dura e correm hy os humores polla door da ferjda e
 jncha e endureçe e esta door he chamada em nossa linguagem
 sobrosso. // E a cura desta doença he tall. // Deues a saber que
 todollos sobre ossos se começam em hũa cousa dura como calo. //
 E porem quando vires aqueste jnchaço tal ja duro e de calo
 40. rrayamlho logo todo arredor e bem de rraiz de gujssa que nom
 fiquy hy rem (Fl. 33 v.) e depois pensemlhe da chaga como das
 outras. // E se este jnchaço for nouo e molle façamlhe estes rreme-

dios que se seguem. // Ffilha as çimas da alosna e da parjtarja que he alfauega de cooura. // E do aaypo e do gigante e malha todo com hunto velho de porco e cozy todo e ponlho queente em çima da chaga quall o poder sofrer e ligalho o melhor que poderes ca saby que este enprasto presta mujto pera todollos jnchaços das pernas 5. que se fazem de ferjdas ou de topaduras. // Pera esto meesmo presta se filharem a rraiz do maluaysco e a do lirjo e a do baruasco malhadas com do unto e depois coytas e poerénas em hũu pano como enprasto e legaremlhas e este he bõ rremedio se lho fizerem a meude. // Outrossy presta pera esto a çebola asada e 10. malhada com as mjhocas da lama e mesturemlhe do azeite e cozeréno e poeremlho queente duas ou tres vezes. // E se aquell jnchaço for ja que como velho e duro rrayãno muj bem como dicto he e sayalho sangue e depois deyttmlhy do poo do sal e da pijmenta mesturado tanto dũu como do outro e leguemlho em 15. çima com hũu pano bem fortemente e tenha o ataa terçer dia e entom huntemlho com da manteyga. // E saby ajnda que he bõ pera o sobreosso de rreerem bem o lugar e poeremlhe em çima hũu ouo assado duro sem casca e legaremlho ffortemente e assy ataa tres dias e mudemlho ho ouo duas vezes no dia ou mais se 20. mester ffor. //

E outrossy presta pera esto ho esterco das cabras mesturado com a farjnha do orjo e com vinagre muj fforte e amasado e coyto e poeremlho em çima como he enprastado. // E se lhe este jnchaço nom myngua e se faz sobroso queymaao em ell ca este he o 25. pestumeiro rremedio. // (Fl. 34).

O Rij capitollo he das emcalçaduras dos caualos. // Rii.

Aqueçe mujtas vezes que o caualo andando teso ou em cor- 30. rendo ou per algũu cajom feresse e encalçasse com as ferraduras das pernas nos neruos das mãos. // E aas vezes algũua outra besta o encalça e fere nos neruos das pernas. Mas esto he prjgoo nas mãaos. //

E de tall ferjda ou encalçadura se sente mujtas e mujtas vezes 35. o neruo que chamam meestre em que he toda a força do braço ou do nenbro em que está e colhe jnchaço e asanhamento e çopega ende o cavallo. // E esto se faz pelos cajooes de suso dictos. // E chamamlhe em latim *atinctio neruj* e em nosa linguagem encalçadura. // 40.

E a cura desta doença he tall. // Quando vires o neruo assy ferjdo e jnchado pela rrazom sobre dicta sangra o caualo mujto

- aginha na vea costumada de sobre o geolho da parte de dentro e asy lhe tirar os humores que lhe nom corram aaquelle jnchaço. // E depois fazelhe este enprasto que se segue ca he bom pera o sanhamento e pera o jnchaço dos neruos. // Ffilha a alforua e a
5. ljnhaça e a tormentjna que he hũa goma liquida E a rrayz do maluaisco e malha todo com vnto velho de porco e cozio e põelho queente sobre o neruo jnchado e legalho o mjlor que poderes e rrenoualho todo duas vezes no dia pero que deuem ante arraer o logar hu see ho jnchaço. // E se a encaçada for noua em outro
10. dia çarafenhla e deytara o sangui podre. E depois ponhamlhe em çima hũu galo fendudo per meo (Fl. 34 v.) com suas tripas e desafogarlhóa. //

- E se a encaça ffor de mujtos dias. / Ffilha duas colheradas de lardo e duas de fellugem e hũa de sall e hũu taraço de vjnagre
15. e das estopas picadas e faze todo feruer e ponlho em çima queente como enprasto e esto rrenoua a meude ataa que desinche. //

- Outrossy pera esto he boo a çebola asada malhada com as mjnhocas e com as lezmes e com a manteiga e cozy todo tanto ataa que se faça como jngoento. E vntemlhe tres vezes no dia o
20. neruo jnchado pero que seia ante rraudo. // E se pella ventura a encaçada ffor muy velha sangrêno da vea acostumada que he antre a juntura e ho pee da parte de dentro e depois façamlhe as meezjnhas desusso dictas. // E se em fazendolhe estas cousas todas non guareçe rrayamlhe o lugar jnchado e ponhamlhe hũu enprasto
25. apertador em çima do neruo de clara douo e do poo do sanguy dragom e do bolo armenjco e da galha e da almeçega e do encenço e legalho em çima com hũu pano fortemente e nom lho tollhas ataa que xe lhe desaprenda e vntalhe emtanto os neruos a rredor com ho jngoento de susso dicto. // E se lhe todas estas
30. coussas nom prestarem queymao com fferros feruentes o mjlor que poderes ca este he o pestumeiro rremedyo. // (Fl. 35)

O Rii capitollo he das ouas. //

35. Ffazensse ao caualo hũus jnchaços apar das juntas dos pees aas vezes uaturalmente e aas vezes per caiom. // E ffazensselhe a meude quando o metem com as pernas molhadas no estrabo. // E aas vezes se fazem ao caualo nouo do gram trabalho. // E estes jnchaços chamam em latim *gallas* e em nossa linguagem ouas. //
40. E a cura pera esto he tall. // Algũus as talham ou lhes deytam ¹

¹ Está escrito por erro : deytatam.

poos corrosiuos. Mais esto he prijgoo ca lhe tornam outra vez. // Mas façanlhe esto que he prouado parçno caualo que teuer as ouas na auga frja corrente ataa os geolhos manhã e noyte e min-goarlham pela frivra da auga que as apertara. // E depois quemmenno ao longo per aly per hu as teuer e arredor e nunca lhe depois creçeram mays mjnguarlham e pensemlhe destas quejmaduras como das outras. //

O Riij.º capitollo he das greças. //

10.

Ffazesse hũa door ao cauallo nas junturas dos pees e rronpemlhe o coiro e a carne ao longo e ao traues e deyta per hy vurno ou augoa e esto se faz da sobegidõe dos humores que correu pera aquell lugar e de o meter no estrabo molhado. //

E a esta doença chamam em latym *grapas* e em nossa ljn- guagem greças. // E a cura pera elas he tall. // Tiremlhe todollos cabellos daquell lugar aas thisoiras ou com hũa meznha que (Fl. 35 v.) chamam psilotro que se faz de cal e dazarneffe feruudos em auga e se lhe desta auga queente vntarem aquell lugar dara dara (*sic*) os cabellos ligeiramente. // E depois lauemlhy estas gre- ças com ho caldo das maluas e do farello e do seuo do carneiro e depois malhem todo e ponhamlho em çima. //

20.

E dessy er façamlhe vnguento de seuo de carneiro e de çera e vntēno ende a meude lauandolhe primeiro as greças com do vjnho fforte e queente e guardēno cavallo da auga e do lixo ataa que sejam soldadas e depois que forem soldadas sangrēno nas veas detrallas coixas. // E depois aalgũs dias queimēno em ellas o melhor que poderem. // Pero saby que esta doença curasse muito adur conprjdamente como conuem.

30.

O Rb capitollo he das quebraduras que se fazem aos cauалlos antre as juntas dos pees e as hunas. //

Ffazensse outrossy aos cauалlos hũuas quebraduras antras jun- turas dos pees e das hunas e fazem lhy em ellas proydo e queen- tura. // E esto se lhe faz de o meterem molhado no estrabo e nom no tragerem ante. // E esta doença chamam em latim *crepacias* e em nossa linguagem quebraduras. // E a cura pera esta doença he tal em toda como a das greças saluo que nom am por que o sangrem nem conpre de o queymarem. // Outrossy lhe podem fazer esto. // Ffilha a fillugem e o azimlaure e ho azarnefe e o mell e moy todo e mesturao (Fl. 36) todo com ho mell e fazeo feruer ataa

35.

40.

que se faça como vnguento e huntalhe hende as quebraduras duas vezes no dia e aguardao do lixo e esta meezjnha he muj booa. //

- Pero laualhas ante que o vntes com vjnho queente ou com ou-
rjna de moço. // E outrossy lhe presta pera esto de o pararem na
5. auga frja corrente manhã e noyte. // E outrossy lhe pode prestar
auga salgada se o hy teuerem. //

O Rbj capitollo he dos emsartilhamentos que aucem
aos caualllos.

10. Aqueeçe mujtas vezes per caiom aos caualllos que sse ensarti-
lham nas pernas ou nos braços de ferjda ou descorregamento ou
de poer ho pee torto e chamam lhe em latym *escortiliadura* e em
nossa linguagem emsartilhadura. // E a cura pera esto he tall. //
Filhem ho farello e ho vjnagre muj fforte e ho seuo do carneiro
15. e façam todo feruer mujto e ponhamlho no lugar emsartilhado
queente e leguemlho com hũu pano e rrenouemlho duas vezes no
dia. //

- E se o lugar ffor jnchado filha a alforua e a linhaça e as alhas
palhas e faze todo feruer e põelho em çima e legalho. e algũs
20. hy ha que o sangram nas pernas ou nos braços hu he emsarti-
lhado e pode prestar e se per cayom do emsartilhamento lhe saae
algũu osso de seu logar açemlhe o pee saao alty e leguemlho no
rrabo por tall que sse fiquy sobrelo pee doente ca enpremendosse
sobre ell tornara a seu logar // E outrossy lhe presta de o trage-
25. rem per logar de montes seu passo pera se premer sobre ell que
se torne a seu logar pero ante que lhe esto façam ponhamlhe ante
a meezjnha de susso dicta da alforua e da linhaça pera lhe amolle-
çer os nerucs. //

- Pero saby que mujtas vezes se desencasa hũu osso do outro
30. em tall gujssa que nunca hy pode tornar por coussa que lhe fa-
çam e fazexelhe hũu jnchaço em çima e aquy nom lhe pode pres-
tar saluo o postumeiro rremedyo .s. de o queimarem em este
logar o melhor que poderem. //

- O Rbij capitollo he das estrepaduras que aquecem aos
35. caualllos nos geolhos ou nas outras junturas e nos outros
logares das pernas. //

- Algũuas vezes auem que se mete algũa espinha ou estaca ou
algũa cousa tal ao cauallo no geolho ou em algum logar das
40. pernas ou dos braços jnchalhe ende todo o nembro e asanhaxilhy
o neruo de guyssa que o faz çopegar. //

E esto podem chamar estrepadura do braço. // E a cura pera esto he tal rrayão todo arredor e filhem tres cabeças de lagartos e pisénas e ponhãmlhas em cima da chaga legadas com hũu pano. // E outrossy val pera esto a rrayz da canauee. // E a rrayz da erua tunjz malhadas e liadas em cima com huum pano. // 5.

Outrossy ffazem as lezmezes malhadas com manteiga e coy-tas e postas (Fl. 37) em cima e poeremlhas a meude. //

E estes tres rremedios de susso dictos ssom boos porque ham virtude de tirar as espinhas e as estacas e ho lixo de dentro da carne pera flora e des que a chaga for liure curaa como as outras 10. chagas. // E se depois ficar algũu inchaço põelhy hũu enprasto da losna e de parjtaria e de gigante e de maluaysco e de farjnha e de mell malhado todo e poendolho todo em cima. //

E esto er pode prestar ao inchaço quallquer de ferjda ou dal-gũu cajom. // 15.

O Rbiiij.º capitollo he de hũa jnfirmdade que he dicta em latym *furjua* e em nossa lñguagem inchaço duro que se faz na coroa da unha hu se junta a carne com ella. //

20.

Hũa doença sse faz ao cauallo antre a juntura dò pee e ha hunha na coroa do pee e no começo faze hũu inchaço e como calos de carne dura. // E esto se faz de topadura dalgũa coussa riga e da maa solta e se lhe nom acorrerem cedo fazelhy sobre osso. // E a cura pera esto estremadamente des que emuelheçer he tall 25. como a do sobre osso. //

O Rix capitollo he do cançer.

Ffazesse hũa jnfirmdade ao cauallo a par das juntas dos 30. pees e na coroa do pee ou nos braços ou nas pernas em algũu logar que o come muito e lhe geera conrronpimento. // E fazesse dalgũu (Fl. 37 v.) humor melancolico. // E he chamada esta jnfirmdade em latim e em nossa language cançer. // E ha cura della he tal. // Ffilha do çumo das rrayzes das abroteas peso de trijnta 35. dinheiros nouos e da cal vjua peso de vijnte dinheiros e do poo do azanafe peso de dez dinheiros e moy todo e mesturao e amasao com o çumo dicto e metio em hũa rrodoma de barro e tapalha boca e metia em hũu fogo e jasça hy tanto ataa que aquelles poos seiam bem torrados dentro e filha este poo e deita dell cada dia 40. no cançer ataa que o mate lauandolho prjmeiro com do vjnhho queente ou com do vjnagre e des que o cançer for morto e ficar

a carne viua e saa e jnchar arredor ja que he bõo signall e çara entom a chaga com a clara do ouo e com as outras coussas con que sse curam as chagas. //

- Outrossy presta pera esto o esterquo do homem torrado com
5. o sarro da cuba. // Aynda hy ha outra meezjnha majs fforte pera esto. // Ffilha os alhos e a pijmenta e hũa rrajz que chamam pi-retro e jaque do hunto velho do porco e malha todo e põeno em çima do cançer e legalho bem e renoualho cada dia duas vezes ata que seia guarjdo e depois cura a chaga como as outras. // E sabe
 10. que o poo das rrayzes das abroteas he mays forte pera esto (Fl. 38) ca todallas cousas de suso dictas. // E sabe que estes poos fortes ssom muj boos pera os logares hu nom ousamos a talhar nem a poer fogo. // E sabe que se sse comer o caualo no câçer çom a boca façam poo do linho caneue e deytemlho ataa que seia saão. //
 15. E deues a saber que o cançer senpre se cura com coussas fortes. //

O L.^{ta} capitollo he das fistollas.

20. Fazesse hũa chaga ao cauallo em algũs logares e he larga em fundo pela carne que se la dentro come e conrronpe e estreyta na boca em çima como veemos que jaz mujtas vezes ho mal solapado e quebram em çima olhos estreytos. // E esta doença se faz dal-gũa chaga velha mal pensada em que se geera algũu conrronpi-
 25. mento que come a carne e os ossos. // E esta doença chamam em latim e em nossa ljnguagem fistolla. //
- E a cura pera esta doença he tal. // Abranlha boca da fistola e amatêlha com ho poo das rraizes das abroteas ou com outros poos mays fortes assy como ante dicto he do cançer ca tal pode seer
30. a cura dũu como do outro saluo que a fistola ha mester as vezes coussas majs ffortes e por esso lhe põe algũus ho rrosalgar quando vêe que lhe conpre. // E des que a fistola ffor morta curalha chaga como as outras. //

35. O Lj capitollo he da peeira que vem aos caualos nos pees. // (Fl. 38 v.).

- Ffazesse hũa doença aos caualos nos pees a que chamam peeira e nom falo aqui dela porque he dicto conprjdamente no
40. capitulo da peeira da lingoa que he ho nono capitollo da segunda parte deste liuro. //

O Lij capitollo he do danamento que aquece ao caualo quando poem hũa mão sobre ha outra. //

Auem mujtas vezes hũa doença ao caualo na coixa do pee que he o logar dantra hunha e a carne viua e fazlhe aly quebrar a carne e deytar e se emuelhecer e nom for bem pensada fizesse hy cançer. // E esta doença se faz quando ho cauallo põe hũa mão muj riga sobre a outra. // E esta doença chamam em latim *superpositura pedis* e em nossa linguagem sobrepoymento dũa mão sobre a outra. //

5.

10.

E a cura pera esta doença he tall.

Tanto que se aly chagar talhalhe tanto da hunha com a legra arredor da chaga de gujssa que fiquy a chaga descoberta e que se nom prema a hunha sobre a carne ujua ca o premjmento da hunha sobre a carne ujua nom leixa soldar a chaga. //

15.

E este fecto lauemilha chaga com do vjnhho forte e eixuguemilha a meude e guareçera ou lhe curem a chaga como as outras chagas com coussas que solde e guardcno da auga e de lixo. // Outrossy pode prestar pera esto se o trosqujarem naquell logar e poeremlhe em çima hũa peça de coiro de touçinho e leguemlho e depois dejtenlhe per tres dias do poo do sal torrado e da filugem todo misturado. / Ou lhe ponham hũu enprasto de çera e de pez e de seuo de carneiro e leguemlho em (Fl. 39) çima e guardcno da auga e de sse comer e se lhe sayr carne fora ponhamlhe do poo da rapadura do corno do çeruo ou do boy misturado com do sabom velho e legalho e consumjrlhaa. // E se sse per uentura hy fezer fistola per maa pensamento curcna como dicto he no capitollo da fistola. //

20.

25.

O Lij capitollo he das esponilhas que naçem aos cauallos. //

Ffazesse hũa doença ao cauallo apar da juntura do pe ou em outro lugar e fazesilhe hũa sobegidõe de carne com graaos per çima e nom tem hy coiro nem cabelo e esto xe lhe faz dumores sobejos que lhe correm aaquelle lugar. // E esta doença chamam em latim *morus* e em nossa linguagem espunilha. // E a cura desta doença he tall talhemilha toda de rraiz per fundo e rrayamlha de gujssa que fiquy todo achaado com o coiro e depois se nom ffor logar de neruos queymcno com ferros feruentes o melhor que poderem de gujssa que lhe queymem as rraizes. // E se ffor em logar de neruos nõ no queimem mas ponhamlhe o rosalgar ataa que

35.

40.

lhe matem as rrayzes e lhe cayam. // E depois façamlhe esta meezjnha pera soldar a chaga. // Ffilha a cal viua e ho mell e mestura todo e cozeo no fogo em hũu testo e fazy ende poo e dejtemlho ataa que seia soldada e lauemlho prjmeiro com vjnho
 5. queente. // E sabe que adur ou nunca naçem cabellos em este logar. //

O Liiij.º cap.º he das landoas. // (Fl. 39 v.)

10. Ffazensse hũus jnchaços ao caualo do sangue sobeio na carne mole a par do coiro e chamamlhe em latim *turtas* e em nossa linguagem landoas. E a cura desta doença he tal talhalhe ho coiro em meo do jnchaço e metamlhe per hy hũua palheta de madeiro e mouamlhe com ella os humores e depois espremanlha feramente
 15. e desy queimemlha carne dentro com hũu ferro feruente ancho de gujssa que lhe nom queimem o coiro. // E a cabo de sete dias er queimemlho outra vez e façamlho com gram guarda. //

20. O Lb.º capitulo he das sedas e das gretas que sse fazem nas hunhas dos caualllos. //

- Ata aqui he dicto das doores das pernas. // Agora se segue das doores das hunhas. Honde sabe que ha hy hũua doença que se faz ao cauallo que lhe fende as hunhas per meo e começalhe na coroa
 25. da vnha e vay pera fundo ao longo e aas vezes xc lhe chega a fundo da hunha e lança vurmo e vay contra o tenpão da hunha e esta doença chamamlhe seda. // E a cura pera esta doença he tal catemlhe as rayzes contra o tanpão a par da coroa da hunha e cauemlhe com hũa legra antre a hunha e a carne ata que che-
 30. guem ao vjuo da carne e que saya ho sangue. //

- E depois filha hũua coobra e talhalhe o rrabo e a cabeça e co-
 zãna outra em azeite ata que se delja a carne dela e se faça como
 vnguento e deste hungoento lhe hunta cada dia a seda aly hu ffoy
 legrada a hunha ata que scia a seda morta e lhe venha melhor
 35. hunha e guardao senpre dauga e do lixo e de comer erua. // E
 sabe que eu aprendy de hũu freire que se fenderem a fferradura
 pello lume em dereito da (Fl. 40) seda e juntarêna das canellas
 antre os machos e ferrarem ende o cauallo que teuer a seda per
 meo da hunha soldarlhaa e quanto mais andar mays cedo gua-

¹ Por erro está *Rb*.

rjra. // Outros hy ha que lhe fazem 'esta meczjnha legramlhe a hunha como dicto he e queimamlhe aquella chaga e depois deytamlhe do poo das rrayzes das abroteas ou doutro fforte pera lhe matar a seda e depois huntamlha com vnguento dalmeçega e dençenço e de seuo de carneiro e de çera e este vnguento lhe ponham ata que xi lhe solde a carne e ha unha. Pero o mjlor hunguento que pode seer pera esto he o da coobra que desuso dixy. //

5.

O Lbj ¹ capitulo he das encrauaduras. //

10.

Ffazese ao caualo hũa jnfirmdade per cayom do crauo quando o ferram e fazesse em mujtas gujssas. // Aas vezes ho crauo chaga e da dano ao tempão dentro e aas [vezes] ho chaga antre o tempão e a unha e aas vezes no vivo da hunha. // E a prjmeira de todas he mais prijgosa ca o tempão he tenrro e per elle se crja a hunha e ell tem as rrayzes. // E esta doença chamam em latim *inclauatura* e em nossa lñguagem encrauadura.

15.

E a cura desta doença he tal, se o tempão for dapnado descobramlha chaga com hũu ferro conujnhauel agudo e rrgo de contra a sola da hunha e talhemlhy tanto da hunha arredor da chaga ata que lhe cheguem a fffundo da chaga da encrauadura e tangamlha e aljnpemlha e descobramlha e cauemlhe tanto da hunha arredor da chaga em tall gujssa que quando poser a mão em terra que se nom fique em nẽhua parte sobre ha encrauadura ca lhe darja contrairo pera soldar a chaga e pera creçer a hunha. // E aquesto ffecto (Fl. 40 v.) enchanlhe a chaga com estopa mjuda picada com clara douo e curemlhe a chaga com sall muudo e com ho poo da galha e do lentisco e tenhamlha senpre bem linpa. // E a encrauadura que nom tange o tempão e passa per antre elle e a hunha como he dicto he nom he tam prijgosa. //

20.

25.

30.

E a cura pera ella he tal descobralhe bem a chaga ao longo da hunha e desabafalhe bem a encrauadura e depois laualha chaga com do vjnagre ou com do vjnho queente e jnchilha de sal e põelhe em cima da estopa molhada no vinagre e leguemlhe a mão com algũu pano e catemlha duas vezes no dia. // E se a encrauadura ffor que tanga ao ujuo da hunha façâlhe assy como a esta que ora dicta he e tenhaa senpre bem llnpa. //

35.

E sabe que todalas encrauaduras que nom danam o tempão dentro podemsse curar ligeiramente se as abrjrem e aljnparem e

40.

¹ Está Rbj.

deitarem-lhes na chaga do seuo ou da çera ou do azeite feruente e do sal muudo com ho sarro, da cuba ou da fellugem e do azeite.

- E sabe que ante que abras e escaues a enclauadura ou estre-
 5. padura de pao ou de crauo ou doutra cousa que xe lhe metta pela
 mão que ante lhe deues poer hũu enprasto de maluas de mal-
 uaysco e de farello e de seuo coyto todo em vjnagre ou em vjnhõ
 e poeremlho queente como o poder sofrer da manhaa ataa noyte.//
 E este enprasto amansa a door e abre os poros. E amolenta
 10. a hunha pera se talhar mjlhor.// (Fl. 41).

O Lbij capitollo he das encrauaduras que fumegam e
 das empedradas.//

15. Deues a saber que algũas vezes aqueeçe que nom descobre
 bem a enclauadura e colhe vurmo e lixo e faz camjnho antre a
 hunha e a carne e fumega em çima da hunha polla podridõoe que
 la chega e quebra na coroa da hunha e deyta per hy vurmo e lixo.//
 E esta chaga per que assy deyta curalha com hunguento de alme-
 20. çega e dençenço e de çera e de seuo de carneiro e tenlhe senpre
 a chaga bem enxuta.// Pero que a encrauadura donde esto vem
 voluy a ela e abrya ataa que chegues ao fundo e pensa della como
 dicto he e esta cura he perfeita.// E sabe que algũas vezes se
 dana ho caualo na sola da mão por algũa pedra em que a poem
 25. duramente e nom entra dentro como crauo mas apodrentalha mão
 e chamonlhe latumadura ou empedrada.// E a cura pera esto
 he tall. Aljnpemlha bem e talhemlhe em çima dela do tanpão e
 desabafemlha e ponhamlhe as maluas e os farelos e a parjtaria
 e ho seuo do carneiro todo coyto e ponhamlho em çima como en-
 30. prasto.//

O Lbijº capitulo he de hũa jnfirmdade que chamam
 em latim *ficus* e em nossa lñguagem gauarro.//

35. Auem algũas vezes que sse dana a mão do caualo em fundo
 por algũu ferro ou osso ou outra coussa que xe lhe per ella mete
 ataa o tanpão. E muitas vezes aqueeçe se lhe desta chaga nom
 pensarem bem e abryemlha e desabafemlha que vem ende a
 cayom ca (Fl. 41 v.) lhe naçe hũa carne de dentro pela chaga
 40. porque acha per hu creçe quanto pode pera fora.//

E depois do aprjmmento da mão sobre aquella carne ala-
 dalha e atortalha assy como figo pasado e assy a trage.// E por

esto chamam a esta doença em lätjm *ficus* e em nossa linguagem gauarro. //

E a cura desta doença he tal talhemlhy da hunha e cauem tanto arredor da chaga que lha descubram bem e que fiquy bõ espaço antre a carne e a hunha arredor. // E depois talhemlhy 5. aquela carne pella rrajz toda de fundo e depois ponhamlhe em çima da esponja do mar e leguemlha bem e apertenlha e comerlha as rrajzes do gauarro se lhe fiquarem e senom teueres esponja do mar lançalhe do poo das rrajzes das abroteas. // E depois que as rraizes fforem mortas curemlhe a chaga assy como as outras e la- 10. uemlha e tenhamlha enxuta e ljnpa. //

E deues a ssaber que nunca deuem a poer fogo em este logar ca rreçeberia o tenpão gram caiom do fogo porque he tenrro se o queimassem. //

15.

O Lix capitollo he do espalmamento das hunhas. //

Algũas vezes aqueeçe que se o caualo he augado e dell nom pensam como deuem que lhe correm tantos humores aos pees que o agrauam mujto e ho fazem çopegar. //

20.

E algũs chamam a esta doença espalmamento porque o faz despear nas palmas. //

E a cura desta doença he tal cauemlhe em çima da hunha (Fl. 42) legra da parte de diante tanto que rronpa hũa vea grande do pec que uem a esse logar e deyte tanto sangue dela que semelhe que 25. torna fraco e se çopegar das mãaos ou dos pees façamlho outrossy em eles e desque lhe tirarem o sanguy enchamlhy a chaga de sal muudo e ponhamlhy em çima da estopa molhada no vinagre e leguemlha mǎao em çima com hũu pano e assy este ata outro dia. // E depois deytemlhy na chaga do poo da galha e da murta 30. e do lentisco duas vezes no dia e lauemlhe ante a chaga com do vjnho e tenhamlha bem ljnpa. //

O Lx capitollo do mudamento das hunhas. //

35.

Algũas vezes per negligência e per maaos pensso tantos humores correm aos pees do caualo que xe lhe metem antre as hunhas e ho tanpǎao e envelheçelhe e fazemlhe dentro desaprender a hunha do tenpǎao e fazem camjnho per hu possam sayr e assy per fforça lhe fazem mudar a hunha e esto se faz do augamento 40. do caualo se ffor mal pensado assy como dicto he no capitollo dante este. // E aas vezes se faz mujto aginha pollos humores

mujtos que lhe correm aquel lugar a aas vezes xe lhe muda pouco e pouco pollos poucos humores que lhe entram e mudando esta hunha velha e naçendo outra noua depos ella. //

E esta doença chamam mudamento das hunhas. // E a cura pera

5. esto he talhemlhe a hunha velha com a legra arredor hu sse junta com ha hunha (Fl. 42 v.) nova por nom enbargar a noua pera sayr e desy toma duas partes de seuo de carneiro e a terça parte de çera e retty todo com hũu pouco dazeite e faze ende jngoento e deste jngoento queente hunta a hunha duas vezes no dia e faralhe
10. creçer e naçer a hunha mujto aginha. //

E esto he quando a hunha muda pouco e pouco. // E se a hunha se muda mujto aginha e logo cae fazelhe esto. //

Ffilha o pez grego e o ençenço e almeçega e o sanguy dragom e o bolo armenjico e o galbano que he hũa goma que fede e faze

15. poo daquelo que se pode fazer e mestura todo com dous tanto seuo de carneiro e com a terça parte da çera e rrety o pez e a çera e olio e tulhyo de sobre ho fogo e mesturalho all todo e deste enprasto põe em hũu pano de bragall e põelho em çima do tenpãao e cercalho ende todo e assy ho tenha e tolhylo duas vezes
20. no dia e laualho tanpãao com vjnagre forte queente ou com vjnho queente e depois er ponhamlhy seu enprasto. // E porque o caualo nom pode estar sobrellos pees em quanto esta doença ouuer he bem de lhe fazerem boa cama de palha longa pera folgar em ella. //
- E se o caualo nom poder estar sobre os pees filhem quatro varas
25. de bragall e metamilhas per sso o ventre e leguemlhe os cabos com boas cordas da hũa parte e da outra em logar alto e alçem tanto (Fl. 43) o pano que se sofra sobrel iaque pero que tenha os pees leuemente ssobre terra e rreçeba ajuda de sse sofrer no pano e esto lhe podem fazer em quallquer doença em que nom poder estar. //
30. E des que a hunha ffor creçuda filha o poo da galha e do exofre e do sall e faze todo feruer em vjnagre forte e daqueste vjnagre laua a hunha e ho pee todo e depois legalha em çima com hũu pano e assy lho faze duas vezes no dia. //

35. O Lxj capitollo he das hunhas tortas contra dentro ou contra fora como nom deuem. //

Mujtas vezes teem os cauallos as hunhas tortas e sesgas contra fora ou contra dentro da naçença assy como dicto he ou de maao

40. ferrar. // E a cura pera esto he de o fferarem a meude e corre-gamilhas ao cujtello o melhor que poderem. // E saby que presta

ao cauallo de lhe fazerem senpre mais as hunhas de contra fora e de seerem outrossy as ferraduras contra ffora majs grossas.//

Aqui se acaba hũu liuro de aluejtarja que treladou e hordenou mestre Giraldo fisico do nobre senhor rrey dom donjs (Fl. 43 v.) 5. per seu mandado na çidade de Lixboa na era da encarnaçõ de Jhesu Christo mjl ij.º xvij.º (1318) anos.

Este hunguento he pera as encaçaduras dos caualllos.//

10.

Item tomaras çinquo vaquas louras e hunto uelho tamanho como hũu ouo e meteloas em hũa bueta e se as vacas nom fforem mortas leuarlheas outro tanto do hunto e depois que as vacas louras forem tôdas mortas pisaras todo ho unto e ellas bem e desque ffor bem pisado tornaloas a boeta.//

15.

Este he o rregimento de fazer ho jngoento.//

Esta magneira teeras em curar ho cauallo.// Item tomaras hũa naualha e rrapaloas muj bem e grasarloas ao longo do neruo e entom tomaras sal e ujnagre e fregeo muj bem e entom lauao com dauga e enxugao com hũu panno e entom tomaras do dicto vngoento tamanho como hũa auellãa e huntao com elle e esfregao com a mão per espaço de mea ora. E desy meteo na casa e leixao estar despois de tres dias toma ho sall e fazelhe como de prjmeiro. 25. E esto lhe faze em noue dias tres vezes.// (Fl. 44).

Esta meezjnha he pera o sobre osso.//

Item. Tomaras duas cebollas e asallasas e tomarás hũa das 30. cebollas com hũu pano assy quente como say do fogo e poellas sobre ho sobre osso e pelalhe ho cabelo com a mão e deshy toma hũu pao dauelleira e esmatraca o lhe bem o sobre osso he entom toma hũa lançeta e alañetaloas muj bem todo o sobre osso.// E entom toma a çeruda duas pernas della e hũa de sal e pisa todo muj bem e poenidea ssobre ho sobre osso e he atadeo bem com hũu pano e estee per espaço de hũa ora.// E pasada a ora tiradelho e nom cures majs delle senom quando o leuares a beber trazeo polla auga.// E guardeco nom se coma e elle seguro seera de seu.//

Esta he a meezjnha pera os adragunchos.

- Item. Pera os adragunchos tomaras os bichos ¹ das cabeças dos cardos peteeiros. // E seiom çinquo e metelos na casca de hũa noz com hũa tira de pano cruu e sobre esto ata hũa ljnha de moça ou doutra que seia virgem e legalo ao collo do caualo ou aas
5. comas e pœelho a hũa sesta feira ante de sol saido e diras tres vezes ho (Fl. 44 v.) pater noster e aue maria á onrra de Deos e se lho poseres a sesta feira sangraloas hũa vez e se lho poseres em outro dia sangraloas tres na rauoa, e tanto que estes bichos morrerem logo sera sãao e se naçerem estes adragunchos antre a
10. hunha e ho cabelo nom lhe façom esta mceezjnha que nom prestará. //

- Estes nomes ssom boos pera a door da rrayua ou pera outras quaaesquer mordeduras de peçonha e an se descpreuer em hũa
15. taça ou vasso ou escudella da parte de dentro e desfazellas com auga e dallas a beber ao que ffor mordido ou que teuer a door, e se a nom poder beber beba a outrem em seu nome. // E assy lhe prestarom. E os nomes ssom estes // Poro // pota // noell // nebeta // nosay // mosay // paracritus ² //

DEO GRACIAS. //

¹ Bicos.

² A margem de letra cursiva do seculo xv, de má leitura, lê-se ainda: «A cruz dje pilatos maleytas as tu jasus dise jasus no hey mais todo aquelle que as ouuer hesas palavras lhi seruem qua mais a 1.^a»

E pera dor das maleytas ho milho matyaluor encomendo a deus noso senhor he a santa marya do recamador he a san pedrro de quadejra he a sua benta barua he a sua beyta capa ysto he ho que eu vos venho pedir he rrogar que me quytes estas maleytas he esta m[aleita] he esta maleytam he esta cor-tam he esta ter[çam].»

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

A procissão da Candeya, em Guimarães, no século XVIII

«He hum dos antigos, e celebres costumes desta nobre Villa a procissão, que neste dia, vespora do Espirito Sancto, faz a Camara, por voto, chamada da *Candeya*, q̃ he hum andor todo de cera, da qual fabricadas muitas flores, e enganosos fructos, servem de adôrno á circunferencia de huma esfera, em que se englóba a quantidade de varas de rolo, que dizem ser a medida, que da Villa se tomou no tempo da peste, sobre o qual globo serve de remate hum ramo de oliveira em que se vê hũa pōba, tudo de cera, comó figuras da Senhora da Oliveira, e do Espirito Sancto, em cujo festejo faz a Camara aquelle andor todos os annos a todo o custo, ao qual vai conduzir o Reverendo Cabido com as Communidades, e Camara para a Real Collegiada, em cujo padrão se benze muita quantidade de paens miudos, que o Senado com os Ministros de justiça distribuem geralmente ao povo, que delles se aproveita com muita fé para mordeduras de caens danados. Mandou o Senado hum taboleiro destes paens a S. A. que vendo a procissão, e advertindo as circumstancias do voto della, em abono daquelle antigo, e devoto costume fez grande acceitação da offerta com plenas demonstraçoens de agrádo, tanto por fazer honra aos Vereadores, como por ser motivo do seu gosto tudo aquillo, que fomenta a devoção dos fieis para o culto de Deos, e gratificação dos divinos favores, que tanto reluz naquella maravilhosa Candeya».

Guimaraens Agradecido. Segunda parte do *Applauso Metrico*, dado á luz por Thadeu Luis Antonio Lopes, p. 43.

II

A lenda de Santo Amador

«*Secular*. — Também ouvi dizer, que tinham notaveis effeytos as Missas que vulgarmente se chamão de Santo Amador. Sabeis, Padre, alguma couza neste particular?

Religioso. — Não sey mais do que, o que refere o nosso George Cardozo no *Agiologio* (a 27 de Março, let. A.) Em Monsanto (diz elle), nos confins do Bispado da Guarda, houve nos tempos antigos hum Ermitão Santo, por nome Amador, o qual vivia na Ermida de S. Pedro de Vir-acorça. Este sahindo huma tarde dos exercicios da Oração, e olhando para o Ceo, vio o alvoroço, e festa, com que os demonios levavão pelos ares huma criança (e quiçã seus pays indignados, como às vezes costumão, a darião aos demonios). E pondo-se em Oração, pediu a Deos não consentisse, que aquelles seus inimigos fizessem escarnio da creatura feyta á sua imagem. Logo lha largárao aos seus pés: e Amador a offereceo a Deos no Altar de S. Pedro: e Deos prevenio que viesse huma corça a dar-lhe leyte todos os dias. Deste modo se creou, até que andando o tempo, veyo a ser Sacerdote: e o dito Amador o ajudava à Missa; e nas suas mãos morreo dando lhe o Santissimo Viatico. E o Sacerdote depois se mandou enterrar com elle: e hoje em dia descansão os seus ossos no dito lugar, com muyta veneração: e servem os pòs da sua sepultura contra maleytas, e para destruir a lagarta, e o pulgão, de que as terras são infestadas. Por conselho deste Santo Ermitão disse o Sacerdote certo numero de Missas pela alma do pay do mesmo Sacerdote, que o Ermitão vio penar no Purgatorio».

Padre Manuel Bernardes, *Pam partido em pequeninos*,
tomo II, Lisboa 1726, p. 153.

III

O S. João na Amieira

«Na ultima digressão que fiz pelo Alto Alemtejo encontrei uma novidade em objecto de devoção popular, cujo conhecimento não deixará de interessar ás senhoras que desejam estar nas boas

graças do Baptista; d'esse santo Precursor, que no deserto comia gafanhotos, e que perdeu a cabeça pelo capricho de uma mulher.

Ha encorporado no velho castello da Amieira, actual cemiterio da pequena povoação, uma capella insignificante, por onde passa quem quer ver internamente as paredes do derrocado monumento de D. Dinis.

Serve de capella do cemiterio, e é dedicada a S. João Baptista, tendo sobre a porta uma cruz de Malta, e umas poucas letras.

Visitando o castello, ao entrar no humilde santuario, notei um cheiro intenso de morrão mal apagado. que envenenava o ambiente. Depois vi dispostos em linha, no chão, um grande numero de candieiros de diversos tamanhos e feitios, e na parede muitas candeias de folha, umas penduradas em pregos, outras suspensas de alguns buracos que por ali havia.

Explicaram-me então que as moças da Amieira todas as noites faziam ali a novena de S. João; a qual consiste em irem, antes da ceia, em pequenos grupos, ajoelhar perante a imagem do santo casamenteiro, e fazer-lhe em silencio a sua oração, tendo previamente accendido cada uma o candieiro ou a candeia que comsigo levam, e deixam ficar ardendo na capella, até que o azeite se extingue.

E com effeito; á noite, tive occasião de verificar como era vistosa esta illuminação, e crescido o numero das môças da Amieira, quando, castigado pelos accidentes de uma jornada de oito leguas em carro alemtejano, e ainda afogueado dos raios que um sol furioso dardejara naquelle dia contra a humanidade, fui sentar-me nos degraus esboroados da escadaria da capellinha, a ver passar os pequenos grupos femininos.

Acrescentarei que a Amieira passa por ser uma das terras em que ha menos celibatarios; sem duvida porque o Baptista, agra-decido ás suas formosas devotas, se digna abrandar os corações mais empedernidos».

*A Perola. Semanaria literario, publicado em Elvas;
n.º 1, de 28 de julho de 1890.*

IV

Uma usança portalegrense

«Nesta cidade (Portalegre) quando morre uma criança, reu-nem-se em casa dos paes os parentes, e vizinhos com elles mais intimamente relacionados, e ahi *solemnizam* o facto, velando até

a madrugada, e sendo-lhes offerecida uma refeição, mais ou menos abundante conforme os meios dos donos da casa, ou pelo menos vinho ou aguardente.

Entreteem-se em conversações divertidas e por vezes licenciosas, jogam-se *jogos de prendas*, contam-se contos de bruxas e fadas, ás vezes canta-se, e, até que os accommette o somno, celebram por este modo o que elles chamam *anjinho* (ha *anjinho* na rua de tal — dizem), incommodando os demais vizinhos, que não tomam parte nestas *orgias funebres*.

O cadaverzinho, collocado numa especie de eça, a cuja cabeceira está um crucifixo, e alumiado pela luz bruxuleante de um candieiro ou de uma candeia, está presente durante o pagode (*sic*) nocturno, em que se affronta insolitamente a lugubre majestade da morte, e em que o amor paternal succumbe quasi sempre na luta com o uso tradicional e hereditario.

Não haverá tal ou qual analogia entre o festim funebre do troglodita do periodo paleolithico, e a extraordinaria usança portalegrense do seculo XIX?»

O Atheneu. Revista de sciencias, artes e letras, publicada em Portalegre; n.º 3, de 1 de fevereiro de 1888.

V

Chegada do Cuco

«Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso. No dia 14 de março de 1843 appareceram nas esquinas de Villa Nova de Famalicão editaes orlados de tinta verde, annunciando que ás duas horas da tarde do dia 21 do mesmo mês, e segundo o costume, o cuco visitaria os habitantes da villa, com toda a sua numerosa comitiva; e que nesse mesmo dia pelas tres horas da tarde subiria ao ar uma grande machina na qual iriam 2:000 cucos, porção destinada para a villa e freguesias circumvizinhas. Os editaes eram datados do Palacio Magistral.

E com effeito no dia marcado, logo de manhã, entraram a apparecer varios individuos mascarados, annunciando como postilhões a vinda do cuco, e apregoando a sua breve apparição. Ás tres da tarde appareceu o cuco; vinha em um carrinho descoberto, puxado por um insignificante jumento e acompanhado de quinze individuos mascarados e vestidos exquisitamente. Parou o prestito no largo da villa, e então subiu aos ares o balão; porem o vento

não permittiu a ascensão aerostatica. Tudo isto vinha acompanhado da competente musica. O cuco vinha de cabelleira de rabiço com a sua competente armação ».

As Cabeças Fallantes, jornal satyrico, de instrução e recreio; n.º 9, do 2.º anno, Porto 1872. Cf. *Trad. Pop. de Portugal*, de Leite de Vasconcellos, pag. 147 e 148.

VI

Sortilegios

«Ao pé da antiga casa da Companhia (em Miragaia, Porto), numa porta baixa de casa terrea, bateu a senhora Angelica. A porta foi aberta por uma velha inqualificavel, indefinivel, mistura de todos os animaes repulsivos desde a santopéa até á cego-nha. Era a senhora Escolastica, benzedeira, adivinha, mulher sábia, que praticava com o invisivel por meio da peneira e das cartas.

— Venha com Deus, devota de Nosso Senhor. Já sei ao que vem.

— Já? Louvado seja Deus.

— A Rosinha não quer casar.

— Nem á mão de Deus padre... Aqui anda feitiço. Queria que vocemecê me dissesse se o filho do retroseiro, que se chama José, será o manfarrico que faz doudejar a cabeça da rapariga.

— Vamos a isso — disse a senhora Escolastica carregando duas vezes de simonte a venta esquerda, que parecia um mexilhão aberto, e folheando um surrado baralho de cartas.

A senhora Escolastica benzeu-se, e pronunciou a seguinte oração, pondo as cartas em quatro montes, benzidas tambem:

«São Cypriano, bispo e arcebispo fostes, sete annos no mar andastes, na vossa divina graça vos sustentastes, sete sortes pela vossa divina esposa botastes, no fim vos declarastes. Declarae-me aqui se a Rosinha anda de namoro com o José, filho do retroseiro».

E, depois, voltando-se, com ar sibylino e tragico, para Angelica:

— Rosa é a dama de ouros; o José é o rei de ouros. Aqui sae Rosa com o sete de espadas, que é uma paixão de alma. Aqui está o José voltado para ella de corpo e pensamento, que é o valete de ouros. Sae-lhe aqui outro homem, que é seu irmão; mas ella vira-lhe as costas, e dá-lhe más palavras, que é o cinco

de espadas. No meio d'isto, sae-lhe aqui lagrimas, que é o cinco de copas, e a espadilha o affirma. Seu irmão aqui está com o sete de copas, que quer dizer comidas e bebidas, e ella vira-se para o sete de paus que é um gosto grande, e o seis de paus pela porta da rua. Aqui está a dama de espadas, que é uma mulher de má lingua, por causa de uns dinheiros grandes, que é o dois de ouros, vê? ella amanhã sae por caminhos; aqui está o dois de espadas, e aqui está o az de ouros que é a igreja, e o quatro de paus que é a tumba... valha-me Deus!...

A senhora Angelica, côr de cidra, benzeu-se. Dito isto, a senhora Escolastica repetiu a miraculosa operação, e descobriu uma *novidade*. Novidade é uma carreira de cartas sem figuras. A novidade era a confirmação do quatro de paus, e um certo az de copas, cuja significação a benzedeira disse ao ouvido de Angelica, que fez uma careta, e persignou-se. Careta aquella, discreta leitora, que eu tambem fiz quando me contaram esta pavorosa historia.

Feito isto, as cartas foram substituidas pela peneira.

A senhora Escolastica, versada nos dois ramos de sortilegio, pôs de perfil a peneira, e metteu-lhe um Senhor crucificado, umas contas, e tres vintens em prata. Depois cravou em um dos lados os bicos de uma tesoura fechada, e outra tesoura do outro lado. Feito isto, com grandes tregeitos, e grave attenção da senhora Angelica, que murmurava o credo em cruz, disse a benzedeira:

— «*Peneira, tu que peneiras? Pão para toda a christandade. Pelo poder de Deus peço-te que me digas se a Rosinha ha de casar com o senhor Antonio; se tiver de casar, vira-te para a direita, e se não vira-te para a esquerda*».

A peneira oscillou alguns segundos, e ficou voltada para a esquerda.

A pobre Angelica deixou pender o beijo inferior, que ha quatro annos lhe tocava a ponta do nariz! Estava profundamente triste e aterrada! O seu olho esquerdo falou da abundancia do coração. Uma lagrima, côr de agua-pé, rolou-lhe preguiçosa nas verrugas da face.

— Sabe o que mais, senhora Angelica? — disse Escolastica, commovida, e atufando a pitada na fossa anfractuosa da venta direita — sabe o que mais?... vamos *prender* a rapariga.

— Isso será cousa de escrupulo, e eu tenho medo que Deus me castigue.

— Agora castiga... Ha de ensinar ao seu irmão esta oração: «*São Marcos te marque, São Manso te amanse, os quatro Evan-*

gelistas te batam á porta do teu coração, Santissima Trindade te confirme na minha vontade, para que nem na cama, nem na mesa, nem no lar, sem mim, não possas estar, rir e falar, e já, e já, e já com todo o pacto.— Esta oração ha de seu irmão dizê-la, e quando disser *com todo o pacto* ha de dar tres vezes com o pé direito no chão. Passados nove dias, em que eu hei de rezar a novena das almas, e ouvir as vozes, appareça vocemecê por cá, e veremos se é preciso trazer roupa d'ella para a defumarmos nos quatro cantos com o fogareiro de São Cypriano».

Camillo Castello Branco, *A Filha do Arcediago*,
pp. 19 e 22.

VII

Das festas que houve na villa de Vianna em maio de 1609,
pela trasladação dos restos mortaes de D. Frei Bartholomeu dos Martyres

(Excerptos)

Folias.— «E porque não ouvesse silencio, que he enemigo de alegria, avia nas praças principaes, & polos postos mais publicos da villa diversos ternos de charamellas & muytas trombetas & atabales: & polas ruas corrião a hũa parte luzidas encamizadas, & avia muytas carreyras: por outra soavão alegres follias, musica popular e rispida, que descanta com atambor, & entoa ao som de instrumentos grosseiros, mas pera gente junta e de terreiro he bem festival».

Jogos de cannas.— «Ficou a manham grande ao Povo. Não na quizerão perder, os que o querião alegrar. Deu logo vista pola villa hũa grande quadrilha de cavaleyros vestidos à Mourisca de ricas marlotas, varias nas sedas, nas cores, & nos feitios, sobre camisas Mouriscas lavradas de muyto aljofre, & lançados encima fermosos terçados de prata. As marlotas semeadas de peças d'ouro, & as toucas, de pedraria que se fazia bem conhecer com a luz & reverberação do Sol. Hião de dous em dous com muytos cavallos a destro diante, que levavão lacayos bem apessoados, vestidos tambem à Mourisca de grandes pelotões de diversas cores lustrosos & bem guarnecidos. Era vista que levava os olhos cada cavallo por sy, sendo todos de preço, a riqueza de jaezes, de mochillas, & caparazões bordados d'ouro, & aljofre, a diffe-

rença de nominas, & cordões, & boçaes de prata, as invenções de ouro & prata que se mostravão em freyos, & cabeçadas, em estribeiras, & esporas que parecia levarem junto todo o melhor que disto avia no reyno. Alegrava, & era espectaculo particular o brio, & soberba dos cavallos que fazia persuadir a quem os olhava, que se entendião, & hião vangloriando nos arreyos, & em serem quasi a melhor parte daquella festa. Nesta ordem forão fazer reverencia à porta principal da nossa Igreja, & dali passarão ao campo que atraz dissemos, que fica entre o Convento & a hermita de Nossa Senhora da Penha, o qual estava já cercado de hum grande quadro de palanques que fazião fermosa vista em paramentos de seda & infinidade de gente que não occupava só os palanques, mas enchia a praça, que ficou muy capaz. Assi como hião entrando, forão passando a carreira todos: logo só dividirão em duas quadrilhas ficando Capitão de hũa Francisco Pereira de Britiandos de illustre & antigo sangue Portuguez: & da outra Dom Gonçallo Correa Sottomayor, fidalgo de Galiza, que com a nobreza da geração ajuntava gentil disposição de pessoa: & começarão hum jogo de canas muy quente & apresurado, & com tanto ar, & concerto & destreza jugado, que sem se enxergar descuydo, nem aver desastre, ou perigo durou hum grande espaço. E sendo despartidos ficàrão escaramuçando, & acabàrão correndo outras carreiras, que parecião incansaveis, porque mudando muytos cavallos que sintião o trabalho, elles sòs mostravão que então começavão».

.....

Invenções e danças. — «Começou a sahir a Procissão por esta ordem. Hião diante alguns ternós de trombetas & hum de charamellas tocando a miude, & apoz elles ordenadamente toda a diversidade de invenções que communmente acompanhão nas cidades & villas mayores as procissões de Corpus Christi, que estão repartidas pelos officios mecanicos. Logo seguirão hum numero grande de danças que tomavão grande espaço de terra, & todas tinhão muyto que ver por riqueza de vestidos & joyas de ouro e pedraria, & por variedade da invenção de cada hũa, & dos instrumentos a que dançavão».

.....

A Figura da Fama. — «No couce de todas caminhava com passo vagaroso hum grande & gentil mancebo sobre hum poderoso cavallo ruço pombo, ricamente ajaezado, vestia ao antigo hũas rou-

pas largas de hũa seda acatasolada que fazia varias cores com bordaduras de ouro: na cabeça hum grande turbante com muytas joyas de pedraria bem postas: na mão direita em hũa comprida haste um grande guião de seda branca franjada douro, & nelle bordado o escudo das armas & devisa da Ordem de São Domingos, atravessado de hũa Cruz florida das mesmas cores, & semeada por elle & polas orlas muitas estrellas, hũas brancas em campo negro, outra ao revez: & outras, meadas de branco & preto com os campos igualmente revezados. Parecia esta figura ser representação da Fama, porque hia toda cercada de azas, hũas muyto estendidas que lhe sahião das espaldas, outras curtas na cabeça, & nos pés, todas variadas de diversidade de cores, prometendo celebrar com seus effeitos esta festa, & divulgar a devação & grandeza della por todos os fins da terra: o que dava a entender tocando de quando em quando hũa trombeta bastarda que na haste do guião levava atravessada».

.....

Bandeiras dos officios. — «Seguião a Fama todas as bandeiras dos officios mecanicos, acompanhadas dos officiaes delles vestidos de festa, & enfeitados com seus castellos & insignias nas mãos guarnecidas de muytos pendões entre ramalhetes & flores».

.....

Follias. — «Por este espaço que tomavão as bandeiras, & cruzes, corrião muytas follias que alegravão & espertavão com estrondo dos instrumentos & das vozes & bayles».

.....

Figuras. — «Era a ultima Cruz a da Igreja Matriz, & logo a pouca distancia della caminhava com passo grave hum autorizado velho vestido a uso antigo dos Hebreus: & na companhia mostrava ser Loth sobrinho de Abrahão, porque o acompanhavão duas donzellas muyto moças & de bom parecer, & quanto podia ser louças no trajo Hebreu, levadas cada hũa de mão por um Anjo. Detraz seguião dous feyos monstros do inferno carregado cada hum com hũa temerosa maquina que representava em torres muralha & baluartes hũa populosa cidade, & erão feitas por tal artificio que cada hũa tomava toda a rua, & parecia intoleravel carga para hũa só pessoa: assi davão muito espanto com a grandeza & feitio, & com outro artificio que era irem lançando de sy espesso fumo negro & medonho & nelle envoltas muytas faiscas

de fogo, & a espaços labaredas vivas & azuladas de enxofre, que causavão pavor, & mostravão ser as que abrazarão as infames cidades naquellas maquinas representadas. Seguia com algũa distancia hum grande & veneravel velho de fermosas & alvas cãs, acompanhado de hum moço de rosto varonil & boa disposição & de dous que parecião criados: os trajos do velho e do moço semelhantes ao de Loth no feitio, mas aventajados em preço & lustre. Mostravão no geito, & nos instrumentos que levavão, ser figuras de Abrahão & de seu filho Isac significando o caminho que fizerão pay & filho ao monte pera o sacrificio mandado, & não executado, mas trocado em outro».

.....

Invenções de danças.— «Daqui tornarão a correr peças de festa, que parecerão melhor com a differença das passadas: entrarão dous fermosos andores em que vinhão num S. Iacinto, noutro S. Gonçalo... Entre hum & outro alegravão os olhos & as orelhas quatro curiosas invenções de danças. Hũa de tres Cirnes quanto podia ser bem arremedados & vistosos, que dançavão com tres donzellas muyto louças. Outra de tres Ninfas vestidas de modo que os antigos pintavão as dos bosques, que chama a poesia Oreades. Hũas & outras dançavão por excellencia, & estas juntavão à estranheza do habito vozes suavissimas, com que hião cantando ao som de instrumentos bem acordados que levavão nas mãos. As outras duas erão hũa de mininos iguaes todos de corpo & bom parecer vestidos à Mourisca muyto destros & ligeiros que parecia muyto bem: a outra de Siganas que só tinha novidade na variedade & graça de custosos vestidos, & na riqueza de cadeas & outras peças de ouro que ajuntarão sobre suas grandes trunfas».

.....

Representações.— «A lugares, onde avia largueza de sitio, estavam a ponto representaçoens devotas de figuras vivas, que alegrarão os ouvintes com a sustancia de boa poesia, & com a graça da pronunciação. Em outras partes ouve passos ao Divino, mudos pera fazer differença, mas tambem figurados que no silencio dizião muyto. Acompanhavãose com altares por estremo bem ornados. Por todas as ruas se sentião suavissimos perfumes de todas as composiçoens, & cheyros, que a India cria».

Frei Luis de Sousa, *Vida de D. Fr. Bertolameu dos Martyres*, tomo II, pp. 420-441.

VIII

Amuletos (Seculo XVIII)

O olho de vibora. A unha da grã-besta

.....

«*Criada.*— Tanto me sinto namorada de suas prendas, que para sinal do meu amor, aqui lhe dou a deste annél, que tinha na mayor estimação, porque mo deu hum Clerigo meu conhecido, que por sinal ficou sem elle.

Escrevente.— Não descubramos as faltas do nosso proximo: fallemos no que nos importa: e que pedra he esta, que tem no meyo?

Criada.— Não he pedra; he hum olho de vibora, que serve para muita cousa.

Escrevente.— E o que para mais me servirá, daqui em diante, será para testemunha, de que V. m. me poz os olhos; e amor, que chega a dar o filho, ainda que esteja como uma vibora, não poderá dar olhado; pois este olho me preserva de todo o ar, que não seja o ar da sua graça. Mas, Senhora, já que eu tenho mãos de harpía para pegar nestes mimos, desejara nesta occasião ter unhas de grã besta, para remunerar estas offertas; porque me dizem, que tambem tem huma virtude nunca vista para huns achaques, que nunca se entendem».

.....

Governo do Mundo em secco, pelo Dr. Manuel Joseph de Paiva, tomo 1, fl. 71.

IX

Serração da Velha

«A nossa estampa figura a serração de uma velha encerrada em um cortiço. Que terrivel execução será esta?! Que horrendo crime commetteria a triste velha, para soffrer tão cruel castigo? Será porventura alguma bruxa, alguma endemoninhada feiticeira, que o terrivel tribunal da inquisição castigue?! A nossa sensibilidade exige o exame.

Por este conhecemos que nenhum susto ha, pois que tudo é illusão — e que o engano substituiu felizmente a realidade. É hoje o dia quarta feira, que serra a quaresma pelo meio — e eis a allusão da velha.

Este costume, talvez ainda anterior á muito celebrada era dos Affonsinos, da *serração da velha*, esteve já em grande voga, de que ainda hoje temos muitos vestigios. Em que epoca ella nasceu não o sabemos, pelas pequenas noções que temos d'aquella era.

Sabemos, porem, que em a noite da sobredita quarta feira se faz esta ridicula festança, sendo em muitas partes levada uma velha, ou boneco que a figure, ás costas de gallegos lorpas, ha pouco vindos da sua terrinha, que, cubiçosos de ver a novidade,



carregam voluntarios com o peso, para depois serem, com outros que levam escadas, bancos e tamboretas, apupados com grande surriada.

Sabemos que uma alluvião de gaiatos acompanha o cortiço com estrondosa gritaria, e tocando musica, capaz de espantar quantos lobos ha, ao destemperado som de todos os chocalhos, tachos e caldeirões velhos que puderam encontrar.

Sabemos tambem que a velha é um symbolo da quaresma, e neste symbolo encontramos um solido fundamento, que nos mostra que o jejum, a que os fieis são obrigados neste sagrado tempo, sobe á mais remota antiguidade; podendo justamente affirmar-se que, se não é de instituição divina, pelo menos é de instituição apostolica, porque os mais antigos concilios e os santos padres proximos áquelle tempo, já muito o elogiam e recommendam, sem que notem quando foi a sua instituição.

A serração da velha raras vezes se celebra entre nós, na epoca presente; porem, quando isso tem logar, é sempre acompanhada de danças, sem, comtudo, excluïrem alguns figurões caricatos, como os que representa a nossa gravura, apesar de contar avultada porção de idade.

Ainda ha poucos annos se distinguïam nesta diversão os operarios da cordoaria, que percorriam a capital a pé, a cavallo, e em carros vistosamente preparados, precedidos de uma banda de musica, dançando na frente das moradas das pessoas de alta categoria, e mesmo do paço dos nossos reis.

Estes, bem como quasi todos os nossos costumes patriarchaes, estão inteiramente esquecidos».

Jardim Litterario. Semanario de instrucção e recreio; n.º 14, Lisboa 1848. — Sobre a origem d'este costume, vid. Adolfo Coelho, *Renascença*, Porto 1878, p. 10.

X

Encantos amatorios

«Imaginarão nossos Avós hum erro, que em algumas partes tem chegado aos nossos dias, crerão pois, que havia meios seguros para obrigar a huma pessoa que amasse. Estes meios empregavão-se de duas sortes, e tinham dois nomes. Huns erão encantos, e outros feitiços. Os primeiros pedião muito apparato. Armava-se hum altar ornado á roda de hum frontal. Queimava-se nelle incenso macho, e outros perfumes. A huma pequena estatua de cêra, que se punha sobre o Altar, se pegavão seis pontas de fita de tres côres diversas, e fazendo andar a figura tres vezes á roda do mesmo altar, se davão tres nós em duas pontas de fita, que tivessem a mesma côr, dizendo-se que se davão nós no Amor. O numero de tres foi sempre muito válido nesta casta de parvoïces. Além desta figura havia outra de barro, e no tempo que com o fogo se endurecia huma, e se derretia a outra, conjurava-se o objecto amado, para que sentis-se as mesmas alterações, endurecendo-se para todos os outros, e derretendo-se, ou pelo encantador, ou pela pessoa, por cuja intenção se praticava o encanto. Punha-se sobre o altar huma torta. Queimava-se louro com certos betumes odoríferos, e dizia-se, que o Amante ardia no mesmo incendio, em que aquellas materias se inflammavão. Finalmente tirando-se as cinzas do altar, as lançava o Amante em hum rio,

atirando com ellas para traz das costas, sem que nesta acção se voltasse, pertendendo-se, que estas cinzas erão as que fazião maior effeito nas victorias dos corações rebeldes. Quando a cinza se accendia por si mesma sobre o altar, era hum sinal infalivel de bom successo do encanto. Todas estas ceremonias se acompanhão de hum formulario de preces, muitas vezes repetidas, com as quaes se pedia a ternura do objecto por quem ellas se fazião».

.....

As Variedades, periodico do anno de 1802, Lisboa;
n.º IV, p. 40.

XI

Apodo geographico

Os naturaes de Friellas parece que se zangavam antigamente quando lhes perguntavam «se conheciam o Padre Julião». É o que se depreheende d'este dialogo, da comedia de Antonio Joaquim de Carvalho, *A Ribeira do Peixe*:

«*Olaia*.—Eu não nasci em Matta, nasci em Friellas.

Pascoal.—Em Friellas! Por isso Vm.^{co} logo me cheirou a mantéo, botas e camarões formosos.

Olaia.—Eu nunca fui Frialeira de venda, que se o fora, dava-lhe c'uma bota n'alma.

Pascoal.—Diga-me, *conheceu lá o Padre Julião?*

Olaia.—Conheci lá uma groza de Diabos que o levem. (*Vai-se irada*)».

XII

Trova popularizada

No volume II d'esta *Revista*, p. 343, procurei demonstrar que não era popular, mas sim popularizada, a conhecida trova:

No ventre da Virgem bella
Encarnou Jesus por graça,
Entrou e saiu por ella
Como o sol pela vidraça.

Hoje vou provar que, se não a trova, ao menos a tão brilhante interpretação da virgindade immaculada de Maria, pertence ao Padre Manuel Bernardes. Na obra do insigne oratoriano, *Pam partido em pequeninos*, tomo 1, § 5.º, p. 33, lê-se:

«E Christo nosso Salvador ao sahir da clausura do Sagrado ventre da Senhora, não necessitava de que as portas della se abrissem: sahio assim como o rayo do Sol penetra a vidraça, sem esta se quebrar, nem abrir, antes ficando mais fermosa e resplandecente».

XIII

Pregões lisbonenses

1) Na *Collecção de obras dramaticas*, de Antonio Joaquim de Carvalho (Lisboa, na Impressão Regia, 1813), ha referencias a varios pregões lisbonenses. Eis algumas d'essas referencias, que veem na comedia *A Ribeira do Peixe ou a Peixeira virtuosa*:

A p. 10:

A Scena deve representar a Ribeira Nova... Se houver comodo esteja entre os Bastidores huma Preta com celha de mexilhões, limpando-os. Tambem podem apparecer de passagem hum Maltez apregoando alfeloá, e jarzelim, e hum vendedor de agoa, com bilha e copo, apregoando, e outro apregoando sigarros.

A p. 16:

Damaçia (regateira).— Quem quer Pescadas do alto? (*Em alta voz de pregão*).

Andreza (regateira).— Quem quer Gorazes saltando. (*O mesmo*).

Pantaleóa (regateira).— Ora Chixarros, Chixarros. (*O mesmo*).

A p. 18:

Andreza.— Quem quer gorazes doirados? (*Pregoando*).

Damaçia.— Quem quer Chixarros para açar, ó Freguezes. (*O mesmo*).

A p. 23:

Andreza.— Ora Pescadas, Pescadas. (*Pregoando*).

Damaçia.— Quem quer bom e barato.

Andreza.— Ó Freguezes, quem quer peixe de manteiga.

A p. 107:

Albertino.— Sim: eu quero servir o Amor, eu quero ser moço de cego: eu gritarei: «Folhinhas novas para este anno que vem, e Reportorios». (*Gritando*).

2) No tomo II da obra *Poemas Lyricos de hum natural de Lisboa* encontra-se, a p. 159, a seguinte referencia aos pregões de Lisboa, no ultimo quartel do seculo XVIII:

«A modo que aborreço já a Côrte.
.....
.....
«Que direi do tropel das carruagens?
Do nocturno pregão do vil Gallego?
Do Marujo servil, que anda com peixe?
Do çujo Carvoeiro, da choquenta
Vendedora de tripas emmólhadas?
Há pregão pelas ruas mais temivel,
Que o urro bronco de selvagem fera».

XIV

As taboinhas das almas

«Houve em Lisboa (nos fins do seculo XVI) um pintor de pouco vulto, chamado Luiz Alvres de Andrade. Era tão lembrado das almas do purgatorio, que lhe attribuem a invenção de as haver representado com as mãos postas entre chammas, fazendo grande numero d'estas pinturas em taboinhas, com o pedido de um P. N. e uma A. M. pelas almas, e mandou pendurar estes paineis em todos os logares e praças publicas do reino. E parece que isto durou muito tempo antes de passar para os azulejos, porquanto nos lembra ter lido n'algum dos nossos escriptores antigos, assim em ar de comparação proverbial—*raço como uma taboinha das almas*».

A. da Silva Tullio, na *Revista Universal Lisbonense*, tomo III, p. 337.

XV

Comparações populares alemtejanas

Depois de eu haver publicado em folheto (da *Collecção de Silva Vieira*, Esposende 1892) setecentas comparações populares alemtejanas, recolhi as que passo a dar á estampa:

1. Ajoujado como cão de caça.
2. Amarello como a epidemia.
3. Aos pares como os frades.
4. Assim esperem as lebres, como eu espero.
5. Azul e verde, que é como ranho em parede.
6. Bom como trigo de Prioste.
7. Calado como um melão (*ironica*).
8. Carrega como um macho beirão.
9. Chato como um kágado.
10. Cheio como um ouriço.
11. Chora como carranca de chafariz.
- 12-14. Come como sarna; — como um passarinho; — como uma abibe.
- 15-20. Como Pilatos no Credo; — como torto em travessa; — como ovelha entre lobos; como quem come gallinha; — como quem quer couves; — como passinhos de anjo em procissão.
21. Contento como gato com sardinha.
22. Duro como um seixo.
23. É como os alcatruzes, uns para baixo, outros para cima.
24. É como o alforge do Remoacho, entra por cima e sae por baixo.
25. É como o cura de Povos, lá os faz, lá os baptiza.
26. É como o enxoval do careca, tudo se foi em toucas.
27. É como o gato de Portalegre, que ficou com o dinheiro e tornou a pelle.
28. É como S. Benedito, não come, não bebe, e anda gordito.
29. É como o santo milagroso, faz mais do que lhe pedem.
30. É como a tia Annica, quanto mais se lava, mais bonita fica.
31. É do tempo das adagas.

32. Entende tanto d'isto, como eu de lagar de azeite.
33. Esperto como um defunto (*ironica*).
34. Está como o rato na palha.
35. Estourou como uma peça.
36. Faltou como um negro.
37. Faz mais estragos que uma toupeira numa horta.
- 38-39. Firme como banco de ferrador;—como lan de kagado (*ironica*).
40. Foge como da peste.
- 41-42. Forte como bronze;—como Samsão.
43. Gasta-se como canella.
- 44-45. Gordo como um Bertholdo;—como um tonel.
46. Ha mais dias do que *lingoariças*.
47. Honrada como as estrellas.
48. Importa-se-me tanto d'isso como da primeira camisa que vesti.
49. Ligeiro como uma seta.
- 50-51. Magro como um caniço;—como um espeto.
52. Maior que a roda de um carro.
- 53-54. Mais alto que a torre da igreja;—do que a torre da Sé.
55. Mais bom que ó quem sabe.
56. Mais bonita que a rainha.
57. Mais bruto que um soldado.
58. Mais conhecido que gato ruivo.
- 59-62. Mais velho que a Sé de Braga;—que a arruda;—que andar a pé;—que a sarna.
63. Manso como um borrego.
- 64-67. Mente como um judeu;—como um sapateiro;—como um lacaio;—como um pagão.
68. Mudo como um peixe.
- 69-71. Não vale um tremço;—dois caracoes;—uma ponta de cigarro.
72. Necessita d'isso, como de pão para a boca.
73. Recolhida como uma freira.
74. Resona como um porco.
75. Rijo como canellos velhos.
- 76-76. Sahe mais que as cobras;—que o que lhe ensinaram.
78. Sêco como um carapau.
79. Tão bom é o diabo como sua mãe.
80. Tão certo como chover albardas (*ironica*).
81. Tem mais manha que sete raposas.
82. Tem mais tretas do que letras.

83. Tem mais chagas que um burro chamisseiro.
84. Tem mais saber que a justiça de Veiros.
85. Tanto como a grossura de um bacalhau.
86. Tornará como o Maio por Lagos.
- 87-89. Trabalha como um mouro;—como um negro;—como um macho.
90. Traidor como Judas.
91. Triste como um adro.
92. Tratou-o como um cão.
93. Vale mais que o rei.
94. Vale tanto como nada.
95. Ufano como um gallo.
96. Vae-se como cesto roto.
97. Veremos... como dizia o cego.
98. Vermelho como um bretão.
99. Vira-se como a folha do alamo.
100. Vivo como azougue.

XVI

Crenças e superstições alemtojanas

A erysipela tem tres dias para *entrar*, tres dias para *estar* e tres dias para *secar*.

O doente da erysipela não deve ver-se ao espelho, porque o aço d'este faz mal á doença. Se houver espelhos no quarto do doente, devem voltar-se para a parede ou cobrir-se com um pano.

É crença que no dia de Santa Catharina (25 de novembro), ou no dia de Santa Barbara (4 de dezembro), ou no dia de Santa Luzia (13 de dezembro), ha de haver chuva ou nebrina.

É crença que, contra o diabo, é bom rezarem-se cem Ave-Marias no dia da Senhora da Encarnação, e terminar com estes versos:

Ao valle de Josaphat irás,
E a minh'alma encontrarás,
E desta sorte lhe dirás:
Arreda de mim, Satanaz,
C'o a minh'alma não arremetterás,
Que eu em dia de Santa Maria de Março
Cem Ave-Marias rezei,
Cem vezes me ajoelhei,
Cem vezes me alevantei,
Cem vezes me persignei,
E cem vezes disse Amen.

A envide deve deixar-se maior á criança do sexo masculino, do que á criança do sexo feminino.

Fica mal baptizada a criança, se o padrinho e a madrinha são namorados ao tempo do baptismo.

Se a criança chorar ao receber a agua do baptismo, ha de ser feliz na vida.

As crianças ao morrerem vão directamente para o ceu, onde pedem, primeiro pelos padrinhos e depois pelos paes.

Não se deve tocar com os dedos nos bocadinhos de *pedra d'era*, que se mettem em bolsinhas e se dependuram do pescoço das crianças, porque perdem essas pedrinhas a virtude que teem; deve-se pegar nellas com um papelinho.

Contra *as luadas*, dependuram ao pescoço das crianças uma bolsinha contendo uma pequena cruz feita de pau da aroeira. Uma referencia a esta superstição (recolhida em Elvas):

Dêxáste morrer o tẽ filho da lua,
C'o pau d'aroêra na rua !

Um pedacinho de pelle de cobra, mettido no livro do estudo, faz com que se não esqueça a lição.

É mau, depois do casamento, voltando da igreja, encontrar-se um enterro, e deve-se tomar logo por outra rua.

Quem dorme á luz da lua, acorda com cara de negra.

No dia de quinta feira da Ascensão alguns lavradores distribuem aos pobres leite de cabras, para não dar a sarna na cabrada.

O suor de pés não deve *tirar-se*, porque é sinal de saude.

Contra a sarna é bom, na segunda feira da Paschoela, ir a qualquer ribeira a *passar as aguas*.

XVII

S. Gonçalo de Amarante

«No dia 10 de janeiro, em que se celebra a festa de S. Gonçalo d'Amarante, costumavão os officios de latoeiro e corrieiro da cidade do Porto fazer huma grande festividade áquelle santo, que era o seu orago, na igreja da Sé da mesma cidade. Depois da festa, e de tarde formava-se hum leilão de fogaças e outros objectos fóra da porta principal, a que concorria immensa multidão de gente. Então as raparigas solteiras, e as viúvas que pretendião

noivo, entravão em grandes ranchos pela igreja dentro, e em frente do altar do santo se punhão a dançar e a cantar todas em côro:

Casai-me, casai-me,
São Gonçálinho,
Que hei de resar-vos,
Amigo santinho.

E isto se passava dentro da igreja cathedral de huma cidade populosa e civilisada; e o consentião o bispo e o cabido!

Mas se na igreja cathedral se dava em expectaculo público scena tão indecente, na de S. Domingos a mesma se dava indecentissima, por que a esta igreja concorrião todas as regateiras, principalmente as da Ribeira, e outras mulheres da mais baixa qualidade. As danças e as cantigas erão as mesmas; porém tal era a descompostura das acções, e a algazarra das vozes e alaridos, que as acompanhavão, que por indecorosas se terião no meio de hum arraial, quanto mais dentro de hum templo sagrado!

A tal ponto chegou o escandalo destas scenas vergonhosas, que por fim foi prohibida a abertura da igreja depois da festa da manhã!»

O Archivo Popular. Semanario Pintoresco; n.º 6, de sabbado 8 de feveiro de 1840.

XVIII

Exorcismos

«No dia 3 de Março passava-se huma cerimonia assaz ridicula na igreja de S. Bento da cidade do Porto. No altar collateral da direita, de hora em hora, estava hum frade rezando os exorcismos e orações de levantamento da excommunhão; no fim das quaes sahia pela igreja abaixo batendo com humas varinhas de marmelleiro presas na extremidade de huma comprida canna, em as pessoas, que de joelhos querião receber esta cerimonia. E como quasi sempre os frades se demandassem hum pouco, deo isso logar a algumas scenas indecentes, sendo por fim necessario ir huma guarda de policia para a igreja, pois os frades não quizerão nunca quebrar por si, deixando de fazer a cerimonia».

Ibidem. N.º 11, de sabbado 14 de março de 1840.

XIX

Usos antigos nos casamentos em Portugal

«Nos casamentos usavão as antigas mulheres portuguezas, principalmente as da provincia do Minho, não sahirem da casa de seus pais para a de seus esposos, senão como violentadas: os seus parentes fazião a cerimonia de puxarem por ella para fóra da porta arrebatadamente, e indo no meio de dois padrinhos, adiantava-se a toda a comitiva hum moço, que levava a roca cheia de linho, e o fuso. No tempo de João de Barros, que floreceo pelos annos de 1549, ainda permanecia quasi geral este costume; porque a noiva, quando sahia da casa de seus pais, diz elle na descripção do Minho, chorava muito, dando assim a entender saudosa, que se apartava da sua companhia contra vontade. Tambem costumavão, quando sabião que alguma moça estava contratada para casar, juntarem-se as visinhas e parentas d'ella, e fiarem á porfia hum noite até pela manhã, a que chamavão o serão da noiva, e assim chegavão a fiar muitas varas de panno para o seu enxoval. Desta sorte ajudavão huns aos outros para o dote das filhas, e no dia da boda fazião grandes festas e banquetes».

Ibidem. N.º 42, de sabbado 19 de outubro de 1839.

XX

Capa-rôta

«Presenceei, ha dias, um facto, que me encheu de completa indignação.

Era um pobre homem, rodeado da immensa *phalange gaiata*, que o insultava e apupava sem dó, nem consciencia; no meio de uma rua das mais publicas d'esta cidade; sem que o infeliz pudesse desembaraçar-se dos phariseos, que o rodeavam.

Uns puxavam-lhe pelas abas da casaca; outros o fustigavam com varas; outros vedavam-lhe a passagem; e outros, finalmente, o insultavam com o grito de *capa-rôta*.

Já os meus leitores provavelmente adivinharam que este pobre homem havia sido padrinho de um recém-nascido.

É verdade. Pessimo e antigo costume é, na cidade de Elvas, cercar o *exercito do pé descalço* o padrinho do baptisado, pedin-

do-lhe á má cara amendoas ou dinheiro. Se elle não satisfaz immediatamente ao tão *justo* pedido, pode preparar-se para ouvir palavras indecentes, e os gritos de *capa-róta*.

Nem só nos baptisados se dá caso tão vergonhoso; nas vodas também succede o mesmo.

Quando os noivos acabam de ser ligados pelo indissolúvel nó matrimonial, no seu transito para casa sentem a tal *cohorte* em redor de si.

Peço, pois, a quem competir, em nome de todos os elvenses, se digne reprimir taes abusos, que notavelmente offendem a decencia e moral publica».

O Tirocinio Litterario, periodico elvense; n.º 4, de 15 de dezembro de 1860.

XXI

Taboa de abusos que se achou á Mãe do velho de Romulares

Sonhar com carne de porco.....	Sinal de morte.
Sonhar com ouro.....	São fezes.
Sonhar com uvas brancas.....	São lagrimas.
Sonhar com uvas pretas.....	São cartas.
Sonhar com ovos.....	São mexericos.
Sonhar que cahio um dente.....	Que morre parente.
Sonhar com pretos, e touros.....	He casamento.
Sonhar com peixe fresco.....	He banquete.
Sonhar com aves.....	São penas.
Sonhar com dinheiro.....	He ter hospedes.
Sonhar que pessoa viva está morta	He sinal de vida.
Sonhar com carvão.....	He ter dinheirò.

Almocreve de Petas, parte XLVI, de 1 de março de 1798.

XXII

Continuação dos ridiculos abusos, com que foi criada a Mãe do velho de Romulares, pelas velhas do seu tempo

Agouros por cousas inesperadas

Morar em casas de canto.....	Infelicidades.
Em casas de esquina.....	Fortuna.
Quando a candêa faz morrão.....	Sinal de vento.

Quando a luz espirra	Vem dinheiro a casa.
Quando o bocado cahe da boca	Alguem quer fallar e não pode.
Vidro estalado	Má noticia.
Vinho entornado na meza	Sinal de alegria.
Azeite entornado	Sinal de tristeza para o dono.
Pão que tem tocas por dentro	Tem a alma da padeira.
Mulher e marido do mesmo nome..	Não se logrão.
Nascer implicado	Sinal de ditoso.

Agouros pelos sinaes do corpo

Ter bico de cabelo na testa	Ha de ser viuvo.
Chave de mão larga	Ha de ser liberal.
Orelha pegada	Ha de ser rico.
Altura grande do nariz ao beiço....	Ha de chegar á velhice.
Unha com pinta vermelha	Sinal de mentira.
Dentes ralos	Sinal de chocalheiro.

Agouros por animaes

Pulga na palma da mão esquerda...	Está alguem a dizer mal.
Dita na palma da mão direita	Está alguem a dizer bem.
Cantar a coruja defronte da janella	Morte de noute.
Quando os gatos arranhão a esquina da porta	He presente.
Quando entra em casa bisouro loiro	Traz ouro.
Quando entra bisouro negro	Mão agouro.
Quando entra mosca varegeira	Presentes de carnes.
Rato atravessando o caminho	Sinal de desgraça.
Cão a uivar	Doença em quem ouve.
Gallo que canta fora de horas	Sinal infausto, e he comido com arroz ao outro dia.
Porco morto em minguate	Encolhe na panella.
Gatos brincando	Vento Nordeste.
Passaros catando-se	Sinal d'agoa.
Espirros de bode	Sinal de bom tempo.
Matar andorinhas	Perde a fortuna.
Matar cobra	Tudo vai para traz.
Crear pombos, e deixar de os crear	Pobreza na casa.
Mão que mata toupeira	Tira dores.

Pulga em fato novo.....	Ha de seo dono rompello.
Piolho em fato novo.....	Não se logra seu dono delle.
Borboleta na luz.....	Boas novas.

Agouros pelas acções

Comer tromba de porco.....	Faz quebrar a louça.
Queimar papeis.....	Molhar a cama.
Cortar unhas á noite.....	Gasta a vista.
Beber agua de noute, sem a bater bem primeiro, porque está dor- mindo.....	Faz dores.
Beber a espuma do vinho.....	Faz flatos.
Vestir, ou calçar do avesso.....	São dadivas.
Saltar por cima.....	Enguiça.
Espada á cabeceira.....	Livra de bruxas.
Calções sobre a massa.....	Alevéda.
Fallar só.....	He fallar com o Demo.
Quem balha com a sombra.....	Nunca casa.
Dar soluços, quando se falla em alguém	Morre cedo em quem se falla.
Beber agoa juntamente com outro..	Sinal de ser compadre.
Comer canto.....	He para casar cedo.
Entornar sal.....	Sinal de bulhas.
Espada dada por mulher.....	Pendencia na rua.
Dar agulhas.....	Inimizades.
Dar contas.....	Apartamentos.
Dar lenços.....	Despedida.
Dar alfinetes.....	São amores.
Dar maçã partida.....	Discordia.
Dar maçã inteira.....	Amizade.
Quem dá, e toma.....	Nasce-lhe huma corcova.

*Almocreve de Petas. partes XLVII a XLIX, de 9, 21 e 26 de
março de 1798.*

XXII

As rendeiras de Peniche

«Duas feições peculiares caracterizam a habitação das rendeiras, como succede em quasi todas as casas, que servem de campo a essa batalha incessante travada entre o trabalho improbo das

obreiras e a pobreza, vencida n'um dia, e revivendo n'outro mais acerba e mais ameaçadora para a peleja. Essas duas feições, residem nos utensilios do trabalho, e nos symbolos da devoção. A um lado os instrumentos d'este martyrio prolongado, que se chama trabalho, que extingue pouco a pouco a vida sob color de a conservar. Ao outro lado os symbolos da esperança e da fé, a consolação religiosa fallando ao coração pela linguagem das fórmulas em que a arte representa grosseiramente a figura humana de Christo, e debuxou o rosto piedoso e resignado dos seus bemaventurados. D'um lado os tratos do corpo, do outro a luz que irradia do ceo sobre a alma. A um lado a vida real, a vida das tribulações: do outro a existencia ideal, a poesia divina que o povo sabe comprehender entre todas as poesias — a religião.

Defronte da porta que dá entrada para o sanctuario das rendas, abre-se uma janella soffrivelmente rasgada, que inunda a casa de luz, e desenha n'um fundo longinquo o mar, quasi sempre encrespado, sobre que deslisam, ou se debatem, ao sabor dos ventos, as embarcações dos pescadores. Á parte esquerda da janella ha uma commoda que tem atravessado tres gerações, e que parece ensoberbecer-se ainda com a robustez de sua fabrica, e com o brilho especular que as rendeiras lhe mantem, a custo de grandes esforços, e de muita cera dispendida. Esta commoda é o pedestal dos «Lares» da casa, é o repositorio commum de todos os utensilios que não estão em actividade, é o museu de todas as antigualhas, uma especie de *terceira secção*, onde se acham dispostos com certa anarchia os elementos do modesto peculio das rendeiras. Vê-se alli um luzidio candieiro de latão desafiar com bisarria, os mais aristocraticos candelabros, e surrir quasi de piedade, na sua sufficiencia de velho, diante de todas as modernas invenções dos Carcel, e dos Argant. Armado de todas as suas peças, pendentes de brilhantissimos e aceados grilhões de arame, pousado gravemente sobre o seu prato amarello e torneado, tem todo o ar de um soldado antigo, esperando a pé firme o momento do combate. Um d'estes homens imaginosos a quem os *diabos azues* da phantasia fazem ver um novo mundo a transparecer por detráz da realidade, não hesitaria em achar uma physionomia, uma animação qualquer no candieiro velho, mas remocado, com os seus tres bicos symetricos, e a sua larga bandeira, empunhada com o escudo de um cataphracte da meia idade. Um tal excentrico leria no candieiro modesto, o orgulho que elle sente em presidir ás laboriosas vigílias do trabalho, e não duvidaria asseverar, que o triste candelabro espera com anciedade

o momento de ver—como um irmão novamente iniciado nos segredos de Hiram—*a verdadeira luz*.

À direita da janella está a «repartição dos cultos» como diria um estadista, usando da frase administrativa consagrada para indicar que nem o ceo escapa ao furor ministerial, e ás invenções constitucionaes dos tempos modernos. Em termos correntes, diremos que é alli o «oratorio da familia». É a parte onde recendem as melhores flores da primavera, onde aos sabbados arde mais duradoura a alampada consagrada. Este pequeno templo, sem atrio, sem naves, sem pilares, e sem cupula, reduz-se a uma parede branqueada, e á taboa polida que serve de supedaneo ás imagens devotas, esculpidas, ou antes modeladas por uma scultura primitiva.

Sobre a commoda, que em dias festivos, se decora com uma toalha de folhos, perfumada em rosmaninho e rosas de cheiro, estão formados em linha de batalha, (sempre as locuções militares—é a tendencia irresistivel do tempo) os tres santos mais queridos da familia. A commoda é, como se vê, uma especie de altar-mór, um posto de honra, um logar de preferencia (*de élite*, diria um d'estes homens que escrevem folhetins francezes com palavras meio-portuguezas) para os santos que bem mereceram da devoção da casa. Ordinariamente nas casinhas pobres, que pela sua humilidade não podem dar quartel a grande numero de santinhos, a piedade christã elege alguns, que como os deputados de um grande povo vem a representar o reino do ceo,—sem que se pareçam nem de leve com os deputados da terra e especialmente da nossa, que representam quasi sempre a antipathia dos seus constituintes, o interesse da sua propria pessoa, e a ponta da bayoneta que os pescou de dentro da urna para os vender a peso ao povo enganado, a rasão de seis cruzados novos por dia e por cada seis arrobas (peso ordinario de um deputado, que começa a merecer o nome de sensato, ordeiro, amigo do throno e do paiz . . . e sobre tudo amigo do vasto abdomen, grangeado a poder de grandes vigalias . . . gastronomicas).

Em Portugal os santos mais votados são S. José, S. Antonio, e S. João Baptista. São os que pousam devotamente sobre a commoda das rendeiras. S. Antonio é o protector nato dos rapazes, e das donzellinhas: o primeiro amigo da infancia, o intercessor mais acreditado (segundo o mais commum sentir da plebe) junto do throno celestial. É á sua sombra que os pequenos fazem a sua primeira concussão e o seu peculato, trocando em *figos* de comadre o que pediram ingenuamente para *cera*, n'uma bandeja for-

rada com seu registo muito historiado do fradinho santo. É com elle que as velhas da casa se apegam nas grandes crizes da patria . . . domestica. Perdeu-se um novellino, sumio-se uma thesourinha. — Ai meu rico sant'Antonio, deparai-m'os! Hi! se ámanhã estará bom dia para o cirio! Uma capa nova ao meu santinho, com suas lantejoulas, e seus canotilhos de oiro, dispostos em engenhosos arabescos! Às vezes, mas raras, sant'Antonio é intimado para entrar em conjurações contra a humanidade, contra o proximo—elle tão caridoso, elle tão fervente sempre no amor dos homens. Uma novena, meu bento capuchinho, se desmanchardes tal casamento, se ajudardes a fazer tal perrice a uma visinha com quem se está mal! E claro que o santo despreza todos estes pedidos de intervenção, e não dá ouvidos a estas preces sacrilegas. Qualquer, porem, que seja o balanço das graças e das recusas do santo, uma boa velha, ou uma donzella christã, não deixa nunca de festejar o seu santinho a 13 de Junho. Nunca o santo Antonio apparece mais garboso, mais cecio, mais perfumado. A capa de gorgorão branco occulta-lhe o saial da tunica. Vidrilhos de todas as côres, e ouropeis todos flammejantes, adornam a seda do manto, que se alarga e entufa, como que repellido pela humildade do santo. Neste dia não ha oiro, nem prata que não saia do seu lugar para ir montar a guarda ao santo. Cordões de oiro, se os ha, enriquecem em redobradas voltas o collo da imagem; e se não, haverá ao menos um vintem furado, que suspender por um fio de missanga ao pescoço do santinho. Tão nobre coisa é ter oiro, que por grande devoção se tem o empresta-lo um dia ao pobrissimo beato. Tão santa coisa (para o mundo) é ser pecunioso, que o povo em dias de festa quasi que faz do santo um banqueiro, um director de companhia, um agiota! É um sacrilegio que o povo commette sinceramente, por devoção!

Um S. José, e um S. João, completam com o santo Antonio a aristocracia «*de vulto*». Atraz delles estão pegados á parede os registos, as laminas, e os paineis, que formam no oratorio familiar quasi que a «segunda plana. . .» do céu. Se eu não tivesse receio de offender por um simile um pouco plebêo a gravidade do assumpto, diria que os santinhos que guarnecem a parede constituem a *patulêa* agiologica da casa ».

L. C. = (Latino Coelho). Da Revista *A Semana*, vol. II
p. 185, anno de 1851.

XXIII

Proverbios populares alemtejanos

Nem tão calvo, que lhe appareçam os miolos.
Casa que não cria, sempre pia.
Falar não enche barriga.
É manha de Portugal, comer e dizer mal.
Meu dinheiro, teu dinheiro, vamos á taberna.
Antes embebedar, do que constipar.
Moço de frade, mandae-o comer, e não que trabalhe.
Por onde peccamos, por ahi pagamos.
Qual é Maria, tal filha cria.
Lagrimas nos olhos, risos no coração.
Mal vae ao passarinho na mão do menino.
Quem quer contas, quer clareza.
Dá-o Deus na eira, tolhe-o Maria na maceira.
Depois de eu comer não faltam colhéres.
Bem está S. Pedro em Roma, se elle tem que coma.
Nem rio sem vau, nem geração sem mau.
A bom mato vindes fazer lenha.
Quem não tem bois, semeia antes ou depois.
Cão que muito lambe tira sangue.
Melhor é fazer agastar um cão, que uma velha.
Assim como fan, fan.
Mais fere a má palavra que a espada bem afiada.
Quem anda com demanda, com o diabo anda.
Frio a valer, trabalhar para aquecer.
O que não traz o mês, traz o anno.
Nem çapateiro sem dentes, nem escudeiro sem parentes.
A mulher que muito bebe, tarde paga o que deve.
No tempo quente, refresca o ventre.
Nunca o castigo tarda a quem o tempo avisa e não se guarda.
Asnos vão a Santarem, se asnos vão, tolos vem.
Quem tem uma quinta, tem uma finta.
Quem nasceu para burro de horta, mal pode chegar a ginete.
Taberna sem gente, pouco vende.
Santa Barbara só é lembrada em occasião de trovada.
Bulham os conegos na Sé, prende-se quem está na praça.
Diz o roto ao nu: porque te não vestes tu?

O menino e o passarinho vão para onde lhe fazem o ninho.
 Quando Deus queria, do pégo ventava, do norte chovia.
 Amores de freira, flores de amendoeira.
 Quando neste valle estou, outro melhor me parece, não é assim
 quando lá vou.
 Deitou-se o preguiçoso, levantou-se o aguçoso e deitou fogo ao
 palheiro.
 Dia de S. Brás a cegonha verás, e se a não virdes, o inverno vem
 atrás.
 Não se me dá que o meu menino tenha mal, dá-se-me da manha
 que lhe ha de ficar.
 Semear sem estrumar, não é semear.
 A preguiça morreu á sêde andando a nadar.
 São penas; quem faz por ellas, tem-nas.
 Se o alicranço visse, e a bicha ouvisse, não havia ninguem que
 no mundo existisse.
 Sempre cheira a panela ao primeiro legume que se mette nella.
 Pulgas, vem com as favas e vão-se com as uvas.
 Para a gente boa ser, ou se ha de ir, ou ha de morrer.

XXIV

A lenda da Rainha Santa Isabel

A p. 53 da *Historia del Real Monasterio de S.S. Creus*, de Tarragona, por D. Buenaventura Hernandez Sanahuja, Tarragona 1886, lê-se, a proposito da rainha D. Branca de Anjou, mulher de D. Jaime, II o Justiceiro, rei de Aragão (sec. XIII-XIV):

«La reina Doña Blanca era una señora sumamente caritativa, y todo cuanto podia lo daba á los pobres por sus mismas manos. A lo que se deduce el rey miraba con algun desagrado esta prodigalidad, por cuyo motivo se veia aquella obligada á hacer sus limosnas en secreto. Dicen las crónicas del Monasterio, que creyendo un dia Doña Blanca que el rey habia salido del monasterio, se dirigia descuidada á la puerta del claustro con el delantal lleno de mendrugos para repartirlos, segun costumbre; mas inopinadamente encontró al rey sentado en su banco. La reina, no pudiendo disimular su sorpresa, se turbó, y preguntandole su marido qué era lo que alli llevaba, contestó sin reflexion, *flores*; veamoslas, pués, repuso el monarca, y cosa maravillosa! flores eran las que

el delantal contenia, atravessando impune con esta estratagema la puerta para repartir los milagrosos mendrugos entre los pobres que estaban aguardando la cotidiana limosna. En lo antiguo y en este mismo punto dice que existia alli un cuadro al olio, que representaba este acostecimiento».

Esta lenda é, nos seus traços geraes, precisamente igual á da Rainha Santa Isabel, mulher de El-Rei D. Denis, de Portugal, e filha de D. Pedro III, Rei de Aragão.

XXV

João de Deus e a poesia popular

Reproduzindo a seguinte local de João de Deus, publicada em *O Bejense*, n.º 48, de sabbado 23 de novembro de 1861 — periodico que o eminente poeta redigiu desde o n.º 45 até o n.º 51 — damos um testemunho autentico de quanto elle amou, desde a sua mocidade, a poesia popular, estudando-a e apreciando-a como poucos, — provindo, talvez, d'esse amor e d'esse estudo o haver-se elevado como poeta lyrico a grande culminancia.

«*O Povo em Côro.* — Que delicada harmonia se ouve? Que é isto? Um rancho, que passa, d'homens e moços e mininos como se ás vezes forma em povos d'Alemtejo, sem eleição nem proposta nem discussão nem votação mas, espontaneamente; como o povo costuma na defesa da patria e no bem e no mal que o instinto lhe aponta.

É como succede em Italia, talvez, em noites belas, que Portugal e Italia são irmão e irmã e, o céu, o mesmo.

Dilicioso canto! Depois duma voz lisa, de garganta ainda humida do leite maternal, soa a turba em duêto afinadissimo e de tal modo trocando a *primeira* e *segunda* que, sendo só ignorancia d'arte, por engenhosa combinação de mestre se tivera a não ser musica e musicos e letra, tudo, manifestamente popular.

Vai-se o côro volante ouvindo cada vez menos; desvanecendo-se a onda harmoniosa: e do que deixa apoz si — que é não sabemos que saudosa *sympatia* pelo povo portuguez e todo este nosso Portugal — uma coisa havemos d'apanhar em memoria desta noite; assim apanhassemos tambem a musica! É uma dessas quadras amorosas, como são todas as quadras e cantigas do nosso

povo, mas amorosas dum amor casto e melancolico, puro e timido, ardente e duvidoso, sem aquella desmedida e descomodida frescura e confiança das canções hespanholas, proprias dum coração repleto e, por isso, tão pobres d'idealidade e intima poesia :

Se eu entrasse no teu peito
Sabia o teu interior ;
Assim, como lá não entro,
Não sei se me tens amor !»

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.



TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Continuação do vol. xi, pag. 268)

PARTE II

LINGUAGEM POPULAR

a) VOCABULARIO

echo, jogo de rapazes.**ei! éte!** interj. de tanger os bois.**eido**, logar.**eixe**, eixo (do carro).**embeças**, o mesmo que *aivecas*. A nasal explica-se pela confusão com a prep. *in* ou *em*.**embelga**, espaço entre dois sulcos. No Alemtejo dizem *belga* (*Rev. Lus.*, iv, 58). Em castelhano dizem *emelga* e em gallego *rola* (cfr. Valadares Nuñez, *ob. cit.*).**embelloirar**, rolar, volver.**embollatar**, enlamear-se, manchar-se com *bolatas*.**embezerrar**, teimar, embicar, amuar.**embiotar-se**, enraivar-se.**emboladas**: couves *emboladas*,

enroladas ou envolvidas como os repolhos.

embollinhar, enredar, embrulhar.**embugar**, tapar o buço, embeçar, andar de beíça.**embude**, criança adoentada e com o ventre muito saído. No sentido de *funil*, como se usa no Minho, é desconhecido, mas é possível que exista nalgum ponto.**emmantar**, cobrir com manta (cf. a palavra *cobrejão*).**emmedar**, pôr em mêda (falando sobretudo do centeio).**emmedouçar**, pôr em *medouços* (o centeio).**emmeroucar**, pôr em *merouco*.**emmerouçar**, pôr em *merouço*.**emmonar-se**, pôr-se de beíças, carregar o semblante, não fa-

lar. (Cf. o n.º 668 do *Cancio-neiro*).

empesar, pesar; espremer, extrahir do bagaço o vinho que ainda lhe reste por meio da prensa do lagar.

empoçar o linho = pô-lo de molho na agua. No Minho dizem: *afogar o linho*. Em gallego é *empoçar* (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

emporem, porém.

emprêgado, entrêvado. Etymo *implicatus*.

emprêgar, entrêvar.

encanastrar-se, embebedar-se.

encandolar, 1) cobrir-se de neve, ficar hirto de frio; 2) empenar, entelhar, *êncurvar* (diz-se falando da madeira). — Etymo **incandillare* formado de *candidas*.

encarangado, tolhido.

encimar, apertar (?).

encinho, o mesmo que *engaço*.

Está por *ancinho*.

encoohadinho, enfezado, *ra-chitico*, atrugido (falando do milho). — Está por *enconchadinho*, perdendo-se a nasal da segunda syllaba por dissimilação.

encodoar, ganhar codo.

encollar as crianças = affagá-las e ameigá-las no collo.

enconicoar, fazer pregas ou dobras no vestido.

endejar, agitar, sacudir; agitar-se, tremer. Ex.: «senti cá por dentro tudo a *endejar*».

endez, ovo choco para attrahir as gallinhas ao ninho.

Usado tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 46).

endireita, algebrista, homem que faz voltar ao seu lugar os ossos deslocados.

enfunado, emberçado, zangado. — O etymo deve ser *infunare*, significando primitivamente *puxar pelas cordas* (falando das velas), *inchar-se*, *envaidecer*: mas a palavra não é de origem popular, aliás teria caído o *n*, como aconteceu ao outro derivado *enfuar*.

enfortar, enferretar, mascarar, sujar. Está por *enferr'tar*.

enfuar, vestir. — Etymo **infunare*, significando *puxar pelas cordas*, *encher as velas*, *encher em geral*.

engaçar, 1) apanhar alguma cousa com o engaço. Ex.: «*engaçar a palha*, *engaçar coanhos*»; 2) mover e agitar a terra semeada com o engaço depois de nascida a novidade, para que esta melhor possa estender as raizes: Ex.: *engaçar o linho*, as batatas, as cabaças, etc.

engaço, instrumento de lavou-ra com dentes para apanhar palha e outros objectos meudos, espalhados pelo chão. Tambem dizem *encinho*.

engalhar uma criança = agitar nos braços a criança que chora.

engrampar, enganar; propriamente apanhar por dois lados como faz o grampo, usado nas officinas de marceneiro.

engronhar-se, humilhar-se.

enraivar, irar-se.

enreixar, inimizar-se, andar de mal, andar de reixa.

entancada (agua) = mettida no tanque.

entoar, estacar, parar assustado (falando sobretudo do cavallo). — Etymo *into-nare.

entourir, engordar ou inchar como um touro (diz-se sobretudo dos animaes quando comem erva com rasto de certos bichos).

entreuocos (filhos de) = filhos naturaes ou zorros.

entrudo, pessoa gorda.

envelhido, envelhecido.

envieirado, que tem vieiras, febras ou fios. Ex. «carne *envieirada*, fígado *envieirado*».

enxada, instrumento de cavar a terra ou cortar mato.

enxergar, avistar ao longe, divisar.

enxértas (castanhas) = castanhas longas ou compridas, ao contrario das *soitinhas* (cf. esta palavra).

enxofrado, zangado, irado.

enzemina, exame. — É um substantivo *post-verbal*.

enzeminar, examinar.

erméllo, bruto, estúpido. Ex.: «É um *Erméllo*». — É o nome de uma freguesia do districto, collocada numa ramificação

septentrional do Marão, que, á semelhança do que aconteceu com Andrães, se converteu em nome commum, tomando um sentido depreciativo, devido a qualquer circumstancia (provavelmente o aspecto rude e sertanejo dos habitantes).

esbadanado, com a aba caída (falando do chapéu).

esbagoar-se, desfazer-se em bagos (falando dos cachos de uva).

esbarrada, 1) porção de terra ou pedra caída num calço desmuronado; 2) passo ou caminho escabroso.

esbarrondar, desmuronar, desfazer.

esborralhar, desfazer, destruir.

esborrachar, e **esborraçar**, quebrar, partir.

esburger, tirar a casca (falando da castanha).

escafulada, esfolhada, acto de descascar as espigas do milho.

escafular, esfolhar (cf. *cafulo*).

escambrar, abrir o tempo, o mesmo que *abocanhar*. — Etymo *excamerare, significando propriamente «desfazer-se a abobada celeste», que, cerrada como estava, impedia a passagem da luz.

escalambrar, o mesmo que *escambrar*. É a dissimilação *l-r* por *r-r* de *escarambrar*. (Cf. *Sarangranho* e os n.ºs 50 e 18 da PHONOLOGIA).

escaleiras, escadas. ordinariamente de pedra para subir ás casas.

escano, banco de madeira com encosto, escabello (*Rev. Lus.*, v, 226).

escarolida, dolorida (?). (Cf. a 8.^a das ORAÇÕES).

escasular, escafutar, esfolhar.

escava-terra, toupeira.

escoohinar, matar o porco ou *cochino*.

esfalar, precipitar-se, cair numa ribanceira (falando de animaes).

esfallecer, fallecer, morrer (cf. n.º 479 do CANCIONEIRO).

esfandegar-se, rasgar-se. Ex.: «a rapariga ao saltar o muro *esfandegou-se* toda», isto é, rasgou os vestidos.

esgalhar, escornar, ferir com os galhos (falando dos bois).

esganiçar-se, não poder com a carga, cambalear com o seu peso, cansar-se (cf. a palavra *agandar-se*).

esgueirar-se, fugir.

esmechar, ferir a cabeça, abrir ao sangue. Em gallego significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

espadadeira, mulher que *espada* o linho.

espadar, espadelar ou bater o linho sobre o *cortiço* com a *espadela*.

espadela, lamina triangular de madeira (ordinariamente carvalho ou nogueira) de que usam as mulheres para *espadarem* o linho sobre o *cor-*

tiço, que serve de *espadeira*. *Espadela* significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

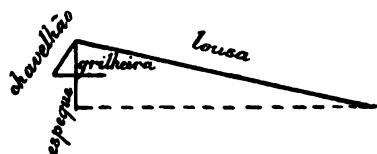
espalvorido, esbaforido, cansado e coberto de pó.

espanta-lobos, e **espantaratos**, estouvado, travesso.

espassarotar, desbandar ou debandar, diffundir-se, espalhar-se, fugir cada um para o seu lado. Ex.: «as aves *espassarotaram*», «o povo *espassarotou* no fim da missa».

espedita, despedida (vid. CANCIONEIRO n.ºs 502 a 505).

espeque, 1) poste ou tanchão das vides; 2) uma das partes da armadilha de apanhar passaros: é o pau que assenta no chão e juntamente com a *grilleira* e o *chavelhão* segura a lousa..



espigas, os primeiros grelos que produz a couve.

espigos, os segundos grelos da couve: são ordinariamente mais rijos e floridos.

espirar-se, fugir.

espojadoiro, lugar onde se espojam os cavallos.

espongir, mungir, ordenhar.

esprangalhar, desarranjar,

desfazer, escangalhar (Andrães e Constantim.)

esquerdino, esquerdo.

esquiça, tórno de madeira para tapar o *suspiro* ou orifício que costumam ter as vasilhas pequenas para entrar o ar e deixar sair o vinho pela torneira.

estaca, vara ou espeque da vinha baixa.

estado, officio de defuntos. Ex.: «morreu F. e fizeram-lhe um *estado* na igreja com nove padres». (Folhadella).

estadulho, fueiro ou pau metido aos lados do carro para segurar a carga. — Etymo *statuc'lu, de *stare* «estar erguido».

estadulheira, o mesmo que *estadulho*.

estamagado, fraco, cansado.

estampilha, bofetada.

estanca-saíngues, camandulas ou rosario de pôr na cabeça de quem tem a *epistaxis* ou derrama sangue pelo nariz.

estarrincoar, 1) trovoar; 2) ranger os dentes.

estarrinco, trovão forte.

esteirada, queda ou pancada do corpo no chão. (*Rev. Lus.*, v, 51).

estrelíco. deliquio, perda dos sentidos, *chilique*.

estrella, figura de papel que, por meio de uma linha a que está presa, os rapazes levantam no ar. É feita do seguinte modo: atam-se entre si pelo

meio tres fasquias de cana de maneira que dêem nas extremidades um hexagono regular; unem-se com uma linha estas seis extremidades e sobre este aparelho gruda-se papel, ou antes, seis papéis de differentes côres correspondentes aos seis triangulos com vertice no centro, nos quaes se decompõe o hexagono. (Cf. *papagaio*).

estribeira, juízo: Ex.: «Perder a estribeira».

estribeiras, ovelhas.

estro, alicerce (Folhadella).

estronca, forçado (cf. *arrojo*).

estrume, palhiço, folhas, mato, que se deita nas cortes para fazer esterco.

F

facho, roubo. Ex.: «deram-lhe com o *facho* em casa. — Segundo o etymo, que deve ser *fascilu, o sentido primario ha de ser *feixe*, *carga*.
faianca, torto das pernas, cambado.

faisoa, pessoa bem posta.

falacha, bolo feito de massa de castanhas. — *Etymo foliace a, já dado na *Rev. Lus.*

falada, falaria, palanfrorio, palratorio.

faldra, (cf. n.º 1:125 do CANCIONEIRO).

fanchonaça, mulher grande, gorda e bonita.

faníco, deliquio, perda dos sentidos.

- fargola**, pimpão, homem de basofia.
- farinheta**, } o *oidium* das vi-
farinhato, } nhas.
- farrancho**, grupo, rancho de pessoas.
- farrapar**, esfarrapar (cf. n.º 945 do CANCIONEIRO).
- farruoo**, feixe pequeno (de lenha ou qualquer outra cousa).
- farrusoa**, faca velha.
- fastioso**, cheio de fastio.
- fateixa**, feixe de colmo ou junco que cabe numa mão (fig.) mão. Ex.: «deitar a *fateixa* a alguma cousa». — Em gallego, *fateijo* tem sentido semelhante. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- fateixas**, farrapos velhos.
- fato**, 1) rebanho de ovelhas ou cabras; 2) bando, quadrilha, magote (cf. n.º 574 do CANCIONEIRO). — Em gallego significa *copia*, *multidão*, em geral (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- faveoa**, vagem de qualquer leguminosa.
- febroso**, que tem febre ou traz febre.
- fecho**, envelope da carta.
- fedelhota** (obra á) = obra á janota, obra aperaltada. De *fedelho*, em sentido translato.
- fedonho**, importuno, ruim; fe-tido.
- feijões oellos**, tuberculos que apparecem nos soutos (cf. *reinolas*).
- feitor**, capataz, homem que vigia os trabalhadores.
- feixe**, a trave do lagar. — Em gallego *feije* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- fellis**, gato. Parece de origem erudita.
- fentos**, fetos. — Significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nunez, *ob. cit.*).
- ferqolento**, valentão. De *força*.
- ferida**, a inclinação da agua quando vae bater sobre as penas do rodizio; correr da agua em declive.
- ferrão**, o bico de ferro dos piões.
- ferragens**, chapas de ferro que cingem as rodas em toda a volta.
- ferrar**, lançar, atirar, arrojear, meter. Ex.: «a besta *ferrou-lhe* dois coices», «F. *ferrou-me* o gado no campo».
- ferrencheiro**, ferrageiro, o que vende ferragens. Etymo *fer-runc'lariu-: o *u* mudou em *e* por ser atono e por influencia do *r*. — *Ferrancheiro* em gallego é o negociante de ferros velhos, (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- ferro**, dente de ferro na ponta da rabiça, o qual, durante a lavra, anda debaixo da terra.
- figa**, figura pendente do pescoço ou do braço, e que se julga preservar de qualquer feitiço. O mesmo em gallego (cf. Valladares, *ob. cit.*).
- filhó**, bolo de leite e farinha. Tambem se fazem de sangue de porco.

finado, irado, fora de si.

fintar, crer, acreditar. Ex.:

«não *fin*tes em cantilenas»;

— **se**, crer, confiar, basear-se, apoiar-se. — Ex.: «eu *fin*-*tei-me* nelle», «um nada em que *se fintasse*». Etymo *fin-ctare, formado sobre *fin-ctus (de *fingo*) com *pin-ctare sobre *pinctus (de *pingo*).

fistor, astuto, velhaco, manho-so. — Usado tambem em Mo-gadoiro e Lagoaça em sentido aproximado. (*Rev. Lus.*, v, 89). É vulgar no Minho. Em gallego *fistol* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fistula, sinal, marca.

fiteiro, *vento fiteiro*, aragem branda e fina.

fito, jogo com pinos.

folce, instrumento curvo e den-tado que serve para a ceifa da erva, do trigo, do cen-teio, etc. — No Minho cha-mam-lhe *foucinha*. Aqui tam-bem lhe dão o nome de *ga-danha*.

foinas, 1) faulhas; 2) farinha fina que ao moer se levanta e vae pousar nas paredes do moinho.

folhato, o composto de capas foliaceas que cobre a espiga do milho.

follipada, folle cheio, a quan-tidade ou porção de milho ou farinha que leva um folle.

follipo, pequeno folle.

fona (andar numa) = andar li-geiro.

fopas, faulhas que se levantam do brasido.

forcado, instrumento agricola: é um pau com duas pontas que serve para carregar os feixes de palha ou mato. — Em gallego significa o mes-mo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

forcalha, o mesmo que *for-cado*.

formigos, 1) chouriços de san-gue e alhos; 2) o primeiro leite da vaca depois de ter a cria, quando fervido e mis-turado com mel. — Em gallego significa *primeira das re-cem-paridas* em geral. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

forquilha, o mesmo que *for-cado*.

frade, cogumello com uma es-pecie de colleira ou anel. Tambem se usa esta palavra em Valpaços (*Rev. Lus.*, II, 257).

fragaredo, conjunto de fragas.

frandalhos, farrapos.

fraqueira, fraqueza.

frouças, franças ou varas ver-des, ramaria das arvores. Em gallego *frouzas* (cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fueiro, o mesmo que *estadulho*. É termo rarissimo. *Fueiro* é tambem palavra usada na Galliza (cf. Valladares Nu-ñez, *ob. cit.*).

fuga, parte da rabiça (do ara-do) entre o *teiró* e o *ferro*.

fundêgo, ribanceira ou precipício; campo no fundo de ribanceira.

fundeiro, do fundo. Ex.: «campo *fundeiro*».

fungar, assoprar, assobiar; chorar, gemer. Ex.: «aquelle rapaz está ali a *fungar* magustos», isto é, a gemer ou a *fungar* como as castanhas na brasa. — Etymo *funicare, propriamente fazer vibrar ou soar uma corda. No Minho é vulgar este verbo nas accepções de *gemer* e *assobiar*, e dizem até: *fungar uma pedra*, isto é, fazê-la assobiar através do ar.

fura-bolos, o dedo indicador. — É também palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

fusas, especie de fusos com rodas ao fundo para torcer e dobar o fio.

fuste, molho, feixe. Ex.: «um *fuste* de lenha».

G

gabachista, pessoa que se gaba muito.

gabaço e **gabão**, grande elogio.

gabinardo e **gabirú**, birbante, velhaco, patife, garoto.

gacho, cacho.

gadanha, o mesmo que *foice*. — Em gallego também ha *gadaña*, com o mesmo sentido. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

gadaria, conjunto de varios banhos.

gadanhas, mãos.

gadunho, parte solida do caldo, o *rasulho*.

gafeira, doença dos olhos dos bois que consiste na inchação das palpebras, côr avermelhada dos bordos, e muito derramar de lagrimas.

galato, garoto fino.

gaimão, haste florida das *balotigas* ou abroteas.

gaitar, chorar (falando de crianças).

gajar, fazer barulho.

galdripeira, mulher suja e rota.

galga, mentira. É curioso ver como esta palavra passou do sentido de *cadella* (canis-gallica) para o de *pedra andadeira* dos moinhos ou *pedra a rolar por uma montanha abaixo*, e depois para o de *mentira*. Em todos os sentidos ha a ideia de correr. O sentido de *fome*, que também tem, deriva da magreza das *galgas* ou *cadellas* de caça.

gallão, salto, pulo (falando sobre o cavalleto).

gallariso, o mesmo que *gallispo*. (Cf. n.º 50 da PHONOLOGIA).

gallifato, garoto.

gallinha, cinco réis.

gallispo, pequeno gallo.

galrito, rede de forma conica para apanhar peixe.

gallucho, cigarro.

gandaio, pessoa alta.

gandras, galhitas, varas sêcas de arvore ou mesmo mato queimado. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *gandaras*. (*Rev. Lus.*, v, 81).

gango, mimo.—Em Vieira dizem *dar gango a alguém*, e *gangoso* (mimalho).

gardinhola, bebedeira.

gardunho, fuinha (especie de raposa pequena e de pêlo fino) (*Folhadella*).—Em gallego é *garduña*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

gargal, o mesmo que *argal*.

gastalhão, homem alto.

gastalho, 1) aparelho de tirar agua dos poços, a que também chamam aqui *guindaste*, e noutras partes (Douro, por exemplo) *cegonha*; 2) homem alto; 3) burro fraco.

gata, bebedeira.

gato, mentira.

gatos, as quatro peças de ferro que cinjem o *mile*.

gavella, molho ou feixe de centeio, de palha, de cavacos, etc.

gavellita, pequeno feixe ou molho que se pode levar de baixo do braço.

gazola, circulo traçado no chão, a dentro do qual deve girar o pião.

gelmendes, especie de pessegos.—O etymo deve ser Gil Mendes.—No Minho ha uma especie de maçã a que chamam *martingil* (Martim Gil).

genra, mulher do genro ou nora. Às vezes é depreciativo

com relação a nora. Ex.: «F. é minha *genra*, não é minha nora» — dizia uma sogra.

gerigoto, videiro, que faz pela vida.— Usa-se também em Mogadouro, Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 92), no sentido de *ligeiro*, *apressado*.

gleiro, que traz geada.

ginêta, usura. Ex.: «dar dinheiro á *ginêta*».

giroto (fem. -ôta), que gira, que dá a sua volta, que vae para longe de casa. Ex.: «galinha *girôta*».

glamonta, varitas delgadas e sem folha das arvores; chamam-lhe também *gravunha* e *gramonta*; (fig.) um *glamonta* = um rapazote.

glão, grelo ou rebento da batata quando está arrecadada nas casas.

gócho, pescoço.

gógo, 1) gosma das gallinhas; 2) pedra amorpha e malfeita; 3) pedra oval encravada no fundo do rodizio, e que gira em cima da *rã*. Também lhe chamam *agulhão*, *guilho*, *óvo*. (Cf. estas palavras e também *moinho*). Em sentidos aproximados é empregada esta palavra em Bragança (*Rev. Lus.*, III, 68), e em Mogadouro e Lagoaça. (*Ibid.*, v, 92).

goivaria, jardim de goivos (vide n.º 553 do *CANCIONEIRO*).

gójo, qualquer animal ou cabeça de gado (boi, vaca, ca-

- vallo, porca, cabra, ovelha, etc.).
- gonilha**, gravata. Etymo *col-lilia, donde golelha e por dissimilação *gonélha*. O *i*, em vez de *e* revela influencia erudita.
- gòrente**, orificio por onde *zicha* a agua sobre as penas. (Cf. *moinho*).
- gorjête**, collarinho.
- governadanta**, governanta.— Influencia de *governador*.
- grabano**, vaso com cabo bastante comprido para tirar agua. (Cf. *côco*).
- grado**, espesso, cheio, recheado. Ex.: «espiga *grada*. Etymo *granatu.
- gradinho**, o mesmo que *grado*.
- gramalheira**, corrente, cadeia de ferro, o mesmo que *cambalheira*.— Em gallego é *garmalleira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- gramar**, pisar o linho. Tambem se diz *manar*.
- gramonta**, o mesmo que *glamonta*.
- grangear**, lavrar, cultivar. Ex.: vou *grangear* a minha sorte».
- granzinar**, resmungar.
- gravelho**, caravelha, ou fecho de ferro no interior das portas, o qual se ergue de fora carregando numa especie de botão ou lamina chata. Etymo *claviclu*, que tambem deu *chavelho*, em epoca differente da lingua.
- gravunha**, o mesmo que *glamonta*.
- grilleira**, um dos tres pares que sustentam a lousa na armadilha de apanhar passaros: é aquelle em que se prende o *grillo* ou isca que os passaros hão de vellicar. (Cf. *chavelhão* e *espeque*).
- griteira**, gritaria.
- grudar**, enganar, illudir, pregar um logro.
- grulha**, palrador.
- guicho**, esperto, habil; acordado, que não dorme. Os de Villa Real chamam a Villa Pouca de Aguiar *Villa Guicha*, alludindo á esperteza proverbial da gente d'ali.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 93).
- guilho**, 1) cunha de ferro para fender pedra; 2) a extremidade inferior do rodizio que assenta na *rã*. (Cf. a palavra *gôgo*).
- guinada**, dor aguda e rapida.
- guindaste**, 1) aparelho de tirar agua dos poços, tambem chamado *gastalho*; 2) pessoa alta.
- guines**, dinheiro.
- guino**, moeda de cinco réis.

II

- hardenta** (pron. ardeinta), herdeiro. É raro.
- hastre**, haste ou cabo da mangueira.— Etymo *hastla*.
- heradeira**, hera (cf. *aradeira*, que representa a pronuncia mais usual).

herdança, herança.

hervanço, grão de bico.

home!, **homes!**, **homes essa!**

interj. de admiração.

I

illusir, enganar.

imbarrista, pessoa que usa de malícia no jogo.

impoltos, peças de madeira que se metem entre o *mile* e as *cambas*, se estas não são suficientes para completar o círculo.—Em Barcellos chamam-lhe *chumaço* e *chumaceiro*.

inagua, nagua, saia branca das mulheres. Está por *anagua*, havendo o abrandamento da syllaba inicial por confusão com a prep. *in*.—Em castelhano é *enagua*, e em gallego *nagua*, como em português corrente. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

inalado: *rabo inaldo*, um pouco torcido (falando dos porcos). É sinal de boa qualidade o tê-lo assim, e de má o tê-lo direito.

inçadoiro, correia de coiro que prende o *pitigo* á *mangueira*.

incensar, girar de um lado para outro. Ex.: «este rapaz não faz senão *incensar* deante da gente». É uma metaphora derivada do movimento do thuribulo nas igrejas.

indrominas, pantominas, le-
rias, tretas.)

inferno, o logar no fundo dos moinhos onde trabalha o ro-
dizio.

ingalliar, pegar-se com al-
guem, bulhar com elle (á se-
melhança dos gallos ás cris-
tadas).—É usado em Chaves.
(*Rev. Lus.*, III, 63).

ingalliar-se, e **ingallinhar-
se**, o mesmo que *ingalliar*.
É usado tambem em Moga-
douro e Lagoaça (*Ibid.*, v, 46)
com a primeira forma.

inimizar, tornar inimigo.

inorar, estranhar, admirar. (Cf.
n.º 885 do CANCIONEIRO).

intaloado, mal cozido.

ínté, até.

intourir, cf. *entourir*.

intrabellado, empregado, en-
trévado.

intralhoda, perigo.

intrepicar com alguém = pe-
gar-se com alguém, ter baru-
lho com alguém. (Cf. *trepicar*).

invejidade, inveja.

inxumbradella, acto de enxu-
gar um pouco a roupa.—
É derivado de *inxumbrar*,
que não ouvi empregar, mas
que se usa no Minho e cujo
etymo é *insubumbrare,
enxugar á sombra. (Cf. os
etymos de *sombra* e *enxo-
fre*).

ivecas, o mesmo que *aive-
cas*.

jaleco, collete.

jaleque, casaco curto.

janêlo, postigo ou janela pe-
quena.

jarreta, homem de pouca importancia.

joaninha, pequeno insecto amarelo, que na sciencia tem o nome de *coccinella*.

joeira, peneira de junco ou palha para limpar o pão. Também dizem *ciranda*.

jonguer e jonguir, prender os bois ao jugo, jungir, atrelar.

jota, cibo, bocado, gota. Ex.: «está ainda uma *jota* de leite no fundo da lata».

K

kiosque, 1) loja pequena e suja;
2) o anus, o recto.

L

laboeira, lavoura. Esta palavra, que é vulgar no Minho, está mais proxima do etymo *laboraria. Caiu simplesmente o primeiro *r* por dissimilação do segundo.

labrégo, bruto, grosseiro.

labrestada, vergueirada ou lambada (mas dada com vara ou pau que vergue).

labrestar, roubar.

ladra, vara, rachada na extremidade, para roubar cachos de uva.

lagartucha, lagarticha (Constantim).

lambefe, bofetada com as costas da mão. — Usa-se também em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 94).

lambitão, lambarreiro.

lambra, fome.

lambuçada, comida misturada de diferentes qualidades ou objectos.

lamegão, homem grande, gordo e parvo. De *Lamego*. (Cf. *Ermêlo e Andrães*.)

lameiro, campo regado e limado junto dos rios. Usa-se também em Chaves. (*Rev. Lus.*, iii, 63).

lamparina, bofetada.

lâmpedos (figos) = f. lampos.

landra, 1) a lande ou fruto do carvalho; 2) fome. — Também se diz assim em gallego (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

laparôto, coelho pequeno. — De *laparo*.

lapina, larapio, rapinante.

laponio, tolo, estúpido.

lapouço, 1) criança gorda; 2) pessoa immunda. — Em Valpaços é substantivo e significa *laparo* (Cf. *Rev. Lus.*, ii, 257).

lar, fogão de madeira. É uma especie de mesa pequena com uma cavidade ao centro (em logar de gaveta), a qual, cercada de tejos por baixo, aos lados e ao fundo, serve de vão para accender o fogo.

larapinar, rapinar.

lardoeirada, pancada.

lardoeiro, mandrião, preguiçoso. Para explicar a palavra antecedente devia ter o sentido primitivo de *pau* ou *vara*: mas não o ouvi nem me souberam informar. É possível

que desaparecesse, mas mais provavel é que vegete desconhecido juntamente com outros riquissimos thesouros de linguagem.— Talvez esteja por *lodoeiro* (pau de *lodo*) que existe em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

largata, lagarta.

larica, erva que nasce no meio do centeio; (fig.) fome.

larota, fome.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 95).

larpeiro, comilão.— Em gallego ha *larpeiro*, *larpion* e *lapon* no mesmo sentido. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

lascar-se, pedere.

lascarino, travesso, importuno, inquieto.

latada, bofetada.

latas, tábuas ou ripas largas, pregadas nos caibros, sobre as quaes assentam a telha ordinaria das casas.

látucho, bolo feito de carne. Termo ouvido só duas vezes a uma pessoa procedente de Mondim, e aqui residente ha muitos annos. É termo geralmente desconhecido, porque só encontrei uma pessoa na villa que soubesse dizer o que era. É vulgar em Mondim.

lavoura (termos de):

Arado.

Arabela.

Arado de margiar.

Tamão.

Sega (seita, seiteira)

Teiró.

Regulador.

Ferro.

Fuga.

Meixilho.

Aiveca (*iveca*).

Rabiça (*rabela*).

Embelga.

Grade.

Encinho (*engaço*).

Enxada rôsa.

Enxada de ganchos (para a cava das vinhas).

Enxadão (*picareto*).

Sachola.

Picar (arrendar).

Redrar.

Sacho (*sachôlo*, *sachinho*, *pica*).

Picão (*picareta*).

Padiola.

Gancho do estrume.

Engaço de ferro.

Forcado (*arrojo*, *estronca*, *forquilha*, *forcalha*).

Podão.

Foice (*gadanha*).

Ferro do monte (ou ferro de alavanca).

Zórra.

Eira.

Canastro.

Ciranda (*joeira*).

Crivar.

Escafular.

Escapulada.

Casulo.

Escasular.

Ripos.

Ripar.

partes do arado

Baganha.
Empoçar o linho.
Maçar (gramar).
Maçador.
Maçadeiro.
Cortiço.
Espadela.
Espadar.
Espadadeiro.
Debouçar.
Alimpar.
Feitor.
Mangueira, e suas partes,
 que são as tres seguintes:
Hastre.
Incedoiro.
Pirtego.
lazaro, pessoa maltratada ou
 pisada.
lebrão, macho de lebre. (Cf.
cobraão).
leirão, rato grande (*Rev. Lus.*,
 v, 226).
leitor, conta pendente do col-
 lete das mulheres com o fim
 de fazer nascer o leite. (Cf.
 o n.º 642 das SUPERSTIÇÕES).
lorpe, moeda de dez réis.
lôs a lês (de) = de uma extre-
 midade á outra.
lesma, pessoa magra.
limar, ter a agua continua-
 mente a correr para um campo
 de erva.
lenteiro, (adj.) que tem certa
 humidade, humido; (subst.)
 campo humido, quasi o mesmo
 que *lameiro*.
levandeira, ave a que em Bar-
 cellos chamam *levandisca* e
 noutros pontos na (Lixa, por
 exemplo: *laverca*).

lidage, {
lideira, { lida, trabalho, fadiga.
limpa-queixos, bofetada.
limpar, 1) cortar os ramos das
 arvores; 2) dar a segunda
 espadada ao linho.
limpeza, acto de limpeza em
 geral.
lingurteiro, linguareiro, que
 dá a lingua, que descobre
 tudo.
linharão, linho grosso.
linguiça, 1) chouriço de carne
 de porco, longo e delgado; 2)
 malhas vermelhas nas pernas
 de quem está muito sobre
 o lume (no Minho chamam-
 lhe *murras*, que já ha muito
 anda nos dictionarios). — *Fa-
 zer a linguiça* é phrase mui
 vulgar na gente da villa para
 designar um passeio que se
 dá depois do jantar até deante
 da Timpeira, indo pela estrada
 de cima e vindo pela de baixo
 ou vice-versa. As duas estra-
 das com as suas voltas teem
 effectivamente uma certa se-
 melhança com duas linguiças.
 Como o passeio é dado para
 fazer a digestão do jantar,
 não admira nada que a frase
 passe a significar dentro em
 breve *fazer a digestão*; e até
 me parece que já a ouvi nesse
 sentido.
Hoanço, **lisoanço** ou **ali-
 cranço**, pequena cobra que
 se julga cega. — Em Barcellos
 dizem *liscranço* para desi-
 gnar uma vibora venenosa,
 que anda por entre as ervas.

linterna, lanterna.— O mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

liteiro, aparelho formado de dois ou tres lençoes, atados a uma varella, para nas malhadas do centeio impedir que este salte fora da eira.

livro, folho ou folhato no estomago dos bois.

lôa, mentira.

lobeiro, do lobo. Ex.: «cão lobeiro».

loira, libra ou moeda de 400 réis. (Cf. *amarella*).

loje, corte de gado.

lomba e lombeira, preguiça.

lomear, nomear.

lombellos, dois pedaços de carne que se tiram no lombo do porco, na direcção do vazio, cada um de seu lado. Tem cêrca de um palmo de comprido.—No Minho chamam-se *coelhos*.

lonas, lérias, tretas, mentiras.

longal (castanha) ou c. *enxêrta*, é uma especie mais comprida para a distinguir da *soitinha*: *castanheiro longal*, o que dá castanhas longas.

lontra, pescador do rio (sendo afamado).

lopes, o mesmo que *cóco*.

lorga, toca de coelho.

lôstra, bofetada.

lucifêr, diabo, homem mau.

lúpuro, rebento da couve (Andrães).

lusquir-se, esconder-se.

lva, mão.

M

machina, grande quantidade, grande porção. Ex.: «uma *machina* de cousas».—Tambem se emprega no Minho.

maçadeiro, pedra em que se bate o linho, logar onde isto se faz. Em gallego *maçadeiro*. (Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

maçador, maço de bater o linho.

maçar, bater o linho. São geralmente desconhecidos os engenhos de *fazer o linho* (como dizem no Minho), e usam ainda do processo primitivo de o baterem com maços de madeira em cima dos *maçadeiros* ou pedras para isso preparadas. Em gallego é *maçar*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

magreira, magreza.

malandro, 1) preguiçoso, vadio; 2) fenda na parte posterior dos joelhos das mãos dos cavallos.

malapeiro, arvore que produz malapios, especie de macieira.

malapio, 1) fruto do *malapeiro*; 2) (adj.) côrado, avermelhado; 3) velhaco, manhoso; 4) preguiçoso; 5) ladrão.

malasarte, (adj.) mal arranjado; (subst.) pessoa mal arranjada.

maldoso, mau.

malfeita, cara (Andrães).

malgavel, affavel, amavel (Andrães). Etymo *mellica-

bili, formado de *mellicus* + *abilis*. O *a* da primeira syllaba é devido á influencia do *l*; tudo o mais é perfeitamente normal.

malhaes, peças de madeira que se atravessam em cima do carro, desde um fueiro ao outro fronteiro, para servirem de leito em que assentam as vasilhas, as traves, etc.

malhetes, peças de madeira encaixadas nos couções e que assentam sobre o eixo. Também se chamam *bonecas*.

maltez, finório, mentiroso.

mamar, comer, tomar, roubar.

Ex.: «os rapazes *mamaram* a fruta que estava na mesa».

mamóto, rapaz simples e inno-cente.

manápula, mão. Ex.: «deitar a *manapula* a qualquer objecto».

mandar, offerecer. Ex.: «elle pediu-me tanto por aquelle objecto e eu *mandei-lhe* tanto». — Usada em Parada de Infanções (*Rev. Lus.*, II, 118).

mandil, avental dos hombros. (Cf. *avantal*).

mandileiro, mandrião.

maneira, recorte ou abertura da saia onde é apertada pelo colchete. Fica de lado, sob a mão direita, e tem por dentro a *patrona* ou algibeira. — No Minho significa o recorte ou braguilha das calças. — Etymo **manuaria*, cujo *n* se conservou por causa da semivogal *u*, significando re-

lativamente á mão, por onde entra a mão.

mangueira, mangual, malho.

Etymo **manicaria*, donde **manigueira*, e por ultimo *mãgueira* ou *mangueira*.

manhosidade, manha.

maniáco, maniaco, telhudo.

manona, figurinha de mulher.

manta, pandega: na phrase *pintar a manta*, que é vulgar em todo o país.

manzada, acto de estender e apertar a mão a alguém.

mão d'obra, bico de obra, concerto pequeno, bocado de serviço para um artista.

marão, casa grande.

marca, botão da roupa.

marcaureles, dinheiro.

marcha-pé, o mesmo que *cais*.

marco, dinheiro.

margiar, abrir sulcos com o arado na sementeira do centeio.

mariar a vida = governá-la, dirigi-la.

marioca, nome de insulto entre raparigas. Não me foi possível averiguar o significado.

maroufa, cereja. (Constantim).

marrã, corcunda, corcova.

marralheiro, 1) preguiçoso; 2) mau pagador. Diz-se sobretudo de uma pessoa a cuja porta é preciso ir muitas vezes para reaver o que se lhe emprestou.

marrancho, porco. Usado também em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 96) e

- em gallego (Valladares Nuñez, *ob. cit.*, *suplemento*).
- marranica**, pessoa que tem *marrã*.
- marrano**, porco; (fig.) homem defeituoso.
- marta**, bebedeira.
- marucas**, Maria.
- marujinha**, é uma variedade da azeitona. Está por *amarujinha*.
- marzapó**, penis.
- massa e massas**, dinheiro.
- massegada**, mistura de varias cousas.
- mata-piolhos**, o dedo pollegar.
- materia**, o pus das feridas.
- matruca-piolhos**, o mesmo que *mata-piolhos*.
- matrucadella**, topada, acção de bater com o pé contra uma pedra; choque de um jarreta contra o outro.
- matruçar**, chocar, pisar.
- mêda**, monte de molhos ou feixes de centeio na eira.
- medócho**, mêda pequena. Tem de ordinario doze molhos e colloca-se aos lados do campo ceifado, como se faz tambem no Minho, onde tem o nome de *mideiros* (medeiros).
- medouço**, o mesmo que *medócho*. (Cf. *emmedouçar*).
- medrança**, tumor na pelle dos bois, onde se cria um bicho negro como uma azeitona, chamado o *bicho da medrança*.
- meia**, **meiote**, piuga em geral. Porem, falando das mulheres, a *meia* é mais alta, chega ao joelho, e o *meiote* só ao meio de canella.
- meirinho**, adj., o mesmo que *marinho*.
- meixilho**, peça de madeira que atravessa a rabiça um pouco antes da *teiró*, e serve para separar e segurar as *aivecas*.
- mendicante**, vadio, ocioso.
- mendinho**, o dedo minimo.
- menores**, ceroulas.
- melleiro**, homem que vende mel.
- merchanderias**, compras de hortaliças e artigos de mercearia.
- merenda**, refeição ligeira entre o jantar e a ceia (para os trabalhadores); (fig.) ceiota, ou comesaina fora de horas, lá pela noite dentro.
- merenducar**, comer a merenda.
- merongo**, pessoa immunda.
- merouco e merouço**, o mesmo que *medócho* (cf. *emmeroucar* e *emme rouçar*).
- merujar**, cair merujem, choviscar. — Usa-se em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 97).
- meruje e merujinhas**, chuva meudinha ou de molha todos.
- mião**, peça central do tampo do tunel.
- migalhas**, (subst.) forreta, avarento, miseravel.
- migas**, o pão migado que fica no fundo da malga do caldo.
- mijaceiro**, graniso, saraivada; chuva meudinha, o mesmo que *meruje*.

- mile**, miule ou mião, a parte central, a especie de diametro da roda dos carros, na qual se introduz o eixo. Em Barcellos *miulo*.
- milento**, o mesmo que *milhento*.
- milhão**, milho, grão, milho mais.
- milhã**, 1) herva que nasce entre o milho; 2) chieira, vaidade, basofia.
- milho**, milho alvo.
- milhos**, farinha do milhão, grossa ou mal moida, a qual serve para fazer papas.
- milhento**, mil. Ex.: «milhentas vezes», isto é, mil vezes, muitas vezes.
- milhorde**, 1) rico; 2) preguiçoso.
- minga**, necessidade. Ex.: «não faz minga».
- minhafre**, milhafre. (Cf. o n.º 43 da PHONOLOGIA).
- minuetes**, negaças.
- mirolho**, vesgo, torto da vista.
- miscaros**, tortulhos, cogumelos. São maiores que os *cachopos*, tem pé mais grosso, e côr castanha na capa.
- missollo**, pequeno saco de farinha, pequena fornada; (fig.) criança do collo.
- mistella**, bagatella, pequena cousa; vinho ruim, zurrapa.
- mitra**, carapuça.
- mó**, pedra andadeira do moinho.
- mocho**, (adj.) sem chifres. Ex.: «cabra mocha»; (subst.) banco sem encosto para uma pessoa só.
- mochões**, especie de mosquitos que mordem a ponto de empolar a pelle.
- moço**, criado de servir (e nunca rapaz novo.)
- modarella**, nome de insulto entre raparigas. Não pude saber o significado.
- mofo**, infeliz.
- moinho** (termos de): a começar do fundo:
Gõrente.
Inferno.
Porca.
Rã.
Gógo ou *aguilhão* ou *guilho.*
Penas.
Rodizio.
Veio.
Segurelha.
Segurelhal.
Pé.
Mó.
Tramêlo ou *chamadeiro.*
Quêlho ou *quêlha.*
Tremonha ou *tremoia.*
Tremonhal.
Calcadeiro ou *calcador.*
Panca.
Pejadoiro.
- moira**, o mesmo que *tabafeira*.
- moiral**, maioral.
- moirão**, o mesmo que *tresfogueiro*.
- molhelhas**, especie de chumaço de estopa e lã envolvido em coiro, o qual cerca os chifres e cobre parte do pescoço. É sobre elle que assenta o jugo.
- mollifloar**, chuviscar, merujar.
- mondar**, arrolar o milhão, tor-

ná-lo rolo, arrancar o que estiver a mais.

mondongo, o mesmo que *merongo*.

monger, ordenhar ou extrahir o leite. Em gallego ha *monjer*, *mojer*, *mojir* e *mujir*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

moni, dinheiro. Do inglês *money*.

mono, -a,- (adj.) sem chifres. Ex.: cabra, ou vaca mona.

montar, importar. Ex.: «e que monta isso?»

mora, fruto das silvas. Às vezes confunde-se com *amora*.

morea, monte de objectos: morêa de linha, de paus, de estrumes.

morchão, moscardo que faz inchar a pelle com a ferroada. Parece o mesmo que *mochão*. (Cf. *mochões*).

morouço, o mesmo que *merouço*.

morto por = desejoso de.

mos, nos (pronome). (Cf. a 1.^a das ORAÇÕES).

mosca, dinheiro.

mosquete, bofetada.

motril, 1) ajudante de escritorio, fiel de feitos (nos processos); 2) criado baixo e desprezível a quem todos mandam e tratam mal. O *Dicc. esp. port.* de Valdez dá esta palavra como antiquada, e manda ver *mochil*, que define *servente* ou *moço de lavrador*.

muafa, dinheiro.

muinha, pelliculas finas que envolvem o pé do grão do milho e que se aproveitam para encher os travesseiros.

muxicana, moeda de 500 réis em prata. Está por *mexicana*, mudando-se o *e* em *u* por influencia da labial.

mulatinhos, avesinhas implumes ainda no ninho.

mundo (pôr-se no) = fugir.

murocella, pequena chouriça doce feita de trigo migado, açúcar, amendoas, etc.

muriar, tapar com muro.

muro, logar cercado ou tapado com parede para guardar as colmeias.

murraça, aguardente.

murtinho, planta parecida com a murta.

musica, dinheiro.

N

naoho, de nariz chato. O *Dicc. Espan. Port.*, de Mascarenhas Valdez, dá esta palavra como provincianismo das Asturias. É também usado na Galliza. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*). — Etymo *nar'cl'u- de nariculum (Cf. macho de marc'lu- e sacho de sarc'lu-)

naco, pedaço, bocado grande. É portanto um aumentativo de *cibo*, bocado pequeno.

nação, nascimento.

nado, nascido.

nagalho, 1) baraço; 2) rapaz.

naifa, navalha, principalmente

- de folha comprida. Do inglês *knife*.
- namoricho**, namoriscar.
- namoricho**, pequeno namoro.
- nangra**, boneca, figura de mulher.
- não-filha**, enteada.
- narosoa**, conluio, tramaio para enganar alguém. Está por *marosca*.
- narouco**, pião fraco que se põe quando se perde; (fig.) bruto, palerma.
- nassa**, bebedeira. O sentido primario, mas que aqui não ouvi, é rede de pescar, rede *embebida na agua*, donde por metaphora o sentido de estar uma pessoa *embebida em vinho*, ou ter *bebedeira*.
- necra**, boneca. Está por *bo-necra*.
- negrucho**, -a, (adj.) um pouco negro. Ex.: «azeitona *negrucho*».
- neja**, (adv.) menos, excepto, não.
- nena**, boneca de criança, figura de mulher (pron. *nana*).
- nengra**, o mesmo que *nan-gra*.
- netos**, a segunda rodada de grelos ou rebentos que produzem as couves.
- nevasqueira**, murujem.
- nica**, o esgalho ou lasca de um pião arrancada pelo golpe dos ferrões dos outros quando todos os rapazes atiram sobre elle. Este pião está depositado no chão e condemnado a soffrer os golpes dos outros pelo facto de haver perdido o seu dono.
- nieha**, buraco no chão para o jogo da *choca*.
- nefa**, boneca.
- ninheiro**, ninho (de aves); (fig.) multidão, monte, reunião. — Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 98).
- nouca**, nuca, parte posterior da cabeça.
- novelleiro**, trcalheiro, intriguista, homem de enrodlhadas.
- nozeira**, nogueira (Constantim). — Em gallego *nòceira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- O
- óche!**, interj. de afagar os bois.
- odrada**, pancada com o corpo no chão.
- odre**, mulher gorda.
- olhapim**, larapio.
- olho meirinho**, remoinho de agua no rio.
- órça**, egua grande e magra; (fig.) mulher alta e desarranjada.
- oscas**, as roscas dos fusos (das fiandeiras).
- osservar**, observar (Campeã).
- ougar**, desejar ardentemente o que os outros comem. — Etymo *acquare* (cf. a frase *vir agua á boca*), que se emprega no mesmo sentido.
- oureça**, aragem. Etymo *a-uritia.

outros, os animaes, os da loja.

É linguagem de gracejo.

ovinhas, ovos dos ninhos dos passaros a que tambem aqui chamam *pedras*, como no Minho.

P

paciencia, rede de pescar em forma de cone, tendo na base um arco de arame e no vertice uma bola de chumbo.

padiola, canella (termo de agricultura); (fig.) homem alto e magro.

pago, subst. m., paga, recompensa, proveito.

paivôto, do concelho de Paiva.
Ex.: «boi paivôto» (nome de uma variedade de bois).

pala, empenho, protecção.

palhito, fosforos.

palouzano, bruto, estúpido.

pampc, pampano, gomo, rebento de vide. *Enxofrar ao pampo*, dar a primeira enxofradela, enxofrar quando estão rebentados de pouco os gomos da vide. *Enxofrar ao cacho*, dar a segunda enxofradella, enxofrar quando os rebentos estão grandes e se vê perfeitamente o cacho.

panal, pano, cobertura. Ex.:

Não tenho *panal* nem berço,
Em meus braços te criarei.

panasio, bofetada, sôco, murro.

panasqueira, cerração, nevoeiro.

panca, alavanca de pau para erguer a *andadeira* do moinho.

pangaio, peralvilho.

pantaleão, penis. Ha outros exemplos de nomes proprios tomarem sentidos obscenos. (Cf. *Caetano*, *Lopes* (neste VOCABULARIO), *Catrino* (id.), e *Brisda*, *Rev. Lus.*, II, 246: suppondo que está por *Brijda* ou *Brijida*).

pantalonas, calças.

pantanas (em) — doidamente, fora de si, desorientadamente.
Ex.: «deu-lhe um murro que o fez andar *em pantanas*».

pantelro, mirante em derrocada, casarão alto e velho.

pantominas, arolas, petas.

pão, centeio.

papagaio, aparelho de papel que por meio de uma linha os rapazes levantam no ar. Diferença-se de estrellá em ter no limbo exterior a forma oval e em estar o papel grudado somente sobre duas fassquias de cana cruzadas. (Cf. *estrella*).

papalvro, 1) fuinha pequena de pelle fina; 2) papalvo, tolo. Neste sentido está por *papalvo*.

papola, pasmado, bruto.

paqueta, rapariga de recados. Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 99).

paquete, rapaz de recados.— Usa-se tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Id.*, *ibid.*).

parabola, dobadoira dobrada, isto é, com duas ordens de travessas cruzadas (uma abai-

xo e outra em cima), a rodar á volta de um furo ou haste perpendicular que se atravessa no ponto do encaixe de uma travessa na outra. A dobadoira simples só tem uma ordem de travessas.

parambello, casa velha e aruinada.

pardelhos, rede. Ex.: «a lontra cortou-lhe os *pardelhos*».

parelhão, insecto que come a folha da vide.

parrana, preguiça. Ex.: «fazer *parrana*», isto é, trabalhar com pouco cuidado.

parrasoano, serrano.

parvonía, aldeia, logarejo.

pascada, nome de insulto entre raparigas. Parece ser o mesmo que *abascada* ou *apascada*.

pascaró, parvo, tolo.

pascovio, pasmado, tolo. Está por *pacovio*.

pataranha, pessoa que vê pouco.

patrona, algibeira das mulheres.

patusqueiro, alegre, divertido. (cf. n.º 563 do CANCIONEIRO).

paulada, choque de um pião contra outro.

pauseiro, o homem que prepara o pau dos tamancos, que depois deve ser pregado pelo *soqueiro*.

pé, a mó inferior do moinho, a que está parada.

peccado, o demonio. Ex.: «não se deve falar no *peccado*».

pedão, pessoa que aprende

mal; estúpido, bruto. Em vez de *podão*.

pedinchão, o homem que pedincha.

pedinchar, estar sempre a pedir, pedir com impertinencia.

pedras, o mesmo que *ovinhas*.

pegureiro, pastor.

pejadoiro, aparelho de fazer parar o moinho.

pelitrão, pelintrão, pessoa esfarrapada.

pellica, pequena pelle.

pelleira ou **pellem**, fraqueza, doença, embaraço, difficuldade.

pellloreiro, negociante de pelles.— Etymo **pellic'lariu* de *pellicularius*.

penanrilha, homem fraco mas bem vestido.

pencha, órgão genital da mulher.— Etymo **pen'c'la* de *penicula*.

peneira, fome.

pennas, especie de asas encravadas no rodizio do moinho, nas quaes deve bater a agua que o ha de pôr em movimento.

pequito, periquito (vid. CANCIONEIRO, n.º 1186).

perca, perda.

pernada, ramo grosso da arvore.

perneira, pequena porção.

persevelho, persevejo.

perua, bebedeira.

petiscoar, tanger os animaes.

Ex.: «rapaz, *petisca* essa jumenta».

pevide, a parte do eixo que

fica entre o *somão* e o ponto de encaixe no *mile*. Em Barcellos são *alhetas*.

piadeiro, aparelho de madeira para piar ou descascar *milhos*. Especie de alavanca interresistente, tendo suspenso um maço num dos braços. Está ordinariamente junto de uma parede, á qual se encosta o *pia-milhos*, emquanto com os pés faz erguer alternadamente os braços da alavanca para o maço bater dentro do *pieiro*. Deita-se o milho alvo numa pia de pedra, a que chamam *pieiro*, e pisa-se com o *piadeiro* até lhe sair a casca. Depois de descascado, faz-se d'elle uma especie de papas muito apreciadas na terra.

pia-milhos, o homem que trabalha no *piadeiro*.

piar, descascar o milho alvo.

piasca, pião pequeno.

ploa, 1) acto de picar ou arrendar o milhão; 2) pequeno sacho usado para isso.

pioão, **pioareta**, instrumento de lavoira para sachar o linho.

pica-ponto, pequeno instrumento de sapateiro para imprimir uma especie de recortes ou marcas ao lado do pesponto no bordo do calçado.

picar, arrendar o milhão, dar-lhe a primeira sacha.

picarnel, pequeno moinho construido provisoriamente nas quedas de agua dos rios

durante as secas do verão. (*Rev. Lus.*, v, 227); (fig.) homem que é um moinho a comer, que come muito.

piohorra, cantaro, caneca, com bico e de barro branco.

piohórro, pichel, cantaro pequeno, de barro negro.

picuinha, dito satyrico.

pieiro, pia de pedra para descascar o milho alvo.

piela, bebedeira.

pifar, bifar, surripiar, furtar.

pila! pila!, interj. de chamar as gallinhas.

pilão, o mesmo que *piadeiro*.

pillar, desejar ardentemente.

Ex.: «Estou a *pillar* por este objecto».

pilatas, garoto. É nome que os avós costumam dar aos netos.

pileora, cavallo fraco, homem fraco.

piléu, homem insignificante.

pilhante, larapio.

pilheira 1) lapa ou cantareira na parede; 2) pedra saliente nas paredes das cortes das cabras para ellas saltarem.— Etymo *pilearia.

pilocas! piloquinhas!, interj. de chamar as gallinhas.

pinar e **pinchar**, saltar.

pincho, salto.

pingar, cabecear com somno, estar a cair de somno.

pingueiro, quasi bebado, alegre com o vinho.

pinoco, mono, macaco, figura de neve feita pelos rapazes em dia de nevada; (fig.) alto, elevação, monte.

- pinos**, pequenos paus cravados no chão, aos quaes se atira a bola ou malha no jogo da bola.
- pio**, o mesmo que *pieiro*.
- plique**, teima, teimosia, questão, reixa (cf. n.º 351 do CANCIONEIRO).
- pirata**, larapio.
- pisão**, aparelho de pau em forma de maço para bater os panos de lã molhados em agua quente com o fim de os endurecerem. Assim preparam, por exemplo, o *avantal*, ou cobertura dos hombros.
- pisoa**, ponta de cigarro. Em gallego significa: *porción muy pequeña* de. (Cf. Valladares Nuñez, *Ob. cit.*).
- pita**, gallinha; franga ou gallinha nova.
- piteira**, bebedeira.
- pítigo**, a vara mais curta do mangual, o mesmo que *pirtigo* ou *pirtego* de outros pontos do país.
- pitinhos**, o mesmo que *pitos* ou *mulatinhos*.
- pito**, o interior pôdre da fruta. Também se diz no Minho.
- pitos**, os filhos ainda implumes das aves, os *mulatinhos*.
- piu! piu!**, interj. de chamar as gallinhas.
- piucos**, meias curtas das crianças.
- plagão**, fragão, mono enorme de pedra.
- plaino**, plano, planície.
- pocinheira**, pedra com *buqueiro* (olho) á saída das minas para represar a agua, ou também nas presas ordinarias de agua.
- pócha**, casca de painço ou do milho alvo aproveitado para encher os travesseiros, bem como a *muinha*.
- pócho! pócho!**, interj. de chamar o cão.
- póço!**, interj., arreda! que horror! que mal!
- podão**, instrumento de podar.
- poldras**, **pondras**, alpondras, pedras altas lançadas na agua para se poder atravessá-la. — No Minho e Alemtejo (*Rev. Lus.*, iv, 69) são *passadeiras*.
- polvorinho**, redemoinho de vento.
- pontapé de burro**, homem baixo.
- ponte** (fazer) em alguém = passar-lhe á porta sem lhe ir falar. Dizem no mesmo sentido: *fazer pontão* em alguém. Usa-se também em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 101).
- poroa**, travessa de madeira onde assenta a *rã* do moinho. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.* in verbo *Pôrca d'o lagar*).
- porquice**, acção propria do porco, acção feia.
- porrada**, pancada. Tem o mesmo sentido em gallego. (Valladares Nuñez, *ob. cit.*)
- porrête**, cassete.
- porrêto**, o mesmo que *porrête*.
- porvisoar**, gostar ou provar aos bocados.
- porma**, palerma, pateta.

portal, porta de quinta.
portão, porta de casa, do eirado, da rua.
pote, homem baixo.
potra, 1) egua nova; 2) doença das galinhas; 3) doença das couves.
prafusas, o mesmo que *fûsas*.
pragalhar e **pragar**, rogar pragas.
pragana, o envulcro do grão de trigo ou centeio.
prainas, planuras, planicies.
pranéza, planicie.
pranhão, tanchão, estaca, bordo.
pregalhar, pregar pregos.
pregar, causar, meter. Ex.: «*pregar* um logro, uma mentira, uma maçada», etc.
pregos de trilho, os que servem para segurar a chapa de ferro que cinge o linho exterior da roda do carro.
preguiceiro, escabello, banco de encosto.
perguizeiro, significa o mesmo em gallego. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
prejunção, presumpção. (Vid. n.º 41 da PHONOLOGIA).
prelevar, 1) levar a deanteira a alguém, exceder. Ex.: «F. *prelevou* a F.»; 2) desculpar. Ex.: andaste mal, não te posso prelevar».
prenóstico, palrador, falador.
préto, perto, junto, ao pé.— Já apparece bastantes vezes nos tres CANCIONEIROS primitivos. É também palavra gallega. (Cf. Valladares Nu-

ñez, *ob. cit.* e *Rev. Lus.*, VII, 224).
prisca, o mesmo que *pisca*.
prôa, vaidade, basofia.
procurar, perguntar. Ex.: «encontrei F. e *procurei* de onde vinha».
prouveia ou **parouveia**, lugar alto exposto ao vento.
prumos, garfos do enxerto.
pulgão, insecto que damnifica a vinha.
pyrambula, pyramide.



quèoedella, tareia, tosa. Por *aquecedella*.
queiroga, o mesmo que *chamiça*.
quélha, **quélho**, caleira por onde desce o grão da tremonha (nos moinhos).— Em Rio Frio dizem *canélha*. (*Rev. Lus.*, I, 206).
quella (por *aquella*), amor, affecto, mania, telha, e qualquer ideia cuja expressão não occorre. Ex.: «tenho uma grande *quella* a meu filho», «toda a gente tem sua *quella*».
quesila, zanga, raiva.
quesilar, zangar e zangar-se.
quico, chapéu pequeno.
quilhóto, castanha que escapou no chão, coberta de terra, e germina na primavera.
quinchoso, **quinchouso**, e **quinteiro**, terreno cercado de parede para encerrar animaes e curtir estrume.— O ultimo vocabulo é também usado em Galliza. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

R

rã, alem da accepção usual significa tambem: 1) sapo; 2) pedra circular em forma de bola achatada, encravada numa travessa de madeira chamada *porca*, e tendo uma moessa ou cavidade na parte superior na qual assenta o *gogo* ou *aquilhão*.

rabaoeiro, amigo de roubar fruta para comer.

rabanada, rajada de vento.

rabeira, 1) corda presa ao cabresto do cavallo para o guiar, prender, etc. 2) qualquer resto do grão que fica no fundo da tremonha.

rabela, rabice do arado. É tambem palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rabiça, a parte do arado onde o lavrador põe as mãos para o guiar.

rabiças, folhas dos nabos. Em gallego *rabiças* significa o mesmo. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rabiças, nabos pequenos para os recos.

rabita, colher de deitar a sopa.

rabóto, -a, (adj.) que tem falta de um braço. Ex.: «homem *rabóto*, camisa *rabóta* (= sem mangas)».

rabujar, teimar, bulhar, questionar.

racha, 1) parte, quinhão. Ex.: «tambem lá tenho a minha *racha*; 2) pau de faia ou castanho.

raça, **reça** de sola. Está o primeiro *a* por influencia do *r*. Dizem tambem assim em Mogadouro e Lagoaça. (Cf. *Rev. Lus.*, v, 102).

rafar, furtar.

raluno, real, bom, excellente, de primeirissima ordem. Ex.: «espingarda *raiuna*.— Etymo *regunus por *regalis*. O *a* é devido á influencia do *r*.
ralidade, raridade. Dissimilação.

ralhada, ralhos, questões, teimas de palavras.

ralo, ramo. Dissimilação.

ramalhão, subst., ramo grande; adj., comprido como um ramo. (Vid. n.º 615 do *CANCIONEIRO*).

rama, cornadura dos bois, chifres.

rangalheira, o mesmo que *çangalheira*.

range, instrumento de brincadeira infantil. Compõe-se de uma casca de noz furada nas extremidades e no centro; de um pau que atravessa a casca, terminado numa extremidade por uma maçaneta do mesmo pau, e na outra por uma roda de cortiça; pelo buraco do centro sae uma guita que imprime movimento ao aparelho.

ranhão, 1) pau de ranhar o forno (é o que no Minho chamam *surrascador*; 2) vara com um molho de giestas ou farrapos na ponta para varrer o forno (é o *varredoiro* do

- Minho); 3) especie de ancinho metallico para juntar a prata no jogo do monte.
- ranhar**, mexer os cavacos ou brasas que ardem no forno, para o calor se repartir igualmente por todo elle. (No Minho dizem *surrascar*).
- rapança**, espatula de madeira ou ferro, para rapar a massa na masseira.
- raparigo**, rapaz. Usado tambem em Parada de Infanções. (*Rev. Lus.*, II, 119), e em Bragança e Miranda. (*Ibid.*, III, 68).
- rapidamente**, rapidamente. (Vid. PHONOLOGIA, n.º 51).
- rapito**, rapido. (Vid. PHONOLOGIA, n.º 51).
- raposinha** (rama, erva) = rama, erva baixa.
- rascanhão**, arranhadura.
- rascanhar**, arranhar.
- rascar**, namorar.
- rasulho**, a parte solida do caldo, a hortaliça, o *batume* (em linguagem do Minho); (fig.) dinheiro.
- rataplana** (de) = a toque de caixa. Ex.: «andar sempre de *rataplana*». É palavra onomatopaica, imitando o som da caixa militar.
- ratar**, roer. Ex.: «os ratos *ratar*am este lençol».
- ratoqueira**, ratoeira.
- reanhas**, pessoa ruim de aturar.
- rebatina**, rebatinha.
- rêbo**, pedra em bruto, antes de aparelhada.
- rebólo**, grande quantidade de massa (neve, geada, etc.), reunida em forma espherica.
- rebuje**, especie de sarna dos porcos, que se cura com enxofre e toucinho. Quando muito forte, chamam-lhe *rebujão*.
- rebusoar**, procurar as espigas que ficam no campo de centeio ou trigo depois de ceifado, os cachos que ficam na vinha depois de vindimada, as castanhas que ficam no souto depois de varejado, e da azeitona que ainda fica depois de colhido o olival.
- rebusco**, acto de rebuscar.
- reca**, 1) porca; 2) jogo dos rapazes; o mesmo que *choca*.
- recada**, vara de porcos.
- recalha**, rapariga immunda.
- rechão**, planicie.
- reco**, porco. Usa-se tambem em Rio Frio, Miranda e Bragança. (*Rev. Lus.*, I, 216).
- recula**, multidão, bando.
- reça**, calor, raio de sol, restea de sol.
- redra**, a segunda cava da vinha, o desfazer os torrões da vinha para alisar o terreno.
- regibó**, carne de gado lanigero.
- regulador**, parte do arado. Não sei ao certo qual é. Talvez o mesmo que a *teiró*, que serve para *regular* a fundura do rego.
- reinolas**, especie de batatas doces que nascem nos soitos e que os rapazes colhem para comer. Parecem ser o mesmo que *feijoncellos*.

reixinol, rouxinol.

rela, 1) achaque no peito dos cavallos (consiste numa inchacção acompanhada de dôres e parece o mesmo que o *aguamento*); 2) tinha nas ovelhas; 3) bicho do milho. — O sentido primitivo e de onde estes derivam, mas que aqui não ouvi, é o de *rã das ervas*, uma especie de rã venenosa ou salamandra, cujo rasto na erva mata os animaes que a pastam. — Etymo *ranella* > *raella* > *rella* ou *rela*. *Ranellare* na accepção de *cantar da rã*, *coaxar*, *importunar*, *incommodar com o canto continuo*, deu normalmente *relar*, que depois mudou em *ralar* por influencia do *r*.

relaixo, desleixo.

relaxamento, distensão dos nervos (do cavallo), resultante de um esforço violento. No Minho chamam-lhe *força*; ex.: «este cavallo ganhou uma *força*».

relampo, relampago.

relar, ralar. (Cf. *reia*).

relêgo, moderação, modestia. Ex.: «tenha *relêgo* na lingua».

releira, ralação.

rêlhas, pessoa ruim de aturar.

rêlhas, travessas interiores de madeira que prendem uma camba á outra pelo meio do *mile*.

relheira, sulco da roda do carro. — Etymo regularia.

Em gallego é *rilleira*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

relice, o mesmo que *releira*.

remocar, entalar, apertar, fazer cair na esparrella.

remostar, pôr a ferver um vinho velho com o mosto do novo. Ex.: «este anno *remos-tei* todo o meu vinho velho».

remouoar, **remugar**, **remuncar** e **resmusgar**, resmungar, falar por entre dentes. O etymo do 1.º e 3.º é **remuncare*, formado de *mucus* com postsonancia nasal do *m*. (Cf. *emungo*, que é classico, e o *homo emunctae nasis* de Hor.) e significando falar pelo nariz. No 1.º ha o desnasalamento da 2.ª sylaba que foi substituido pela ditongação. O etymo do 2.º é **remucare*, e do 4.º é **remussicare*, formado de *musso* que no latim classico tem igualmente o sentido de *falar por entre dentes*.

rengo, alcarnache, erva parassita.

rente, pontual, exacto. Ex.: «F. costuma ser *rente* á hora».

rentez, rasteiro. Ex.: «feijão *rentês*» para contrapor ao que atrepa pelas varas acima; (fig.) manhoso, velhaco. Ex.: «estás em *rentês*».

repapollas, papoilas.

repêso, arrependido.

repesoiro, terreno baldio nos montes ou perto dos rios.

repitosca, rapariga bonita.

repolhaço, homem gordo.

reposta, resposta. É o gallego *repòsta*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

requintar a corda = apertá-la muito, dar-lhe a ultima puxadella.

resalgarlo, pequena lagarta que roe a rama dos pinheiros.

resegueros, mui seguros.

responsar, praguejar, rogar pragas, tratar mal. Ex.: «meu pae por quasi nada *responsou-me* todo o dia».

retraço, restos de penso que as bestás deixam de comer.

rétrocetro! (interj.), eu te arrengo.

retruoar, responder.

retruque, termo do jogo em que se ganha um só tento.

revêlo, cabrito passante de dois meses (cf. *cabrito*).

rexóxó, reprehensão, sara-banda. Usado em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 104).

rêsvés, quasi, não faltando senão pouco.

rezão, homem que reza muito.

rigores, faixa avermelhada que se forma ora ao poente, e denota bom tempo, ou ao nascente, e denota chuva.

ripar, passar as cabeças do linho pelos dentes das ripas para lhe arrancar a semente.

ripas, tábuas estreitas para nellas assentar a telha de Marselha (cf. *latas*).

ripos, ripansos do linho, especie de tábuas dentadas na parte superior para arrancar a baganha do linho.

risa, riso. (Cf. *chora*).

risoa, serradura.

roca, arma.

rocão, 1) haste de pau com um aparelho de folha na extremidade para colher a fruta (peras, maçãs) das arvores sem a pisar; 2) funil de papel de varias côres para apertar o linho na roca á falta de correia.

roças, artista mal habilitado.

rodizio, peça do moinho: haste ou fuste de madeira que tem ao fundo uma especie de moca (no Minho chamam-lhe a *pela*) onde se encaixam as as peças que o hão de pôr em movimento. Etymo *rod-icinu. (Cf. o gallego *rodesno*, Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rôleiro, o homem que faz o rol.

rolête, pequeno rolo de madeira sobre o qual o moleiro *rola* a andadeira do moinho, para a descer sobre os malhaes e collocá-la no chão, quando a deseja picar.

romão, recorte no eixo do carro onde assentam os *malhetes* e ficando apertado entre as *treitoiras*.—Em Barcellos chama-se *lumes* e em gallego *lodoiro*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

rompante, investida.

roncha, nome insultuoso entre raparigas.—Em gallego significa salamandra (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

roqueiro, o mesmo que *rocão*.

rôsa (enxada) = enxada de gume direito para contrapôr á de *ganchos*, que tem o gume terminado em duas pontas agudas com a cavidade no meio. — Etymo *rosa*, de *rodo*, significando *roida*, *raspada*, *lisa*, *direita*.

rosnar, resmungar, replicar por entre dentes.

rosquiar, cair, fazendo roscas ou rolando.

rôta, corte de terrenos (para abrir uma estrada, um caminho, etc.).

ruda, arruda.

rupar, ladrar, latir, investir com alguém (falando do cão).

rusga, tocata, pandega.

S

sabio, feiticeiro. Em gallego ha *sabias*, significando feiticeiras. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

saboeiro, homem de pouco asseio no vestido.

sabonetada, descompostura.

sabugo, chifre, nas duas frases: *ora sabugo! valha-te um sabugo!* Esta palavra significa primitivamente sabugueiro, e a parte inferior dos chifres. Nos dois exemplos acima ha uma synecdoche da parte pelo todo.

sacalhos, tamancos velhos.

sachinho, sacho pequeno para sachar o milho, o painço, a batata, etc. Também se chama *pica*.

saçarelo, homem que fala muito (Folhadella). Provavelmente é erro de escritura em vez de *tagarelo*.

saganucho, vesgo de um olho. Está por *ceganucho*, mudando o primeiro *a* por influencia da guttural. (Cf. PHONOLOGIA, n.º 23, 1.º). — Etymo **caecanuc*'lu.

saibrar, o mesmo que *surribar*.

saimão (signo) = signo Salomão.

salamatinga, salamandra, rã de pintas verdes e amarellas.

salmonête, descompostura, reprehensão.

saltarioo, gafanhoto. Também lhe chamam *saltão*.

saluga ou **saruga** (pão de) = pão só de centeio, trigo ou cevada, sem mistura de outro cereal.

samarra, 1) homem corcunda, marranita; 2) a marrã do corcunda.

sangranho e **sarangranho**, sargaço preto, especie de giesta. (Cf. os n.ºs 50 e 18 da PHONOLOGIA).

sangrinho, **sangarinho**, **sanguinho** e **sanguinheiro**, arvore, de pau amarellado e sabor amargo, de que se fazem as rocas das fiandeiras e os açafates e cestos.

O etymo dos dois ultimos é *sanguineo* e *sanguinario*. Quanto aos dois primeiros cf. os n.ºs 50 e 18 da PHONOLOGIA).

sanisoas, fragmentos, estilhaços.

sanoca, 1) bolo de semente;
2) nome de insulto entre rapazes.

santoria, má mulher.

sapada, desmoronamento de parede com terra adjacente quando se trata de um muro de suporte. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *sapa* e *bólhara*. (*Rev. Lus.*, v, 105, 33).

sapinhos, o mesmo que *pitos* ou *mulatinhos*.

sapateiro (termos de):

Biségre ou buxête.

Pica-ponto.

Martello.

Fôrma.

Grosa.

Torquês.

Sovella.

Sovelhão.

Linhol.

Palmilha.

Tacão.

Vira.

Sola.

sapo-ooncho, cágado; (fig.) homem baixo. Em gallego significa *tartaruga*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

saraça, homem trapalhão no serviço e que nada faz que preste. É possível que este sentido derive de *saraço* por metáfora.

saraço, rato. Etymo **soracem*, de *sorex*, que deu o fr. *souris*. A mudança do primeiro *o* em *a* é devida à influência do *r*.

sarapatel, confusão, balburdia, barulhata.

sardinha, bofetada.

sarrim, serradura.

scambrar, o mesmo que *escambrar*.

scandola, raiva, má vontade.

scóche! o mesmo que *coche!*

sebinas, pregos da ferragem das rodas do carro. (Julgo que também lhes chamam *pregos de trilho*).

sêca, falta de água, estiagem.

sêca, pessoa importuna, que fala muito e não nos larga.

secadavel, (subst.), terra sêca, ou por não ser regada ou por não ter sessão.

secalhal, sêco. (Cf. o ENSALMO 10).

sêde, desejo de vingança. Ex.: «F. tem *sêde* a F.»

sêga, o mesmo que *seita*.

segurelha, 1) peça de ferro que encaixa no veio e sobre o qual assenta a *andadeira*. Em gallego é *saborella*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*). Etymo **securic'la* de *securis*, porque a *segurelha*, quer como parte do moinho, quer como nome de planta (que aqui não ouvi) se assemelha às machadas de dois gumes.—É também um termo do jogo do pião. Antes de atirar o pião os rapazes dizem: *segurelha não falada*, assim como em Chaves dizem *á molha para a santa segurelha*.

segurelhal, a cavidade inferior da *andadeira* na qual entra a *segurelha*.

seita, instrumento de ferro pendente do temão e destinado a cortar a terra.

sementar, semear.

semesugas, sanguessugas.

senisga, o mesmo que *pencha*.

Tambem usado em Mogadouro e Lagoaça. (Cf. *Rev. Lus.*, v, 110, na palavra *zorela*, e v, 40).

sepegar, açular, acirrar os cães.

seramangar e **serramancar**, andar vagarosamente, arrastar os socos, rapar no chão com o calçado.

serra, acto de serrar, serração.

Ex.: «hoje é a *serra* da velha.

sertão, sertã (Constantim).

sesminar, scismar (Constantim).

sessão, [pousio dum terreno, vigor, força], humidade. Usa-se tambem em Rio Frio. (*Rev. Lus.*, 1, 207). Etymo *sessione(m)* de *sedere* estar de pousio. Escreve-se ordinariamente *cessão*, mas parece-me melhor a graphia que adopto em face da etymologia. É termo vulgarissimo em todo o Minho, bem como em Trás-os-Montes; devo porem declarar que só o tenho ouvido no sentido de *humidade*.

sêtoira, foicinha, instrumento de segar erva. Em Valpaços é *seitoura* (*Rev. Lus.*, 11, 258). Etymo *sectoria*.

sebenisoar, o mesmo que *subeliscar*, com dissimilação *n-r* por *l-r*. Quanto á mu-

dança de *u* em *e*, na primeira syllaba, vid. n.º 14 da PHONOLOGIA.

sevilhana, especie de azcitona grande.

sefelpa, casaca; (fig.) tosa, sova (Folhadella).

sincelar, formar sincélo.

sincélo, 1) laminas de caramelo pendentes das arvores ou das casas; 2) nevoeiro cerrado que prende a congelação do caramelo. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *sinceno* e *sincenado*. (*Rev. Lus.*, v, 105).

sirgo, bicho da seda.

siso, rodela de cortiça no interior de roca.

soalheiro, lugar onde os cereaes se expõem ao sol. O etymo d'esta palavra **soliariu-*, formado de *soli-s* + *arius*.

soalheira, lugar onde as pessoas vão tomar o sol.

soba! interj. de açular os cães.

Parece que originariamente devia ser *çoba*, porque em Valpaços (*Rev. Lus.*, 11, 256) dizem *açobar*, e em Mogadouro e Lagoaça (*Rev. Lus.*, v, 23 e 37) dizem *acebar*.

sobar, açular, acirrar os cães.

sobreposta, peça de madeira na extremidade do cabeçalho, onde está o chavelhão.

sobrerelhas, peças exteriores de ferro que ligam entre si o *mile*, os *impoltos* e as *cambras*. Em Barcellos são *meias luas*. Em gallego é *sobre-*

- relas*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).
- sôco**, bofetada; murro.
- sôga**, 1) correia de prender o jugo ás molhelhas ou aos chifres dos bois (e não de os chamar, como acontece no Minho); 2) correia feita das aparas dos coiros nas fabricas dos cortumes.
- soidade**, saudade.
- soitaria**, o conjunto de muitos soitos; um soito grande.
- soitinha** (castanha = castanha redonda. Também lhe chamam *souzana*. *Castanheiro soitinho*, o que dá castanhas soitinhas.
- somelga**, arreguiço, criança enfezada ou rachitica, pessoa fraca.
- sonetada**, descompostura, reprehensão. (Relvas, em *Parada de Cunhas*). Informam-me algumas pessoas que provavelmente ha aqui uma confusão com *sabonetada*, palavra bastante usada no mesmo sentido.
- sonsinho**, homem aparentemente simples e de boa-fé, mas realmente muito manhoso.
- sopaina**, torto das pernas, cambado.
- sóqueiro**, tamanqueiro, o que prega os sócos.
- sorbicadela**, beliscão.
- sorbioar**, beliscar.
- sorte**, leira, calço, nesga de terra.
- sortidas** (agulhas) = agulhas de todas as qualidades, grandes e pequenas.
- souploar**, pisar a uva no lagar.
- sousana** (castanha) = c. *soitinha* ou redonda.
- sovina e sovinas**, avarento, poupado.
- specar**, especar, segurar, firmar.
- spirar**, soprar, bufar.
- s'ropião**, escorpião.
- stalada e stalo**, bofetada.
- stmagado**, irritado, irado, zangado.
- stamego**, estomago.
- stampatorio**, barulho de palavrás, berrata.
- starrincoar**, trovoar.
- starrinco**, trovão forte.
- stirada**, grande extensão de caminho. No Minho *stirão* e *stirada*.
- strefegante**, (adj.), flagrante. Ex.: «apanhado em *strefegante delicto*»; (subst.), occasião, memento. Ex.: «naquelle strefegante».
- strefogueiro**, o mesmo que *tresfogueiro*.
- stroe-tudo**, pessoa que come carne na quaresma e bacalhau no resto do anno.
- stupito**, estúpido. (Cf. *PHONOLOGIA*, n.º 51).
- subalhitos**, restos de comida.—Esta palavra vem do thema *subalho*, cujo etymo é *cibaclu-*, de *cibus* + *aculus*. Por influencia da labial o *ci* mudou em *çu*, que sendo contraria ao uso da lingua no principio das pala-

vras, passou a ser representada por *su*.

subeliscar, belliscar. Etymo *subvelliscare, formado de sub + velliscare de vello, donde subbeliscar, e depois subeliscar.

sucêdo, successo, caso, acontecimento.

suplno, zinote, recto, assento, anus.

supito, subito. (Cf. PHONOLOGIA, n.º 51).

suprimento, alimento, substancia. Ex.: comida de pouco *suprimento*.

surrar, bater, dar pancadas. Ex.: «quando acontece de lhe bater (na criança), então *surro-lhe* muitas». (Cf. *zurrar*, que parece a forma mais usual.

surribar, cavar profundamente um terreno inculto, desbravar.—Etymo *subripare.

sustancia, caldo de gallinha. Em gallego significa «caldo que suele darse á los enfermos». (Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

sustenido, bofetada.

T

tabafeira, chouriço feito de sangue e meudezas de porco.

tabaqueiras, ventas, faces.

tabefe, bofetada.

taboleiro, soalho do carro.

tacha, dente. Ex.: «arreganhar e *tacha*.

tachado, embriagado.

taina, pancadaria.

talefe, marco geodesico no alto dos montes.

talhadoiro, o lugar onde se corta ou talha a agua.

talhar, cortar.

tamaninho e **tamanino**, bocadinho, poucquinho.

tamão, peça um pouco curva de madeira que serve para puxar o arado. Por uma extremidade prende na rabiça e pelo meio na teiró.

tamboladeira, copo de provar os vinhos.

tamborete, cadeira.

tamoeiro, peça de coiro onde, por meio do chavelhão, prende a cabeçalha do carro.

tanchão, estaca, bardo.

tanchoad, uma sebe de tanchões.

tanha, talha, vasilha de barro para deitar azeite. (Cf. o n.º 43 da PHONOLOGIA).

tapa, tapada, bouça.

tardonho, atrasado, que vem tarde.

tarefeira, o mesmo que *gafeira*.

tarefeiro, empreiteiro ou arrematante de concertos de estradas.

taroucos, sócos.

tarracho, homem baixo.

tarrêlo, panela pequena. De *tarro*.

tarrinoar, 1) trovoar; 2) ranger os dentes. Em Mogadouro e Lagoaça dizem *terrincar*. (Rev. Lusit., v, 106). (Cf. *starrincar*).

tarrinco, trovão forte, o mesmo que *starrinco*.

teiró, peça ou travessa de madeira quasi perpendicular que segura o *tamão á rabiça*, ou melhor, ao fundo do arado.

temporejar, vir ou nascer ao mesmo tempo. Ex.: «o centeio barrosão (serodio) se for semeado nos campos de Villa Real dentro em poucos annos temporeja com o nosso».

tenador, garfo. Do cast. *tene-dor* com a dissimulação *e-a* por *e-e*.

tenente, homem cuja mulher lhe é infiel. A origem d'este sentido ha de buscar-se na frase completa *tenente-coronel* ou *cornel*, como diz o povo.

tesão, a ultima travessa que une as chedas. Etymo já dado *tensione(m)*.

testar, tornar testo, entesar.

testiar, pegar alguém, chiscar. No Minho dizem *testilhar*.

testo, teso, entesado. Ex.: «*fio testo*» em contraposição a «*fio doudo*».

tineira, força, intensidade. Ex.: «na *tineira* do calor». Etymo **tenaria* (de *tenor*, ôris com mudança de suffixo); o *i* da 1.^a syllaba pode explicar-se por influencia do *i* da terceira. (Cf. *sinto* e *minto* de *sentio*, *mentio*). Quanto á conservação do *n* intervocalico, ou havemos de admitir que a palavra nos veio do castelhano, ou que é de procedencia erudita.

tinhosa, tortulho ou cogumelo venenoso.

tlóme, tio, patrão, senhor. É a expressão com que se dirige a uma pessoa desconhecida, mas de baixa condição. Está por *tio homem*.

titellas, a parte deanteira das chedas no ponto em que cucurvam para se unirem á cabeçalha. (No Minho são *cambotas*).

tó, interj. de afastar e repellir os leitões, os cães, as cabras e, ás vezes, os recos.

toar, trovejar.

tóchos, não sei com certeza o sentido d'esta palavra. É possível que seja palavra gallega *toxo*, correspondente ao *tojo* port., mas em Valladares Nuñez, *ob. cit.*, não apparece senão *tojo*.

tolidade, tolice.

toeira, 1) trovoadá; 2) bordão, uma das cordas da viola.— Usado neste segundo sentido tambem em Mogadouro e Lagoaça. (*Rev. Lus.*, v, 106).— Etymo **tonaria* de *tonare*, trovejar, soar, fazer som.

tombear, dar tombos.

tombo, livro manuscrito da demarcação dos terrenos concelheiros ou baldios (nos montes). Estas demarcações fazem-se ás varas de logar para logar, ou mesmo de penedo para penedo, pondo ás vezes nelles cruces ou sinaes para se não enganarem.

tóo, trovão. Etymo *tonus*.

tora, rancho, ração, carne; (fig.) castigo. (É linguagem só de soldados). Em gallego significa *pedaço*, *porção*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

torgueira, torgo, especie de urze, de que fazem carvão.

torna, 1) nesga de terreno; 2) porção de agua.

tornar, responder, replicar. Ex.: «dei-lhe as boas horas e não mas *tornou*», «fiz-lhe uma pergunta e nada me *tornou*».

tosa, tareia, dosa.

touca, 1) rede da cabeça (para crianças); 2) bebedeira. Este ultimo significado é uma translação do sentido ordinario: de *adorno da cabeça* passou para *peso na cabeça*.

trabalhuoar, trabalhar.

trabela, rela ou bicho do milho.

trabola ou **traboleia**, pessoa que fala muito e é mentirosa.

trabota, castanheiro novo, delgado e direito.

tracalheiro, intriguista.

tracalhices, mentiras, intrigas.

tracanaço, pedaço de pão.

tracanaaz, o mesmo que *tracanaço*.

traçar o centeio = pô-lo algum tanto atravessado ou cruzado. Os ceifadores no campo costumam pôr as mãos de centeio, que vão cortando, um pouco *ensisgadas* ou cruzadas umas sobre as outras,

até dar o sufficiente para fazer um feixe ou molho.

tráfega, azafama. Ex.: «andar numa *tráfega*».

tramêlo, pau pendente do *quêlho* do moinho e que é sacudido ou agitado continuamente pelo rodar da *anda-deira* (em Barcellos é *chamadoiro*); (fig.) pessoa que fala muito.

trastejar, cuidar dos trastes ou objectos de casa; superintender ou vigiar os serviços das pessoas de casa; andar de uma parte da casa para a outra.

treitoiras, peças de madeira encravadas na parte inferior das chedas e malhetes para arrastarem entre si o eixo do carro. Em Barcellos são *couchões*.—Etymo * tractoria. É também palavra gallega (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*)

treçólho, o leitão mais meudo de uma ninhada.—O mesmo em Barcellos. Em gallego é *trixó*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

treladar, pagar e desenvolver-se (falando das plantas); (fig.) dar bom coito, correr bem (qualquer negocio).—Etymo * *translatare* > *trasladar* > *tresladar* > *treladar*. Estas quatro ultimas são todas usadas em português.

tremar, v. a. Ex.: «tremar *seções*». (Cf. *arder*).

tremoia, caixa em cima da mó

do moinho para deposito do grão que vae saindo pelo *quélho*. (No Minho dizem *moéga*). — Etymo *tremonia— de tremere, por causa de uma oscillação ou movimento que se lhe nota.

tremonha, o mesmo que *tremoa*.

tremonhal, especie de caixa de madeira a dentro da qual trabalha a mó do moinho e se junta a farinha. (No Minho é a *caixa do tremonhado*). Pode ver-se a palavra *trimiñado* em Valladares Nuñez, *ob. cit.*

trepá, sova, tunda.

trepellada, pancadaria, tareia.

trepioar, pegar com alguém, ser bulhento, o mesmo que *intrepicar*.

tresfogueiro, pedra ao fundo do lar, atrás do qual se guarda a cinza. — Etymo *transfocariu. — Em gallego ha *trafogueiro* em sentido poetico. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

trigueira, a mulher que vende trigo.

trinca-espinhas, homem alto e magro.

tripas, força, vigor, dinheiro; coragem, coração, alma. Ex.: «tu não tens tripas para este negocio»; «F. não tem tripas para pôr o filho a padre».

tripeira, mulher de vestidos rotos e sujos.

trólha, canudo de lata para meter os meudos de carne

nas tripas delgadas; (fig.) nome de insulto entre raparigas.

tromba, cara, nariz.

trovoada, 1) aspecto carrancudo, mau *duaiso*, má cara; 2) bebedeira.

truque, termo do jogo em que se ganham só tres tentos.

tudo-nada, um bocado, um pouco, um quasi nada.

tuitoiras, o mesmo que *treitoiras*.

tunda, sova, tosa, tareia.

tupino, torto, cambado das pernas.

turca, bebedeira.

turna, turra, marrada de animal.

U

ubre, teta (dos animaes).

uh! uh! uh!, interj. de fazer parar os bois.

unhas, homem avarento, pessoa muito poupada.

unheiro, doença dos olhos (?).

urselo, urso (Folhadella).

urgueira, urze, cuja raiz se chama *torgo* ou *torgueira*, de que fazem carvão. Ha duas especies de *urgueira*: branca e vermelha: d'esta é melhor o carvão. — Etymo *alicaria, estando o *r* por dissimilação.

uvar e **uviar**, uivar. (O segundo termo é de Constantim).

V

vação, bruto, estúpido, palerma, um *bom-serás*.

valeira, galgueira ou vela para plantar bacellos.

vareja ou **mosca varejeira**, especie de mosca que poisa na carne.

varella, vara delgada e comprida (ordinariamente de pinheiro) para ligar entre si os bordos das vidas e os ter em linha recta.

vasoulho, vassoura mal feita de varrer o forno.

vêdalhas, presente que se leva á mulher parida; presente em geral, alviças, etc.

veiga (leitões de) = bacosos pequenos soltos pelos campos.

veio, ferro embutido na extremidade do *lobête* (= parte superior do rodizio) e que vae encaixar na *segurelha*. Em gallego é *veo*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

velador, mancebo, aparelho de pau para pendurar a candeia.

veliqueiro, que apenas *velisca* a comida, que come pouco, que come mal. Etymo *vellicariu de vellicare (formado de vello + icare). É também palavra gallega. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

velisca, golpe ou incisão com a unha.

vencelha, atilho ou prisão feito de um só ramo, giesta ou vara torcida. Do lat. vincicla (vincire, atar).

vencelho, atilho feito de dois ramos atados. Do lat. vinci-

clu. Em gallego é *vencello*. (Cf. Valladares Nuñez, *ob. cit.*).

vendimeiro (cesto) = cesto de surdina.

ventos, direcções ou veios na pedra por onde ella fende ou abra facilmente. Tem alguma semelhança com os *ensabamentos* das minas, que são betas de terra de côr parecida com o sabão que determinam os diferentes septos, divisões ou reparações dos terrenos e pelas quaes ella fende mui facilmente, deixando ás vezes cair grandes taipas.

verde, sangue. Ex.: «abrir ao verde».

verde louca, parece ser nome de planta. (Cf. n.º 716 do CANCIONEIRO).

verdial (azeitona) = azeitona de côr verde.

verdegar, verdejar, ter côr verde.

vergame, varas de castanheiro proprias para cestos.

vergonhaço, vexame, affronta, injuriadela.

véstia, casaco tanto de homem como de mulher.

vezeira, rebanho de gado. (Benagoiro).

vicente, gato.

vicentes, sócos.

vimias e **vimes**, atacas ou atilhos para as vides. As primeiras mais fortes e rijas e extrahidas dos vimeiros, quando as varas já estão duras e

de côr amarella; as segundas são mais tenras, de côr ainda verde, e só servem para as vides mais delgadas.

vinco, a primeira camada immediata á codea de baixo nas broas de pão quando este sae do forno mal cozido por ser a massa mal levedada ou a farinha ter sido muito remoida no moinho.

vinha (termos da), das vasilhas, da bebedeira:

Cava (*Cavada*, *Cavan-
chona*).

Surribar (*saibrar*).

Redra.

Poda.

Capão.

Camear as vides.

Farinhato (*farinhato*).

Enxofrar.

Enxofrar no pampo.

Desavinhar.

Pulgão.

Cesto vindimo.

Dorna.

Lagarada.

Travar.

Pipa.

Tonel.

Balsa.

Esquiça.

Lota.

Agulha.

Argal.

Mistella.

Briol.

Azul.

Pingueiro.

Berzunda.

Camoeca.

Cardina.

Cardiola.

Carga.

Cartola.

Crapiella.

Gata.

Martha.

Nassa.

Touca.

Turca.

Zerenámora.

Zurca.

vinte, especie de jogo dos rapazes.

vir, levedar-se a massa de pão.

vito, (interj.) viva! Ex.: «*Vito, vito, vito, que nos hão de dar os reis*»: estribilho que os rapazes repetem á porta dos lavradores antes de começarem a cantar os Reis.

vogar, importar, valer, tem valor. Ex.: «que *voga* isso?» «isso não *voga* nada».— Ety-mo *advocare* > *avogar* (port. archaico) > *vogar*. O sentido primitivo era *chamar em seu auxilio*; depois *advogar, defender, ter valimento com alguém, valer*, etc.

vogueiro, argueiro.

X

xacóto, pau pequeno.

xairel, chaile fraco, vestido reles, pano ordinario; (fig.) pessoa fraca e doente.

xarel, o mesmo que *xairel* (Constantim).

xærga, enxerga (Mondrões e Constantim).

xeragão, enxergão, colchão;
(fig.) mulher gorda (Mondões
e Constantim).

xeringa, seringa. (Mondões e
Constantim).

xeringar, seringar. (Mondões
e Constantim).

xotar, enxotar, desviar, afas-
tar (Mondões).

Z

zanargo, torto da vista, vesgo.

zangarilheira (á) = á von-
tade, quanto se queira. Ex.:
«comer, dormir, etc., á *zan-*
garilheira».

zangar, salvar, pinchar ou sal-
tar para o outro lado (Folha-
della).

zanólho, o mesmo que *zan-*
nargo.

zarão, pião grande.

zarasca, pião pequeno ou mal
arranjado.

zarêlho, traquinas, desin-
quieto.

zaróna, o mesmo que *zarasca*.

zerecheia e zerechia, chiada
ou grilhada de rapazes; ba-
rulho, zum-zum.

zerenámora, bebedeira.

zeribaranda, sova, tareia.

zerípula, zípula e zipla, ery-
sipela ou inflamação cutanea.

zerzulho, dinheiro.

zicha, leira comprida e pouco
larga.

zichar, espirrar com força, es-
guichar (falando da agua).

zloho, esguicho de agua.

zinote, o mesmo que *zuaque*.

zoar, soar.—Etymo sonare.

zoeira, soido, ruido, barulho.

zôga, pau de urze com sua
raiz.

zégada, pancada com *zôga*.

zorilhados, enredados, subli-
nhados.

zorra, apparelho em forma de
< para arrastar pedra.

zorrão, pessoa pouco agil.

zorro, 1) filho natural; 2) criado
velho).

zuaque, anus, recto, assento.

zunargo, o mesmo que *zan-*
nargo.

zuco, bebado.

zungão, instrumento infantil
formado de uma lasca de
madeira, que os rapazes fa-
zem *zungar* ou soar com
uma gaita.

zungar, zumbir, soar; fazer
zumbir, fazer assobiar. Ex.:
«*zungar* uma pedra, *zungar*
um pião».—Etymo *soni-
care.

zurca, bebedeira.

zurrar, bater pancadas.

Porto, 20 de maio de 1905.

A. GOMES PEREIRA.

MISCELLANEA

I

Taibo

(Vid. *Rev. Lus.*, xi, pp. 11 a 24)

Tem razão os dois eruditos¹ que dão ao adjectivo *taibo* o significado de *bom* e o derivam do arábico *taib* طيب. Tanto o sentido como a origem, e também a aplicação a Mouros (quer pretos, quer brancos, quer baços, isto é: da Guiné³, de Tunis ou de Cambaia) já foram consignados pelos decanos da historiografia da Índia, em trechos de valor documental. Por maravilha, nenhum de nós os memorou até hoje. Conhecendo-os, de ha muito, eu não me recordava do contexto, nem dera com as papeletas respectivas, quando redigi as minhas *Contribuições*. Por isso, tenho agora de retratar-me, asselando o capítulo relativo a *taibo* = *bom*, com anedotas históricas, relativas a um Mouro *Taibo* ou *Bomtaibo*⁴.

Eis o que narra o autor das *Lendas da Índia*: Antes de passar por alto perto de Sofala; nos começos, portanto, da parte nova da sua rota, Vasco da Gama prendeu, numa almadia do primeiro zambuco que encontrou, no mar Índico⁵, não um simples cafre, mas um Mouro bem vestido, por ele, e só ele, não saber fugir, nadando! (Vol. I, p. 32). Corretor de grande negociante, este era, por especial graça divina, homem honra-

¹ Julio Moreira e Gonçalves Viana.

² Vid. Freytag, *Magnum Lexicon*, III, p. 82, s. v. «طاب» «bonus purus et suavis delicatus fuit»; طيب, pl. اطياب «bona suavis res . . . res licita»; طيب, fem. «bonus suavis licitus».

³ *Cancioneiro Geral*, I, 172 e III, 229 (como oposto de *marfuç*).

⁴ Claro está que, sendo assim, aceito a interpretação da frase «dormir guarda nunca [é] *taibo*», dada por Julio Moreira.

⁵ Em Março de 1498.

dissimo, sem laivo de traidor,— e de mais a mais natural de Cambaia. Embora não se pudesse entender com ninguém, nem mesmo com auxílio de um escravo de Paulo da Gama, (preto da Guiné que sabia alguma coisa de aravia ¹), o Mouro, chamado *Davané* (p. 35), deu-se admiravelmente bem com os Portugueses; aprendeu muito de pressa a nossa fala (pp. 43 e 65) ², e acompanhou sempre os expedicionários, servindo-lhes de língua e intermediário, tanto nas compras de provisões, cujos preços sabia (p. 57), como nos tratos e contratos com os soberanos de Moçambique, Mombaça e Melinde.

Quando tiveram de demorar-se naquelle reino hospitaleiro (durante meses, na opinião de Correia ³), os Portugueses, esgarmentados pela falsa-fé dos mouros de Moçambique e Mombaça, pediram a *Davané*, *porque nelle tinham muita confiança, como a filho verdadeiro*, para sempre estar com o rei de Melinde, impedindo que os Infieis os malquistassem com elle. Isso, num longo discurso referido por Correia.

«O que todo ouvido polo corretor respondeo: «Senhores, se eu sou mouro, como vos fiareis de my que vos farey verdade?» Ao que o capitão-mór lhe respondeo: «O meu coração me diz que hes nosso verdadeiro amigo, e de ti nos hade vir muito bem; e por tanto tudo ponho em tuas mãos, e tu fazes o que teu coração te disser». O mouro respondeo: «Faça Deos a mi o que desejo fazer a vós outros». O cafre que fallava com o mouro disse aos capitães: «Senhor, este homem muito *taibo*»; que dizia que era *muito bom*; com que muito folgou o mouro, e disse que assi lhe chamassem. E então, d'ali em deante lhe chamaram *taibo*» ⁴ (p. 60).

Admiremos o talento dramático e a propensão ⁵ para o romanesco e maravilhoso de Gaspar Correia, assim como o singular dom repentino das linguas dos representantes. E vamos àvante! Porque ha mais pormenores ainda. Presenteado com grossa ca-

¹ Pouco depois, cafres de Moçambique facilitaram as relações com o aprisionado.

² De Março a Maio! — se aceitarmos as datas de Correia.

³ De fins de Maio até fins de Agosto, Castanheda e Barros calculam a estada em apenas dez dias (de 14 a 24 de abril). Belas férias, ainda assim; para os não-analfabetos da expedição começarem a redigir as suas *Relações*!

⁴ Na impressão lê-se quasi sempre *taibó*.— Porquê? Nos originaes, seguramente não haveria este circumflexo (p. 60).

⁵ Propensão que já lhe notara o seu primeiro editor.

deia de ouro, Davanê recebe da parte do rei de Melinde uma cabaia de seda; e sabendo a honra que os nossos lhe fizeram, pela cadeia que lhe vira ³ e pelo nome que lhe puseram de novo, «que era *taibo* que queria dizer bom», o rei esteve zombando com ele e dizendo que «pois lhe puseram nome de *bom*, que assi o fosse, porque tambem elle lhe faria mercê». A p. 71, Correia torna a chamá-lo «o mouro *taibo*». Em seguida, Davanê vae com a armada a Calecut e Cananor, onde fica e morre; ou antes, é morto em 1500, pouco depois de haver prestado serviços a Pedro Alvares Cabral (p. 227) ⁴.

Viremo-nos agora para Castanheda. Ele, com todos quantos posteriormente se inspiraram na *Historia do Descobrimento e Conquista da India*, desconhece por completo a inverosímil figura ideal do mouro Davanê. Conhece, todavia, o adjectivo *taibo*, «bom», como sobrenome tambem de um mouro, amigo dos portugueses. Ou antes, o substantivo qualificado ou tautológico *Bomtaibo*, como interpretação e modificação humorística do verdadeiro nome *Monçaide*, pelo processo da etimologia popular, tão caro aos mareantes. Este Monçaide ⁵, residente em Calicut, era um mouro de Tunes que fortuna, e talvez erros seus, trouxeram ao Oriente, pelo caminho do Cairo, e nas suas peregrinações aprendera castelhano (genovês) ⁶.

Falando do degredado que, segundo a praxe, Vasco da Gama mandou á terra para indagações, o historiador diz o seguinte com respeito aos que o acompanhavam:

«E indo assi, crendo que fosse mouro, levará-no á pousada de dous mouros, naturais de Tunez, em Berberia, que foram ter

³ P. 61. O passo está deturpado grammaticalmente, pois principia: «O que sabendo os nossos a honra que o Rey [lhe] fizera ao mouro com a cadea que lhe vira», etc.

⁴ Isto é, nas *Lendas da India*, que, a meu ver, confundem os successos da primeira e da segunda expedição.

⁵ Aparentemente tambem sabia alguma cousa de português, ou então o seu castelhano não era castiço, caso que o autor do *Roteiro* reproduzisse fielmente os seus dizeres.

⁶ Em lugar d'ele, Correa apresenta um castelhano renegado de Sevilha, *sem nome*, que «moço de pouco idade, fôra cativado e corraera per muytos catiueiros até ácertar de morrer hum seu senhor que o deixara forro, e por segurar a vida tomara o nome e cerimonia de Mouros, mas que Deos dos ceos, a quem se encomendava, sabia que sua alma era christã...» (p. 79).—Sempre romântico, esse tão simpático autor das *Lendas*, cuja boa-fé e valor moral e intellectual não contesto — relevando apenas o seu feitio de poeta!

a Calicut e eram hi estantes. E hum d'elles que avia nome *Bôtaibo* sabia falar castelhano e conhecia muito bẽ os Portugueses, segundo depois disse, que os vira em Tunez em tempo delrey dom João em hũa nao chamada a Raynha, que el rey la mandaua muytas vezes buscar cousas de que tinha necessidade. E ẽ entrando em sua casa disselhe logo *Môçaide* (e este nome foi corruto pelos Portugueses e mudaram-no em *Bôtaibo*, como lhe chamauão todos os que forão nesta viagẽ, conhecẽdo-ho por Portugues): «Al diablo que te doy! quien te traxo acá? «e depois lhe perguntou de que maneyra viera ali ter? ¹», etc.

D'aí em diante sempre o nomeia *Bôtaibo* (*Bontaibo*). Por servir bem os Portugueses foi inimizado pelos mouros e indios, a ponto tal que se refugiou á armada ². E veio ao reino, onde se cristianizou ³.

Para documentar a existência d'este mouro de Tunes, encontrado em Calicut, basta a *Carta de D. Manuel ao Cardeai Protector*, de 28 de Agosto de 1899, pois aí ẽ mencionado expressamente ⁴.

Nõ *Roteiro da Viagem de Vasco da Gama em 1497*, obra importantíssima que, como se sabe, ministrou a Castanheda, Barros e Goes, e indirectamente a Luis de Camões, os mais copiosos elementos para as suas histórias do descobrimento, não se indica o nome *Monçaide-Bomtaibo* ⁵, ficando assim demonstrado que os cronistas ainda se serviram de outras fontes, escritas ⁶ e verbais.

¹ Livro 1, capitulo xv, (fl. 33 da ed. de 1554).

² A meu ver, na nau de Nicolau Coelho.

³ Vid. Livro 1, cap. 24, fl. 53.

⁴ «Trouxeram os nossos 5 ou 6 indios de Qualicut ... e mais um mouro de Tunes ... e um judeu tornado christão». Vid. Teixeira de Aragão, *Vasco da Gama e a Vidigueira*, (Lisboa 1898), p. 219 (doc. 9).

⁵ Pelo menos, ele falta no único treslado que subsiste. Com relação a outra divergência, ainda menor,—o *Roteiro* menciona o lugar de *Capocate* (*Capua*), em frente do qual a frota ancorou, e Castanheda ignora o seu nome—, o traductor alemão do *Roteiro* aventura a ideia que Castanheda se serviu de outro exemplar, e que esse teria variantes. Vid. Dr. Franz Hümmerich, *Vasco da Gama und die Entdeckung des Seewegs nach Ostindien*, München 1898.

⁶ Não ẽ de modo algum improvável que, além do *Roteiro* anonimo que subsiste, e do perdido do clérigo João Figueira, utilizado e citado por Correa (1, p. 134), mais alguns companheiros de Vasco da Gama assentassem as suas observações.

A scena entre os mouros de Tunes e o degradado português é, apesar dessa fala, na sua rudeza ainda mais pitoresca e vivaz, de um realismo mais autenticador do que a narração de Castanheda:

«... e o capitam-moor mandou hum dos degradados a Calecut; e aquelles com que elle hia levarano honde estavam dous mouros de Tunez que sabiam fallar castelhano e januês; e a primeira salva que lhe deram foy esta que se ao diante segue: «Al diablo que te doo! quem te traxo aquá?» e preguntaram-lhe: que vinhamos buscar tam longe? e elle lhe rrespondeo: «Vimos buscar christãos e especiaria». Elles lhe disseram: «Porque nom manda quá elrey de Castella e elrey de França e a senhoria de Veneza?» e elle lhe rrespondeu que el rey de Portugall nom queria consentir que elles quá mandassem. E elles dis[s]eram que fazia bem. Entam o agasalharam e deramlhe de comer pam trigo com mell; e depois que comeo vêose pera os navios e vêo com elle *huum daquelles mouros*, o quall tanto que foy em os navios começou de dizer estas palavras: «Boena ventura! boena ventura! muitos rrobis! muitas esmeraldas! muitas graças devês de dar a Deus por vos trazer a terra honde ha tanta rriqueza!» Era pera nós isto tanto espanto, que o ouviamos fallar e nam o criamos que homem ouvesse tam longe de Portugall que nos emtendes[s]e nossa falla».

Na *Asia*, de Barros, não ha dizeres ilustrativos ¹, nem tão pouco na *Crónica de Dom Manuel*, de Damião de Goes ². O can-

¹ *Roteiro*, 2.^a ed., p. 51 (50 da 1.^a). A p. 85 torna-se a falar de Monçaide:

«Á terça feira [28 de Agosto] estando nos pousados pella manhan se vêo metter connosco em os navios hum mouro de Tunez que nos entendeo, de-zendonos que lhe tomaram quanto tinha e que nam sabia, se lhe fariam mais mal; que estava nesta ventura, e que os da terra diziam que elle era christão e que viera a Calecut por mandado dell rey de Portugall, pello quall ante se queria vir com elles que estar em terra, honde esperava que cada dia o matas[s]em».

² Vid. *Decada I*, liv. VIII, cap. IV, p. 338. O historiador, que conhecia um pormenor a mais — o nome do piloto melindano que guiara a frota (Malemo-Caná) — oficializou a pessoa de Monçaide, suprimindo a scena da entrevista com o degradado «e fazendo-o vir á frota como corretor de mercadorias, juntamente com os arrecadadores dos direitos do Samorim» (p. 333).

Nesse posto tambem serve lealmente os portugueses; e não se afasta do Catual (pp. 336, 343, 354, 357).

tor dos *Lusiadas*, esse cinge-se a Castanheda, e mais de perto, a Barros ¹.

Tambem, depois de sermos informados pelo companheiro de Vasco da Gama de que em 1498 os Portugueses sabiam que na linguagem dos mouros *taibo* tinha a acepção de *bom* ², creio que podemos dispensar mais pormenores.

*

Apenas restam duas dúvidas. Por que motivo não se usaria o feminino *taiba*? ³ E como explicar satisfatoriamente a frase de Jorge Ferreira de Vasconcellos: «ter alguém (uma menina) em *taibo*» por «tê-la a bom recado; tê-la escondida»? Seria por ventura este *taibo* diverso do adjectivo árabe-português? forma convergente, de origem latina? representante de *tabidus*, que propus? Para o tornar acreditável seriam precisas outras provas ⁴.

CAROLINA MICHAELIS DE VASCONCELLOS.

II

As «ilhas» do Porto

Ha em muitos pontos da cidade do Porto umas tristes habitações de gente pobre, ordinariamente familias de miseros operarios, que a sordida ganancia dos senhorios explora descarovelmente, pois auferem d'essas ligeirissimas construcções rendimento muito superior ao que a propriedade costuma produzir. São uns

¹ *Chronica*, I, cap. xxxix.— Goes conhece os dois mouros de Túnes; diz que um se chamava Monçaide, falava castelhano, conhecia os Portugueses do tempo de D. João II, e lhes era muito afeiçoado. Acrescenta que esse monarca mandava buscar cousas, de que tinha necessidade, para seus armazens em Oran, pormenor para o que talvez recorresse a outra fonte. Cfr. cap. xli.

² Canto VII, est. 24-26, ix 5 e 15.— Na ultima das estâncias chama *fiel* a Monçaide, exactamente como Barros.

³ No *Auto del Rei Seleuco*, o Camões diz: «essa parece mui *taibo*».

⁴ Não posso tratar aqui do problema histórico das datas e dos incidentes da primeira viagem de Vasco da Gama; isto é, do grau de autenticidade do *Roteiro* e da *Lenda primeira*, de Gaspar Correia. Apenas direi que os argumentos alegados no *Oriente Português*, por F. Ayala, a favor de Correia, estão muito longe de convincentes.

casebres, de ordinario immundos, quasi sempre todos iguaes e unidos, formando um ou dois renques, por entre os quaes passa um beco, na maior parte dos casos sem saida. Tem um só pavimento e muitas vezes tambem um aposento unico, juntando ao acanhado das dimensões, com uma ventilação imperfeitissima, a falta de ar e de luz. Estas circumstancias conjugadas ainda com a accumulção dos habitantes e o pouco asseio d'estes, fazem de taes logares verdadeiros focos de infecção, onde é frequente desenvolverem-se de modo assustador as doenças contagiosas. O numero das casas é variavel, dez, vinte, trinta ou mais, sendo a sua distribuição mais commum aquella que mencionei, mas podendo ainda apresentar outras disposições.

Aos aggregados de taes habitações os Portuenses chamam *ilhas*.

Esta denominação tem causado certa estranheza áquelles que não podem descobrir relação entre esses pequenos bairros de mesquinhas vivendas e aquillo que a palavra *ilha* costuma geralmente designar: uma porção de terra cercada de agua.

Todavia, o caso não é difficil de explicar, e attesta mais uma vez a continuidade de tradição da lingua e costumes romanos até nós.

O vocabulo *ilha*, bem como *insua*, resulta, como é bem sabido, do latim *insula*. Ora os romanos não só davam este nome a terras cercadas de agua, como tambem o empregavam — o que parece menos conhecido entre nós — para designar uma casa ou um grupo de casas contiguas, com um espaço livre em volta do conjunto, que d'esta maneira formava um só edificio, isolado como uma ilha no mar. E como as casas que formavam uma *insula*, se alugavam aos andares ou compartimentos a differentes familias, e ainda separadamente as suas lojas, aquella palavra foi tomando pouco a pouco um sentido mais vago, applicando-se a qualquer compartimento alugado ou a uma casa occupada por mais de uma familia, por contraposição a *domus*, que era a casa habitada por uma só familia, sua proprietaria ou locataria apenas.

De *insula* formou-se o substantivo *insularius*, que designava o habitante de uma casa alugada, de uma *insula*, e que era tambem o nome do escravo encarregado de velar pelos predios arrendados e de recolher as suas rendas.

Em Pompeios descobriu-se um edificio chamado a casa de Pansa, que se pode considerar ao mesmo tempo *domus* e *insula*, pois de todos os lados ficava circundada de ruas e de algumas dependencias exteriores, com andares superiores que não tinham

comunicação com a parte principal do predio. No *Diccionario de Antiguidades Romanas e Gregas*, de Antony Rich, pode ver-se, no vocabulo *domus*, a planta e descrição d'esta casa.

Assim, *insula* significava primeiramente *ilha*, isto é, terra cercada de agua; — depois uma casa separada de outras, com um espaço livre em volta, isolada, por consequencia, como a ilha no meio da agua; — em terceiro lugar, visto serem taes casas destinadas á locação, passou a designar um grupo de casas alugadas a diversos inquilinos, independentemente da sua forma ou situação.

A palavra portugueza *ilha* conservou a primeira e a terceira d'aquellas accepções, pelo menos na linguagem do Porto, pois ignoro se em outros pontos do país tem a mesma denominação os agrupamentos de pequenas habitações, a que chamam *ilhas* no Porto e seus arredores.

JULIO MOREIRA.

III

Lenda de Maria Mantella

Dizia Maria Mantella que quando uma mulher tinha de um só parto mais de um filho, elles eram tambem de mais de um pae. Depois de haver uma vez increpado uma mendiga que se lhe apresentou com dois gemeos, aconteceu dar á luz ella propria sete rapazes de um ventre. Para evitar a presumivel colera do marido, resolveu criar apenas um, e mandou lançar os outros seis, num cesto, ao Tamega. Acudiu-lhe, porém, casualmente o pae, que os fez educar numa casa perto de Chaves. Todos os sete rapazes foram depois padres, edificadores de sete igrejas. — Vid. os meus *Ensaïos Ethnographicos*, III, 127-128.

Nesta lenda ha dois elementos principaes: o parto gmeo; e o serem lançados ao rio os seis meninos, e miraculosamente salvos. A respeito do segundo elemento juntei alguns parallelos no citado livro, mesmo vol., p. 115-116 (nota). A respeito do primeiro direi aqui o que se segue.

O Sr. Kr. Nyrop, professor de Philologia Romanica na Universidade de Copenhagen, publicou em 1905 um trabalho de 44 paginas intitulado *En kuriositet i kunstammeret*, que conheço por um resumo dado na *Deutsche Literaturzeitung*, n.º 48 (1905), col. 3009-3010, pelo Sr. B. Kahle, de Heidelberg. Segundo esse

resumo, encontrou-se no real gabinete de arte de Copenhague um feto humano que se dizia ser um dos 365 filhos que a condessa de Flandres dera á luz em 1314. Esta lenda apresenta dois typos: typo *A*) uma senhora casada teve um parto gêmeo, e a condessa disse que era tão impossivel ter dois filhos de um mesmo homem, como ter de uma vez um numero de filhos igual ao dos dias do anno,— pelo que a senhora, assim offendida, e do marido repudiada, pediu a Deus que manifestasse a innocencia d'ella,— e o milagre dos 365 filhos realizou-se na condessa; typo *B*) a mãe dos gêmeos é uma mendiga que vae pedir esmola á condessa. Nyrop estuda a propagação d'esta historia na Europa Occidental; na Allemanha vive ainda em um conto popular; na França tornou-se assunto de obras de arte. As mais antigas fontes de *A* não mencionam a condessa: a introdução do 7.^o *lais* de Marie de França, *Le Freisne*; uma canção dinamarquesa *da filha do conde de Vendel*; o romance hespanhol *Espino*, do seculo xvi, que porém ascende provavelmente ao seculo xiv. A mesma narração relaciona-se tambem com lendas genealogicas de Allemanha e Hespanha, esta ultima tratada por Lope de Vega, *Los Porcelos de Murcia*. A base dos dois typos é a crença de que o nascimento de gêmeos indica infidelidade conjugal da mãe. Esta crença existe nos selvagens, e explica o costume de dar a morte ao segundo filho de um parto gêmeo, pois se suppõe que elle seria causa de desgraças, como filho de um demonio. A mesma crença existe tambem nos povos civilizados: Indios antigos, Babylonios, Assyrios e Gregos; assim, dos dois irmãos uterinos Herades e Iphicles, um é filho legitimo, o outro é filho de Zeus.

A nossa lenda de Maria Mantella, localizada em Chaves, pertence ao typo *B* de Nyrop. Costuma-se dizer que *quem conta um conto acrescenta um ponto*; este proverbio traduz de modo conciso e pitoresco um importante facto de psychologia ethnica: a fusão, em um mesmo conto, de elementos pertencentes a muitos, ou a superstições diversas. Alem dos dois elementos que assinaei na lenda de Maria Mantella, observa-se ahi a menção do «numero sete», que tem historia extensa, a fundação das igrejas, pois que a ideia christã é sempre vivaz na mente do povo, a escolha do Tamega, por ser rio notavel e proximo do local onde a lenda vigora, e a casualidade de vir o pae salvar as crianças. Correspondente aos 365 filhos da condessa de Flandres, temos em lendas portuguezas um palacio com tantas janelas como dias tem o annó. Para tornar mais poetico o successo de Chaves, acrescenta-se que, quando Maria Mantella e os filhos morreram, se lhes esculpiu na

sepultura o seguinte epitaphio rhythmico: *Aqui jaz Maria Mantella || com sete filhos ao redor d'ella.*

Acêrca d'esta lenda veja-se tambem o que diz Menéndez Pidal, *Infantes de Lara*, Madrid 1896, p. 181, sgs.; e leia-se o romance francês medieval de *Galeran* (cf. Ch.-V. Langlois, *La société française au XIII^e siècle*, p. 4 sgs). Um dos elementos da lenda de Maria Mantella foi aproveitado no folheto da literatura de cordel intitulado *Nova relação em resposta á carta que veio da villa de Serpa*, Lisboa 1791, p. 6.

Do exposto conclue-se que a lenda de Maria Mantella é apenas uma vergonteia de grande arvore ethnographica que estende as suas ramas por boa parte da terra; esta vergonteia foi provavelmente a Hespanha que a lançou para Trás-os-Montes, e lá depois cresceu um pouco, e floriu.

J. L. DE V.

IV

Etymologias

1. estorvo:

É derivado regressivo de *estorvar*; «*estorvar*» = *es* + *torvar*. O verbo *torvar*, com a significação de «impedir», lê-se no *Tratado das enfermidades*, de Mestre Geraldo ¹, a p. 17, l. 13.

O castelhano «*estorbo*» tem, já se vê, a mesma explicação.

2. foruncho:

Vem no mesmo *Tratado*, p. 17, l. 41; do lat. *furunculus*.

3. lançó:

Vem no mesmo *Tratado*, a p. 25, l. 5 (escrito *lançoo*) = lanceta (de cirurgião); é o lat. *lanceola*; cfr. *Grijó*. Creio que *lançó* falta nos dictionarios; pelo menos não vem em Moraes.

EPIPHANIO DIAS.

V

Observação aos «Textos antigos portuguezes»

A p. 218, l. 35, do vol. XI, como me notou o erudito professor do Curso Superior de Letras, Sr. Epiphanio da Silva Dias, deve

¹ Publicado por Gabriel Pereira, Lisboa, 1909.

ler-se «quedas» (isto é, o verbo *quedar* = *ficar*), em lugar de «que dás». Também a p. 214, l. 24, onde se lê «de mandar», parece-me que deverá corrigir-se em «demandar».

J. J. NUNES.

VI

Varios casos de condensação ou simplificação de ditongos cuja subjunctiva é «i»

É sabido que o ditongo *ei*, quer tónico, quer atónico, se condensa em *é* antes de consoante, no falar popular do Sul¹.

Ha porém na lingua corrente exemplos de condensação ou simplificação do mesmo ditongo, quando atónico, em *i*, por exemplo:

igreja < ant. *eigreja* < *ekclesia* = *ecclesia*;
Idanha < ant. *Eidãia* < *Egitania* < *Igaeditania*;
Inês < ant. *Einês* < *Agnês*;
iró < *eiró*.

Estes exemplos vem já citados nas valiosas *Apostilas aos dicionarios* do Sr. Gonçalves Vianna, II, 3-4; mas elles não são comparaveis a *pior* < ant. *peior*, citado *ibid.*, II, 277-278, porque naquelles *ei* é inicial, ao passo que neste é medial e prevocalico.

Os ditongos atónicos *ei*, *ai*, *oi*, quando no interior de palavra e antes de vogal, tem tendencia para se reduzirem a *i*: além do mencionado *pior*, ha mais: *dião* < ant. *adaião*² < franc. *doyen*, também citado pelo Sr. Vianna; *pió(s)* (*peyo*, *peyoo*), de *pediola*, indicado pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis³, e igualmente pelo Sr. Vianna; *pial*, na linguagem popular do Alentejo, por *poial*, já por mim explicado na *Rev. Lusitana*, IV, 70; *bioneta*, forma popular beirã de *baioneta*, do francês *baïonnette*.

A par de *eleição* existe em português do sec. XIV *ellyçom*⁴ e *inliçom*⁵, aparentemente com *i* por *ei*; digo «apparentemente»,

¹ Vid. a minha *Esquisse d'une Dialectologie*, p. 109.

² Moraes, *Dicc. da ling. port.*, s. v.

³ *Rev. Lusitana*, III, 180.

⁴ *Ineditos da Academia*, IV, 602 (repetidamente).

⁵ *Port. Mon. Hist.*, «Scriptores», p. 23.

porque me parece que o *i* se deve aqui explicar por influencia do de *liçom*.

O *i* de *liçom* (em português moderno *lição*), não o explico por normal evolução phonetica de *ei*, isto é: **leição* < *lectione*-. Em verdade deve ter havido **leiçom* em português prèhistorico, isto é, em português prèlitterario, pois nas linguas romanicas ha *leissó* (prov.)¹, *leyción* (hesp. ant.)², etc. Comtudo, como havia de vir *liçom* normalmente de **leiçom*, com mudança de *ei* em *i*, se concorrentemente temos *eleição* < *electione*-.³, *afeição* < *affectione*-, *resurreição* < *resurrectione*-, *perfeição* < *perfectione*-, *correição* < *correctione*-, *sujeição* < *subjectione*-, e, analogamente *reitor* < *rectore*-, *seitoira* < *sectoria*-, *peitoril*, < **pectorile*-, *leitor* < *lectore*-, — tudo com *ei*, e não *i*? Entendo que, ainda em tempos prèhistoricos ou prèlitterarios, **leiçom* se pronunciou *le-i-çom* (trissyllabo), por se ter visto nesta palavra um substantivo verbal de *leer*: o proprio Fernão de Oliveira, no sec. xvi, nota que «de *ler* dizemos *lição*, e de *orar*, *oração*»⁴. Na epoca em que ainda se usava *leer*⁵, a fôrça phonetica supplantou porém a morphologica, e d'isso resultou assimilação do *e* de **leiçom* ao *i*, e consecutiva absorpção: **le-i-çom* > **liiçom* > *liçom*: de facto na *Regra de S. Bento* ha *liçom* a par de *leer*. Phenomeno paralelo se observa em *mantiimento* < ant. *mantiimento*⁶, que presuppõe **manteimento* = *man-te-i-mento*; se **liiçom*, com *ii*, é prèhistorico, emquanto *mantiimento*, igualmente com *ii*, chega até o sec. xv, é que a evolução de *ii* foi mais tardia nesta palavra do que em **liiçom*, por causa da nasal de *mantêer*, que conservou durante certo tempo o *êe* no thema verbal e por consequinte **mantêimento* e **manteimento*, fôrmas de que provém o *mantiimento* do sec. xv. — Fica assente mais uma vez que é erroneo escrever *licção*, com *çç*, como muitos fazem.

J. L. DE V.

¹ Bartsch, *Chrest. Prov.*, 6.^a ed., col. 570.

² *Rev. Hispanique*, v, 275 (R. J. Cuervo).

³ *Eleição* é forma semi-popular, como o prova a conservação do *-l-*.

⁴ *Grammatica*, 1.^a ed., fl. 29 v.

⁵ Esta epoca durou até o sec. xv, ou começos do xvi, pois D. Duarte no *Leal Conselheiro*, cap. 27, tem *leendo*, *leedor*, e Valentim Fernandes, *Ilhas*, ed. de G. Pereira, p. 6, tem *leentes*.

⁶ *Livro de Esopo*, Vocabulario, s. v.; *Chronica de Guiné*, p. 34; Marco Paulo, Lisboa 1502, fl. lvi v. (na Bibl. Nac. de Lisboa).

VII

Chevéca

Assim como nos theatros dão o nome de *alfaiaes* a individuos que o não são, nem o foram nunca, e cujo trabalho se reduz a limpar os camarins dos actores e ajudá-los a vestir; e as mulheres que prestam iguaes serviços ás actrizes são chamadas *costureiras*: tambem nas fabricas de caixinhas de papelão intitulam-se *costureiras* as operarias que as armam (o papel e o papelão vão cortados nas devidas dimensões para as mãos d'estas artistas), embora não peguem em agulha, nem linhas. D'estas costureiras de caixas, ha umas designadas por *chevécas*, porque trabalham pelo systema *chevéco*. D'aqui a poucos annos este substantivo ha de figurar nos dictionarios, e convem desde já registrar-lhe a etymologia, que depois, talvez difficilmente poderia averiguar-se.

Chevéca deriva do nome de um allemão Schweickardt, que introduziu em Portugal um determinado processo de fabricar caixinhas de papelão. Os operarios não conseguiram pronunciar o *Schweickardt*, e reduziram-no a *chevéca*, da mesma maneira que o povo, actualmente, quando se refere a comboios *trammways*, diz: comboios *tramas*. O *trolley* dos carros electricos tambem já é tão sómente: o *tról*.

J. DE FREITAS BRANCO.

VIII

Observações á «Revista Lusitana», VIII, 91

O sr. Epiphanio Dias nota-me que a sentença «De bom pastor é tosquiar e não esfolar» corresponde á latina de Suetonio, *Tiber.*, 32: *Boni pastoris esse tondere pecus, non deglubere*; e que «A verdade pare odio» vem em Terencio: *veritas odium parit*.

J. L. DE V.

CHRONICA

Programma de Philologia portuguesa na Universidade de Harvard (em Cambridge, nos Estados Unidos):

«6th. Portuguese. — Language and Literature. Old Portuguese lyric verse: Gil Vicente; Sá de Miranda; Camões. *Half-course (second half-year)*. *Twice a week, and a third hour at the pleasure of the instructor*. Asst. Professor FORD.

To be omitted in 1908-908.

The phonology and the morphology of early Portuguese will be studied with reference to the development of the language from Vulgar Latin. Then the rise, and growth of the literature will be considered, and especial attention will be paid to the influence of Provençal ideals and verse forms in Galicia and to the interrelations of Spanish and Portuguese letters. The reading will be so directed as to include representative works of the classic period, particularly the *Lusiadas* of Camões. Students should provide themselves first with J. Leite de Vasconcellos's *Textos archaicos* (Porto, 1905).

The following works are recommended: J. Cornu, *Die portugiesische Sprache*, and C. M. de Vasconcellos, *Geschichte der portugiesischen Literatur*, both published in Grober's *Grundriss der romanischen Philologie* (Strasburg, Band I, 2d ed., 1904-06; Band II, 1897); R. Foulché-Delbosc, *Abrégé de grammaire portugaise* (Paris, 1894); Monaci e D'Ovidio, *Monualetti d'introduzione agli studi neolatini*, III, *Portoghese* (Imola, 1881); A. R. Gonçalves Vianna, *Portugais, Phonétique et phonologie, morphologie, textes* (Leipzig, 1903); H. Lang, *Das Liederbuch des Königs Denis von Portugal* (Halle, 1894); id., *Cancioneiro gallego-castelhano* (New-York, 1902); C. von Reinhardtstoettner, ed., *Os Lusiadas* (Strasburg, 1874; cf. Braga's reprint of the first edition, Lisbon, 1898); C. M. de Vasconcellos, *Poesias de Francisco de Sá de Miranda* (Halle, 1885).

(Do *Official Register of Harvard University*, vol. III, 1906, n.º 11, p. 29).

*

Constituiu-se em Boston nova associação para o ensino das linguas vivas. Á sessão preparatoria de 12 de Dezembro de 1903 concorreram professores de varias linguas, entre as quaes estava tambem representada a *portuguesa*. Vid. *Moderne language notes*, n.º 1 de janeiro de 1904, pag. 7.

*

A lingua portuguesa na guarnição militar da India. — «O Governador Geral da India Sr. Conselheiro Horta e Costa determinou que a partir de 1 do corrente mês nenhum individuo seja admittido no serviço militar sem que fale a lingua portuguesa.

Foi tambem expressamente prohibido aos officiaes e demais graduados o uso de qualquer lingua que não seja a portuguesa, quando se dirijam aos seus subordinados, podendo apenas usar da lingua indigena com as praças que desconheçam por completo o português.

Aos commandantes de unidades da guarnição foi recommendado o emprego dos maximos esforços, tendentes a derramar conhecimento da lingua portuguesa entre as praças sob suas ordens immediatas.

Uma recompensa especial será estabelecida para os sargentos e cabos que, em cada anno civil, apresentem maior numero de praças que falem português».

(Do *Diario de Noticias*, de 25 de Maio de 1908).

*

A lingua portuguesa no Japão. — «É interessante notar que o Japão decretou o ensino obrigatorio da lingua portuguesa nas principaes escolas do imperio, devendo-se isto em parte ao ministro do Brasil em Tokio. Com certeza que não ha nesta disposição do governo japonês nenhum sentimento obsequioso. Não estamos em época de sentimentalismos, mas sim de coisas praticas e positivas, e o Japão, decretando aquelle ensino, bem sabe que tem no Brasil um grande campo de expansibilidade para o seu commercio e para o excedente da sua população. D'ahi sem duvida a sua deliberação. Mas, por outro lado, ha a considerar que o Japão, depois da guerra com a Russia, assumiu a hegemonia no Extremo-Oriente e tem conseguido uma grande expansão commercial, e pode, portanto, vir a ser, com o decorrer do tempo, um excellente mercado para os nossos productos agricolas, como o vinho, a cortiça e o azeite. Por consequencia a diffusão ali da lingua portuguesa pode e deve concorrer para que as relações mercantis sejam mais estreitas, e tambem mais conhecidos os nossos productos, sem necessidade de intermediarios».

(Do *Heraldo*, de Nova Goa, anno I, n.º 172, de 17 de dezembro de 1908).

J. L. DE V.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

— **Contributo allo studio degli iberismi in Italia**, por E. Zaccaria, Torim, Clausen, 1905; contém phrases hespanholas e portuguesas que apparecem em Sasseti, Carletti e Magalotti.—Vid. *Zs. für romanische Philologie*, xxxii, 632, onde, em nota, se cita um trabalho semelhante, do mesmo autor.

— **Portugiesisches Lesebuch**, por L. KOLISCH, 1.^a parte, Vienna de Austria, 144 pag., in-8.º, 1909.

— **Der Inez de Castro-Stoff**, im romanischen und germanischen besonders im deutschen Dram, por K. KREISLER, 1. Programm de Kremsier, — 22 pag., in-8.º, 1909.

— F. M. ESTEVES PEREIRA, **Acta martyrum**, I, Textus; II, Versio, Roma, de Luigi, 1907 (= *Corp. Script. Christianorum Orient.*, series altera, tomo xxviii). Noticia desenvolvida e elogiosa nos *Anelecta Bollandiana*, tomo xxvii, fasc. 1, pag. 69-72, onde se diz que o nosso compatriota possue *profonde connaissance de la langue éthiopienne* (pag. 72).

J. L. DE V.



REVISTA LUSITANA

PUBLICADA PELO

MUSEU ETHNOLOGICO PORTUGUÊS

E COMPOSTA E IMPRESSA NA

IMPrensa NACIONAL DE LISBOA

VOL. XII

1909

N.^{os} 3-4

LA COMMUNAUTÉ PORTUGAISE DE BATAVIA

Ceux qui s'intéressent à l'histoire de la langue portugaise et à son extension savent qu'il y eut jadis à Batavia une communauté protestante de langue portugaise, et qu'aujourd'hui encore le portugais créole est la langue habituelle des habitants du petit village de Tugu, dans les environs de Batavia. Des données sur l'histoire de cette communauté et sur l'emploi du portugais à Batavia ont été réunies par M. Schuchardt, dans son travail bien connu *Das Malayoportugiesische von Batavia und Tugu* (dans les *Sitzungsberichte* de l'Académie de Vienne, classe philosophique et historique, année 1890, avril-juillet). Pour un étranger, M. Schuchardt est admirablement documenté; on peut cependant ajouter quelques faits, on peut surtout être d'avis que le document capital de 1708, sur le conflit entre les pasteurs de langue malaise et ceux de langue portugaise à Batavia, document dont M. Schuchardt donne seulement un résumé et des citations, mérite d'être mis sous une forme plus complète sous les yeux du public portugais, d'autant plus que, pour être bien comprise, cette pièce appelle quelques éclaircissements historiques. Sur les conseils de M. Leite de Vasconcellos, je donne ici une traduction à peu près complète de ce mémoire, en y ajoutant un commentaire; à la suite de ces remarques, je donne quelques détails supplémentaires sur l'histoire de

la communauté portugaise de Batavia, sur la communauté de Tugu, et sur ce qu'on appelait de mon temps, à Batavia, les «Portugais».

I

Dès que la ville de Batavia prend quelque importance, il y est question de prédications en langue portugaise. La ville fut fondée, comme on sait, en 1618; dès 1634 le pasteur Molinaeus s'offre pour faire des prédications en portugais. En 1642, le pasteur Rogerus (probablement le même qui est connu par son livre sur les religions de l'Inde) se chargea d'un service en portugais. Dès 1651, il fut résolu de bâtir une église pour le service en portugais, mais la construction ne fut terminée que plus de vingt ans plus tard, en 1673 ¹. La construction d'une nouvelle église portugaise, située hors de la ville proprement dite, fut commencée en 1693 (*Portugeesche Buitenkerk*) ².

La communauté allait s'augmentant et prospérant lorsque, en l'an 1708, les pasteurs, prêchant en portugais, furent troublés dans leurs pieux labeurs par une proposition, faite au Gouverneur Général Van Hoorn et au Conseil des Indes, par les pasteurs prêchant en malais, qui demandaient que, dans les églises portugaises, on prêchât alternativement en portugais et en malais. La réponse des pasteurs portugais à cette proposition, imprimée tout au long dans le grand ouvrage de Valentyn (iv, 2, p. 101 et suiv.), est le document le plus intéressant qu'on possède sur la communauté portugaise. Pour en faciliter l'intelligence, je traduis d'abord la requête des pasteurs malais, dont Valentyn donne également le texte.

¹ Valentyn, *Oud en nieuw Oost-Indië* (Dordrecht, 1724), iv, 2, pp. 17, 21, 41, 64. Dès 1641, l'usage du portugais était tellement répandu à Batavia, que le Gouverneur-Général et le Conseil des Indes expriment la crainte que le portugais ne prenne le dessus et ne réussisse à «étouffer» la langue hollandaise. Voir F. de Haan, *Uit oud Batavia. De Portugeesche Buitenkerk*. (Batavia 1898. In-12), pp. 13-14.

² Valentyn, *o. c.*, iv, 1, p. 236. On trouve une gravure, représentant les deux églises, *o. c.*, iv, p. 234. Voir, sur la *Buitenkerk*, qui existe toujours, la savante et élégante monographie de M. De Haan, citée dans la note précédente.

Courtes remarques, concernant la fusion du service malais et du service portugais dans les mêmes églises, rédigées et remises à Sa Seigneurie, le très Noble Seigneur Jean Van Hoorn, Gouverneur Général, et aux Nobles Seigneurs Conseillers de l'Inde Néerlandaise, par les prédicateurs Van der Vorm et Hermanus Coldedehorn.

1. Notre thèse, que le service malais doit se faire dans les mêmes églises que le service portugais, nous croyons pouvoir la soutenir par des arguments fondés.

2. Parce que l'Église Portugaise se compose, pour les deux tiers, ou du moins la moitié, de gens qui font usage en général de la langue malaise, comme étant originaires de Java, Bali, Macassar, (le pays des) Bouguis, Sumatra, etc.

3. Que, bien que ces gens, par suite du contact journalier avec les esclaves, venus ici avec les familles originaires de Ceylan et de la Côte ¹, et avec les affranchis de ces familles, aient appris quelque peu à parler portugais, ils sont pourtant obligés d'entretenir leur connaissance du malais, s'ils ont le désir ou l'obligation de converser avec quelque personne des nations orientales susdites.

4. Et bien que ces personnes soient instruites dans les principes de la religion chrétienne en langue portugaise et qu'elles la comprennent quelque peu, cela ne les empêchera pas de comprendre ces mêmes vérités en malais, comme étant la langue qui leur est réellement habituelle.

5. Nous croyons que ce que nous venons de dire peut être posé comme une vérité connue, et servir de base aux remarques suivantes.

6. Que cette fusion des services portugais et malais dans les mêmes églises, de manière à former une commune église indigène, est d'autant plus nécessaire que la langue malaise est commune et usuelle chez toutes ces nations, ce qui n'est nullement le cas pour la langue portugaise.

¹ Sous-entendu : de Malabar ou de Coromandel.

7. Afin d'accoutumer ces personnes, qui ne sont habituées à l'usage du portugais que par l'enseignement des principes du Christianisme et par la prédication de la parole de Dieu, à l'usage de la langue malaise dans les mêmes églises.

8. Et une fois ces personnes habituées à la prédication aussi bien en malais qu'en portugais, le temps fera voir si elles ne comprendront pas mieux la doctrine chrétienne en malais qu'en portugais; d'autant plus que la langue malaise communément en usage ici est identique à celle que nous prêchons, ce qui n'est nullement le cas pour le portugais, ainsi que chacun peut le remarquer.

9. [Nous proposons donc] de faire le service dans les deux églises portugaises le dimanche matin et dans l'après-midi, et le vendredi soir dans la *buitenkerk* seulement, tour à tour en portugais et en malais, nos Vénérables Frères commençant en portugais, nous suivrons, de même que pour la S. Cène; quant au catéchisme, on trouvera un arrangement ¹.

Batavia, le 30 janvier 1708.

Ce document fut communiqué par le Conseil des Indes au Consistoire de Batavia, que reçut la réponse suivante des pasteurs de la communauté portugaise:

Vénérables, Pieux, Très-Savants Seigneurs,

Il a plu à Vos Vénérables de nous charger de présenter nos considérations sur le document présenté par les Vénérables Van der Vorm et Coldedehorn au Gouvernement, sur la prédication en malais dans les églises portugaises. Nous laissons à Vos Seigneuries de juger de la force et de la portée de leurs articles; nous nous bornons à donner notre remarque à propos de chacun des leurs:

¹ Je supprime le deux derniers paragraphes qui ne traitent que d'arrangements pratiques proposés.

Sur le § 2. — Nous disons que c'est une grande erreur de dire que l'Église portugaise consiste pour les deux tiers ou la moitié d'Orientaux, tandis qu'elle ne se compose que pour un quart d'Orientaux; ce qui ressort:

1. Des nombreuses familles qui appartiennent à l'Église portugaise, qui sont presque toutes occidentales, ou descendantes de familles occidentales.

2. Des compagnies, ressortissant sous leurs capitaines, où l'on trouve fort peu d'Orientaux ¹.

3. Du nombre des personnes libres et baptisées, admises à la confession (de la Foi), où il n'y a parfois qu'un ou deux Orientaux.

4. Du nombre des non-baptisés et non admis aux Sacrements, où il y a beaucoup d'Orientaux, mais peu de personnes libres, la plupart étant esclaves; ces faits ressortent du registre des membres (de l'Église) et du registre des naissances. Voir plus bas.

5. Toutes ces personnes d'origine orientale, qu'elles soient plus ou moins nombreuses, ne parlent pas le malais mais le portugais, n'étant pas admises à apprendre [les éléments de] la religion chrétienne si elles ne parlent et comprennent le portugais, autrement on ne les admet pas; celles qui sont nées ici parlent le portugais comme leur langue maternelle, dès leur première enfance.

6. Les Orientaux, nouveaux arrivés, ne savent pas le malais, mais leur langue originaire; dès qu'ils se trouvent parmi les Chrétiens, ils se hâtent d'apprendre le portugais, afin de pouvoir converser avec leurs seigneurs et leurs co-esclaves; il n'y a que ceux qui viennent parmi les Païens ou les Musulmans qui apprennent le malais.

Sur le § 3. — La langue portugaise journalière n'est pas seulement parlée familièrement et parmi les esclaves dans les familles qui viennent de Ceylan et de la Côte, mais

1. Universellement par les propriétaires d'esclaves et leurs enfants dans les relations journalières avec les esclaves et les Chrétiens indigènes.

¹ Il y avait, à Batavia, une garde civique (*schutterij*) et même la partie de la population qui n'en faisait pas partie était divisée en *compagnies*, placées sous des capitaines. Cp. Valentyn, iv, 1, pp. 248, 254. Voir, sur cette garde civique de Chrétiens asiatiques, «bourgeois noirs» comme on les appelait, De Haan, o. c., pp. 13-14.

2. Par les familles et les personnes qui viennent du Siam, de Malaca, de Bengale, de la côte de Coromandel, de l'île de Ceylan, de la côte de Malabar, de Surate, même de la Perse, qui n'ont jamais eu besoin de se familiariser avec l'emploi du malais, vu que [dans ce pays] le malais est moins commun que le portugais; en revanche, les Païens, demeurant ici, qui ont commerce avec les Chrétiens ou avec leurs domestiques, s'habituent à parler portugais; mais ceci est en dehors de la religion.

Sur le § 4. — Ceux qui, parlant portugais, sont admis au Christianisme, doivent comprendre les principes de la religion, non vaguement, mais d'une manière assez sûre. Il leur serait nuisible d'avoir à entendre [prêcher] ces vérités en malais, langue qui ne leur est pas habituelle pour les choses de la religion (ceci est même vrai pour les Orientaux); de même que le contraire serait nuisible; vu que chaque Chrétien doit construire sa foi en prenant comme base la langue qui lui est propre. Ceux qui ne savent pas lire et qui savent seulement les [premiers] fondements par cœur ne pourraient arriver jusqu'à ce premier principe [hors de] la langue d'après la connaissance verbale de laquelle ils ont reçu cette doctrine¹; ceux qui savent lire ne sauraient profiter de cette connaissance verbale pour faire des progrès dans leur savoir [religieux]; au contraire, ils rétrograderaient et par suite de cette arrêt s'abandonneraient à la tiédeur et à la négligence; il n'en peut résulter que de la confusion, vu qu'ils n'ont jamais appris à entendre [proclamer] et à connaître le Dieu de Vérité dans une langue qui leur est inconnue; de sorte que ces personnes seraient obligées d'apprendre de nouveau les premiers fondements du Christianisme dans une langue que leur est étrangère.

Sur le § 6. — Qu'il n'est nullement nécessaire de considérer ces deux Églises comme une Église indigène commune; vu qu'elles ont toujours été considérées comme deux communautés, séparées:

1. Non seulement par le Gouvernement, ce Consistoire et par toutes les Églises dans l'Inde, mais aussi par toutes les Classes et Synodes dans les Pays-Bas.

¹ Cette phrase n'est pas claire dans l'original; je suppose qu'il y a dans le texte, tel que Valentyn le donne, une faute de copie ou d'impression. J'ai traduit comme j'ai pu.

2. Ces deux communautés ont eu, dès l'origine, chacune ses prédicateurs particuliers, les lieux de réunion et les registres de baptême qui lui étaient propres.

3. En outre, bien qu'on les appelle dans cet écrit «indigènes», l'une consiste d'Indiens occidentaux ou nés ici, l'autre d'Orientaux; l'une de différentes sortes de Païens d'origine, de Mahométans et de Chrétiens nés ici, l'autre se recrute parmi les Mahométans seuls.

4. Dans l'une, on prêche une langue européenne, dans l'autre une langue asiatique; dans l'une une langue chrétienne, dans l'autre une langue devenue païenne ou mahométane.

5. Il n'y a aucune affinité entre le portugais et le malais, tandis qu'il existe une affinité entre le portugais, l'espagnol et le français, le portugais ne différant guère de ces dernières langues que par des changements de lettres et de terminaisons.

6. Chaque langue a ses façons particulières de parler, pour exprimer les choses divines, différant complètement des façons de parler journalières et hors d'usage [dans les choses de la religion].

7. A moins que l'Église portugaise ne fût déclinante, qu'on n'y fit pas de preuves convenables de service et de zèle, qu'on n'y prêchat d'une façon inintelligible, que [le service] n'y fût d'aucune utilité ou suivi d'aucune succès favorable, ou qu'il n'y eût quelques plaintes; toutes choses que nous abandonnons au jugement de l'assemblée. — Souvent on affirme que la langue malaise est la langue habituelle de l'Église portugaise, que c'est elle qui est parlée habituellement [par les membres de cette Église] et non la langue portugaise; ce qui est contraire à la vérité évidente et absolue.

1) Car autre chose est le marché, autre chose la religion.

2) Si cette langue [malaise] est si commune, si elle est tellement en usage et si généralement comprise, comment se fait-il que l'Église portugaise compte plusieurs milliers de membres, de sorte que les prédications sont suivies, non par quatre ou six personnes, mais par des milliers; que se ne sont pas 5, 6 ou 8 personnes qui demandent à être admises à la confession de la Foi, mais 80 ou 100, chaque fois; que les deux catéchismes hebdomadaires sont suivis par 200 à 300 personnes?

3) Tandis que la congrégation qui suit les services de l'Église malaise est rare et clair-semée.

Sur le § 7. — Ceux qui ont appris les principes de Christianisme en portugais et sont habitués à lire en cette langue la parole de Dieu et à entendre la prédication, ne s'y habitueront pas en malais.

1. Parce que ce serait double peine.
2. Parce que cela amènerait une Babel ou confusion dans ce Christianisme si frêle.
3. Ils seraient obligés de tout recommencer, dès les premières fondations, dans une langue inconnue.
4. Les caractères employés pour les Portugais sont plus connus que les caractères arabes, qu'on emploie pour le malais.
5. Mais les fidèles s'attièdiront et leur nombre diminuera peu-à-peu.
6. De sorte que la religion sera méprisée.

Sur le § 8. — Le temps fera voir :

1. Quel mal on fera dans l'État et dans l'Église;
2. Comment, la religion extérieure étant coupée en deux;
3. La propagation de l'Évangile dans cette langue se trouvera gênée;
4. Le Royaume de Dieu retardé;
5. Qu'il n'en résultera que de l'inquiétude et de la confusion dans la communauté;
6. De sorte que celle-ci tombera dans l'idôlatry, les superstitions, les erreurs et le Mahométisme; ce que Dieu ne veuille.

C'est pure ignorance de la part de Leurs Vénérables que de qualifier la langue portugaise, telle qu'on la prêche, d'« inintelligible ».

1. Nous avons conscience que nous prêchons d'une façon intelligible pour la communauté.
2. Nous nous accommodons à des façons de parler plates et simples, à la façon du commun peuple.
3. Nous évitons d'employer des mots qui seraient inconnus ici.
4. Jamais une prédication intelligible n'attirera un grand auditoire.
5. On peut se faire une idée du portugais que nous prêchons par le Court Résumé en portugais, par [les traductions portugaises] du catéchisme de [Marnix de Sainte] Aldegonde, du catéchisme de Heidelberg, de la Liturgie, des Psaumes et du Nouveau Testament, par les livres du prédicateur Fereyra sur la religion et les traductions d'Outrein et du cours de Catéchisme ¹.

¹ Voir sur ces publications théologiques en portugais, faites par les Hollandais au xvii^e siècle, Van Troostenburg de Bruyn, *De Hervormde Kerk in Nederl. Oost-Indië onder de Oost.-Ind. Compagnie*. (Arnhem 1884), pp. 455-463.

6. Nul n'aura le droit de dire que nous y mêlons des mots empruntés à l'arabe ou à d'autres langues orientales.

7. La langue portugaise est une langue riche, comme les autres langues européennes, appropriée à la Religion raisonnable, bien faite pour confirmer, par sa richesse, la vérité religieuse au moyen de raisonnements concluants, pour la rendre évidente à l'esprit des gens et les convaincre pour qu'ils acceptent la Foi.

8. Dans la langue commune des rues ¹ il n'y a pas un mot de portugais qui ne se retrouve dans nos prédications; la langue que nous prêchons, étant grammaticale, ne diffère de la première que par les terminaisons indiquant le *numerus*, le *genus*, les personnes, le *modus* et les *tempora*, comme dans toutes les langues grammaticales.

9. Quant à savoir si la langue malaise telle qu'on la prêche est réellement intelligible, c'est au public et aux auditeurs de répondre à cette question ².

Sur le § 9. — On propose un service en portugais et en malais; on ne parle pas du néerlandais ³.

Il n'y a aucune analogie ou égalité entre les deux communautés, qui justifierait des services alternatifs dans les deux langues, vu que la communauté malaise se compose d'une poignée de gens, l'autre d'une grande congrégation.

1. D'octobre 1688 jusqu'au dernier février 1708 ont été baptisées dans l'Église portugaise 9.578 personnes, adultes et enfants, depuis le temps que les pasteurs Op den Akker et Thornton ont

¹ Les auteurs entendent ici évidemment le portugais-créole. La phrase est mal rédigée; les auteurs ont certainement voulu dire: dans la langue grammaticale que nous prêchons, il n'y a pas un mot qui ne se retrouve dans le portugais-créole, non grammatical.

² Cet argument se rattache au grand débat qui s'éleva au commencement du XVIII^e siècle: ils s'agissait de savoir s'il fallait prêcher en malais strictement grammatical ou dans le malais simplifié qui se parlait dans les ports et notamment à Batavia. Des prédicateurs, et notamment Valentyn, soutenaient que le malais grammatical était incompréhensible aux auditeurs de Batavia. Voir, sur cette querelle, Schuchardt, *Das Malayo-Portugiesische*, pp. 170-171.

³ Je supprime une partie de ce paragraphe, qui se rapporte à des questions de personnes.

été chargés du service ici; nous ne connaissons pas les chiffres des baptêmes dans la communauté malaise.

2. Depuis octobre 1688 jusqu'à ce jour ont été reçues comme membres dans la communauté portugaise, 4.426 personnes; dans la communauté malaise 306 personnes.

3. Dont, pour la communauté portugaise 2.301 personnes baptisées ou chrétiennes, et 2.125 non-baptisées.

4. Parmi les baptisées il y a seulement 42 Orientaux, de sorte qu'il reste un nombre de 2.259 Occidentaux ou natifs d'ici, tous de condition libre.

5. Parmi les non-baptisés il y a 931 Orientaux, principalement des esclaves et des femmes, de sorte qu'il reste 1.194 Occidentaux et natifs.

6. De ceci il ressort, que quand on soustrait des 4.426. Occidentaux ¹ 973 Orientaux, il reste 3.453 Occidentaux, les Orientaux n'arrivant même pas au quart de ce nombre, et cela pendant une période de près de vingt ans.

7. Et tous ces individus, Occidentaux ou Orientaux, quand ils demandent à être admis à la confession [de la Foi], sont renvoyés jusqu'à 2, 3, 4, même 5 fois, quand on ne les juge par assez instruits, non dans la langue, mais dans la doctrine; on ne les admet donc pas [à la légère], la première fois qu'ils se présentent.

8. Par conséquent, bien qu'Orientaux, ils viennent à la confession [de la Foi] en portugais, non en ignorants, mais comme sachant la langue.

9. Même ceux qui ont fait la confession en malais viennent affluer à l'Église portugaise, conversant avec les autres Chrétiens, en personnes qui n'ignorent pas la langue, mais sont capables de la comprendre.

10. Ce [qu'on propose] serait une nouveauté sans exemple. A Amsterdam on prêche le jeudi en français, dans la Westerkerk; à Veere en anglais et en écossais; à Maastricht en néerlandais, anglais et français, dans la même église, mais à des époques fixes et non alternativement. S'il fallait introduire une seconde langue dans l'Église portugaise, le néerlandais serait plus utile que le malais:

1) Parce que c'est la langue dominante.

¹ Ici encore les auteurs s'expriment de façon peu exacte; ils ont évidemment voulu dire: membres admis en général, Occidentaux et Orientaux réunis.

2) La plupart de ces gens sortent comme affranchis de maisons de Néerlandais.

3) Leurs descendants ont appris dans les écoles le Pater, le Crédo, le Décalogue, la prière du matin et celle du soir, la prière avant et après le repas, les questions du catéchisme, la lecture de la Bible, le chant des Psaumes, le tout en néerlandais.

4) Ils conversent avec des Néerlandais; les curieux parmi eux lisent parfois des livres néerlandais.

5) Si l'on commençait la chose d'après un système bien établi, à partir de l'école, on peut s'attendre à ce que les deux tiers ou la moitié des Chrétiens indigènes, dans quinze ou seize ans, seraient capables de parler et de comprendre le néerlandais ¹.

.....
.....

1. Nous ajoutons encore cette considération que se ne sont pas les Portugais qui ont introduit ici leur langue, fondé des conventicules ou une communauté.

2. Et cependant, par une disposition spéciale de la Providence divine, et sans grand secours de la volonté humaine, cette langue, au point de vue religieux, s'est développée et est arrivée à l'état florissant que nous voyons aujourd'hui.

3. Que cette Église est un ornement de cette ville, digne de la gloire des Néerlandais et répondent aux libéralités des Messieurs les Administrateurs ² et à la sollicitude bienfaisante du Gouvernement.

4. C'est un triomphe de Christianisme Réformé qu'ici dans une langue propre aux adversaires de la Verité purifiée, on prêche clairement la doctrine de l'Évangile aux Païens et aux Mahométans, afin de les convaincre, afin de les appeler et de les réunir vers le Dieu des Pécheurs, pour qu'ils confessent le Seigneur Jésus et arrivent au salut.

5. De sorte que nous voyons que, si Dieu a permis que les Néerlandais s'emparassent de beaucoup de localités appartenant jadis aux Portugais, ce fut pour que nous fussions vainqueurs par

¹ Je supprime le § 10 et le commencement du § 11, que traitent de questions de personnes.

² De la Compagnie des Indes.

leur langue, au moyen de la Doctrine de la Foi, afin d'amener ceux qui sont dans les ténèbres vers le Royaume du Fils de sa charité.

6. De tout temps on a recueilli plus de fruit et on peut en recueillir encore, dans les domaines de la Compagnie Néerlandaise, par la langue portugaise employée dans l'Église, qu'on n'en a jamais recueilli au moyen du malais; et cependant on a commencé à travailler en malais avant de le faire en portugais.

7. Dès les premiers jours qu'une communauté portugaise s'est formée ici, elle s'est augmentée, accrue, multipliée, tandis que la communauté malaise a peu à peu décréu et diminué: preuve irrécusable que Dieu désire l'accroissement de son Église plutôt par la première langue que par la seconde.

8. Les voies de Dieu étant impénétrables, on peut se demander si (de même qu'il a plu au Seigneur de répandre la vraie doctrine du salut en Amérique par le moyen des Anglais et en Asie par celui de la petite Néerlande) il ne pourrait plaire à ce grand Berger des Troupeaux de répandre, au moyen de la Compagnie Néerlandaise, la prédication de la Parole (de Dieu) et la traduction des livres du Nouveau et l'Ancien Testament, jusque [dans le domaine] de ses enfants détachés, à savoir les royaumes de Portugal et d'Espagne (à cause de l'affinité de la langue), de manière qu'à la fin ils formassent avec nous un seul troupeau.

2. L'Église portugaise est plus attachée et plus fidèle à cet État que l'Église malaise.

1) Parce que sa langue est une langue européenne, laquelle a une tendance naturelle vers le Christianisme.

2) De même que l'autre langue, étant orientale, a une affinité naturelle vers les Mahométans.

3) Ceux de l'Église portugaise, étant Occidentaux, ne trouveraient, en aucun cas, de l'aide et de l'appui chez les princes mahométans qui nous entourent, même s'ils renonçaient à leur religion, et ne seraient pas estimés d'eux.

4) Au contraire, ceux de l'Église malaise, étant Orientaux, pourraient, en toute occasion, avoir recours à nos voisins; s'ils reniaient, ils seraient reçus à bras ouverts, comme étant des leurs, et retourneraient à leur vieux levain.

De toutes ces considérations nous concluons qu'un telle réforme dans l'Église portugaise est inutile, puisqu'il y a une Église spéciale pour le malais; nuisible, en tant qu'elle renverse des habitudes et un ordre de choses établi depuis longtemps; malfaisante enfin et entièrement ruineuse pour cette Église, comme ne pou-

vant produire que tout le désordre possible dans une communauté,
où Dieu veut que tout se passera avec ordre ¹.
.

Batavia, 12 mars 1908.

Signé: Jacobus Op den Akker. Augustus Thornton.

II

Cette pièce appelle quelques remarques historiques. Pour la bien comprendre, pour saisir surtout cette distinction des «Orientaux» et des «Occidentaux» qui est la base de l'argumentation des pasteurs «portugais», il faut avoir présent à l'esprit la situation de la Compagnie Néerlandaise des Indes, au moment à le débat eut lieu. Au commencement du XVIII^e siècle, la Hollande ne possédait pas encore dans l'Archipel Indien les vastes domaines territoriaux qu'elle y occupe actuellement; elle y dominait déjà par les armes et le commerce; mais, en dehors de comptoirs fortifiés, elle n'y possédait que les Moluques et le pays autour et au Sud de Batavia. En revanche, la Compagnie avait hors de l'Archipel des possessions que la Hollande a perdues depuis: elle occupait le Cap de Bonne Espérance, elle avait des comptoirs en Perse et à Surate, sur la côte de Coromandel, de Malabar; elle possédait Ceylan et Malaca; elle avait des établissements en Indo-Chine. Dans tous ces pays asiatiques, la langue portugaise était, depuis deux siècles, sous une forme grammaticale ou simplifiée, la langue dominante, au moins sur les côtes et dans les ports. On comprend très bien (ce qui est du reste accordé par les pasteurs de l'Eglise malaise) que les familles hollandaises que venaient de ces pays à Batavia, et y amenaient leurs esclaves avec elles, eussent l'habitude d'y parler avec ces esclaves un portugais plus ou moins grammatical ou altéré.

Mais la plupart des esclaves domestiques (il n'y en avait guère d'autres) qu'on trouvait à Batavia n'étaient pas originaires de ces pays: c'étaient des Orientaux, pour parler comme les auteurs de notre Mémoire, c'est-à-dire qu'ils étaient originaires de l'Archipel

¹ Je supprime la fin de la pièce, qui ne consiste qu'en formules pieuses.

Indien. C'était la grande île de Célèbes et surtout les îles à l'Est de Java, où la guerre et la piraterie étaient endémiques, notamment l'île de Bali, qui fournissaient des esclaves au marché de la Compagnie¹. Dans ces conditions, on pourrait suspecter les auteurs de notre Mémoire d'une assez forte exagération, dans leurs affirmations sur l'emploi général du portugais dans les relations de maîtres à esclaves et même des esclaves entre eux. Mais divers témoignages contemporains, déjà réunis par M. Schuchardt, prouvent que, sur ce point, les pasteurs «portugais» disaient vrai; le voyageur Nicolas de Graaff, notamment, nous apprend que, non seulement les dames de Batavia se servaient du portugais-créole pour adresser la parole à leurs esclaves ou les tancer, mais que celles d'entre elles qui étaient d'origine créole ou de sang mêlé ne parlaient guère que cette langue². — Pour ce qui est des esclaves originaires de l'Archipel, on comprend en effet que ces malheureux, subitement arrachés à leur milieu naturel, et placés parmi d'autres esclaves qui parlaient déjà le portugais-créole, aient facilement appris cette langue, qui n'était guère plus difficile pour eux que le malais de Batavia, lequel n'était pas non plus leur langue maternelle³.

En général, le Mémoire des pasteurs «portugais» produit une impression de sincérité et de véracité. On peut juger qu'ils font valoir un peu trop l'importance politique et sociale de la langue

¹ Voir, sur ce point, *Encyclopaedie van Nederl. Indie*, par Van der Lith et Snelleman, art. *Slavery*, t. III, p. 623, col. b.

² M. Schuchardt c'est servi, pour cette partie de son travail, d'une traduction française du voyage de De Graaff, publiée en 1719. (*Das Malayo-Portugiesische*, p. 8). L'original hollandais avait paru à Hoorn en 1701 (*Oost-Indise Spiegel*, à la suite des *Reisen von Nic. de Graaff*). La traduction française a laissé de côté une phrase en portugais créole que donne l'original. Le voyageur raconte (je cite la traduction, p. 292) : «Elles (les dames de sang mêlé) ne veulent point être à table qu'avec les gens de leur sorte; rarement même mangent elles avec leur propre mari; aimant mieux s'aller mettre dans quelque coin sur une chaise ou sur un banc avec quelqu'une de leurs compagnes. C'est alors qu'on les entend gazouiller». L'original hollandais donne un spécimen (malheureusement sans traduction) du «gazouillement» de ces dames : «ô dees hi bone hade de Galino mie vide nohe comme assiley subburosa kerri». Il est évident que la dame fait l'éloge du plat qu'elle mange (un poulet au cari? comme de comer, subburosa = savorosa, kerrie holl. = port. caril, angl. curry, etc.) Pour une analyse complète, nous dédions la phrase à la sagacité de M. Schuchardt.

³ Voir la Note supplémentaire à la fin de l'article.

dans laquelle ils prêchent; on peut trouver naïf leur espoir, qu'on convertira un jour le Portugal et même l'Espagne au Protestantisme, au moyen du portugais parlé aux colonies; l'ensemble du document laisse une impression favorable à leur cause. — Une remarque juste et intelligente de leur part, c'est que la communauté portugaise de Batavia ne se rattache pas à une communauté qui y aurait été fondée jadis par les Portugais; en effet, il ne semble pas que les Portugais, du temps de leur hégémonie dans l'Archipel, aient jamais eu un établissement permanent à Djakarta, devenu plus tard Batavia¹. Le développement de la communauté portugaise dans cette ville est dû au concours de circonstances que les pasteurs exposent: d'une part, la position de la ville comme centre des opérations commerciales, maritimes et militaires de la Compagnie; de l'autre, l'importance du portugais comme *lingua franca* dans la partie de l'Asie continentale où la Compagnie avait des établissements.

La première moitié du dix-huitième siècle fut la période florissante de la communauté; dans la seconde moitié de ce siècle, elle déclina. La proposition des pasteurs «malais» fut une première atteinte aux privilèges de l'Église portugaise². Un nouvel effort pour amener la suppression complète de la prédication en portugais aurait eu lieu en 1712 (Van Troostenburg de Bruyn, p. 17; je dois cependant faire remarquer que Valentyn, si détaillé pour les affaires religieuses de son temps, n'en dit rien)³.

En 1782 parut à Amsterdam un ouvrage sur Batavia (*Batavia, de hoofdstad van Neerlands O. Indien*, 4 vol. in-4.^o) qui n'est qu'une compilation médiocre, mais qui contient cependant deux données qui nous intéressent. L'ouvrage contient (I, p. 114) la reproduction d'un plan officiel de la ville, dressé en 1770 par ordre du Gouverneur Général Van der Parra: on y trouve toujours les deux églises portugaises qui décrit Valentyn; mais une autre indi-

¹ D'autre part, il est remarquable qu'aux Moluques, où les Portugais avaient dominé longtemps, il n'y eut jamais, après l'établissement des Hollandais, de communauté protestante de langue portugaise.

² Il ressort en effet du récit de Valentyn que le consistoire accorda la demande des pasteurs «malais» (Valentyn, v, 2, p. 106). Valentyn attribue cette décision à l'influence du gouverneur-général Van Hoorn, brouillé avec les pasteurs «portugais».

³ In 1713, la communauté comptait 4.000 membres; on recevait comme membres 200 personnes par an. Elle comptait alors trois prédicateurs; en 1749 ce nombre fut porté de trois à quatre. De Haan, *o. c.*, p. 41.

cation nous prouve que, dès cette époque, la communauté portugaise avait perdu de son importance : dans une liste des prédicateurs en fonction dans la ville en l'an 1775 (*Batavia, etc.*, III, 53) on trouve mentionné Ericus Johanes Wiltenaar, comme prêchant à la fois pour les communautés portugaises et malaise. Mais ceci peut être un hasard ¹.

Il est certain que la communauté portugaise était, dès lors, en pleine décadence. Dans un manuscrit, daté du 1^{er} mai 1778, un certain Augustin Davids, maître d'école, constate cette décadence, et en indique deux raisons principales : la dégradation de la langue et le mépris (*hoon*) qu'on témoigne aux Chrétiens « portugais » ². A ces raisons vient probablement s'ajouter une autre : pendant que les établissements de la Compagnie sur le Côte de Malabar et celle de Coromandel perdaient de leur importance, par suite de la concurrence, d'abord des Français, puis des Anglais, la Compagnie consolidait son pouvoir dans l'Archipel et devenait maîtresse de Java : dans ces conditions, le malais devait gagner tout le terrain que le portugais perdait peu à peu.

Le dernier prédicateur en portugais fut A. A. Engelbrecht, mort le 23 septembre 1808. La communauté portugaise fut réunie définitivement à la communauté malaise le 1^{er} novembre 1816 (Van Troostenburg de Bruyn, *o. c.*, p. 18) après que la Hollande eut cédé à l'Angleterre ses possessions sur la côte de Malabar et celle de Coromandel : dernière preuve du lien qui existait entre ces possessions et l'église portugaise de Batavia.

Aujourd'hui, ainsi qu'il ressort des communications de la Société des Sciences de Batavia à M. Schuchardt, le portugais, même le portugais créole, est complètement éteint à Batavia même ; il n'est plus parlé que par les chrétiens indigènes du village de Tugu ³ à l'Est de Batavia. Bien qu'on ait déjà réuni bien des renseignements sur ce curieux village (voir, outre la dissertation de M. Schuchardt, une étude du missionnaire Beukhof dans *De Mace-*

¹ Voir la Note supplémentaire à la fin de cet article.

² Van Troostenburg de Bruyn, *o. c.*, p. 454.— Il est remarquable que dans le vocabulaire utilisé par M. Schuchardt (*Nieuwe Woordenschat*, Batavia, L. Dominicus, 1780, in-12, ouvrage dont la Bibliothèque Nationale de Paris possède un exemplaire sous la cote X inv. 15319) le portugais ne figure qu'en troisième ligne, après le néerlandais et le malais.

³ J'emploie la graphie scientifique, celle de M. Schuchardt, qui est en même temps l'orthographe portugaise ; à la française, on écrirait naturellement *Tougou*. L'orthographe hollandaise officielle est *Toegoe*.

doniër, *Algemeen Zendingstijdschrift*, 8^e année, 1890 p. 81, et l'article «Toegoe» dans l'*Encyclopædie van Nederlandsch Indie*, de Van der Lith et Snelleman, t. iv, p. 397) on lira, je crois, avec intérêt la description du village que veut bien m'envoyer mon ami M. Bakhuizen van den Brink, ancien Résident de Batavia et qui, accompagné de l'Assistant-Résident de Meester Cornelis, visita le petit village pendant qu'il était Résident (de 1901 à 1906): «Au moyen de petites voitures de louages nous arrivâmes à Tjilintjong (ce qu'on appelle à Batavia «le Petit Trouville»); de là nous pûmes arriver, grâce à l'aide du propriétaire du domaine, à Tugu, endroit qui est comme perdu pour le reste du monde. Notre arrivée fut une surprise pour ces braves gens: depuis des années ils n'avaient vu ni un représentant de l'administration, ni un pasteur protestant. Le chef du village (*wijkmeester*), qui s'appelait Abrahamsz ou Anthonysz ¹, nous reçut. Il y a une très gentille petite église, qui a pourtant l'air bien délabré. Le petit groupe de Chrétiens demeure autour de l'église ou dans le voisinage. Un Chrétien originaire d'Amboina (Moluques) tenait école dans l'église. Ils sont agriculteurs et cultivent surtout le riz. Établis sur le domaine, ils doivent au propriétaire (qui était lors de ma visite un Chinois) des corvées et le tjuké (= un certain pourcentage de la moisson).

«Ils me faisaient l'impression de gens menant une vie monotone et ennuyeuse, mais patriarcale, et qui étaient contents de leur sort. Leur seule plainte était que le prédicateur-adjoint de Depòk, dont ils ressortissent, ne venait jamais les visiter; il est vrai qu'il était très âgé et aveugle. C'était le plus âgé d'entre eux (je crois cet Abrahamsz ou Anthonysz dont j'ai déjà parlé) qui dirigeait le service religieux. Avec moi ils parlaient le malais ordinaire de Batavia; mais entre eux ils parlent toujours le portugais-créole. Ils se marient presque toujours entre eux et donnaient l'impression d'une population destinée à s'éteindre peu à peu. — Je fis par suite des démarches pour fixer de nouveau sur ce petit groupe de Chrétiens l'attention de la direction des Églises protestantes, pour obtenir qu'on leur envoyât de temps en temps un pasteur et qu'on fit quelque chose pour réparer la gentille petite église.

«Cet Abrahamsz ou Anthonysz possédait, je crois, une petite maison à Batavia (quartier de Molenvliet) ou bien il y allait de

¹ Anciens noms hollandais.

temps en temps passer quelques jours, chez des parents ; mais du reste ils se déplacent rarement. — La communauté est évidemment un rejeton de l'ancienne communauté portugaise de Batavia ; ils prononcent encore avec vénération les noms de Leydekker et Vink¹.

Pour en revenir à Batavia — même, je croyais me rappeler que, de mon temps (1868—1876) on donnait le nom de «Portugais» à des Chrétiens indigènes ou de sang très mêlé, qui habitaient spécialement ce qu'on appelle la «ville basse» ou la «vieille ville»². Le fait que M. Schuchardt, lui-aussi, mentionne, dans son travail, *die sogenannten portugiesischen Christen von Batavia*, me montrait que mes souvenirs ne me trompaient pas. Je m'adressai donc, pour des renseignements plus sûrs et plus détaillés, à M. Bakhuizen van den Brink qui, en sa qualité d'ancien Résident, était plus en état que personne de les fournir. M. Bakhuizen van den Brink eut l'obligeance de me communiquer, en même temps que ses propres souvenirs, ceux de son ami H. D. H. Bosboom, lieutenant-colonel en retraite de l'armée des Indes Néerlandaises, qui a fait, durant son séjour aux Indes, une étude spéciale de la topographie du vieux Batavia.

D'après ces messieurs, le nom de «Portugais» donné aux vieux Chrétiens indigènes ou de sang mêlé de la ville basse, était en effet en usage jusque vers 1880 environ ; il ne l'est plus actuellement : cette population se fond de plus en plus dans la masse des individus de sang mêlé qu'on trouve à Batavia. On distingue néanmoins aisément les descendants de ces vieilles familles chrétiennes des autres métis : ils ont la peau plus brune, presque noire ; ils montrent un plus grand sentiment de leur dignité individuelle ; leur façon de vivre est patriarcale, le mari étant dieu pour les siens. Ce sont gens tranquilles, n'ayant presque jamais de difficultés avec la police, très attachés à leurs devoirs religieux

¹ Leydekker fut prédicateur à Batavia, de 1678 à 1701 ; il fut propriétaire du domaine de Tugu et en quelque sorte le fondateur de la communauté.

² Il y a environ cent ans, le vieux Batavia étant devenu par trop malsain, il y eut, comme on sait, un exode des fonctionnaires et Européens aisés qui s'établirent plus à l'intérieur, là où les terrains étaient moins marécageux, dans ce qu'on appelle la «ville haute» ou «nouvelle ville». Depuis, lors, les vieilles maisons servent de comptoirs ou de magasins et sont abandonnées pendant la nuit ; il ne reste, comme population, que des indigènes (musulmans) et des Chinois et, en outre, les Chrétiens «portugais» dont nous allons parler.

et suivant les services avec soin, dans la Buitenkerk ¹, accompagnés de leurs femmes en costume indigène (*sarong* et *cabaya*). Ils célèbrent consciencieusement les fêtes religieuses reconnues par les églises protestantes ². Les noces ont lieu avec beaucoup de solennité et d'éclat, autant du moins que la bourse le permet, car ils sont généralement pauvres.

Comme il a été dit plus haut, ils ne parlent plus le portugais créole; cependant, dans le malais que est leur langue habituelle, on trouve, d'après M. Bakhuizen, un plus grand pourcentage de mots portugais, que dans le malais ordinaire de Batavia, où cependant ces sortes de mots ne sont pas rares.

MM. Bakhuizen et Bosboom sont d'accord pour déclarer erroné le renseignement, reproduit par M. Schuchardt (p. 20 de sa dissertation) d'après lequel ces Chrétiens jadis dits «portugais» habiteraient de préférence un seul et même quartier, celui de Djembatan Duwa. Ils vivent dispersés dans la vieille ville (surtout dans la Rua Malakka) et dans les anciens faubourgs de la vieille ville (Oort, Prinsenlaan, route d'Antjol); même dans ces quartiers, leurs maisons sont placées parmi les habitations des indigènes et des Chinois.

Je croyais me souvenir que, en dehors des solennités du mariage, ces «Portugais» avaient des amusements qui leur étaient propres; M. Bakhuizen van den Brink me rappelle en effet qu'ils sont considérés comme organisateurs des mascarades qui parcourent les rues de Batavia, après le coucher du soleil, pendant la partie de l'année qui va de Noël à Pâques, et qui parodient le costume et les danses des Européens; d'après M. Bosboom, ces réjouissances sont plutôt le fait des Musulmans de la ville basse.— Mais M. Bosboom ajoute le renseignement que voici: «Je crois me rappeler, que, dans les années 70, la population de la ville basse organisait parfois des promenades en bateau avec accompagnement de musique (de mandolines) sur les quelques canaux qui

¹ L'ancienne église de la communauté portugaise, dont il a été question plus haut.

² Je dois ici faire remarquer qu'un auteur portugais (cité par Schuchardt, p. 20) semble croire que les Chrétiens «portugais» de Batavia étaient catholiques ou qu'il y avait parmi eux une communauté catholique: ceci est une erreur. Ce qui a pu contribuer au renseignement erroné reproduit par cet auteur, qui n'avait pas été lui-même à Batavia, c'est que dans le malais de Batavia, les pasteurs protestants sont désignés par le mot *padrie*, qui vient du portugais *padre*.

restent encore de la vieille ville ¹. Je n'ai cependant pas assisté personnellement à ces promenades en gondole; je reproduis un renseignement qu'on m'a donné.

Si ce renseignement était exact — et je ne vois pas pourquoi on aurait sciemment induit M. Bosboom en erreur — il montre bien que ces «Portugais», ces Chrétiens de la ville basse, sont les descendants directs de l'ancienne population du vieux Batavia: ces promenades en musique, sur les canaux, pendant les belles nuits tropicales, sont en effet un trait de mœurs que les voyageurs du dix-huitième siècle ont fréquemment signalé ².

Aujourd'hui cet usage a très probablement disparu, ainsi que le nom-même de «Portugais»; il ne reste plus d'autre témoignage vivant de la communauté portugaise de Batavia, jadis si florissante, que la population chrétienne de Tugu, elle-même destinée à disparaître avant longtemps. *Sic transit gloria mundi!*

Paris.

G. HUET.

NOTE SUPPLÉMENTAIRE. — Cet article était déjà terminé, lorsque je reçus des renseignements précis sur les derniers prédicateurs de la communauté portugaise de Batavia. Ils sont empruntés à la liste des prédicateurs protestants aux Indes Orientales (*Naamlyst...*, Batavia, 1857) par S. A. Buddingh. Je dois ici mes remerciements à mon ami Ch. M. van Deventer, qui a bien voulu vérifier pour moi en Hollande ce livre, que je ne pouvais me procurer à Paris. D'après cette liste, E. J. Wiltenaar (nommé plus haut), qui était déjà prédicateur en langue malaise, devint prédicateur en portugais en 1778, sans cesser pour cela d'être attaché à la communauté malaise; cet état de chose dura jusqu'à sa mort en 1798. De 1798 à 1802, la communauté portugaise eut de nouveau ses prédicateurs à elle; de 1802 à 1804, on ne trouve aucun renseignement; mais en 1804 on voit mentionné comme prédicateur A. Zomerdyk, attaché depuis 1778 à la communauté malaise.

¹ Comme on sait, le vieux Batavia était bâti sur le modèle des villes hollandaises et entrecoupé de canaux.

² Voir, par exemple, la poème de J. de Marre, *Batavia* (Amsterdam, 1740), chant iv, p. 196, et Stavorinus, *Voyage par le Cap de Bonne Espérance à Batavia* (trad. franc., Paris, an vi, 1798), p. 245.

Zomerdyk reste en fonctions jusqu'à sa mort en 1808; dans la dernière année de sa vie il se fit assister, pour le service de la communauté portugaise, par A. A. Engelbrecht, nommé plus haut, mort également en 1808. Après Zomerdyk et Engelbrecht, la liste de Buddingh ne donne plus de noms.

Sur l'avant-dernier de ces prédicateurs, Zomerdyk, des détails supplémentaires se trouvent dans le petit livre déjà si souvent cité de M. De Haan (p. 45-46. Je dois ici encore des remerciements à M. Bakhuizen, dont l'obligeante entremise m'a permis de consulter à Paris un exemplaire de l'ouvrage). Zomerdyk, qui ne savait, au début, ni le portugais grammatical, ni le portugais créole, prêcha d'abord en malais, entremêlant ses sermons malais de mots et d'explications en portugais, de sorte que les membres de la communauté que ne savaient pas le malais, n'y comprenaient presque rien. Homme consciencieux et zélé, Zomerdyk apprit le portugais grammatical et parvint à prononcer des sermons dans cette langue; mais la communauté, qui ne savait que le portugais créole, ne comprenait guère mieux. Il semble bien que la difficulté de trouver des pasteurs capables ait contribué à la disparition finale de la communauté portugaise, après 1808.

Des faits cités par M. De Haan montrent que la diminution du nombre des pasteurs «portugais», dans le dernier quart du dix-huitième siècle, s'explique moins par la décadence numérique de la communauté, que par la tiédeur religieuse, qui, en Hollande et dans les colonies hollandaises, comme ailleurs, était un signe des temps; peut-être aussi par le mauvais état des finances de la Compagnie; car, encore à cette époque, on voit le gouvernement s'inquiéter du grand nombre de personnes qui parlent portugais à Batavia: le Gouverneur-Général et le Conseil des Indes bataillaient contre le portugais dans des «résolutions» des années 1777, 1778, 1786 et même 1788 (De Haan, p. 42, 57).

Ce qui a été dit plus haut sur l'usage du portugais parmi les esclaves, même ceux originaires des îles à l'Est de Java, est confirmé, dès 1674, par une dépêche officielle du Gouverneur-Général Maetsuyker et du Conseil des Indes aux directeurs de la Compagnie à Amsterdam; dans cette lettre (Batavia, 17 novembre 1674, signalée par M. De Haan et imprimée dans De Jonge, *Opkomst van het Nederl. gezag in Oost-Indië*, VI, 125) ils écrivent que leurs efforts pour travailler à l'extension de la langue néerlandaise à Batavia ont été vains, le portugais gagnant de plus en plus de terrain et prenant à peu près le dessus, le plupart du temps par la sottise des Hollandais eux-mêmes, qui aiment

mieux parler une langue étrangère, *quelque corrompue qu'elle soit*, que leur langue maternelle, de sorte qu'avec leurs esclaves ils ne parlent que le portugais, «bien que la plupart de ces esclaves soient originaires de l'Est, et que cette langue soit pour eux entièrement nouvelle». Ce passage prouve en outre que, dès cette époque, ce n'était pas le portugais littéraire qu'on parlait à Batavia, mais le portugais créole.

Cette question de l'esclavage est importante encore pour notre sujet par un enchaînement de faits que M. De Haan, dans sa monographie (pp. 10, 13), met bien en lumière. Les non-Européens, faits prisonniers de guerre, étaient à peu près traités comme esclaves par la Compagnie et souvent transportés à Batavia, où on les employait à divers travaux; mais si leur conduite était bonne, ils obtenaient rapidement la liberté et pouvaient s'établir comme «bourgeois» de la ville; il en était de même des esclaves que la Compagnie avait achetés. Ils avaient, en outre, tout intérêt à se faire protestants, la Compagnie accordant aux Chrétiens «noirs» de cette confession des privilèges particuliers. Il est évident que les guerres continuelles de la Compagnie contre les Portugais, à Malaca, à Ceylan, sur la côte de l'Inde, ont dû amener à Batavia de nombreux individus de cette condition; ces considérations expliquent en grande partie le progrès rapide que fit la langue portugaise à Batavia et l'extension tout aussi rapide de la communauté protestante portugaise.

G. HUET.

INVESTIGAÇÕES ETHNOGRAPHICAS

I

Arremedar o entrudo

«Entre outros costumes dos habitantes de Oleiros ha um mui notavel, que não temos encontrado noutra parte ¹, e que deve ser muito antigo, porque tem resaibos de selvagem, e é o seguinte: nas aproximações do entrudo reúnem-se alguns homens á noite, e collocando-se nas esquinas das ruas, ou nos sitios que lhes parecem mais accommodados, contrafaz um a fala, de modo mui exquisito, e em voz alta, mui pausada e lamentosa refere alguma anecdotá, mais ou menos galante, acontecida por aquelles sitios; e de vez em quando dá um grande grito, dizendo: *ouviste tu, companheiro?*, e então os comparsas, collocados alguns junto do recitante, e outros em distancia, elevam todos ao mesmo tempo uns grandes gritos, e outros largam estrondosas gargalhadas; continuando depois o chronista a recitar no mesmo gosto até ao fim da anecdotá. Concluido o acto num sitio, vão repeti-lo noutro, e assim andão todo o serão neste triste divertimento, que chamam — *arremedar o entrudo*.

Causa elle muitas vezes serios desgostos, porque d'este modo se publicam segredos de familia, ou se assoalham cousas que se deviam occultar, e é um acto barbaro, ou antes selvagem, sem graça alguma, que offende a caridade e os bons costumes, o qual a autoridade devia prohibir.

Por isso num Capitulo de visita, no anno de 1653, e noutro de 1688 se prohibem taes divertimentos em que, como ali se diz, se descobrem as faltas do proximo, o que então tinha logar, como ahi se lamenta, desde o Natal até ao entrudo.»

Memorias da villa de Oleiros, pelo Bispo de Angra
D. João Maria Pereira de Amaral e Pimentel, p. 172.

¹ O mesmo costume houve em Villa Boim, concelho de Elvas.

II

Espinhela caída

«Ha também entre o povo uma doença imaginaria, chamada a *espinhela caída*, que muita gente cura do seguinte modo: mandam assentar o paciente em uma cadeira, levantam-lhe ambos os braços por cima da cabeça, e, se os dedos das mãos se não justam perfeitamente uns com os outros, dizem que a *espinhela está caída*; puxam o braço que parecia mais curto primeira ou segunda vez, a final ajustam os dedos, e dizem que está completa a cura. Ora, como não ha um ponto fixo, onde se justem os dedos, é cousa facilima o elles justarem ou não uns com os outros, levantando-se ou puxando-se mais ou menos os braços, e portanto mostrar a lesão ou curá-la».

Ibidem, p. 171.

III

Casamento

«Nas povoações do Fojo, Folga, Montinhoça, Sardeiras de baixo, e de cima, e Fernão-porco conservam-se ainda ceremonias, por occasião dos casamentos, que merecem ser referidas, porque parece provirem ainda dos Barbaros do norte, e são as seguintes: No dia do noivado, antes de se dirigirem para a Igreja, o noivo, acompanhado dos padrinhos, e de toda a sua comitiva, dirige-se a um sitio, aonde deve também ir ter a noiva com seus padrinhos e acompanhamento. Logo que se encontram, os padrinhos da noiva perguntam ao noivo que pretende d'ali? e este responde que: pretende honra, mulher, e fazenda, se a houver; ao que os padrinhos respondem: que de tudo ha de encontrar; em seguida ao que, ambos os grupos se reúnem, e dirigem á Igreja».

Ibidem, p. 173.

IV

Crendice popular

«Na villa de Aljubarrota, entre as crendices do povo, havia a de que uma pequena imagem de Nossa Senhora, de metal, que se dizia ter sido achada em 1568 por um padre que fôra coadju-

tor ou cura da freguezia dos Prazeres, e que tinha sido collocada no sacrario, facilitava os partos, e por isso as mulheres que estavam para os ter, a mandavam pedir para effeito do bom successo; e ainda a mais absurda, que a terra em que foi achada a imagem, não criou mais erva».

Leiria Illustrada, n.º 208, de 21 de janeiro 1999.

V

Antigo costume

«Em dia de S. João se ajuntão todos os moradores desta Freguezia (de Afife, provincia de Entre Douro e Minho, comarca de Valença), e em pregão publico arrendão as pescarias, que fazem com humas tapadas de pedra na praia, e nellas pescão com tresmalhos, e fiskas muita quantidade de peixes; e o preço por que se arrendão gástão despoticamente como querem».

Diccionario Geographico, por Antonio Patricio, tomo I, p. 73.

VI

«A fogueira de S. João» na defesa das praças de guerra do seculo XVIII

«A mais moderna defensa de huma brecha he a chamada *fogueira de S. João*: consta de muitas fachinas ardentes, feiches de vides alcatroadas, e grande quantidade de lenha de toda a casta, e isto se deita pela brecha abaixo, e faz um incendio tal, que os inimigos se retirão, e perdem a occasião do assalto; e levando-se, ou entretenendo-se a fogueira com nova lenha, pode durar dias; e ainda depois de consumida a lenha, as brazas por muito tempo não dão subida aos inimigos».

O Engenheiro Portuguez, por Manuel de Azevedo Fortes, tomo II. fl. 415.

VII

Antigos adagios

«Dos faltos de memoria dizia o adagio antigo, que bebêraõ Mandragoras. Porque esta erva dada em bebida, causa grande

sonolencia, & esquecimento pelos demasiados fumos, que manda á cabeça.

.....
O adagio, *Davalhe o vento no chapeyrão*, &c. explica bem o desprezo que o humilde faz de si mesmo, & procura que os outros fação d'elle, deixando se ir sem arte para onde o deytão. Húa das muytas excellencias da lingua Portugueza, he a copia de semelhantes adagios, tão claros, breves, & sentenciosos, que podem ser huns como canones, ou regras da vida Economica, Ethica, & Politica, ensinadas pela experiencia. Ajunto alguns poucos que me occorrem.

Calle o que deu: falle o que recebeo.
Em tempo, & lugar, o perder he ganhar.
Mays val hum toma, que dous te darey.
Por dar esmola não mingua a bolsa.
O marido barca, a mulher arca.
De tal acha, tal racha.
Amor de menino, agua em cestinho.
Todos os tombos da enguia são para a agua.
Viuva rica com hum olho dobra, com outro repica.
Azeyte, vinho, & amigo, o mays antigo.
Velho amador, inverno com flor.
Não dá quem tem, senão quem quer bem.
Quem com cães se deyta, com pulgas se levanta.
Onde irá o boy, que não lavre?

E outros a milhares, com quem nenhuma comparação tem os dos Gregos, & Latinos, nem no pezo da doutrina, nem na energia da significação, como se pode ver no seu Compilador Paulo Manucio».

Padre Manuel Bernardes, *Nova Floresta*, tomo III, pp. 37 e 383.

VIII

A procissão de Corpus Christi em Castello Branco, no seculo XVII

«Outr'ora a procissão de *Corpus Christi* era a festa mais espaventosa de todas as povoações de alguma importancia. Castello Branco que se condecorava com o titulo de *notavel*, e que era

villa importantissima, não podia por isso eximir-se á regra geral neste ponto, sem quebra de sua prosapia.

Effectivamente, segundo o documento, transcripto em seguida, o povo, ou antes o Senado de Castello Branco esmerava-se em não deixar de cumprir o que o dever lhe impunha.

«ROL DOS JUIZES DE OFFICIO QUE
HÃO DE DAR DANÇAS E INSIGNIAS,
E TUDO O MAIS NECESSARIO PERA
A PROCISSÃO DE CORPO DE DEUS
ANNO DE 1680

«Francisco Esteves juiz dos pastores dará huma dança de páos de seis Homens que he a da Lousa. Os cabreiros darão outra dança.

Manoel Francisco juiz dos horteloens hum carro armado de flores e fruitas.

Simão Fernandes juiz dos alfaiates a Serpe bem vestida com quatro homens de goarda com suas chuças e sahirá á vespora do dia e correrá a villa.

Francisco Marques juiz dos cardadores e tozadores dará S. Gens em sua charola acompanhado de duas tochas adiante e huma dança.

Antonio Pires juiz dos sombreireiros dará huma dança mou-risca com sua insignia adiante que levará hum sombreireiro.

Thomaz Rodrigues juiz dos ferreiros dará quatro diabos e sua insignia.

Paulo Rodrigues juiz dos teceloens e das tecedeiras dará Santo Estevão em sua charola e huma dança adiante com seu folião e a dança será de seis moças.

Carlos Ribeiro juiz dos carpinteiros dará S. Joseph em sua charola e duas tochas e huma dança.

Manoel Gomes genro de João Bonito juiz dos sapateiros dará S. Chrispim em sua charola com duas tochas e huma dança adiante e tres moças com violas e castanhetas.

André Francisco juiz dos moleiros desta villa e termo dará Santo Antonio em sua charola e duas tochas e huma dança de seis homens ou moças com seu folião.

Matheus Travassos juiz dos almocreves dará Santo Amaro em sua charola com quatro tochas e seu guião e huma dança.

Domingos Fernandes Grillo juiz dos barbeiros dará o Rey David com septro e coroa muito bem vestido e dous pagens que o acompanhem.

Antonio Martins Calrão juiz dos cadeiros dará hum guião com discante de tres violas de bons tangedores.

Lucas Fernandes juiz dos ferradores dará S. Jorge em seu cavallo com dous estribeiros de cada lado vestidos á turquesca.

Francisco Travassos juiz dos estalajadeiros dará oito homens de alabardas em corpo com couras ou vestidos de armas brancas com hum tambor a diante de S. Jorge e hum pifano.

Bartholomeu Rodrigues juiz dos espingardeiros e serralheiros dará hum homem com insignia de Alferes com sua banda que hira a cavallo diante dos soldados de S. Jorge por page de Lança.

Marcos Fernandes juiz dos oleiros dará hum Rey mouro com corôa e septro com quatro mouros a seu lado com seus alfanges que hirão atraz de S. Jorge.

Manoel Sanches juiz dos pedreiros dará hum estandarte ou bandeira de guerra e hum tambor que hirá diante dos soldados de S. Jorge.

Gaspar da Fonseca juiz dos sereeiros dará oito tochas para acompanharem o Santissimo.

Os mercadores cada hum dará sua tocha que elles levarão ou mandarão ter na procissão.

Catherina Martins Ferreira juiza das padeiras dará duas pellas e huma dança de seis mulheres com pandeiros e castanhetas com seu folião.

Os boticarios cada hum levará sua tocha entre os mercadores.

Manoel Martins Galleguinhos juiz dos maquiloens dará huma dança pastoril.

O alferes de S. Marcos hirá com seu guião.

Balthasar Gonçalves juiz dos mulateiros e burriqueiros dará uma dança mourisca de oito homens.

Os obrigados e magarefes dos assougues levarão huma hora antes da procissão sahir hum touro amarrado á corda pelas ruas por onde for a procissão com homens que levem suas aguilhadas para tangerem o touro e na corda a que fôr amarrado irão pegando nas pontas uns a traz e outros adiante do Boy».

«Aqui finda o curioso programma das festas e folias com que a camara mandava abrilhantar a festa de *Corpus Christi* no anno de 1680. Como complemento da noticia deve saber-se que a festa principiava na vespera não só porque os alfaiates (como dito fica) deviam dar volta ás ruas da villa com a *serpe bem vestida*, mas tambem porque todos os outros juizes de officio *notificados* tinham obrigação de ir nesse dia aos paços do concelho mostrar

suas danças e folias para se conhecer se bem cumpriam; e o que não cumprisse assim era multado e pagava a multa da cadeia! Era esta revista como que o ensaio geral da parte profana da procissão. Esta prova das partes figurantes era motivo de grande folgança para as regateiras e gaiatos, pois neste dia era plenamente permitido assobiar ao touro, vozear á serpe e jogar a sua pedrada aos diabos, pobres aprendizes, de ferreiros que pintados de pós de sapatos e vermelhão eram as victimas, òs bodes espiatorios, da fanatica e estúpida beatice da garotada ¹.

As risotas, algazarras e truanices da vespera tinham porém de ceder o passo á compostura e seriedade no dia de *Corpus Christi*, pois as chufas e os diterios não eram admittidos perante a circumspecção fingida dos frades, a seriedade trombuda dos carolas, e a gravidade cerimoniosa das autoridades. Os alguasis, meirinhos, esbirros e beleguins (a policia da epoca) mantinham a ordem vestidos de ópa! A população aldeã das circumvizinhanças da villa, entrajada com os seus vestidos domingueiros, acompanhava pasmada e boquiaberta tão mirifico e devoto espectáculo».

Monographia de Castello Branco, por Antonio Roxo,
p. 196.

IX

Alvará que em outro tempo estabeleceu ordenado a certo Soldado que curava com palavras

«Eu ElRei faço saber aos que este meu Alvará virem, que tendo respeito á informação, que se me deo das curas, que Antonio Rodrigues, Soldado, tem feito com palavras, em alguns Cabos, Capitães, e Soldados do Exercito d'Alémtejo; e do prestimo e utilidade, de que será n'elle para as continuar. Hei por bem de lhe fazer mercé de quarenta mil réis por anno, de accrescentamento no seu soldo, com obrigação d'assistir no Exército, para se poderem valer d'elle os referidos, e os curar. E mando que os ditos quarenta mil réis se lhe assentem no Livro do sôlido do dito Exér-

¹ Que o papel de *diabo*, além de antipathico, era arriscado é fora de duvida, pois os ferreiros trataram de se livrar do encargo dando um santo para levar em refens dos diabos.

cito para d'elles haver pagamento a seu tempo devido, e costumeado. E este alvará quero se cumpra tão inteiramente como n'elle se contém. Domingos Luis o fez em Lisboa, nos 13 dias do mez d'outubro de 1654 annos, e eu Antonio Pereira o fiz escrever. = REI = etc. — Registado a fl. 101 do Liv. 3.º do Reg. das Patentes, e Alvarás, pela Contadoria Geral do Exército do Alêntejo».

Jornal de Coimbra, vol. ix, 1816, p. 219.

X

Feiticeiras

«He cousa sabida aquelle grande dano, e maleficio, que fasem no mundo quasi em todas as nações aquellas depravadas mulheres, a que vós chamais vulgarmente feiticeiras, ou bruxas. Estas desgraçadas, como tem arrenegado da Fé pelo contrato feito com o demonio, a quem tem vendido a sua alma, ficão consequentemente inimigas do genero humano, principalmente Catholico, e por isso procurão fazer-lhe o mal, que podem, humas vezes às crianças depois de baptizadas, não fazendo que percão a vida, porque não querem que se salvem, mas que fiquem estropeadas, e com outros defeitos por toda a vida. Outras vezes ainda às pessoas maiores com feitiços, os quaes lentamente causão a morte, tomando para fazerem estes maleficios por arte do diabo varias fórmas apparentes transportando-as, o mesmo diabo a varios Reinos, e lugares summamente distantes, introduzindo-as em lugares reconditos, e fechados sem se saber o como entrárão, porque o diabo como espirito que he forçoso, lhes facilita todos os meios para essas crueldades».

.....

Desengano dos Peccadores, pelo Padre Alexandre Perier. — Lisboa. Na officina de Miguel Manescal da Costa, impressor do Santo Officio, 1751, p. 310.

XI

Sereias

«As Sereas erão tres donzellas companheiras da deosa Proserpina, diz Ovidio, que depois que Plutão roubou a Proserpina, forão buscar o mar, para nelle se precipitarem; os deoses compa-

decidos as convertêrão em meyas mulheres, & meyas peixes, figuras das rameiras, & meretrices, que não são de todo humanas, &, racionaes, por não terem os appetites sojeitos á razão. O habitarem junto do mar, he porque as partes maritimas são mais lascivas, que as do sertão; o terem azas as Sereas, mostra a instabilidade, & pouca firmeza das mulheres de mão trato, porque facilmente amão, & desamão; a cobiça do interesse as faz voar de hūs para outros. S. Fulgencio diz das Sereas, que huma cantava, outra tangia citara, & outra frauta; cantavão, & tangião tão docemente, que os navegantes arrebatados da melodia adormecião, vinhão as Sereas, roubavão, & matavão... Aristoteles diz que as Sereas se chamavão Parcenope, Leucosa, Ligia, que habitavão no monte Peloro em Italia junto de Sicilia. Os Poetas dizem que as Sereas vendo Ulysses tapar os ouvidos pelas não ouvir, que morrêrão de pezar».

.....

Frutas do Brasil, por Fr. Antonio do Rosario.— Lisboa, 1702, p. 61.

XII

Santa Comba, portuguesa de nação, advogada contra as sezões e febres malignas

«Remedio para a castidade, e para todas as necessidades, de que he advogada Santa Comba, Portugueza de nação, e se venera com Novenas, principalmente nas sextas-feiras, em que mandão dizer muitas Missas, e está em huma Ermida quasi junto ao Real Mosteiro de Cellas em Coimbra: he tambem advogada contra as cesoens, e febres malignas, como testemunhão innumeraveis pessoas, que se tem valido do seu patrocínio, e os sinaes, que disso se vem na sua Ermida junto ao Altar, da qual á parte do Evangelho está huma porta, por onde se entra em hum reconcavo, ou cazinha, que fica nas costas do mesmo Altar, onde he tradição, que foi primeiramente sepultada. Aqui está huma cova redonda, onde os enfermos de maleitas, e febricitantes com toda a devoção, e fé tirão daquella terra, a qual metida em bolsinhas a lanção ao pescoço, invocando em seu favor o patrocínio da Santa; e tanto que Deos Nosso Senhor, pelos seus merecimentos, e rogos lhes dá saude, tornão a restituir a terra á sua Ermida; e pendurão aquellas nominas, como trofeo da saude, em huma Cruz, que junto do Altar está posta para memoria do beneficio, que não tem

numero os sinaes, que disto se vem alli; e he tanta a terra que daquelle lugar se tem tirado, que se tem feito hum profunda, e larga cova pela terra a baixo, para onde se desce por alguns degrãos».

.....

Botica preciosa, pelo Missionario Apostolico Angelo de Sequeira. — Lisboa, 1754. p. 210.

XIII

Veronicas e medalhas religiosas

1) *A veronica de Santo Anastacio*

«No segundo Concilio Niceno se resolveo, que do aspecto de Santo Anastacio fugião os demonios, e por isso he conveniente trazer-se hum medalha, ou veronica para esse fim».

Botica preciosa, p. 178.

2) *A medalha milagrosa*

A *Medalha Milagrosa*, que representa no anverso a Immaculada Conceição, de pé, com os braços estendidos e saindo de suas mãos uns raios, e no reverso a letra M com uma pequena cruz por cima, e por baixo os Corações de Jesus e de Maria (medalha introduzida em Portugal pelos annos de 1836-1837), foi pela primeira vez aberta, em França, por Mr. Vachetti, nos fins de junho de 1832. Isto consta do folheto intitulado *Noticia historica sobre a origem e effeitos da Nova Medalha aberta em honra da Immaculada Conceição da Santissima Virgem, geralmente conhecida debaixo do nome de Medalha Milagrosa*. Lisboa, 1837.

XIV

As Mancebias

Em additamento ao artigo sobre as *Mancebias*, que publiquei a p. 299 do volume x d'esta *Revista*, transcrevo do *Jornal de Coimbra*, vol. xv, 1820, p. 144, a seguinte carta regia :

«Juiz, Vereadores, e Procurador da Cidade de Coimbra: Eu El-Rei vos envio muito saudar. Vi a carta, que Me escrevestes,

e com ella um Instrumento em resposta da que vos escrevi sobre a obra que mandaes fazer de Mancebia junto do Mosteiro de S. Domingos d'essa Cidade; e Vi as razões, que nella apontaes para haverdes de fazer, e acabar a obra que tendes começada: sem embargo das razões que daes para se haver de fazer; Hei por bem, que a dita obra se não faça, nem vades com ella mais adiante, por quanto o Hei assim por Serviço de Deos, e Meu, porque nessa Cidade não faltarão outros lugares mais occultos e honestos, onde se possa fazer a dita obra; e o mais, que em vossa carta pedis, Hei-o por escusado — Balthazar Fernandes a fez em Lisboa a 26 de Agosto de 1559 — João de Castilho a fez escrever = REI. = Para o Juiz, Vereadores e Procurador da Cidade de Coimbra».

XV

Comer a dois carrilhos

Em reforço á origem que desta locução proverbial suscitei a p. 390 do vol. ix d'esta *Revista*, apresento a seguinte quadra de um *Romance*, de Jeronimo Bahia, que vem a p. 96 do tomo iv da obra *Fenis Renascida*:

Depois que vos fes a idade
Tão ermitaens os carrilhos,
Que não dais dente com dente
Posto que tremais de frio...

XVI

Lendas da villa de Alvorço

«As grutas que na região se encontram, estão cercadas de lendas de mouras encantadas, como a maior parte das grutas em que habitou o *homem prehistorico*, sendo crença que algumas mouras [veem ás vezes sentar-se ao sol, sendo vistas ordinariamente por homens, a quem ellas tentam encantar.

No cabeça de Rabarabos é tradição que existem dois potes; um cheio de ouro e outro de alcatrão. Como se não sabe o sitio exacto d'elles, não se fazem escavações, porque ha o perigo de encontrar o de alcatrão, e então incendiava-se tudo.

No cabeçaço de Trás-de-Figueiró ha mouras encantadas. Uma mulher que ia levar o jantar ao marido, ao passar perto de uma gruta, viu estendidas ao sol umas *ameixas bispas*. Admirada, de ver aquella fructa ali naquelle logar e naquelle tempo que não era o proprio, d'ellas colheu duas para levar ao homem e fazer-lhe uma surpresa. Acabado o jantar, mete a mão no peito para tirar as ameixas que escondera, e, com grande espanto, saem-lhe duas peças de ouro. Voltou novamente, mas a moura já tinha recolhido as que deixara.

No mesmo cabeçaço existia uma pedra em que se liam as palavras :

Quem me voltar
Debaixo de mim ha de achar.

Reunidos homens de varios logares para removerem a pedra que era grande, tem por baixo escrito na pedra :

Bem haja quem me voltou,
Que ha tanto tempo que aqui estou.

Na fonte da Junqueira, dizia o *Roteiro de Penella*, livro muito velho, «existia uma pia de ouro. Teem-se feito escavações, mas a pia foge logo para outros sitios».

Leiria Illustrada, n.º 231, de 1 de julho de 1909.

XVII

O algarismo 7

Sabe-se que o numero sete figura em barda no folk-lore português. Trindade Coelho, sob titulo *O Senhor Sete*, agrupou quasi todas as superstições do nosso país referentes a esse numero, e deu-as a lume num seu precioso livro ; e já muito anteriormente (1858) João de Deus, na *Estreia Litteraria*, de Coimbra, tratara da «mania do sete» em Portugal e provara «que nas quatro partes do mundo é sete o numero de mais superstições, e que, por consequencia, mais fala á imaginação das gentes».

XVIII

A ama do Juiz de Fora

(TROVA POPULAR)

Donde vindes, Anna?
«Eu venho da missa».
Recolhei-vos, Anna,
Que lá vem a Justiça.
«Se vem a Justiça,
Venha muito embora,
Pois que eu sou ama
Do Juiz de Fora».
O Juiz de Fora
Diz que 'stá doente.
«Pois também sou ama
Do Subscrevente».
O Subscrevente
'Stá c'o mesmo mal.
«Só por amor d'isso,
Mê hei de eu casar;
Ou me hei de casar,
Ou metter-me freira;
Se não me metter freira
Serei regateira :
Comprarei caro,
Venderei barato,
Se não me achar bem,
Largarei o trato.

XIX

Crenças e superstições alemtejanas

Calçar um çapato de uma côr e outro de côr diferente, desmancha casamento.

Para se evitar o quebranto, é bom fazer uma careta á lua quando apparece.

Ao sol chamam o *Manel da Rosa*.

Para curar a doença chamada *fome canina*, deve comer-se a *sopa das sete Marias*, que vem a ser: sopas de leite, migadas por sete pessoas que tenham o nome de Maria.

Os caldos de gallinha preta não se devem dar aos doentes.

Tantos *gritos* der a codorniz de cada vez que canta, tantas sementes darão nesse anno as searas de trigo.

Não é bom a gente negar-sê quando se é pela primeira vez convidado para padrinho de baptismo.

As pessoas que nos querem bem são as que nos podem dar mais *quebranto*.

O summo do mentrasto misturado com vinho e deitado nos ouvidos, cura a dor d'elles.

Os ovos que as gallinhas põem no dia de sexta-feira da *Paixão* são bons para apagar incendios, atirando-os para estes.

Quem tem uma vez tosse convulsa, não a terá mais em sua vida.

Quem tem soluço é porque *pregou alguma mentira*.

Para allivio das dores de parto deve a parturiente cingir-se com o cordão de S. Francisco.

As terças e sextas feiras não se devem cortar as unhas, porque nesses dias só as cortam os judeus; nos sabbados é que se devem cortar, mas para allivio da dor de dentes cortam-se nas segundas feiras.

As cautelas das lotarias não se devem collocar nos oratorios, nem junto dos santos, pois que sairão brancas.

Os vasos de mangericos não devem ser regados pelas moças solteiras, para não perderem casamento.

Na noite de S. João e ao bater da meia-noite, collocam ao relento uma folha de figueira; se de madrugada está ainda verde, é bom sinal, mas se esta sêca, morre nesse anno a pessoa que fez a experiencia.

Algumas criadas de servir, ao irem a casa das futuras amas para se ajustarem, contam os paus do tecto da casa da entrada, e da seguinte maneira: *fica, vae-te embora, fica, vae-te embora*; se o ultimo pau diz *vae-te embora*, não se ajustam.

Para os meloaes e os melanciaes não serem atacados de mela, costumam lançar na terra d'elles sementes de girasoes, e promovem o desenvolvimento d'esta planta.

Para o vinho não azedar nos potes, costumam dependurar nas adegas chavelhos de veado.

XX

Proverbios populares alemtejanos

Quem *vêve* liso, morre léso.

Quem vive neste mundo sem manha, morre no ar dependurado de um fio como a aranha.

Palavras de seda não são para orelhas de burro.

O dinheiro não tem calça.

Quem quer azeite, não tenha cabras. (Refere-se ao damno que as cabras fazem nos olivais).

Quem tem pressa vae por terra, que por mar pode-se afogar.

Não ha quinze annos feios.

Nem tantos amens que se dane a missa.

Nem sempre dança quem paga á musica.

Vale a lei o que quer o rei.

Ruivasas (*stratus*) em Portugal, albarda o burro e vae ao sal.

Nunca o chumbo fez boa liga com a prata.

O lobo com a guela cheia não morde.

Ninguém quer ser ruim e mal castiço.

A verdade é coxa, mas sempre chega.

Cada um é para o que nasceu.

Português pobre, nem quieto nem calado; português rico, apanha moscas.

A horas de comer, comer; a horas de trabalhar, deitar; que os corpos não são de ferro (*ironico*).

Boa massaroca fia quem seu filho cria.

Quem bem urina, escusa de medicina.

XXI

Comparações populares alemtejanas

1) Arde como isca.

Em Italia: Brucia come l'esca ¹.

¹ As comparações italianas e francesas mencionadas nesta coleção acham-se, respectivamente, no folheto *Proverbi scelti*, de G. Gicesti, e na obra *Le livre des proverbes français*, de M. le Roux de Lincy.

- 2) Arde como a palha.
Em Italia: Brucia come la paglia.
- 3) As pragas são como as procissões, recolhem para donde saem.
Em Italia: Le bestemmie fanno como le processioni.
- 4) Astuto como a raposa.
Em Italia: Astuto come una volpe.
- 5) Cheio como um ovo.
Em França: Il est plein comme un œuf.
Em Italia: Pieno come un ovo.
- 6) Chupa mais que uma esponja.
Em Italia: «S'inzuppa come una spugna.
- 7) Claro como leite.
Em Italia: Branco come il latte.
- 8) Come como um lobo.
Em Italia: Mangia come un lupo.
- 9) Corre como o vento.
Em Italia: Corre come il vento.
- 10) De pé no ar como o grou.
Em França: Faire le pied de grue.
- 11) Duro como um corno.
Em Italia: Duro come un corno.
- 12) É como o cão do Malaquias, nem come nem deixa comer.
Em França: Il est comme le chien du jardinier, qui ne mange pas le choux et n'en laisse pas manger aux autres.
- 13) É como fogo de palha, forma lavareda e apaga logo.
Em França: Cela se passe, comme un feu de paille.
- 14) Esfomeado como um lobo.
Em França: Affamé comme un loup.
Em Italia: Affamato come un lupo.
- 15) Estão como o cão com o gato.
Em França: S'accorder comme chat et chien.
- 16) Estão como peixe em tigela.
Em França: Être serrés comme des harengs en caque.
- 17) Está como o peixe na agua.
Em França: Être heureux comme le poisson dans l'eau.
- 18) Fala francês como uma vaca espanhola (corrupção de — *como um basco espanhol*?)
Em França: Il parle français comme vne vache espagnole.
- 19) Ficou como o rato na lousa.
Em França: Pris comme un rat dans un couyé. (Haute-Bretagne).

- 20) Foge como o diabo da cruz.
Em França: Fuir quelque chose comme le diable l'eau bénite.
- 21) Fresco como um rosa.
Em Italia: Fresco come una rosa.
Em França: Fraîche comme une rose.
- 22) Frio como um marmore.
Em França: Plus froid que marbre.
Em Italia: Freddo come un marmo.
- 23) Justo como uma luva.
Em Italia: Calza come un guanto.
- 24) Lembra-me tanto d'isso como da primeira camisa que vesti.
Em França: Il m'en souvient aussi peu que de ma première chemise.
- 25) Liso como a palma da mão.
Em Italia: Liscio como il palmo della mano.
- 26) Mais comprido que um dia sem pão.
Em França: Grand comme un jour sans pain.
Em Italia: Lungo como la fame.
- 27) Mão sobre mão, como mulher de escrivão.
Em Espanha: Mano sobre mano, como mujer de escribano.
- 28) Mau como o diabo.
Em França: Méchant comme les mille diables.
- 29) Moeu-o como a centeio verde.
Em França: Battre comme blé vert.
- 30) Não vale a agua que bebe.— Não vale o pão que come.
Em França: Il ne vaut pas l'eau qu'il boit.
- 31) Negro como carvão.
Em Italia: Nero como il carbone.
- 32) Negro como um corvo.
Em Italia: Nero come un corvo.
- 33) Pesado como chumbo.
Em Italia: Pesa come il piombo.
- 34) Pobre como Job.
Em França: Pauvre comme Job.
- 35) Quente como um forno.
Em Italia: Caldo come un forno.
- 36) Tanto vale seis como meia duzia.
Em França: C'est bonnet blanc, blanc bonnet.
- 37) Teimoso como um burro.
Em Italia: Testardo come un asino.
- 38) Teimoso como um macho.
Em Italia: Ostinato come un mulo.

- 39) Vermelho como a cereja.
Em Italia: Rosso come uma ciliegia.
- 40) Vira-se como o catavento.
Em Italia: Gira come una ventarola.
- 41) Voluvel como o vento.
Em Italia: Muta come il vento.
- 42) Veio como agua em maio.
Em França: Arriver comme marée en carême.

XXII

Os Santos advogados

(Appendice á collecção publicada em o vol. iv, n.º 2, p. 180, d'esta REVISTA)

a) MÊS DE JANEIRO:

- Dia 1. Santo Alderedo — advogado contra a dor de pedra, gotta artetica, tosse sêca, e colica.
- Dia 17. S. Antão — adv. contra a erysipela, e patrono dos almo-creves, atafoneiros, cordoeiros e porqueiros.
- Dia 20. S. Sebastião — adv. para se conservar o segredo, e contra a peste, fome e guerra. Patrono dos marceneiros e padroeiro de Lamego.
- Dia 22. S. Anastacio — adv. contra o demonio e seus maleficios e contra as doenças de qualquer genero.
- Dia 31. S. Pedro Nolasco — adv. da boa vista.

b) MÊS DE FEVEREIRO:

- Dia 3. S. Brás — adv. contra as doenças de garganta, e da constancia nos tormentos.
- Dia 10. Santa Escolastica — adv. da chuva.

c) MÊS DE MARÇO:

- Dia 3. S. Marinho — adv. contra a sarna e comichão.
- Dia 15. S. Longuinhos — adv. da vista.
- Dia 18. S. Gabriel Archanho — adv. dos bonz homens.
- Dia 19. S. José — protector da Igreja e adv. contra as dores de cabeça, e ainda adv. das causas perdidas e para alcançar de Deus boa morte. Patrono dos carpinteiros, pedreiros, tamanqueiros e torneiros.

Dia 21. S. Bento — adv. contra as mordeduras de insectos e bichos venenosos, contra os feitiços, contra a peste e contra a dor de pedra. Santo casamenteiro.

Dia 28. S. Alexandre — adv. dos infelizes.

d) MÊS DE ABRIL:

Dia 3. S. Benedicto — adv. contra os ossos, espinhos e espinhas de peixe.

Dia 10. S. Ezequiel — adv. contra as dores de estomago.

Dia 17. S. Elias — adv. contra a estiagem e contra o fogo.

Dia 30. Santa Catharina de Sena — adv. contra as bexigas, febres malignas, males contagiosos, e contra os demonios.

e) MÊS DE MAIO:

Dia 4. Santa Monica — adv. contra os perigos do mar. Padroeira das viúvas.

Dia 5. S. Angelo — adv. contra os feitiços e enfermidades que procedem de arte diabolica,

Dia 12. Santa Joanna, princesa de Portugal — adv. contra os maus humores.

Dia 14. S. Gil — adv. contra os perigos dos navios e barcos do mar, e contra as mordeduras das serpentes venenosas.

Dia 15. S. Dionisio — adv. contra os terremotos.

Dia 16. S. João Nepomuceno — adv. da boa fama e do segredo da confissão. S. Simeão Sthoch — adv. de quem dá esmolas.

Dia 19. S. Ivo — patrono dos advogados.

Dia 24. S. Afra — adv. contra os pesadelos da cabeça.

Dia 28. S. Germano — adv. contra os maus sonhos.

f) MÊS DE JUNHO:

Dia 8. Santa Syria — adv. contra as febres e contra a dor de pedra.

Dia 13. S. Antonio — deparador das cousas perdidas, adv. contra as tentações do demonio, e contra o mal das lombrigas. Santo casamenteiro. Patrono dos moleiros.

Dia 24. S. João Baptista — adv. contra as dores de cabeça. Patrono dos boeiros e dos vaqueiros.

Dia 25. S. Tude — adv. contra a tosse e defluxo.

Dia 29. S. Pedro — adv. para se abrirem as portas do ceu. Patrono dos cortadores, dos cabreiros e dos pastores.

Dia 30. S. Marçal — adv. contra os incendios. Patrono dos bombeiros.

g) MÊS DE JULHO :

- Dia 4. Rainha Santa Isabel — adv. contra os cancros. Padroeira de Coimbra.
- Dia 15. S. Camillo de Lelis — adv. dos agonizantes.
- Dia 18. Santa Marinha — adv. contra o mau olhado.
- Dia 19. S. Vicente de Paula — adv. das esmolas.
- Dia 28. S. Nazario — adv. contra frenezis.
- Dia 31. S. Ignacio de Loyola — adv. contra os partos perigosos e contra as dores de cabeça.

h) MÊS DE AGOSTO :

- Dia 4. S. Domingos — adv. contra as constipações e contra as febres.
- Dia 7. S. Alberto — adv. contra os maus partos, e contra as sezões, febres malignas e todo o genero de febres. — S. Caetano — adv. da pobreza.
- Dia 12. Santa Clara — adv. contra a hydropesia, febres malignas e incendios.
- Dia 16. S. Roque — adv. contra a peste e contra as feridas venereas. — S. Joaquim — adv. da paciencia.
- Dia 17. S. Mamede — adv. contra a falta de leite nas mulheres que criam, contra os animaes ferozes e contra o fogo.
- Dia 20. S. Bernardo — adv. contra as dores de cabeça e contra as febres.
- Dia 24. S. Bartholomeu — adv. contra o medo, visões diabolicas, murmurações e peste.
- Dia 25. S. Luis — adv. dos cavallos e dos jumentos.
- Dia 27. S. Rufo — adv. da boa fama.
- Dia 29. S. Sabina — adv. contra o immoderado fluxo de sangue.
- Dia 30. S. Fiacrio — adv. contra os cancros e contra as almorreimas. — Santa Rosa de Lima — adv. da vista.

i) MÊS DE SETEMBRO :

- Dia 1. S. Lopo — adv. contra a gotta inflammatoria.
- Dia 2. S. Estevão — adv. contra os perigos do mar, e patrono dos tecelões.
- Dia 4. Santa Rosa de Viterbo — adv. da castidade.
- Dia 17. Santa Comba — adv. contra as sezões e febres malignas.
- Dia 23. S. Tecla — adv. contra as queimaduras.
- Dia 27. S. Cosme e S. Damião — adv. do aproveitamento dos remedios e do soffrimento das dores. Patronos dos cirurgiões.

Dia 28. S. Bernardino — adv. contra os espiritos malignos.

Dia 29. S. Miguel Archanjo — adv. da boa morte. e patrono dos boticarios e sombreireiros.

j) MÊS DE OUTUBRO:

Dia 6. S. Bruno — adv. da humildade.

Dia 15. Santa Theresa de Jesus — adv. contra a mentira e alcive.

Dia 20. Santa Iria — adv. contra os falsarios, e patrona de Santa-rem.

Dia 25. S. Crispim e S. Crispiniano — primitivos padroeiros de Lisboa, e patronos dos sapateiros, surradores e curtidores.

Dia 27. S. Elesbão — adv. contra os perigos do mar e da guerra.

k) MÊS DE NOVEMBRO:

Dia 3. S. Humberto — patrono dos caçadores.

Dia 10. S. André Avelino — adv. contra a apoplexia e para que se abreviem as demandas.

Dia 13. S. Bom-homem — patrono dos alfaiates.

Dia 14. S. Marculfo — adv. contra as alporcas.

Dia 15. S. Gertrudes Magna — adv. contra os demonios.

Dia 16. Santa Inês — adv. contra as dores dos peitos.

Dia 20. S. Felix de Valois — patrono dos funileiros e dos chapeleiros.

Dia 22. S. Cecilia — adv. contra as dores de cabeça, e patrona dos musicos, cantores e pastores.

Dia 23. S. Clemente — adv. contra os naufragios. Patrono dos ferreiros.

Dia 24. S. João da Cruz — patrono dos ferradores e alveitares.

Dia 25. Santa Catharina — adv. contra a raiva.

Dia 30. S. André, apostolo — adv. da castidade e da constancia nos tormentos.

l) MÊS DE DEZEMBRO:

Dia 1. S. Eloy — adv. da pobreza e dos entrevados. Patrono dos ourives e cravadores.

Dia 3. S. Francisco Xavier — adv. contra as tempestades.

Dia 4. Santa Barbara — adv. contra trovões, raios, peste e ar corrupto. Patrona dos artilheiros.

Dia 11. S. Dámaso — adv. contra os juramentos falsos e mentiras. Padroeiro de Guimarães.

XXIII

A mobília, o vestuário e a sumptuosidade nos séculos XVI a XIX

(Inéditos)

(Appendice á collecção publicada no *Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa*, anno de 1889)

a) *Excerpto do testamento de Pedro Ayres Sardinha, feito em Elvas aos 7 de março de 1577.*

«O que tudo se cumprirá pello mouel delle testador por donde quer que for auido e achado e averá do dito mouel Rodrigo filho delle testador hum almadrake e hum colxam e huns lancois e xumaço com seo trauceyro branco e almofadas com hum cobretor atrangado com o seo leyto para dromir e asim averá a capa e pellote tozado de panno finno preto e gibam de olanda rachada e meyas calças e sapattos e sua Espada e em quanto ao vestido de Izabel Barroza que Deos tem de sayos e comtas manda que se vendam pello melhor preço que puder ser nam sendo em pregam excetuando hum gibam de setim pardo que manda se dê a Lorença Soares filha de Manoel Gomes a qual venda faram seos testamenteiros para cumprirem com sua alma. Manda que dem hua vestimenta de llinho e a capa de xamalote aleonado de hua cotta que elle testador tem á Mizericordia desta cidade. Manda que dem a Brites Annes pello bom serviço que lhe fes em sua doença dois mil reis e tres couados e terça de panno de cor que ella quizer para fazer hua fraldilla e o panno que custe athe quaa-tro sentos reis o couado e todo o mais mouel averá Manoel Gomes seo sobrinho e hum colxam dos que elle tem em a cama com trauceyros laurados e almofadas e toalhas e asim averá mais o dito Manoel Gomes o seo nouilho e vaca preinha e vinte mil reis do dinheiro que tem João Rodrigues mercador para ajuda de hua lavoira e asim averá mais Rodrigo seo filho hua caxa grande emcoirada em que está o fato».

Tombo 1.º da Provedoria da Comarca d'Elvas, fl. 289 v.

b) *Excerptos do testamento de Anna Rodrigues Ferrôa, feito em Elvas no anno de 1582.*

«Mando que á honrra das sinco chagas de noso Senhor Jezu-Christo vistão sinco pobres tres molheres e dois homens aos homens capas e pelotes e calções e chapeo, e camizas a cada hum sua e botas e o pano será de nove vintens o covado e as molheres fraldilhas e jibois e beatilhas e huma camiza a cada hua e sapatas.

.....
Deixo a Breatis Ferroa minha sobrinha huma bacia grande de arame que serve de amasar e mais huma arca uzada de pão de sedro e mais huma caixa encoirada de huma em carga e mais huma menza grande de bordo e hum leito com huma armadura de pano verde escuro e mais quatro lancoes novos de linho escolhidos de quatro ramos cada hum e mais huma toalha de Medina grande nova e dous coxins vazios.»

Ibidem, fl. 406 v.

c) *Excerpto do testamento de Thereja da Gama, feito em Elvas aos 2 de outubro de 1598.*

«Deixo a Maria Lourenço hum vestido meu velho romendado de somana. Item mando que se vistão sinco molheres pobres necessitadas, de pano baixo gibões e vasquinhas. Declaro que eu tenho huma mulata branca por nome Maria a qual deixo forra como se ella forra nascera do ventre de sua May para que goze de todas as liberdades e privilegios que gozão os que nascem livres, á qual Maria deixo para seo cazamento vinte sinco mil reis em dinheiro e dois colções e hum chumasso, com dois travesseiros e dois cobertores hum azul e outro amarello, e hum vestido meu de barras, manto, sainho e vasquinha, e lhe deixo mais outro vestido meu de cirgueta, e quatro toalhas minhas de olanda e linho e huma alcatifa pequena de Castella e duas caxas hua de pinho, e hum caxão da India pequeno. E deixo a minha sobrinha Costança da Gama dois escritorios meos com o que dentro tiverem, e mais lhe deixo outro cofre meu com os brincos de ouro que nelle tenho e hum cofre de tartaruga. E deixo a minha Irmaã Maria Lobba huma pessa de oratorio, que eu tenho com todas as pessos que elle tem, e lhe deixo mais huma colxa grande da India.»

Ibidem, fl. 322 v.

d) «*Rol do Movel que tenho o pr.º de Janeiro de 1757*»

Dois cachões grandes iguaes páo do Brazil.

Hum cachão de doos fechos páo do Brazil.

Hum cachote de páo de pinho.

Hua Arca de couro cru.

Hua Arca pequena de Nogueira.

Hua Arca chata com oleado.

Quatro Baús de Moscouia.

Hua comoda de vestidos.

Hua comoda de Nog.^a ferraje dour.^a

Hua Carteira de Amoreira.

Hua Carteira de folha do Norte.

Does Contadores marchetados.

Duas Escrevaninhas marchetadas.

Hua menza grande de pinho dobrada.

Hua menza de engonsos de Castanho.

Hua menza pequena redonda.

Hua menzinha fingida de pedra.

Does Bofetes de embutidos.

Humas Taboas de Menza g.^{des} de Nog.^a

Hum bofete de pinho com gaveta.

Does Cabides de pinho.

Hum bofete grande velho 2 gavetas.

12 Cadeiras grandes velhas de nog.^a

12 Cadeiras de rede de junco.

12 Tamborettes de nog.^a rede de junco.

12 Tamborettes de charão encarnado.

Hum Banco pequeno de pinho.

Does Espelhos de vestir mold.^a de nog.^a

Does Espelhos de charão encarnado.

Quatro Placas de charão encarnado.

Hum espelho pequeno de barba.

Hum toucador de charão negro, e ouro.

Hum cachãozinho de charão encarnado.

Huma arquinha de charão pardo.

Hum baúzinho de charão embutidos.

Hua cama de charão branco.

Hum tamborete de charão branco.

Hua cama de charão encarnado.

Hua cama de nogueira.

Hua barra de páo de pinho.

- Hua barra de moscovia, mossos.
 Hua cadeira redonda, costas de nogueira.
 12 Payneis grandes, de fabollas.
 8 Payneis de papel, de picarias.
 5 Payneis de fumo, dos 5 sentidos.
 4 Payneis pequenos, de papel.
 3 Laminas de papel, moldura branca.
 2 Laminas deziguaes de papel.
 1 Lamina como placa de S. João.
 2 Laminas de 5 Agnus Dei cada hua.
 Hua Lamina de S.^{ta} Anna.
 Huma Lamina de N. S.^r. Esse Homo.
 Hua Lamina de S. Pedro em pedra.
 Hua Lamina de S. Maria Mag.^{da}, Purgam.^o
 2 Laminas de N. S.^{ra} em cobre, mold.^a branca.
 2 Laminas de Batalhas, cobre.
 1 Lamina de N. S. da Cons. mold.^a cortissa.
 Oratorio, altar e banquetta de páo.
 Hum Paynel costaneira g.^{de} de N. S.^{ra} Guadelupi.
 1 Crusifixo de marfim.
 1 Crusifixo de madeira.
 2 Laminas de reliquias, mold.^a negra.
 1 Paynel da S.^{ra} S.^a Anna.
 1 Paynel em papel de S. P.^o de Alcantara.
 1 Lamina de pedra da S.^{ra} da Piedade.
 1 docel de damasco.
 1 ornamento rico agalloado de ouro.
 1 ornamento branco de damasco.
 1 ornamento roxo de camellão.
 2 toalhas de Altar.
 2 Alvas e cordões.
 Amitos e sanguinhos muitos.
 Calix Patena Galhetas, Comp.^a Caxa e Colherinha tudo de
 prata, Calix e Patena dourado.
 N.^a S.^{ra} de vestidos, coroa de Prata.
 O Menino Jezus, coroa de Prata.
 S. Fran.^{co} X.^{er}, resplendor e bordão de Prata.
 S. Rita, resplendor e Crusifixo de Prata.
 S.^a Anna, e S. Caetano e S.^{to} Antonio.
 Seis jarras com seos ramalhetes.
 Hum tapete de ourellos.
 Sacra, Evangelho, e Lavatorio.

Hua lamina da Adoração dos Reys.
Hum tapete grande.
Hum tapete pequeno.
Hua alcatifa grande.
Hua alcatifa mais pequena.
Duas esteiras, e hua tira novas.
Hua esteira grande uzada.
Hua esteira mais pequena.
Hua catcha de bordo, vazo de estanho.
Does velladores 1 branco 1 encarnado.
Sete panos de ras grandes.
Quatro panos de ras resposteiros.
Hua Armação de Borcatel e sanefa.
Hua Armação de Cama de Damasco Verde.
Tres Mosqueteiros de ló.
Does Boiões de Louça da India.
Hum jogo de chá de 4 pessas azul e branco.
12 chavanas e bulle de meas canas.
6 chicharas pires e tampas esmaltadas.
15 pessas de louça branca lavrada.
6 chicharas e bulle de louça branca.
2 chicharas de louça da China.
4 chicharas de vidro qualhado.
4 garrafinhas do mesmo.
6 tegellas e pires pardas por fora.
2 Tampas de machão?
2 tegelinhas de ziguaes.
6 chavanas azul escuro.
12 chavanas esmaltadas.
2 Bulles azul e branco.
1 Bulle de estanho.
Hua Tegella prato e tampa.
6 pratos de esmalte.
12 pratos azues e brancos.
Hua talha de cobre, e caldeirão.
Hua chocollateira nova com tampa.
Hum brazeiro grande de bronze.
Hum tacho grande de arame.
Duas cassarollas de cobre.
Hua estofadeira de cobre.
Hua sopeira de estanho.
Hua bacia grande de fartaz.

Hum candieiro de latão e band.^a
Hua chocollateira velha.
Hua Frasqueira e 12 Frascos.
Doze pratos de esmalte 2 deziguaes.
4 pellanganas azul e branco.
1 Prato de pontas de Olanda.
2 pratos azues e branco.
1 Prato maior com ouros.
3 tigellas de Olanda com tampas.
5 tigellas azues e branco deziguaes.
Hum Crucifixo de Pedra peanha, e Cruz.
N. S^{ra} da Conceição dourada toda.
S. Fran^{co} X^{er} de graça, S.^{to} Ant.^o e S. Fran^{co} de Aguila.
S. P.^o de Alcantara de graça.
6 quatinhados de damasco carmezim.
12 cochins de ponto de matiz.
3 menzinhas do mesmo.
2 couros de moscovea.
Hum Telis de cordovão e 2 de pano bord.^{os}
Hum charel e bolsas bord.^{os} de prata.
2 chareis de pano azul e hum encarnado.
Hua manta de pano azul.
Hua colxa branca e matiz.
Hua colxa roxa e matizes bordada.
Hua colxa encarnada bordada de linhas.
Hum godrim de chita verde...
Hum cobertor de damasco carmezim e hum de seda azul de matizes.
Hum de damasco amarello.
Hum de melaca azul e ouro sengello.
Duas cobertas bordadas da India.
Duas cobertas hua de damasco carmezim e outra de seda encarnada, e branca.
Huma quartina de damasco carmezim.
Falta a roupa branca, e vestidos e mais alguns trastes.

[assignado]

PEDRO XAVIER DE LEMOS».

(Papel avulso da minha collecção de mss. antigos).

e) *Relação do Enchoval que trouxe a Ex.^{ma} Sur.^a D. Maria Constança para casa de seo marido (André José de Vasconcellos Azevedo e Silva Carvajal) dado por seo Pay.*

(Anno de 1817)

Camizas	17
Anagoas	12
Meias de seda pares	6
Penteadores	2
Toalhas de maons	2
Lensos de asoar	10
Vestidos de roda	4
Mantilha e saia preta.	
Hua manta de seda.	
Vestido de Cambraia bordado de ouro.	
Otro de Panisco Branco.	
Otro de casa de zigue zague com penadas azul ferrete.	
Otro de xita de ramagens.	
Hua saia de tafetá branca.	
Otra de seda de granita branco.	
Hua de Escomilha branca com guarnição de setim gradulê por bacho.	
Leques	4
Pantalonas pares	2
Hua Arca de marroquim encarnada forrada de melania cor de roza.	

Lembrança do ouro e Diamantes que trouxe seos e dados por sua Thia.

• Cordoins de ouro	2
Brincos de Diamantes postos em prata com perolas por baxo.	
Estrellas de pedras finas	3
Hum roزاری de ouro do pescoso.	
Otro cordão de ouro com hua cruzinha.	
Huns brincos de ouro compridos.	
Huma medalha.	
O retrato de seo pay guarnecido de esmeraldas e diamantes.	
Huns brincos de ouro do feitio de gaiola q̃ lhe deo seo Pay de prenda de annos.	
Hum anel de Topazios guarnecido.	

Outros brincos de perolas.
 Huma salva de prata.
 Hum caixao=zinho de prata de filigrana.
 Huma bandejinha de prata pequenina.
 Huma romaã de prata perfumada de ouro.
 Hum estojo de prata feito num peixe.
 Otro (*sic*) paliteiro de prata p.^a agulhas.
 Hum ovo de filigrana de prata.
 Huma coberta de seda cor de roza com guarnição de casa zigue
 zague tambem cor de roza.
 Laminas 2 hua de N. S^{ra} do Carmo e outra A madalena de cobre.
 Hum fio de perolas q̃ lhe deo seo Pay.
 Hum Copido de ouro de Esmalte q̃ lhe deo sua cunhada.
 Hum anel com 3 diamantes q̃ lhe deo sua cunhada.
 Hum adereso de topazios q̃ lhe deo seo marido antes de cazar.
 Hum relógio de ouro q̃ lhe deo sua Thia.
 Humas pulseiras de pedras finas.
 Outras de retrato guarnecidas de pedras.
 Hua medalha de cristal guarnecida de filigrana de ouro com S.
 Thereza e S. Pedro de Alcantara.
 Hum sapatinho de barro com filigrana.
 Hum saca rolhas com madreperolas e vizes de ouro.
 Hum Menino Jezus de Marfim e hua S^{ra} do Rozario de marfim.
 Duas Areas de Moscovia hua grande outra piquena».

Ibidem.

f) *Avaliação de vario mobiliario no anno de 1825.*

*Bens moveis pertencentes á Viuva (Maria José, de Cabeço de Vide)
de sua miassão*

Seis Tanborettes ou Cadeiras de Moscovia em	2:400
Seis cadr. ^{as} tambem de Moscovia com Espaldar tão bem avaliadas em	3:600
Seis cadr. ^{as} com costas de Nogr. ^a com assentos de Al- mofada em	3:600
Seis cadr. ^{as} de Palhinha fina com Ganapé irmão tudo na sua valia de	9:600
Hum Artibanco de Espaldar em	,480
Huma Menza de embotidos com Pano verde pela sua valia de	4:000
Hum Tremó de vestir avaliado em	2:400

Hnm Ventó de xarão avaliado em	4:800
Outro Ventó de embotidos em	1:600
Duas Arcas grandes avaliadas em	2:400
Outra Arca piquena avaliada em	400
Dois Almarios avaliados em	1:200
Trez Colxas brancas e hua coberta branca bordada de cor tudo em	5:600
Trez cobertas de chita com folhos e 4 cobertores de pano branco avaliado tudo em	6:200
Dois cobertores de pano azul e outros 2 de pano verde bordados	8:000
Trez cobertores de papa brancos e coatro mais ordinarios avaliados em	8:400
Tres cobertores de Damasco em	14:400
Huma coberta de seda azul com ramos em	3:200
Hum Frontal de seda em	800
Hum Mantão de seda de ramos branca e guarnecido de renda de ouro do uzo dos Baptizados	4:800
Doze pratos de Estanho piquenos de guardanapo avaliados em	1:440
Coatro pratos de Estanho de meia cozinha avaliados em	1:600
Coatro pratos de Estanho de cozinha em	2:800
Trez Flamengas de Estanho em	480
Huma Flamenga de Estanho grande	240
Duas Bacias de Estanho cada huma com seo gomil avaliadas em	2:400
Outra Bacia de Estanho sem gomil	240
Hum jogo de Galhetas de Estanho	600
Duas bacias grandes de Arame de pés e outras duas mais pequenas todas avaliadas em	3:600
Coatro bacias de Arame de fartes em	1:600
Cinco candieiros avaliados em	4:800
Hum cordão de ouro que peza	6:880
Hum lasso do pescosso de Diamantes que pezou	4:380
Hum par de Brincos de ouro das orelhas com diamantes q peção	3:280
Hum Aderesso de Lasso Brincos e Pulseiras de Aguas Marinas avaliado tudo em	38:400
Seis Aneis de Tupazios e Pedras	4:800
Hum par de Estrelas em	3:200

Ibidem.

g) *Modas do principio do seculo XIX.*

a)

«... Os regалlos de Senhora há de trez a trinta moedas, e com suas palatinas o dobro, e para ser cousa aseada não podia custar menos de 48.000 réis; tambem há de pelles de urço, q̃ são mais baratos, porem estas pelles são ordinarias, ora esta pergunta lá foi feita aos taes pelleiros...»

Excerpto de uma carta de José Gomes Ferreira, escrita aos 12 de janeiro de 1804 e dirigida de Lisboa ao Desembargador Francisco de Paula de Sequeira Barreto, de Elvas.

b)

«... Agora mesmo remetto a entregar ao Malheiros hua caixinha com a sua encomenda do Jaqué branco, vai na ultima moda, e casquilharia, vestem-se por cima dos vestidos ou brancos ou de côr, e atase sinto por cima, os folhos do pescoço são m.^{to} lindos, mas não remeto as tiras q̃ V. Ex.^a quer separadas porque devo primeiro dizer q̃ tiras separadas não as ha agora boas, estão se esperando e para a semana dizem-me q̃ haverá m.^{tas} e boas, o que ha são coleiras feitas, para este mesmo Jaqué comprei eu coleira, e tirei os folhos para pegar no Jaqué, era hua tira só não serve p.^a coleira são preciso mais pelo menos duas para cada coleira, e por conseq.^a deuem ser irmans, neste caso diga-me V. Ex.^a o q̃ quer q̃ faça, se quizer coleiras andão pouco mais ou menos pello preço d'esta q̃ V. Ex.^a verá no rol junto, p.^r tanto determine V. Ex.^a por q̃ ou coleiras ou tiras he couza q̃ vai segura no correio de hum dia p.^a outro, e digame se agrada o Jaqué q̃ custou a caça 4.500, a coleira bordada, 6.000, e de feitio 1200 reis, soma 11.700 réis, entrando 3:600 de papel (*moeda*) q̃ foi 1:200 na caça, e 2.200 na coleira, como V. Ex.^a me disse q̃ queria couza boa p.^r isso o fis q̃ vai na verdade bom...»

Ibidem, de D. Anna Benedicta, datada de Lisboa aos 31 de março de 1804.

c)

«... Pelo Almocreve Costa remetto hua caixa com a vestia branca bordada, e o Calção cor de canella de mescla porq̃ lizo o não achei feito cá, e nem o comprey áquelle fabricante a quem

Vm.^{ce} comprou os brancos q.^{do} cá esteve p^r q̃ esse os não tinha. Custou 5⁰⁰200, e a vestia 5⁰⁰600. Cazo lhe não agrade, pode tornar a vir q̃ cá na loge se venderão...»

Ibi Lem, de José Malheiro Simplicio, datada de Lisboa, aos 9 de junho de 1800.

h) *Custo do fardamento de um official das antigas Milicias.*

«Relação da despesa que meu Tio fez em aprontarme o fardamento de Melicias:

Tulipa, laço de prata, granada e palmas para a barretina; com xapa do peito, e golla	8 ⁰⁰ 800
Xapa de legenda	2 ⁰⁰ 200
Barretina com xarão, fivela de traz, laço de 'pita, e feitiço de a aprontar	5 ⁰⁰ 200
Penacho	1 ⁰⁰ 000
Pano azul de 3 ⁰⁰ 200 réis, vermelho de 4 ⁰⁰ 800 réis, castor e olanda para forros da farda e calças, baêta para xumaços e botões para a farda	15 ⁰⁰ 310
Feito da farda 1 ⁰⁰ 700 réis, aviamentos 300 réis	2 ⁰⁰ 000
Feitio das calças, 700 réis, aviamentos 150 réis	3 ⁰⁰ 850
Feitio dos xumaços para os hombros	3 ⁰⁰ 650
Galão largo para o boné $\frac{3}{4}$ a 20 reales; 3 v. ^{as} $\frac{1}{4}$ e meia terça do estreito a 14 reales; 2 8. ^{as} e $\frac{1}{2}$ oitava de fio de prata a 12 $\frac{1}{2}$; direitos 1/ $\frac{1}{2}$	3 ⁰⁰ 420
$\frac{1}{2}$ 8. ^a de fio de prata para as granadeiras da farda	3 ⁰⁰ 140
Feitio das ditas 320 réis, lantejolas 100 réis, canotilho 70 réis.	3 ⁰⁰ 490
	40 ⁰⁰ 060
Correia para o talabarte	3 ⁰⁰ 600
Espada	16 ⁰⁰ 000
Dragonas	14 ⁰⁰ 000
Fiador	2 ⁰⁰ 200
	72 ⁰⁰ 860
Jaqueta de policia e mais correspondentes: Pano azul de 2 ⁰⁰ 200 réis; para aviamentos, sarafina, olanda para forros baêta para chumaços, etc.	5 ⁰⁰ 185
Trança para os canhões da jaqueta.	3 ⁰⁰ 250

Feitio dos cordões dos ombros	7080
Feitio da jaqueta.	17275
Feitio e aviamento do boné	700
Sinto.	37400
Boldrihé	27400
Somma total	867150

Patente 8760. Sello 17600. Registo 1500. (a) Francisco Barreto».

(Papel avulso da minha collecção de mss. antigos).

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.

NOTAS FILOLÓGICAS

SINTASSE POPULAR

CONTRIBUIÇÃO PARA O ESTUDO DA SINTASSE HISTÓRICA

(Continuação do vol. IX, pp. 321-383)

§ 26.º

Fórmulas equivalentes a imperativos

1) Nos ESTUDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA, p. 170, mencionei a seguinte expressão, que tem o valor de um imperativo: «Nunca fiando». Constitue uma resposta com que se quer exprimir que, apesar das razões dadas em contrário, não se deve confiar em determinada pessoa, ou contar que se dê, ou deixe de dar, determinado facto. Equivale aproximadamente a: «Não se fiem muito nisso», «não contem demasiado com isso».

2) Outro caso do mesmo genero é o modo de dizer, frequente no falar do povo e no familiar, que se encontra nestas orações: «Toca a trabalhar»; «toca a marchar»; «toca a andar»; «toca a beber»; etc. Originariamente estas locuções deveriam designar operações, actos cuja execução seria determinada ou indicada por meio de sinais ou *toques*; mas esse sentido primitivo foi-se oblitando até se perder totalmente, de forma que taes frases passaram a meras fórmulas com que, de modo enfático, se exprime um convite, uma recomendação, uma ordem, valendo portanto hoje quasi como simples imperativos, que constituem proposições muito expressivas: «toca a estudar» significa: «estudem, que já é tempo» ou «estudemos», «vamos a estudar»; «toca a beber» equivale a «bebam», «não façam cerimonia», «andem, façam favor de beber», «não se descuidem de beber»; etc.

3) São também de uso frequente frases como as seguintes: «Se vês que te posso prestar algum serviço *é mandar*» ou «*é dizer*»; e popularmente: «se precisas de mais alguma coisa *é pedir por boca*». As expressões «*é mandar*», ou ainda «*é só mandar*», «*é dizer*», «*é pedir por boca*», equivalem a «*basta mandar*», «*basta dizer*», «*basta pedir*», tendo adquirido quasi o valor de um imperativo: «*manda*», «*pede*», «*dize francamente*, sem hesitação». São fórmulas enfáticas, enérgicas, por meio das quaes a benevolência ou a generosidade se compraz em manifestar-se.

4) Com valor equivalente ao do imperativo emprega-se algumas vezes o presente do indicativo, como quando se manda um criado nestes termos: «Tu *vães* por aqui adeante; ao fim d'esta rua *voltas* á esquerda, *procuras* a casa n.º 20 e *entregas* lá esta carta».

Nos LUSIADAS encontra-se o emprego de um indicativo a que pode attribuir-se igualmente valor de imperativo:

Vêdelos Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apacenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor e nova seita inventa;
Vêdelo em feias guerras occupado
— Que inda co cego error se não contenta! —
Não contra o superbissimo Ottomano,
Mas por sair do jugo soberano.

Vêdejo duro Inglês, que se nomeia
Rei da velha e santissima cidade
Que o torpe Ismaelita senhoreia
— Quem vio honra tão longe da verdade? —
Entre as Boreais neves se recreia,
Nova maneira faz de Christandade,
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra que era sua.

VII, 4-5.

Vêlo cá vae cos filhos a entregar-sê,
A corda ao collo, nu de seda e panno,
Porque não quis o moço sujeitar-se
Como elle promettera, ao Castelhana.

VIII, 11.

Vês este, que saindo da cilada,
Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte;
Já o Rei tem preso, e a villa descerrada;
Illustre feito digno de Mavorte!

Vêlo ca vae pintado nesta armada,
No mar também aos Mouros dando a morte,
Tomando-lhe as galés, levando a gloria
Da primeira marítima victoria.

VIII, 16.

Vêlo ca onde Sancho desbarata
Os Mouros da Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra.

VIII, 20.

Este ultimo passo segue-se até a imperativos propriamente ditos:

Um sacerdote *vê* brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança :
É Theotonio, Prior. Mas *vê* cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira.

VIII, 19.

Ainda em outros logares do mesmo poema se nota este emprego. Cumpre observar que *lo los* em *vêde-los*, *vê-lo*, *vê-los*, são as formas antigas do pronome e do artigo, conservadas estratificadamente nestas formulas, como ainda hoje em certos casos, por exemplo, na expressão popular «o pai *a mai-lo* filho». Cf. ESTUDOS, p. 2, nota 2.^a e pp. 219-222.

No português antigo manifestava-se já este uso, como notou também o Sr. Dr. Oscar Nubiling nas copiosas e interessantes notas que servem de comentario á sua excellente edição d'As CANTIGAS DE D. JOAN GARCIA DE GUILHADE, como nos seguintes passos:

Treydes (= vinde) todas, ay amigas con migo
veer un ome muyt' enamorado.

Cantiga n.º 16.

D'aqui vej'eu Barcelos e Faria
e vejo as casas u ja vi alguem,
per bôa fe, que me nunca fez ben!
Vêdes por que : porque x'o non-queria.

5) O futuro em certos casos tem igualmente, como se sabe, o valor de imperativo, como em: «Não matarás»; «Pae e mãe honrarás».

Tambem como recommendação ou ordem pouco imperiosa se usa frequentemente a forma perifrastica, dizendo-se, por exemplo, a um empregado: «O senhor *ha de escrever* a fulano»; «*Agora ha de* ir receber esta conta.

*

Acêrca do infinitivo empregado com o imperativo, vid. ESTUDOS, pp. 91, 92 e 154.

*

A expressão «Nunca fiando», mencionada acima, representa um dos poucos casos em que o povo emprega o gerúndio, como ficou exposto nos ESTUDOS.

No mesmo lugar notei que no falar do Algarve esta forma grammatical adquire flecsão quando referida á segunda pessoa, v. g. «em tu *comendos*», «tu *estandos*», como expôs nesta *Revista* o Sr. J. J. Nunes. Aqui observarei que uma mulher de Armamar recitava do seguinte modo um trecho de um romance:

O dia de todos os santos
Foi a minha perdição,
Quatro castanhas assadas,
Com minha faca na mão.
Estandonos todos na mesa
Um amigo me trilhou
Puxei pela minha faca,
O diabo me atentou.

No quinto verso transcrito a expressão «estandonos», por «estando nós», talvez represente um caso individual, esporádico. No entanto mostra-nos, bem como a flecsão do gerúndio no Algarve, como facilmente se obteve a flecsão do nosso infinitivo pessoal, influenciada além d'isso pela analogia das formas do futuro conjuntivo.

§ 27.^o

**Infinitivo activo com significação passiva. Determinação de fim
com a preposição «a»**

No capítulo xxvii dos ESTUDOS mostrou-se que muitas vezes a preposição *a* serve, principalmente na linguagem antiga, para designar a *circunstancia de fim*, e mencionaram-se varios exemplos,

d'essa construção. Aqui apresentarei outros que servem para exemplificar não só este facto mas ainda o valor especial do infinitivo que entra nessa determinação de fim.

No romance do Conde Nilo, *Romanceiro* de Garrett, vol. III, p. 20, encontra-se o seguinte passo:

— Quem fala no conde Nilo
 Quem se atreve a nomear
 Esse vassalo rebelde
 Que eu mandei desterrar?
 — 'Senhor, a culpa é só minha,
 A mim deveis castigar:
 Não posso viver sem elle...
 Fui eu que o mandei chamar'.
 — 'Cala-te, filha traidora
 Não te queiras deshonrar,
 Antes que o dia amanheça
 Ve-lo-has ir *a degolar*'.

e no romance de Claralinda, variante da Extremadura, no mesmo *Romanceiro*, vol. II, p. 228, nota 7, lê-se:

— 'Ganhaste, mexeriqueiro,
 Com o teu mexericar!'
 — 'Ganhei a morte, senhora;
 E a vida me podeis dar'.
 — Se ella está na minha mão,
 A vida não te hei-de dar:
 Para outra não fazeres
 Já irás *a degolar*,
 E ao rabo do meu cavallo
 Te mandarei arrastrar'.

A expressão *a degolar* nos dois trechos transcritos é um *complemento de fim*, acrescentando a circunstância de que o verbo no infinitivo activo tem aqui valor passivo; «*ir a degolar*» equivale a «*ir a ser degolado*», «*para ser degolado*».

E portanto mais um caso do emprêgo da forma activa do infinitivo com significação passiva. De outro falei já. Dá-se igualmente em uma *determinação de fim*, mas regida pela preposição *por*, e da qual resultaram frases por assim dizer estereotipadas, que foram explicadas no logar citado, como: «o serviço está *por acabar*», «obra feita e *por fazer*», isto é, «obra feita e *para se fazer*».

para ser feita» e portanto «não feita», «ainda não feita». Note-se o seguinte exemplo, de Gil Vicente, vol. III, p. 205:

E logo dahi a um anno
Para ajuda de casar
Hũa orfan, mandaste dar
Meio covado de panno
D'Alcobaça *por tosar*.

Darei ainda mais um exemplo, em que tambem o verbo activo está com valor passivo. Encontra-se no seguinte romance do Conde Nino, versão de Trás-os-Montes publicada pelo Sr. Teófilo Braga.

Esperta, ó bella princesa,
ouve um lindo cantar,
ou são os anjos no ceu
ou são as sereias no mar?
«Não são os anjos no ceu
nem as sereias no mar,
é o Conde, Conde Nino,
que comigo quer casar».
— Se elle quer casar contigo,
eu o mandarei matar,
«Quando lhe deres a morte,
manda-me a mim degolar,
que a mim me enterrem á porta
a elle ao pé do altar».
Morreu um e morreu outro,
já lá vão *a enterrar*,
d'um nascera um pinheirinho
do outro um lindo pinheiral,
cresceu um e cresceu outro,
as pontas foram juntar,
que quando el-rei ia á missa
não o deixavam passar,
pelo que o rei maldito
logo as mandava cortar.

O verso «já vão *a enterrar*», equivale a «vão para serem enterrados».

*

Tambem com o verbo *dar* é frequente a mesma sintasse. Diz-se por exemplo «dar *a guardar*», «dar *a beber*», «dar *a provar*». Ainda neste caso se nota muitas vezes a significação passiva do **infinitivo**.

No seguinte passo, transcrito de um romance popular que o Sr. abbade Tavares publicou na *Revista Transmontana*, p. 88, acha-se um exemplo d'esse complemento de fim depois do verbo *dar*.

«Apeia-te, ó cavalheiro
Que hemos d'ir a merendar».
—Tu que tens, D. Eugenia,
Guardado para me dar?—
«Tenho vinho de ha sete annos
Para t'o *dar a provar*».

No segundo dos versos citados ha mais um caso do emprêgo da preposição *a* para exprimir a mesma circunstância depois do verbo *ir*: «*ir a merendar*».

*

Note-se este passo dos *LUSIADAS*, IV, 53:

Codro, porque o inimigo não vencesse,
Deixou antes *vencer da morte a vida*:
Regulo, porque a patria não perdesse,
Quis mais a liberdade ver perdida;
Este, porque se Hespanha não temesse,
A cativoiro eterno se convida!
Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
Nem os Decios leais fizeram tanto.

No segundo verso do trecho transcrito «Deixou antes *vencer da morte a vida*» encontra-se mais um caso do emprêgo do infinitivo activo com significação passiva, sendo a expressão «da morte» a designação do que se chama o *agente da passiva*.

§ 28.º

Particípio passivo com significação activa

Ha em português particípios passivos que adquiriram significação activa. Este facto vem exposto na excelente *Grammatica portugueza elementar*, do eminente filólogo Sr. Epifanio Dias, por estas palavras (§ 241, *b*): «Muitos particípios passivos podem ser empregados como puros adjectivos, e alguns, comquanto passivos na forma, têm ou podem ter significação activa, v. g.: ido (= que foi), *vindo* (= que veio), *homem lido* (= que tem lido muito, de grande leitura). Isto dá-se particularmente com os particípios dos

verbos que, sempre ou em certas significações, só se empregam como reflexos, v. g.: *arrependido*, de *arrepender-se*; *lembrado*, de *lembrar-se*.

Aos exemplos apresentados podem juntar-se os seguintes:

a) *Atrevido*, de *atrever-se*, empregado como adjectivo, como na frase: «você é muito *atrevido*».

b) *Precipitado*, de *precipitar-se*: «é um homem muito *precipitado*».

c) *Fiado*, de *fiar-se*: «*fiado* nas promessas de alguém».

d) *Confiado*, que tomou, como adjectivo, na linguagem popular, a significação de *atrevido*, *insolente*: «você sempre é muito *confiado*, muito *atrevido*».

e) *Desconfiado*, isto é, «que desconfia»: «é um homem muito *desconfiado*». Acêrca de um antigo uso d'esta palavra, em frases como «chegou muito doente, esteve *desconfiado*, recebeu os Santos Sacramentos», veja-se o magnifico trabalho do Sr. Gonçalves Viana, *Apostilas aos dicionários portugueses*, vol. 1, p. 361.

f) *Desabusado*, propriamente «que *abusa* escandalosamente». É empregado na linguagem popular, como adjectivo, na acepção de *atrevido*, *insolente*.

g) *Aproveitado*, para significar: «que aproveita», *economico*. O mesmo valor tem o particípio *poupado* (= que poupa): «esta mulher é muito *aproveitada*, muito *poupada*». Ambos pertencem ao falar do povo e ao familiar. O povo emprega ainda no mesmo sentido o particípio *governado*.

h) *Entendido*, que entende, entendedor, conhecedor: «é *entendido* nestes assuntos».

i) *Sabido*, que sabe, esperto, sensato. Era muito usado antigamente. Hoje emprega-se apenas ironicamente com o sentido de *finório*, *velhaco*. Citarei o seguinte passo de Gil Vicente, *Farsa de Inês Pereira*:

LEONOR. Eu vos trago um casamento
Em nome do Anjo bento :
Filha, não sei se vos praz.
INÊS. E quando, Leonor Vaz?
LEONOR. Eu vos trago aviamento.
INÊS. Porem não hei de casar
Senão com home avisado :
Ainda que pobre pellado,
Seja discreto em fallar.

LEONOR. Eu vos trago um bom marido,
Rico, honrado, conhecido;
Diz que em camisa vos quer.

INÊS. Primeiro eu hei de saber
Se he parvo, se *sabido*.

LEONOR. Nesta carta que aqui vem
Pera vós, filha, d'amores,
Veredes, minhas flores,
A descrição que elle tem.

j) *Comido e bebido*, na frase «depois de bem *comido* e bem *bebido*», equivalente a «depois de ter comido e bebido bem».

k) *Esquecido*, que esquece, que se esquece, sem memória: «é um homem muito esquecido».

l) *Presumido*, que presume muito de si, que tem presunção, vaidade.

m) *Sentido e resentido*, que sente muito qualquer ofensa, que tem resentimento.

n) *Destemido*, que não teme, corajoso, temerário, intrépido.

o) *Montado*, na expressão «oficial montado».

p) Tem o mesmo empêrgo o particípio «mostrado», equivalente a «mostrando-se», no seguinte passo dos *LUSIADAS*, III, 67:

D'esta arte, Affonso subito *mostrado*
Na gente dá que passa bem segura,
Fere, mata, derriba, denodado:
Foge o rei Mouro e só da vida cura.

§ 29.º

As locuções «tal qual», «tal e qual» e «tal ou qual»

Na expressão *tal qual*, a palavra *qual* introduzia primitivamente uma oração relativa, como em latim *talís, qualis*. Note-se por exemplo a seguinte frase: «Fulano é *tal qual* [é] o pai». Expressa-se por esta forma uma espécie de comparação. Depois a locução *tal qual* passou a empregar-se elipticamente e a frequência d'essa elipse fez ver na mesma locução como que um adjectivo composto, do qual se chegou a formar o adverbio *talqualmente*. E ainda em virtude do seu uso repetido perdeu aquella expressão no falar do povo a ideia de comparação, passando o relativo *qual* a ser considerado como um adjectivo qualificativo, que se coordena a outro, *tal*, por meio da conjunção *e*. Veio portanto a formar-se esta locução, que se emprega com certa ênfase,

tal e qual. E tanto se foi obliterando o valor de comparação nesta expressão, que, se fôr necessario exprimi-lo, tem de ser designado pela conjunção comparativa «como», v. g.: «É *tal e qual* como você diz».

Mas ha mais. Visto que se coordenavam aquelas duas palavras, como dois adjectivos, copulativamente, nenhuma dúvida se viu em as coordenar tambem disjuntivamente por meio da conjunção *ou*, e d'aí resultou a frase *tal ou qual*, como neste exemplo: «escreve com *tal ou qual* elegância».

Deve notar-se que «*tal e qual*» tem a ideia de *exactidão*, de *rigor*, ao passo que «*tal ou qual*» designa simplesmente *aproximação*.

§ 30.º

Expressões Impessoaes

Ao que disse aqui e depois nos ESTUDOS, relativamente a expressões impessoaes, pode acrescentar-se o seguinte:

a) No português arcaico encontra-se por vezes a palavra *cal*, terceira pessoa de um verbo empregado impessoalmente e que representava o verbo latino *calere*, como no seguinte passo de D. Denis, edição de Lang, p. 13:

E pero que ei de sofrer
a morte mui descomunal,
com mha mort'oi mais nom m'en *cal*
por quanto vos quero dizer:
ca meu serviço e meu amor
será-vos d'escusar peor
que a mim d'escusar viver.

A expressão *nom m'en cal*, quer dizer «não me importo», «não me incommodo», «não me aflijo com isso».

Ocorre tambem no *Cancioneiro da Vaticana*: «Diss'el: *nom mi cal* (925, 17); — «E se lhi renga, *nom m'en cal*» (948, 16), e ainda em outros monumentos como na *Demanda do Santo Graal* e nas *Cantigas de Santa Maria* de Affonso X. Acha-se mais tarde em Sá de Miranda e Gil Vicente, mas só em composições espanholas.

Diez (*Ueber die erste portugiesische Kunst- und Hofpoesie*, p. 30 e sgs.), menciona esta palavra como provençalismo, entre outras a que attribue a mesma origem, como *cousir*, *greu*, etc. Cfr. tam-

bem Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, 2.^a edição, n.º 1749.

b) Outra expressão que pelo mesmo tempo se empregava, e que equivalia ao verbo *ha*, era *jaʒ*, como no *Cancioneiro da Vaticana*, 422:

- Que mi nom *jaʒ* hi al se morte nom

§ 31.º

Negação

Para completar a negação, tornando-a mais expressiva, mais enérgica, empregam as línguas românicas vários termos de valor intensivo, como *mie*, *mica*, *miga* (de *mica*); — *goutte*, *gota*; — *bucca*; — *punto*, *pont*, *point*, *ponto*; — *rien*, *re(s)*, *rem*; — *giens*, *ges* (de *genus*); — *pas*, *passo* (de *passus*); alguns nomes de frutos e plantas e outros: *fico*, *figo*, *fava*, *grano*, *frutto*, *bledo*, *pera*, *aïl*, *pomme*, *bouton*, *pelo*, etc. Veja-se a este respeito Meyer Lübke, *Grammaire des langues romanes*, vol. III, § 693.

Mencionarei alguns casos de emprêgo de palavras d'este género na língua portuguesa.

Em Gil Vicente encontra-se a palavra *passo* para reforçar a negação:

Triste pranto até Belem
Nem *passo* não se esquecia.

Vol. III, p. 350.

Citei já este logar nos *ESTUDOS*, p. 147, juntamente com outros, para exemplificar o antigo emprêgo do advérbio *não* depois de uma palavra negativa, sintasse que hoje não se usa. Nesse exemplo a expressão negativa *nem* está ao mesmo tempo seguida de *não* e reforçada por outro vocábulo de valor negativo, *passo*.

No trecho seguinte acha-se *nem ponto* com o mesmo valor:

«Em esto stando via sair hũu homem que trazia hũa mui rrica coroa douro em sua cabeça... Depois via ende sair outro outrossi coroadado... E depois vio sair o terceyro. E depois o quarto. E depois o quinto e depois o sexto e depois o septimo e todos eram coroados de coroas douro... Depois vja ende sair outro magro e

cativo, pobre e lasso e que nom avja *nem ponto* de coroa e... mal vestido».

Este exemplo e muitos outros igualmente interessantes, que serão oportunamente aproveitados, foram extraídos da parte inédita da *Demanda do Santo Graal* pela sábia escritora Sr.^a Dr.^a Carolina Michaëlis de Vasconcelos, que teve a amabilidade de m'os oferecer.

Ainda com o mesmo sentido ocorre a palavra *rem* em vários logares, como no seguinte exemplo, que pertence á collecção que se acabou de mencionar: «hu nom avja *rem* de lume».

As expressões *ponto de* e *rem de* podem juntar-se ás que mencionei aqui e nos ESTUDOS, p. 70, ao tratar de certos pronomes e advérbios que são acompanhados de uma determinação regida da preposição *de* e correspondente ao genetivo de género em latim, depois de palavras de valor idéntico.

De outras expressões empregadas para reforçar a negação podem dar-se exemplos como:

Vós não haveis de mandar
Em casa somente *um pelo*;
S'eu disser isto é novelo
Havei-lo de confirmar.
E mais quando eu vier
De fora, haveis de tremer,
E cousa que vós digaes
Não vos ha de valer mais
D'aquilo que eu quiser.

Gil Vicente, vol. III, p. 148.

Na linguagem popular imitada por Gil Vicente ocorre *nem chique nem mique nem nada*, no seguinte passo:

E seu pae er assi,
Porque se casou furtada,
Nem chique nem mique nem nada
Dão a ella nem a mi,
Assi pola desneveda.

Vol. I, p. 127.

No vol. III, p. 501, do mesmo autor, encontra-se outra locução:

Não me presta *nemigalha*
 Offerta nem oração:
 Ora dá palha sem grão
 Ora não dá palha nem grão,
 Senão infinda opressão.

Outras expressões da mesma espécie são ainda: «não ver boia», «não saber ou não entender *patavina*», etc. Com verbos que significam *valer*, *avaliar*, usa-se também certas palavras com o mesmo sentido, como: «não vale *um figo*, *um pataco*, *um charo galego*, etc. Já em latim verbos com a significação de *avaliar*, em orações negativas, eram acompanhados de palavras que tinham idêntico valor, como os genetivos *floci*, *nauci*, *assis*, *teruncii*. Dizia-se até *hujus non facio*, a que em português corresponde expressão semelhante: «faço tanto caso como *isto*», ou «nem tanto como *isto*», a qual muitas vezes se profere mostrando a extremidade do dedo indicador.

*

Modernamente a expressão *senão* apenas se emprega depois de uma negação, mas antigamente usava-se também fora d'esse caso, com o sentido de *excepto*, como se vê no seguinte exemplo de Gil Vicente, vol. III, p. 123:

Commendo-me eu logo ó Demo
 S'eu mais lavro nem pontada;
 Já tenho a vida cansada
 De jazer sempre d'hum cabo.
 Todas folgão e eu não,
 Todas vem e todas vão
 Onde querem, *senão* eu.

A linguagem popular diria hoje «*menos eu*».

No passo transcrito ha mais um exemplo do emprêgo de *um* com o sentido de «um só», o «mesmo», de que se falou nos Es-tudos, p. 43. Notem-se ainda os seguintes:

Amphitrite, fermosa como as flores,
 Neste caso não quis que fallecesse;
 O Delphim traz comsigo, que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;

Cos olhos, que de tudo são senhores,
Qualquer parecerá que o sol vencesse:
Ambas vem pela mão, igual partido,
Pois ambas são esposas d'*hum* marido.

LUSIADAS, VI, 22.

Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro *num* corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jano se pintava.
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anubis Memphitico se adora.

Ibid., VII, 48.

Nos trechos transcritos as expressões «d'*um* marido» e «*num* corpo» equivalem respectivamente a «de *um* só marido» ou «do *mesmo* marido», e «*num* só corpo» ou «no *mesmo* corpo».

No seguinte verso do *Canc. da Vaticana*, 422, 9, os dois elementos do composto *senão* aparecem ainda separados e com o substantivo intercalado:

Que mi nom jaz hi al *se* morte *nom*.

Este verso quer dizer: «Que para mim não ha outro remédio, outro recurso, *senão* a morte».

*

Às vezes o advérbio «*não*» tem apenas valor enfático, em vez de negativo, como neste exemplo: «O que *não* diria aquele homem, se tal soubesse!»

§ 32.º

Alguns empregos de preposições

1. Em

Tratei já desenvolvidamente do emprego da preposição *de* com o valor que se costuma designar com o nome de *partitivo*. Esse emprego foi de grande extensão antigamente entre nós, como é ainda actualmente em francês. Hoje em português é raro, con-

servando-se apenas em certas expressões, como: «dê-me d'esse queijo», «fazer *das* suas», etc. Do seu uso antigo mencionaram-se numerosos exemplos.

Direi agora que se nota frequentemente no falar do povo e no familiar o emprêgo de certos verbos, que ordinariamente são transitivos, construídos com a preposição *em*, em vez de serem acompanhados do seu complemento directo. Os verbos *comer* e *beber* são os que mais vezes aparecem com esta construção, a qual todavia se usa também com outros.

Diz se, por exemplo: «foi bebendo *no* vinho»; — «foi comendo *no* pão»; — «vá contando *nesse* dinheiro».

Saco Arce, *Gramatica gallega*, p. 203, falando do mesmo facto com relação ao dialecto galiziano, diz que se expressa por este meio muito bem o «afan dedicado a tal operação». Parece-me todavia que em certos casos esta prática representa um modo de exprimir o partitivo. Comparem-se proposições como «vá comendo d'esse queijo» e «vá comendo *nesse* queijo». O filólogo citado menciona as frases: «cumia *no* queixo como si fora pan»; — «Ti bebes *no* augardente hastra non poder mais».

Como se vê pelos exemplos apresentados acima, em português esta sintasse usa-se principalmente com as perífrases formadas com o verbo *ir* e o gerúndio.

Falarei também de outro caso em que se nota ainda um valor partitivo e em que não se menciona o *todo*, aquilo cuja parte é vagamente indicada, sendo todo o complemento partitivo representado por uma só palavra, que é o pronome pessoal *lhe*. Dá-se isso em frases como: «bebe-*lhe* bem»; come-*lhe* bem e bebe-*lhe* melhor». Esta construção parece ter resultado d'aquela em que a determinação partitiva é regida da preposição *em*, seguindo-se até ás vezes essa determinação completa á outra, mais resumida e de significação mais vaga. Isto succede com locuções que significam, enfaticamente, *beber*, como «carregar-*lhe*», «cascar-*lhe*», se é que se deve, como parece, explicar a sintasse de taes expressões do mesmo modo que a do verbo a cuja significação equivalem. Para exemplificar o que fica exposto servirá o seguinte passo de Camilo, *Brasileira de Prazins*, p. 160: «Os soldados batiam com os nós dos dedos nos tampos das pipas, que toavam o som abafado de cheias. E o 14: — ó meu sargento, o tanso do abade *casca-lhe* rijo no verdasco! Estão cheiinhas! E apontando para as duas pipas vazias do canto, o sargento perguntava se o vinho d'aquelas já *lhe* tinha caído na sacristia — e dava piparotes na barriga do padre».

Cumpra também notar que na construção de frases como estas pode ter havido talvez influência da circunstância do lugar.

*

Ao tratar da preposição «em» empregada para designar o termo do movimento ou lugar para onde, transcrevi nos ESTUDOS um trecho do FILOMENO, de Camões, que nos fornece um exemplo da mesma prática depois do verbo *dar* ou *ir dar*, equivalente a *ir ter*, *chegar*: «indo dar em hũa fonte». Já em latim o verbo *dare*, ou na voz passiva ou conjugado reflexamente, se construía frequentemente com um substantivo que exprimia o termo do movimento, sendo ás vezes esse substantivo regido da preposição *in*.

Ora parece-me que se deve explicar como uma extensão tropológica do mesmo uso a sintasse do verbo «dar» nas expressões «dar em tísico», «dar em doido», que significam: «chegar a tísico», «chegar a doido»; tornar-se ou ficar tísico, doido. São frases metafóricas, vazadas no mesmo molde sintático das que acima se apontaram.

2. De

É hoje frequente encontrar-se regida da preposição *de* a expressão que designa quanto uma coisa excede a outra ou difere d'esta. Isto sucede principalmente em tratados de matemática, mais ou menos baseados em livros escritos em francês, língua em que tal construção é corrente; e tende por isso a generalizar-se no falar da gente culta, ao passo que a linguagem popular segue prática diversa, a tradicional do nosso idioma. Assim, dizem, por exemplo: «aumentar ou diminuir um numero *de* duas unidades»; «este numero excede aquele *de* duas dezenas»; etc.

A nossa construção regular, correcta, assenta na sintasse latina, que empregava para exprimir esta relação um ablativo sem preposição, como: «Romani *duobus millibus* plures erant quam Sabini»; «*uno digito* plus habere»; — *multis partibus* (= vezes) maior»; — *dimidio* minor»; — *quinquies tanto* amplius» (cf. Madvig, *Grammatica latina*, § 270).

De igual modo em português a determinação correspondente àquele ablativo latino não é acompanhada de preposição. Dir-se-ha, pois: «mais novo *alguns meses*»; — «*duas vezes* maior»; — «*outro tanto* maior».

Em certos casos todavia este complemento, por analogia com outros em que entra a preposição *em*, é também precedido d'essa preposição, mas nunca da preposição *de*, cujo emprêgo, para esse fim, se deve considerar como vicioso.

*

Do uso do ablativo em latim para exprimir a circunstância de que se falou acima, darei mais um exemplo que me proporciona ensejo de corrigir a tradução errada com que aparece em um trabalho português e que nos mostra que certas questões gramaticaes, que não deveriam considerar-se de difficil interpretação, deixem de ser percebidas ou conhecidas dos proprios gramaticos.

Este passo de Cicero, *Tusculanas*, v, 39: «Asclepiadem ferunt, non ignobilem Eretricum philosophum, com quidam quareret quid ei caecitas attulisset, respondisse, puero ut uno esset comitator» vem traduzido no *Curso de temas graduados*, de Joaquim Alves de Sousa, autor de uma *Gramatica latina* adoptada durante muito tempo nos nossos liceus, do seguinte modo: «Asclepiades, philosopho de Eretria assás conhecido, contam que, perguntando-lhe um dia alguém que mal lhe causara a perda da vista? respondeu: andar acompanhado de um moço» (7.^a edição, p. 102).

O que o filósofo quis dizer é uma coisa muito diferente do que lhe attribue o tradutor português, que apresenta este trecho para exercício de retroversão. Como os ricos nos seus passeios costumavam ser acompanhados de criados e amigos, Asclepiades aproveita este facto para gracejar, dizendo que da circunstância de haver cegado lhe resultara ter um séquito mais numeroso, pois que trazia mais um moço (o chamado moço de cego), devendo notar-se todavia que até então, como pobre que era, não tinha comitiva. A determinação *puero uno* é um ablativo que designa essa relação junto do comparativo *comitator*.

Importa acrescentar que a resposta que Alves de Sousa, com a sua errada tradução, põe na boca do sábio de Fliunte, é completamente insulsa, ao contrário do que mostra o texto de Cícero.

Ainda outras inexactidões se notam no mesmo passo. Lê-se, por exemplo, aí: «Asclepiades, filósofo de Erétria». Pela expressão «filósofo de Erétria» ha de presumir-se que Asclepiades era natural d'aquella cidade da Eubea, o que não é exacto, pois que a sua terra natal era, como disse, a cidade de Fliunte (em latim: *Phlius*, *-untis*). Com as palavras *Eretricus philosophus* Cicero exprime que o sábio pertencia á escola filosófica fundada por

Menedemo, seu amigo e mestre, que tinha nascido em Erétria e fôra discípulo de Platão; de modo que *Eretricus philosophus* significa *filósofo Erétrico, da Escola Erétrica*.

Empregavam-se até substantivadamente os pluraes *Eretrici* e *Eretriaci* para designar esta escola ou os seus adeptos. Da segunda d'essas formas fornece-nos um exemplo o seguinte passo de Cícero, em que nos expõe qual era o princípio fundamental da doutrina da escola referida, ao mesmo tempo que nos indica o seu fundador e a origem do seu nome: «A Menedemo autem, quod is Eretria fuit, *Eretriaci* appellati, quorum omne bonum in mente positum et mentis acie, qua verum cerneretur». (*Acad.*, II, 42).

Para exprimir que alguém era natural de Erétria usava-se o adjectivo *Eretriensis*, e com os pluraes substantivados *Eretrienses* e *Eretrii* designavam-se os naturaes ou habitantes de Eretria.

Acêrca de outros erros do *Curso de temas graduados* e da *Gramatica latina* do mesmo autor, veja-se *O latim do Sr. Alves de Sousa*, magnífico escrito de polémica filológica do Sr. Epifânio Dias.

3. Para

Nos ESTUDOS, p. 131-132, notei que depois de certos verbos como «reservar», «guardar», «conservar», a preposição «para» designa para quando alguma coisa se reserva, etc., e que por extensão se emprega ainda a mesma preposição sem dependência de expressões que tenham a significação de reservar ou guardar: «reserve-me isso *para* amanhã»; «guarda-me o jantar *para* quando eu vier»; «vou lá *para* a semana»; «*para* outra vez não faça isso». Citarei o seguinte exemplo de Camilo, *Brasileira de Prazins*, p. 37: «Faz *para* as matanças seis annos que você justou comigo uma porca por quatro moedas e foi depois vendê-la ao Antonio do Eido por mais um quartinho».

Este uso da preposição *para* em determinações de tempo em que não havia ainda sido mencionado nos tratados respectivos, como também o não foi ainda o emprêgo que tem a mesma preposição no caso seguinte.

Como se sabe, a preposição «para» designa ás vezes o lugar para onde, ou termo do movimento, com a ideia accessoria de destinação ou demora. Passou depois também a exprimir simplesmente o lugar onde em determinadas frases, v. g.: «está *para* o campo», isto é, «está *no* campo» (para onde foi), «está *para* fora», «está *para* casa do pae». Na linguagem popular e familiar encontra-se até a preposição «para» junto do advérbio «ai»,

sem que tal locução adquira a ideia de destinação, pois que designa, de modo enfático, apenas a circunstância de logar onde. Vê-se isso na construção d'este trecho: «Que está você *para* aí a chorar miserias? Olhe que ninguém vem cá pedir-lhe nada».

4. Com

Nos ESTUDOS, cap. xx, viu-se que em francês se operou a confusão das terminações das formas que resultaram do participio do presente e do gerúndio latinos, e que em português as formas do participio do presente se usaram ainda no princípio da nossa língua, mas desapareceram, com raras excepções, restando apenas certos adjectivos e substantivos que lhes correspondem, sem que todavia conservem valor de verbos.

O gerúndio tem-se conservado até hoje com a sua função de verbo, a qual era diferente da do participio do presente, mas nos últimos tempos adquiriu também a d'este participio, abusivamente, por influência da língua francesa, que em virtude da confusão morfológica, acima referida, parece empregar o gerúndio ainda nos casos em que o verbo funciona como participio.

Assim, a cada momento encontraremos frases como «uma casa *tendo* o n.º 20», correspondente á expressão francesa «une maison *portant* le n.º 20». Frases como esta serão expressas na linguagem popular ou familiar, ou na linguagem literária ainda não imbuída da construção francesa, do seguinte modo: «uma casa *que tem* o n.º 20» ou «uma casa *com* o n.º 20».

Este uso da preposição «com» não vem especificado na excelente sintaxe portuguesa do Sr. Epifânio Dias, e no entanto mereceria sê-lo, atenta a sua extensão. Com efeito, é frequente encontrar-se junto de um substantivo uma determinação formada com essa preposição e cujo valor é aproximadamente o do complemento de *qualidade* regido da preposição *de*. Diz-se, por exemplo, «um homem *com carácter*, um homem *com dignidade* não procederia assim». Nesta oração as expressões «um homem *com carácter*», «um homem *com dignidade*» equivalem, enfaticamente, a um «homem *de carácter*», «um homem *de dignidade*».

Em outros casos este complemento designa o conteúdo de algum objecto, como quando se diz um «copo *com agua*», «uma pipa *com vinho*», «uma caixa *com charutos*», expressões cujo sentido não é exactamente o mesmo que o de «um copo *de agua*», «uma pipa *de vinho*», «uma caixa *de charutos*», etc.

5. A

(Complemento directo regido de preposição)

Sabe-se que em espanhol é precedido da preposição *á* o complemento directo, quando este designa uma pessoa e, por extensão, um ser vivo, por exemplo «el padre ama *al* hijo»; «con la misma facilidad matan *á* un hombre que *á* una vaca». Principalmente com verbos que se referem geralmente a seres animados, a preposição emprega-se também junto de palavras que representam seres inanimados: «las aves saludan *á* la aurora»; — «temer *al* agua»; — «llaman *al* oro vil metal».

Em português usa-se a mesma sintaxe, conquanto não tão frequentemente como em espanhol. É todavia corrente com certos pronomes e com os complementos que se seguem ao pronome reflexo, v. g.: «adorar *a* Deus»; — «amar *a* Deus e ao próximo»; — «vença o sogro *a* ti e o genro *a* este» (LUSIADAS, III, 73); «*a* vós, *a* *mi* e o mundo todo doma» (Ibid., VI, 30); — «lia Alexandre *a* Omero»; — «honra-se *a* si e *aos* outros»; — «louvam *a* todos»; — «uns quasi servos da gleba que o temiam como os outros da idade média temiam *a* seu décimo segundo avó». Às vezes a diferença de construção corresponde diversidade de sentido. Assim, «querer alguma coisa» significa «desejar alguma coisa» e «querer *a* alguém» equivale a «querer bem», «ter amizade *a* alguém». Em particular note-se a construção do verbo *chamar* em frases como: «chamei alguém»; — «não chamei ninguém»; — e «chamar *a* alguém ladrão» ou como se dizia antigamente entre nós e ainda hoje no falar do Brasil (cf. *ESRUDOS*, cap. XXVIII) «chamou-o de ladrão».

O emprego da preposição parece dever explicar-se pela ideia de interesse que os seres animados podem ter na realização da acção, ao passo que os inanimados se consideram apenas como sofrendo *a*. Confirma tal interpretação da psicologia d'este facto sintático o romeno, que usa em casos como os mencionados a preposição *pre*, do latim *per*, á qual em português corresponderia propriamente «para».

Em alguns casos o emprêgo da preposição é exigido pela clareza, para evitar confusão do sujeito com o complemento, em outros pela eufonia ou pela ênfase.

Hoje procura-se evitar a preposição em certas frases em que o seu emprêgo não seria para estranhar, dizendo-se, por exemplo, «convido V. Ex.^a», «felicitó V. Ex.^a», «cumprimento V. Ex.^a»; em vez de se dizer «cumprimento *a* V. Ex.^a»; etc.

§ 33.º

Alguns empregos de advérbios**a) Nunca**

Ao que ficou dito aqui, no § 31.º, e nos ESTUDOS acêrca do modo de exprimir a negação, pode acrescentar-se o seguinte:

O advérbio *nunca* designa a negação sem auxílio de outra palavra negativa quando precede o verbo, com o valor de «em tempo nenhum», «em nenhuma ocasião», mas em certos casos emprega-se na linguagem familiar com sentido diferente, para negar enfaticamente, que *de qualquer modo, ao contrario do que poderia parecer* (e não *em qualquer tempo*) um facto se tenha dado, como na frase seguinte: *Nunca me enganei!* Sucedeu o que eu esperava». Quem emprega esta expressão «*nunca me enganei!*», não quer dizer que «não se enganou *nunca, em tempo nenhum*», mas que relativamente a determinado facto as coisas se passaram como conjecturava, conquanto se tivesse podido supôr que as circunstâncias não justificavam a sua conjectura; de forma que «*nunca me enganei*» corresponde aproximadamente a: «é certo que não me enganei (no que afirmava, ou no que pensava), não obstante as apparencias em contrario».

Este emprêgo do advérbio «*nunca*» não está registado nos dicionários. Compara-se um uso semelhante do advérbio «*sempre*», de que falei nos ESTUDOS, p. 156, em frases como «*Pedro sempre vem*», isto é, *vem efectivamente, é certo que vem*.

b) Já, já male, jàmale, jàmale nunoa, nunoa jàmale

No antigo português empregava-se frequentemente o advérbio *já* para reforçar o sentido de outros. Nos Cancioneiros ocorrem bastas vezes as locuções «*já sempre*», «*já nunca*», como:

e já sempre Deus amarei.

Cancioneiro da Vaticana, 28.

que já sempr' assi andarei.

Ibid., 35.

*que vos servi sempr' e vos fui leal
e serei já sempr' em quant' eu viver.*

Ibid., 82.

e *já* Deus *nunca* me perdon.

Ibid., 33.

e *nunca já* poderei aver ben.

Cancioneiro da Ajuda, 237.

Ainda outras palavras deveriam ser modificadas por «já», recebendo acepções particulares, como «já quanto» = por pouco tempo, algum tanto (*Canc. da Vaticana*, 145; *Canc. da Ajuda*, 235, da monumental edição de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos); — «já quando» = alguma vez (*Canc. da Vaticana*, 598), e outras locuções que porventura terão desaparecido. Tratarei aqui de uma que se conserva ainda, especialmente na linguagem familiar e do povo. É a locução «já mais», que se ouve a cada passo e que tem a significação de *muito mais*, *tanto mais*, *mormente*, como se vê no seguinte exemplo: «Fulano devia proteger aquele rapaz, *já mais* sendo seu parente». O mesmo sentido parece ter aquela expressão neste passo de Gil Vicente, vol. 1, p. 312, da edição de Hamburgo:

Bofá, meus amigos, já eu stou cevado:
Nenhum que nascer não m'ha d'escapar.
Oh quantas manhas que sei de lutar,
E quantos enganos que tenho estudado!
Venha embora
O rico ou pobre, senhor ou senhora,
Ou seja villão, ou frade ou freira.
De todas as sortes lhe sei a maneira.
Não falemos nisto *jámais* por agora,
Que feita he a pesqueira.

Creio que se deve entender: «*já mais* por agora», isto é, «mormente por agora (mormente nesta ocasião)».

A expressão «já mais», com tal valor representa, sem duvida o processo sintático do português arcaico, segundo o qual o advérbio «já» se empregava para reforçar outros.

*
* * *

A palavra «jámais» de igual composição, que veio a usar-se com a significação de «nunca», adquiriu o seu valor negativo por se

juntar, para o mesmo fim, a um vocábulo que exprimia negação, como nos exemplos seguintes:

jámais nom ouvi lezer.

Cancioneiro da Vaticana, 202.

jámais nunca se quis doer de mi.

Ibid., 143.

jámais nunca lhi par vi.

Ibid., 150.

e jámais nunca mi fará creer.

Ibid., 357.

A combinação frequentíssima «jámais nunca», passou a ser representada sòmente por «jámais». Compare-se «nada», do latim *res nata*. Depois inverteram-se os termos d'aquella locução, dizendo-se «nunca jámais», em lugar de «jámais nunca», fórmula que hoje não se usa.

Formas correspondentes a «jámais» tem igualmente valor negativo, que lhe resulta da negação que modifica, em outras línguas románicas, como, por exemplo, em francês, idioma em que «jámais» significa também «em qualquer tempo», como entre nós «já hu ou já u» (= onde, do latim *ubi*) significou «em algum lugar» *Canc. da Vaticana*, 1095).

c) Lá

Aos empregos do advérbio *lá* mencionados nos Estudos pode juntar-se aquele em que essa palavra tem aproximadamente o valor de «quanto a», «relativamente a», como nas seguintes frases: «*lá* isso é verdade»; — «*lá* que os filhos não tem culpa nos erros dos pais, é certo».

§ 34.º

Contaminações sintáticas

1) E frequentemente empregada a locução *de per si*, equivalente a «por si», «só por si» e «de si», «já de si». A expressão primitiva deve ter sido «per si», correspondente ao latim *per se*,

mas ao seu lado cedo se desenvolveria a fórmula «de si», ou independentemente ou em virtude de uma locução de igual valor, «de seu», que ainda hoje se usa em alguns logares do nosso país e na Galiza, e que tem forma análoga, pelo emprêgo do possessivo, em castelhano. Da expressão «de seu», com o sentido que tem «de si», tratei já na *Rev. Lusitana*, vol. XI, p. 177.

O uso das duas expressões «per si» e «de si», terá dado lugar a uma contaminação, um cruzamento, de que resultou a fórmula «de per si».

2) Esta contaminação deve ter produzido depois outra expressão semelhante, que é «de per meio», devendo notar-se que «de per si» e «de per meio» são os casos únicos em que a preposição *per* deixou de ser substituída pela forma *por*.

3) Outro caso de contaminação sintáctica dá-se na construção hoje muito frequente «quando foi *da* guerra dos franceses» ou «quando foi *dos* franceses,— «quando foi *do* cerco do Porto», — «quando foi *da* patuleia».

A sintasse regular, lógica, prescinde naquelas frases da preposição *de*, dizendo-se «quando foi a guerra dos franceses», etc. O emprêgo da preposição aqui é devido á influência de expressões temporaes como: «no tempo *da* guerra dos franceses» ou «no tempo *dos* franceses». Da promiscuidade dos modos de dizer: «quando foi a guerra dos franceses» e «no tempo *da* guerra dos franceses», resultou uma confusão sintáctica de que proveio a construção «quando foi *da* guerra dos franceses. Em seguida, passou-se até a uma expressão mais abreviada, elíptica, suprimindo-se o verbo e convertendo-se toda a oração em uma simples expressão adverbial, pois ha quem diga: «*quando da* guerra dos franceses» e «*a quando da* guerra dos franceses».

4. Ouvem-se a todos os momentos no falar do povo e no familiar frases como: «vamos mas é ver», «queremos mas é saber». Taes expressões representam abreviadamente um conjunto de outras.

Assim, «queremos mas é saber», equivale propriamente a «não queremos isso, mas queremos (sòmente ou principalmente) saber». Acresce ainda que houve aqui tambem influencia do modo de dizer enfático «o que nós queremos é saber». A expressão «queremos mas é saber» deve considerar-se, portanto, um cruzamento ou contaminação das frases que se mencionaram.

5. No falar do povo ouve-se a cada passo a expressão «não que—» para introduzir uma oração com que alguém responde a outrem justificando o seu modo de ver ou o seu procedimento, como no diálogo seguinte:

«—Tu atreves-te a guardar segredos de mim e queres que te eu arreceba? Que confiança posso eu fazer em ti, se tu tens lá dentro o burnal dos segredos e não o despejas deante de mim, que é quem tu mais deves venerar?!»

—*Não que* eu não gosto de contos... E assim com'assim, toda a vida tenho ouvido dizer que o calado é o melhor...

—Então se não gostas de contos, quem te manda vir cá co'elles?

—*Não que* a mim disseram-me que tu já tinhas prometido casamento a outra...

Esta expressão resume duas orações: a que principia pela palavra «que», equivalente á conjuncção causal «porque», e uma oração negativa, que precedia aquella e que aparece representada apenas pelo advérbio «não».

Na maior parte dos casos o valor negativo d'esta locução obliterou-se, e as palavras «não que—» apenas correspondem, mais enfaticamente, ás causas «porque» ou «é porque», como na segunda resposta do passo aduzido para exemplo. Esta frase popular, que frequentemente se emprega também na conversação entre pessoas cultas, deve portanto juntar-se á série de respostas enfáticas mencionadas nos ESTUDOS, capítulo xxxi, e considerar-se ao mesmo tempo como um caso de contaminação sintáctica.

6. É frequente ouvir-se dizer «eu lembra-me de ter visto», em vez de «eu lembro-me de ter visto». Esta incorrecção gramatical representa mais um facto de contaminação sintáctica. Com efeito, foi da confusão das expressões «eu *lembro-me* de ter visto» e «*lembra-me* ter visto» que resultou «eu *lembra-me* (de) ter visto».

7. A construção de frases como «está *para* o campo», de que falei no § 32.º, 3, pode explicar-se também como devida á confusão com outras em que a preposição *para* designa o lugar para onde, como «foi *para* o campo».

8. Também nos ESTUDOS, p. 57, me referi a um facto do mesmo género. Na nossa língua o segundo termo de comparação

umas vezes é introduzido pela conjunção «que», e outras por «do que». Na linguagem antiga, e ainda em alguns casos da actual, o segundo termo da comparação é precedido da preposição «de», como, por exemplo, na frase «são mais *de* vinte». Em latim o segundo termo da comparação construía-se com um ablativo ou com uma oração comparativa formada pela conjunção *quam*. Assim, poderia dizer-se *doctior Petro* e *doctior quam Petrus*, a que em português corresponderia «mais douto *de* Pedro» e «mais douto *que* Pedro», e da promiscuidade d'estas duas construções resultaria «mais douto *de que* Pedro», e depois, por analogia com a preposição relativa, «mais douto *do que* Pedro».

9. Talvez tenhamos um caso idêntico na locução frequente «a olhos vistos», que significa «evidentemente», «claramente», e «de modo considerável». Em castelhano corresponde-lhe, com o mesmo sentido, a expressão «á ojos vistas», sendo a palavra «vistas» uma forma feminina. Ora nessa língua abundam as frases em que o substantivo «vista» ou «vistas» ocorre e que no significado se aproximam um pouco d'aquela, aparecendo nelas, ás vezes, também o vocábulo «ojos», como: «vista de ojos», diligência judicial, ou extra-judicial, em que alguém examina pessoalmente uma coisa com o fim de informar com segurança; vistoria; — «á vista de ojos» ou «por vista de ojos»; — «estar de vistas», *que se aplica privativamente á la novia, quando recibe la primera visita de etiqueta del pretendiente y de sus padres ó deudos*; — *estar ataviado, puesto de gala*; — «ver por vista de ojos», etc. Em português também não são raros empregos semelhantes do substantivo «vista», como, principalmente o seguinte: «isso está à *vista* dos olhos», frase com que se quer designar que certo facto é fácil de entender, que a sua interpretação é evidente. É possível que, primitivamente, em lugar da frase feita «a olhos vistos», e «á ojos vistas», se empregasse o particípio «visto» a concordar com um determinado substantivo (*a olhos visto, a olhos vistos, a olhos vista, a olhos vistas*), o que não é de estranhar, atenta a maior liberdade de colocação das palavras no antigo português. Depois as locuções em que entra o substantivo «vistas», como «á *vistas* de ojos», fariam confundir com este o adjectivo, que passaria a ser considerado como substantivo, como ficou sendo em castelhano «á ojos *vistas*». Esta frase poderia ter actuado na construção da nossa, com a diferença, porem, que entre nós se considerou «vistas» como adjectivo, que por isso ficou sempre a concordar com o substantivo «olhos».

Outra explicação da expressão portuguesa ocorre também, e seria admitir que «vistos» seja um particípio passivo com significação activa, de que dou numerosos exemplos no § 28.º Mas a expressão castelhana parece favorecer a hipótese que apresentei acima.

Veja-se também uma das interessantes PALESTRAS FILOLÓGICAS, de Gonçálvez Viana, publicada no *Dia*, de 17 de agosto de 1909.

*
* *

Ficam assim estudados varios casos do que se pode chamar *contaminações* ou *cruzamentos sintáticos*, isto é, expressões que devem a sua construção á influência de diversos modos de dizer, representando portanto a fusão ou síntese de construções diferentes.

*
* *

Todas as expressões de que falei estão mais ou menos generalizadas na lingua comum, principalmente no falar do povo e no familiar, e não representam apenas contaminações isoladas, esporádicas, como as que em alguns escritores ocorrem e de que é um exemplo o seguinte passo de Camões (*LUSIADAS*, IV, 20):

Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já pera se entregar quasi movidos
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço *os faz que* compelidos
Da sua espada *jurem* que os Romanos
Armas não deixarão, emquanto a vida
Os não deixar ou nellas for perdido.

No trecho transcrito, a construção «os faz que jurem» representa uma contaminação de «os faz jurar» e «faz que jurem».

§ 35.º

A expressão «nem que»

Nos seus estudos da lingua francesa, *Gemischte Beiträge zur französischen Sprache*, 2.ª edição, 1.ª série, p. 60, em nota, o Sr. Adolf Tobler diz que o *Dicionario portugú's-allemao* de H

Michaëlis traduz erradamente a nossa locução «nem que» pela expressão alemã *selbst wenn* (isto é, «mesmo se, até se, ainda que»), em vez de a traduzir por *als ob* (que quer dizer «como se»). Não tem razão o eminente romanista de Berlim. A referida tradução não está errada; é apenas deficiente, como o é também a exposição de Tobler, pois que a locução portuguesa «nem que» tem as duas acepções, a que se encontra no dicionário citado e a que lhe attribue o seu venerando crítico. Este apresenta como exemplos os seguintes passos de autores portugueses, para a significação «como se»: «Fiz-te chorar! *Nem que* te não bastassem os teus sofrimentos». — «Remorsos! Ora essa é boa! *Nem que* se tratasse de enforcar alguém!» — «Não se atreveu a falar-me, *nem que* eu fosse algum bicho de meter medo!»

Para exemplificar o emprêgo em que a mesma locução está com o valor de «ainda que» transcreverei o seguinte trecho de Camilo, *Brasileira de Prazins*, p. 235: «Mas os paes do estudante já tinham dito ao rapaz que mudasse de rumo, que a moça de Prazins não era fôrma do seu pé. A mãe principalmente protestava que, enquanto ella fosse viva, a tal filha da Genoveva de Prazins não havia de ser sua nora, *nem que* a levasse o diabo, e Deus lhe perdoasse, se pecava. Justificava se dizendo que a Marta era de ruim casta; que a mãe, a Genoveva, dera desgostos ao homem, pintava a manta nas homarias, andava muito falada com um frade de Santo Tirso, e um dia pegara a dar gritos na igreja, toda a gente disse que ella tinha o demonio no corpo, e afinal morreu douda, atirando-se ao rio Ave».

§ 36.º

Orações concessivas

É frequente no falar do povo e no familiar o emprêgo de orações concessivas introduzidas simplesmente pela conjunção *que*. Esse uso vem já de longe, como se vê pelo exemplo que se encontra no seguinte passo do *Leal Conselheiro*, de D. Duarte, edição de Paris, de 1842, p. 7:

«Prazermia que os leedores deste trautado tevessem a maneira da abelha, que passando per ramos e folhas, nas flores mais costuma de pousar, e dally filha parte de seu mantimento; e nam sejam taaes como aqueles bichos que, leixando todas cousas limpas, nas mais çujas filham toda sua governança. E esto se diz

porquanto alguũs vendo quaaesquer pessoas, ou leendo per livro aquellas cousas, consiiram em que possam aver boo exemplo, ensino e avisamento, e *que achem e vejam falicimentos*, passom por elles sempre reguardando no mais proveitoso e digno de louvor. E aquestes aa abelha devem ser apropiados, os quaaes, por acharem em esto que screvo algũa cousa que lhes praza, mais consiirem aa substancia e boa teençom que ao muyto saber nem forma de razoar, porque resguardando ao desvairo das pessoas em estado, entender e sotilleza, com desejo que razoadamente prouvesse aos mais que o vissem e recebessem alguũ boo conselho, lembrança e avisamento, accordei de levar esta ordem descrever na geeral maneira de nosso fallar».

As orações que «achem e vejam» são concessivas e equivalem a «ainda que», «posto que», «embora achem e vejam». No capítulo xxiii dos ESTUDOS falei já de casos em que a mesma conjunção, empregada com valor idéntico, se pospõe enfaticamente a um substantivo ou adjectivo, como neste logar dos *Autos* de Antonio Prestes, p. 176 da edição de 1871:

O meu Cupido,
O nynfo das minhas magoas,
no Nilo *que* estê mettido,
i-lo-hei ver por baixo d'agoas.

*
* *

No trecho interessante que transcrevi do notável monumento da nossa língua antiga, ha ainda vários factos dignos de comentário, como por exemplo, o emprêgo de *nem*, em vez de *ou*, na frase «*nem* forma de razoar», como se estivesse cobrdenada a uma expressão negativa; — e o uso de «*aos mais que*» com a significação de «ao maior número dos que». Adeante, p. 9 da mesma obra, lê-se «os mais de todos». Outro sentido tem ainda a expressão «os mais», pois significa tambem «os outros». Com este valor não vem mencionada nas Gramáticas e por isso nos ESTUDOS, p. 24, a consignei entre as locuções demonstrativas.

Notem-se as formas verbaes *consiiram* e *consiirem* (= *consideram* e *considerem*) e o substantivo *trautado* correspondente ao latim *tractatu* (cf. *auto* de *actu*). *Apropriados* tem o sentido de *aproximados*, *assemelhados*, *comparados*.

§ 37.^o**Haplologia**

Esta palavra, que é formada de dois vocábulos gregos, *haploos* (simples) e *logos* (doutrina), significa «simplificação» e designa o fenómeno que se dá em certas palavras em que duas sílabas semelhantes e juntas foram reduzidas a uma, como em latim *nutrix* por *nutritrix*, *stipendium* por *stitipendium*, *semestris* por *simimestris*, *aestas* por *aestitas*, etc. Em português é um caso do mesmo género a palavra *bondoso* por *bondadoso*, derivada de *bondade* e muitas outras. Podem ver-se alguns exemplos relativos a várias linguas antigas em Brugmann, *Grundriss der vergleichenden Grammatik der Indogermanischen Sprachen*, 2.^a edição, vol. I, p. 857 e sgs.

O mesmo fenómeno produz-se também quando no discurso se tornam consecutivas sílabas idénticas de duas palavras.

Acha-se um exemplo d'isso na expressão uma *tuta e meia*, que proveio de *uma matuta e meia* por *uma macuta e meia*, como expliquei nos ESTUDOS, p. 214.

Este é já um facto de fonética sintática, mas ha também haplologias sintáticas em que duas palavras idénticas e consecutivas, que desempenham funções diferentes, são reduzidas a uma só. Assim, quando no discurso concorrem a conjunção comparativa *que* e a integrante *que*, apenas uma d'estas palavras se conserva; de modo que sempre se dirá, por exemplo: «Antes queria que morresse do *que* estivesse naquele martirio», em lugar de «do *que* (queria) *que* estivesse».

Citarei um caso indicado pelo Sr. H. R. Lang (*Zeitschrift für Romanische Philologie*, vol. xxxii, p. 152) e que se encontra no seguinte passo do *Canc. da Ajuda*, a p. 88 da monumental edição publicada pela insigne romaniستا Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos:

E mia senhor, se eu morte prendesse
aquele primeiro dia (e)n que vus vi,
fora meu ben; mais non quis Deus assi,
ante me fez por meu mal que vivesse,
ca me valver(a) a mi mais de prender
mort'aquel dia que vus foy veer
que vus eu visse nem vus conhocesse.

Os últimos versos querem dizer: «melhor fôra que eu morresse no dia em que vos vi *do que* (*que*) vos visse, etc.»

No logar referido o mesmo filólogo menciona ainda outros factos idénticos, indicando a bibliografia respectiva.

Um caso que deverá talvez explicar-se por haplogia é o seguinte logar dos *LUSIADAS*, VIII, 54.

Oh quanto deve o Rei que bem governa,
De olhar que os conselheiros ou privados
De consciencia e de virtude interna
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pode mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.

O sentido pediria no ultimo verso não só a comparação mas também uma oração relativa: «notícia mais inteira *do que* a (noticia) *que* lhe der».

Poderia, no entanto, ver-se nesta construção mais um exemplo do emprêgo da preposição *de* para introduzir uma comparação em logar de *que* ou *de que*. Dei numerosos exemplos d'essa sintasse nos *ESTUDOS*, p. 55 e sgs., mostrando que ainda hoje se usa frequentemente com os pronomes demonstrativos *aquilo*, *o*, etc. Em tal caso no último verso da estância transcrita *do* representará a preposição *de* e o pronome *o*, equivalendo portanto a *do que o*. É possível até que houvesse influência das duas construções no modo de dizer de que se serviu Camões no logar citado.

§ 38.º

Um passo de Gil Vicente

A *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, começa pelo seguinte monólogo de Inês:

Renego d'este lavrar
E do primeiro que o usou;
Ó diabo qu'eu o dou,
Que tão mau he de aturar.
Oh Jesu! que enfadamento,
Que cegueira e que canseira!
Eu hei de buscar maneira
D'algum outro aviamento.
Coitada, assí hei de estar
Encerrada nesta casa
Como panela sem usa
Que sempre está num lugar?

E assi hão de ser logrados
 Dous dias amargurados
 Que eu posso durar viva?
 E assi hei de estar captiva
 Em poder de desfiados?
 Commendo-me eu logo ó Demo
 S'eu mais lavro nem pontada;
 Já tenho a vida cansada
 De jazer sempre d'hum cabo.
 Todas folgão, e eu não,
 Todas vem e todas vão
 Onde querem, senão eu.
Hui! e que peccado é o meu,
Ou que dôr de coração?

Parece-me que os dois últimos versos devem emendar-se d'este modo:

Hui! e que pecado é o meu?
 Hou que dôr de coração!

Hou era uma antiga interjeição, que Gil Vicente emprega em outros logares e que ainda hoje se usa na Galiza, em exclamações como «*Hou dôr!*» «*Hou vergonza!*» (cf. Saco Arce, *Gramatica gallega*, p. 215). Corresponde á interjeição moderna *oh!*

A forma *Hou* seria tomada pela conjunção *ou* e substituída por esta naquele verso, que foi considerado como uma frase interrogativa coordenada á anterior, ao passo que o sentido mostra que deverá ser antes exclamativa.

A expressão «que dôr de coração!» ou «é uma dôr do coração!» emprega-se frequentemente no falar familiar, com referência a alguma coisa que nos causa desgosto, como nos seguintes exemplos: «Bater assim nos animaes! *É uma dôr do coração!*» — «*E uma dôr de coração* ver gastar dinheiro tão mal empregado».

O texto que transcrevi, é da edição de Hamburgo. Não tenho á mão nenhum exemplar das antigas edições, de 1562 e 1585, para averiguar se o erro, [no caso de o haver, como conjecturo, vem já d'aquelas edições ou se foi introduzido pelos modernos editores.

§ 39.º

Algumas expressões da linguagem familiar e dialectal

Aos empregos do pronome *cada*, mencionados nos ESTUDOS, p. 51, pode acrescentar-se que no Minho se usa esse pronome seguido do possessivo em frases como a seguinte: «Comemos *cada*

nosso bocado e ainda creceu», o que equivale a dizer: «comeu *cada um de nós* o seu bocado e ainda sobejou».

*

Uma expressão muito usada no falar do povo e no familiar e que os dicionários não mencionam, sendo certo que a sua interpretação deve ser difícil para estrangeiros, quando não fôr seguida de uma frase que a explique, é a seguinte: «Está feito...». Esta fórmula emprega-se como resposta para restringir a extensão em que determinada afirmação poderia ser tomada, v. g.: «O frio nestes sitios é muito!» — «*Está feito...*». Às vezes acrescentam-se outras expressões equivalentes: «Está feito... *Não é tanto assim*» ou «Está feito... *Julgava que fosse mais*».

Outras locuções usadas para o mesmo fim são: «Vamos lá...» ou «Vamos lá, que não é tanto como isso!», «Vamos lá, que podia ser mais», e ainda «Nem por isso».

*

É frequente na linguagem familiar, quando se quer interrogar alguém ou entabolar conversação acêrca de um determinado assunto, começar a frase pela expressão «É verdade», como quem diz «a proposito» ou «estimei encontrá-lo para lhe perguntar ou para lhe falar a respeito de» ou «aproveito a ocasião para lhe perguntar», etc.; «É verdade: já sabe do que succedeu a Fulano?»

*

A expressão «que eu sei lá», equivale a «muito», «extraordinariamente», como na frase: «Está gordo *que eu sei lá*».

* .

Com o mesmo valor se emprega a oração «é (ou *que é*) uma coisa por demais», v. g.: «come *que é uma coisa por demais*».

*

Ainda com análoga significação se usa a locução «mais a mim mais a mim», para designar grande numero de pessoas que pre-

tendem ser atendidas ou servidas, v. g.: «Naquele estabelecimento os fregueses são *mais a mim mais a mim*».

•
*

A expressão «alguma coisa do outro mundo» emprega-se com o sentido de «extraordinario», «censuravel», como: «Eu fiz alguma *coisa do outro mundo?*»

*

Para designar «muito bem» usa-se a expressão enfática «bem como bem»: «Foi pobre. Tem trabalhado muito e hoje está *bem como bem*».

*

Para reforçar uma asserção usa a linguagem familiar e popular a expressão «é o que é», como designando a razão «do que se afirmou: «Está farto. *É o que é*». (Camilo, BRASILEIRA DE PRAZINS).

*

Às vezes emprega-se uma expressão perifrástica formada com «ha de», para afirmar probabilidade, quasi certeza de que se dê certo facto, tendo «ha de» aproximadamente a significação de «deve»: «Os papeis *hão de* estar nesta gaveta». — Quem entrou agora? — «*Ha de* ser o teu irmão».

*

O verbo «querer» usa-se ás vezes enfaticamente em determinados casos, como na frase: «Bem me *quis* parecer que era assim; nunca me enganei!» (A respeito d'esta ultima expressão, vid. § 33).

*

O mesmo verbo com um infinitivo emprega-se para designar ser provavel que um facto se dê, formando quasi que uma perífrase de futuro, v. g.: «Parece que *quer* chover». Compare-se em inglês o emprego do auxiliar *will* para a formação do futuro.

*

A expressão «por aí» serve frequentemente para exprimir possibilidade ou probabilidade de um facto: «Este homem está *por aí* tísico».

*

Para negar energicamente uma afirmação, serve frequentemente na linguagem do povo a frase: «Diga-lhe que sim e mais que também».

*

Para o mesmo fim emprega-se a expressão «isso sim...»: «*Isso sim...* Isso faz ele, que é brioso!» — «*Isso sim...* Isso dá elle, que é tolo!»

*

A disjuntiva «ou» é ás vezes reforçada pela palavra «bem», para exprimir energicamente que importa resolver ou escolher entre duas alternativas: «*Ou bem* que vamos *ou bem* que ficamos... Resolva de uma vez». — «*Ou bem* que se ha de fazer um serviço, *ou bem* que se ha de fazer outro».

*

A expressão «então não é!» emprega-se como resposta enfática, para confirmar, assegurar que certo facto é tal como acaba de se expôr, como no seguinte exemplo:

— «Olha que era uma coisa muito boa.

— «*Então não era!*»

De valor equivalente são as formulas «pois não é!» ou simplesmente «pois é».

*

Muitas vezes emprega-se a expressão «acabou se!», como resposta, para designar indiferença pelo modo como alguma coisa se passou, ou resignação perante qualquer acontecimento desagradavel. No segundo caso acrescentam-lhe algumas vezes outras frases que explicam e confirmam a primeira, v. g.: «Acabou-se. Agora

não tem remédio», ou ainda «que se lhe ha de fazer?» ou «tinha de ser», a que não raro se junta: «e o que tem de ser, tem muita força». Estas expressões revelam bem o espirito de fácil resignação do nosso povo, um tanto fatalista.

*

Uma resposta com que se costuma exprimir que não se acci-
tam os argumentos apresentados ou que se lhes não quer replicar,
é: «Não quero cá saber!»

*

Muitas ontras fórmulas empregadas como respostas foram
mencionadas nos ESTUDOS, pp. 149-154. Veja-se também o pará-
grafo seguinte.

§ 40.º

Réplicas populares

Nas assembleias políticas é frequente serem os oradores inter-
rompidos com ápartes ou réplicas, de género mais ou menos jo-
coso, que tem por fim confundi-los, desnorteá-los, provocando
hilaridade nos ouvintes. Não são razões ou argumentos de valor,
antes muitas vezes representam os recursos de que lançam mão
aqueles de quem fala o provérbio que diz «quem não pode tra-
paceia». No entanto são quasi sempre de efeito mais seguro do
que o mais rigoroso silogismo, e admirados principalmente entre
nós, povo meridional, como grande prova de vivacidade de es-
pirito.

Esta prática é seguida também, como não poderia deixar de
ser, na conversação, e a linguagem popular tem até certas fórmu-
las, por assim dizer, estratificadas, a que recorre em determina-
dos casos. Menos brilhantes, sem dúvida, e menos espontâneas e
variadas do que as improvisadas pelas pessoas cultas, não são
todavia menos eficazes nos seus resultados. Notem-se os seguintes
exemplos.

Quando alguém no decurso da conversa emprega a palavra
então, que ás vezes pronuncia *antão*, o seu interlocutor, por zom-
baria, interromperá com estas palavras: «*Antão* era pastor e guar-
dava gado».

Se vae dizendo «eu *pensava* que...», responder-se-ha: a «*pensar* morreu um burro com albarda e tudo».

Tendo um dos interlocutores proferido a expressão «*pode* ser que...», o outro replicará: «*pau de cera* é uma vela».

Os factos mencionados tem ainda, sob outro ponto de vista, importância filológica, pois como que representam um processo de associação de ideias a que em glotologia se costuma dar o nome de *falsa analogia*, conquanto esta seja, nos casos referidos, mais ou menos consciente e propositada.

JULIO MOREIRA.



AS CANTIGAS PARALLELÍSTICAS

EM

GIL VICENTE

Tem-se dito, e não será demais repeti-lo uma vez ainda, que as obras do nosso genial dramaturgo são uma mina feracíssima que, quanto mais trabalhada, mais filões, e estes riquíssimos, nos revela. Se ahi apenas procuramos o elemento linguístico, lá encontramos material que farte, quer sob o aspecto da linguagem culta, quer da usada pelo povo ou das intimas relações que aquella tem com esta, como aliás era natural, tendo ambas saído da mesma base — o latim popular. Mas, se é o elemento ethnológico que faz o objecto do nosso estudo, auxiliar talvez mais poderoso ainda lá se nos depara. Perfeito conhecedor da vida do povo, especialmente do que demorava na provincia da Beira, Gil Vicente retratou-o com fidelidade pasmosa, pintando-nos, nos seus *autos*, os seus costumes, as suas superstições, as suas crenças, os seus habitos por forma tão fiel que, para o conhecer, basta apenas ler as suas obras incomparáveis. Ora, é sabido que o povo tem um caracter essencialmente conservador, a sua feição persiste inalterada através das gerações; os mesmos sentimentos, affectos, crenças e habitos vão passando de paes a filhos. E esta persistencia é tanto maior, a transmissão tanto mais pura quanto a zona em que elle habita, pela sua situação geographica, menos sujeita está a invasões estranhas. E é precisamente o que se dá com a nossa Beira.

Relativamente afastados do mar por onde as communicações eram mais facéis e em certo modo separados do convívio com as outras regiões vizinhas pelas montanhas que lhes servem de muralha, os seus habitantes não estavam, como os da beiramar, tão sujeitos a soffrerem influencias estranhas; vivendo quasi que isolados, exclusivamente entregues ás labutas pastorís ou agricolas, os seus habitos iam atravessando os seculos sem alteração sensível. Os cantos que no tempo de Gil Vicente quebravam o silencio

dos seus valles, soltados por bôcas masculinas ou femininas, eram sem duvida os mesmos que, seculos atrás, ali se tinham feito ouvir. As mesmas festas e santuarios tinham atrahido os avós d'aquelles que no tempo do dramaturgo lá iam em romaria; iguaes descantes e bailados haviam certamente, muitos e muitos annos antes, acordado os ecos das mesmas montanhas por onde então ressoavam. Ainda hoje, não obstante a facilidade dos actuaes meios de comunicação, se nota aquella persistencia; o beirão do tempo presente pouco ou nada differe dos seus antepassados: o mesmo character bondoso e franco que o faz receber de braços abertos o hospede que lhe bate á porta, ou detestar as palavras de significação dubia e aparentar virtudes que não possui; igual gosto pelos folguedos e cantares dos tempos idos; a mesma crença, arraigada e firme, das epocas passadas.

Pondo de parte outros elementos que para a ethnologia do nosso povo Gil Vicente nos subministra, occupar-me hei por agora unicamente das *cantigas parallelisticas*. É sabido que estas composições poeticas tomaram este nome do parallelismo das suas estrofes. Este modo de dizer que repete a mesma ideia com mais ou menos variedade apresenta se-nos sob tres aspectos: umas vezes as palavras repetem-se sem a mais leve alteração; outras, a divergencia dá-se apenas na troca da palavra final do verso por outra synonyma, mas de terminação differente, isto é, se uma acaba em *i-a*, *i-o* ou *e*, acaba a que lhe corresponde na outra estrofe em *a-a*, *a-o* ou *a* (exemplo: *mo fina, coitada, rio, vao* ou *alto, parecer, semelhar*, etc.); outras ainda ou a mesma ideia repete-se por meio de vocabulos variados, mas de significação identica, ou as mesmas palavras vem repetidas em logares determinados da estrofe ¹, mas sem a concatenação que caracteriza o parallelismo da segunda especie, isto é, a repetição do segundo verso da primeira estrofe como primeiro da terceira, o segundo da segunda como primeiro da quarta, e assim successivamente, artificio este que falta na terceira especie que, afora isso, só occorre em cantigas cujas estrofes são compostas de quatro ou mais versos, emquanto na segunda o numero de versos não passa, em geral, de dois ².

¹ Cf. por exemplo os n.ºs 282, 283, 284 e 292 do *Cancioneiro da Ajuda*.

² É escusado advertir que nesta enumeração das varias maneiras como o parallelismo se apresenta tenho especialmente em vista as canções trovado rescas.

Naturalmente o parallelismo da primeira especie, ou seja a simples repetição das mesmas palavras, deve de ter sido o mais antigo; o segundo, pelo engenho que revela na escolha dos termos synonymos, manifesta, por certo, data mais recente, e foi sem duvida inventado na intenção de tornar mais variada a composição poetica, imprimindo-lhe uma tal ou qual vida e graça ¹ que faltam no da primeira especie, de monotonia bem accentuada; o terceiro, mais artistico e portanto de estrutura mais complicada pelo refinamento da expressão, viria depois. Todas estas especies de parallelismo foram usadas pelos poetas dos cancioneiros medievaes e, com excepção da terceira, occorrem ainda nas produções poeticas do nosso povo.

É o parallelismo da segunda especie que especialmente caracteriza as cantigas por essa razão chamadas parallelísticas.

Esta denominação foi-lhes dada pelo escritor allemão Dr. W. Storck, e perfilhada pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na sua excellente *Historia da Literatura Portuguesa*, inserta na encyclopedia allemã do Dr. Gröber, intitulada *Grundriss der romanischen Philologie*; porem no artigo critico ² que consagrou á edição das poesias de D. Denis do Dr. Lang, chama-lhes a distincta romanista, a meu ver com mais propriedade, *bailadas parallelísticas* ou *bailadas encadeadas*; digo com mais propriedade, porque estou persuadido que aquelles cantares entravam principalmente, a par de outros formados de disticos com ou sem refram ³, nos bailes de roda populares, nos quaes ainda hoje, como é sabido, se cantam de preferencia cantigas acompanhadas de estribilho ou refram, divergindo este das estrofes em, na maioria dos casos, ser cantado com movimento mais lesto pelos pares então abraçados, ao passo que aquellas são entoadas por todos numa melopeia arrastada e num compasso bastante vagaroso, pelo menos no sul do reino, e não abraçados, mas apenas de mãos ou braços dados. Aqui, por exemplo, os pares, emquanto entoam a cantiga, que consta de maior ou menor numero de quadras e á qual chamam

¹ Cet enlacement de vers qui se répètent sur des consonnes différentes produisent comme un bercement qui n'est pas sans charme — diz Jeanroy (*Origine de la poésie lyrique en France*, 421).

² Este artigo, magistral como todas as produções literarias de tão illustre senhora, foi publicado na *Zeitschrift für romanische Philologie*, vol. xix, e d'elle se fez edição á parte. Vide nesta a p. 36.

³ Na opinião da mesma senhora. Cf. *opus laudatum*.

letra, mais se arrastam do que andam, mas, terminada cada quadra d'ella, soltam-se, se andam de braço dado, e cantam então o estribilho, que denominam *moda*, saracoteando-se mutuamente e dando estalidos com os dedos pollegar e index, um defronte do outro ¹; nos bailes em que se dão as mãos é de uso ir um par para o centro da roda e ahi, de braços dados, acompanha os restantes na letra e moda, mas, ao contrario d'estes que se arrastam, dança sempre; cantado o primeiro refram, cada uma das pessoas que o constitue vem á roda buscar outra de sexo differente; no fim do segundo, um par do centro troca-se com outro da roda e assim por diante, de modo a passarem pelo centro quantos estão na roda; dá-se por vezes, porem, o caso de um mesmo par ir ao centro mais vezes do que outro, isto acontece principalmente, quando entre os dançarinos existem, o que é frequente, affeições amorosas; em qualquer das duas formas de dança, de braços ou mãos dadas, começa o divertimento sempre pela *moda*, que é cantada por todos em côro, ao passo que a *letra* o é por uma ou duas cantadeiras.

O parallelismo que caracteriza as cantigas parallelisticas ou bailadas encadeadas revela bem, pela simplicidade da estrutura e repetição dos mesmos versos, a sua origem plebeia. Com effeito, entre as características da poesia popular avulta a repetição da mesma ideia por palavras levemente alteradas, ou dos mesmos versos após alguns differentes; é o que se observa em grande numero das produções poeticas do povo, quer essas produções sejam puramente lyricas, quer tenham por objecto uma narrativa, como os romances. Pondo de parte milhares de exemplos, que tantos nos offerece o cancionero ou romanceiro popular, citarei apenas as quadras seguintes, que aqui constituem outros tantos estribilhos ou *modas* de bailes de roda:

Ó pavão, lindo pavão,
Lindas pennas qu'elle tem ²:
Não ha olhos par' amar
Como são os do meu bem.

¹ No Algarve, afóra isto, dançam tambem os pares durante o canto do estribilho; é provavel que aqui se dê tambem o mesmo, mas das informações a que procedi só obtive o que digo acima. Veja-se nesta Revista, vol. VII, p. 111, sob a palavra *cabaço*, uma breve descrição de um baile de roda naquella provincia.

² Disseram-me: *que lindas pennas qu'elle tem*, o que dá uma syllaba a mais, a não ser que se leia: *c'lindas*, etc. (qu'lindas).

Atira, caçador, atira,
 Atira, acert' a parada,
 Qu'isto são galuchos ¹ novos
 Atiram, não matam nada ².

Ao pular da ribeirinha
 Pus o pé, molhei a meia;
 Não casei na minha terra
 Fui casar em terra alheia.

Solidão, ai dão, ai dão,
 Cá p'ra mim, quer sim quer não
 Vem na morte, lev' a gente
 Quem não ha de ter paixão?!

Vai pedir a Silva
 Que eu também fui:
 Não digas: ai, ai!
 Não digas: ai, ui!

Estas quadras-estribilhos que acompanham cada uma das da cantiga podem variar, na disposição dos seus versos ou na leve alteração das suas palavras, tantas vezes quantas são as estrofes de que aquella se compõe; mas geralmente essas variações não passam de duas, porque também de duas quadras se compõe a letra ³ na maioria dos casos, e consistem em tomar como primeiro

¹ É o nome que o povo dá aos soldados novos ou recrutas.

² O primeiro verso d'esta quadra tem uma syllaba a mais, devendo por isso ler-se, na minha opinião: *tira, caçador, atira*, ou *caçador, atira, atira*, etc.

³ Como *letra* da *moda* da quadra que começa: *ao pular da ribeirinha*, deram-me estas duas quadras:

Cada vez qu'eu considero
 Que de ti m'hei d'apartar,
 Dão-me frios, sem ter febres,
 Adoeço, sem ter mal.

Adeus, amor, passa bem,
 Estimar-te mais não pude,
 S'é por outra que me deixas,
 Deus te dê muita saude.

De outra das *modas* acima só me souberam recitar esta simples quadra:

Desejava de saber
 Ond'a pena mais aumenta:
 S'é no peito de quem fica,
 S'é no de quem se ausenta.

o ultimo verso cantado, sendo esta a segunda forma d'aquelles versos :

Como são os do meu bem,
 Como os da minh' amada ¹ :
 Ó pavão, lindo pavão,
 Pavão de penna riscada.

Atiram, não matam nada,
 Atiram não matam ninguém ² :
 Atira, caçador, atira,
 Atir', ólaré, meu bem.

Fui casar em terr' alheia,
 Podendo casar na minha ;
 Pus o pé, molhei a meia,
 Ao pular da ribeirinha.

Quem não ha de ter paixão,
 Quem paixão não ha de ter ;
 Vem na morte, lev' a gente,
 Serei tua até morrer.

Nao digas : ai, ai,
 Nao digas : ai, ui !
 Vai pedir a Silva
 Que eu tambem já fui.

Não mostram, é certo, as quadras populares que acabo de transcrever o parallelismo das cantigas d'este nome, porque lhes falta a synonymia e repetição dos mesmos versos em logares certos da estrofe que se observam nestas; apresentam comtudo um enca-deamento que se aproxima do das parallelísticas ou bailadas enca-deadas e se nota igualmente nesta de Gil Vicente :

Com que olhos me olhaste
 Que tão bem vos pareci ?
 Tão azinha m'olvidaste :
 Quem te disse mal de mim ?

¹ *Como são as da minha amada* foi o que me disseram, o que dá uma syllaba a mais.

² Em razão da medida, parece-me que este verso ficará correcto, se se ler :

Tiram, não matam ninguém :

que figura na sua tragicomedia pastoril intitulada *Serra da Estrella*, e vem assim repetida:

Quem te disse mal de mim ?
Tão azinha m'olvidaste !
Com que olhos me olhaste
Que tão bem vos pareci ! ?

Tornando, porem, ás cantigas propriamente parallelísticas que no *Cancioneiro da Vaticana* constituem a parte mais interessante das *Cantigas* chamadas *de amigo* pela poetica medieval, demonstrou a erudita editora e commentadora do *Cancioneiro da Ajuda* não só a sua origem popular, senão também a sua persistencia entre o povo até nossos dias. E em parte alguma, — affirma a mesma escritora — ellas foram tão cultivadas nem tão apreciadas como aqui ². É que o seu odor campesino, como se foram outras tantas violetas e boninas fragrantes dos vallados, seduziu por forma tal esses cultores das musas das côrtes de D. Affonso III e D. Denis que, longe de se envergonharem da sua rusticidade, foram procurá-las aos sitios agrestes onde tinham germinado e florescido até ahi para enfeitarem com ellas as suas composições, tornando-as assim mais acceitas d'aquellas a quem as dirigiam. Não eram, porem, só jograes os que se inebriavam com o seu perfume; ecclesiasticos, nobres e até reis e filhos de reis as colheram e, apesar da sua «desataviada elegancia», as preferiram a ponto de ou inseri-las nos seus versos, ou tomarem-nas para modelo dos que compunham ³. Haja vista o maior dos nossos trovadores, el-rei D. Denis, que tantas cantigas ⁴ compôs de identica estructura, dando d'este modo uma prova bem patente e visivel do fino gosto de que era dotado e o levava a apreciar a poesia popular, essa poesia que dentro em pouco seria expulsa da côrte e condemnada, por indigna, a não

¹ A repetição da quadra vem no texto indicada apenas por estes dois versos :

Quem te disse mal de mim ?
Com que olhos me olhaste ; etc.

² *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 939.

³ *Cancioneiro da Ajuda*, logar citado.

⁴ Oito parallelísticas são no *Cancioneiro da Vaticana* attribuidas a D. Denis. Quem as quizer ler, bem como as demais que os tres cancioneiros nos offerecem (com excepção de uma *alva* de D. Denis), pode consultar a minha *Chrestomathia archaica* onde as recolhi.

penetrar nos Paços Regios ¹. «O phenomeno notavel, diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, de trovadores aristocraticos e jograes aulicos terem escrito nos seculos XIII e XIV, em estilo popular, singelissimos cantares em disticos, tristicos (e quadras) que aparentam ser obra de solteirinhas namoradas, explica-se pelo favor de que então fruïam em todas as camadas sociaes — da Rainha até á pastora — os cantos mulheris em latim e romance entoados em festas de igreja e profanas por solteirinhas namoradas: cantadeiras profissionaes, damas da aristocracia e burguesia e raparigas da aldeia, cada uma no seu meio» ².

Disse eu que o parallelismo das cantigas d'este nome, de origem bem antiga, a avaliar pela correlação que revela com o dos hymnos espirituaes vindos do oriente e salmodiados nas primitivas igrejas christãs, os quaes por seu lado apresentam pontos de contacto com composições hebraicas, que esse parallelismo, repito, se tem perpetuado até nossos dias. Com effeito, pelo incansavel folklorista, o Dr. Leite de Vasconcellos, foram recolhidas da boca do povo cinco cantigas de construcção identica á das parallelisticas que figuram no *Cancioneiro da Vaticana*, são as provenientes, quatro, de Rebordainhos (concelho de Moncorvo) e uma de Parada (Bragança); na Galliza as chamadas *muinheiras* offerecem tambem estrutura identica, sem fallar na conhecida pelo nome de *Romance da dança prima*, ainda subsistente nas Auturias ³.

Gil Vicente, que parece ter tido em vista apresentar ás côrtes de D. Manuel e D. João III não só o que já então era archaico e apenas subsistia nas montanhas da Serra da Estrella e nos occultos valles da de Sintra, como o que de data mais recente conhecia, unindo d'este modo o passado ao presente por um elo que estabelecia entre ambos uma continuidade ininterrupta ⁴, não se esqueceu de nos transmittir tambem nas suas obras, por tantos titu-

¹ E bem conhecida a celebre classificação dos generos poeticos feita pelo Marquês de Santillana: «Infimos — diz elle — são aquelles que sem nenhuma ordem, regra, nem conta fazem estes romances e cantares de que a gente baixa e de servil condição se alegra». Theophilo Braga, *Manual da Historia da Litteratura Portuguesa*, p. 128.

² *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 937.

³ Cf. o citado vol. II do *Cancioneiro da Ajuda* onde o assunto é largamente versado. Vide tambem o prefacio do Dr. Theophilo Braga ao vol. I do *Cancioneiro Gallego*, de Ballesteros.

⁴ D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, *Litteratura Portuguesa*, p. 148, nota.

los interessantes, varias amostras de cantigas parallelísticas, as quaes para os ouvidos da sua época e, em especial, da côrte que o'escutava, deviam passar já por obsoletas, subsistindo apenas nos reconditos das montanhas; pelo menos é o que parece dar-nos a entender a rubrica «arremedando os da serra» com que elle acompanha o canto e baile de um dos foliões do Sardoal, Lopo, ou a indicação que nos dá de ser da serra a pastora Felipa, em cuja bôca põe uma das cantigas de que me estou occupando. Pena é que a transcrição d'esta como das outras seja por vezes não só defeituosa, mas até deficiente, pois os copistas, segundo parece, mais attentos ao canto do que á letra, talvez porque nalguns casos esta fosse bastante conhecida, deixaram incompletas muitas das composições, contentando-se com transmittir-nos sempre o refram e parte das estrofes, de certo porque a musica divergia em ambos, e, uma vez indicadas as duas variedades, como d'ahi por diante as melodias eram identicas, descuraram de dar toda a letra. Neste caso estão a maioria das parallelísticas que adeante seguem, ás quaes faltam as estrofes de rima differente; apenas uma d'estas composições está inteira, mas ainda assim um tanto ou quanto incorrecta: é a que leva o n.º V. O parallelismo, porem, que caracteriza estas cantigas facilita a sua restauração; é o que procuro fazer nas reconstrucções que proponho e submetto á apreciação dos entendidos.

Com as parallelísticas tem grande afinidade as cantigas chamadas de *leixa-pren*. É sabido que este artificio consiste na repetição, como primeiro da estrofe seguinte, do ultimo verso da anterior, e d'elle se servem quasi sempre os que cantam. á *desgarrada* ou *desafio*, cantar este em que um dos cantadores toma ou *pren* as ultimas palavras que o outro deixou ou *leixou*, como dizia a lingua antiga ¹. Para d'isto nos convenceremos bastará separarmos os disticós de final differente; fazendo assim, reconheceremos que toda a parallelística é composta de duas series de cantigas de *leixa-pren*, distinctas apenas pela divergencia da rima; por esta razão qualquer *leixa-pren* pode passar para a classe das parallelísticas, para isso será preciso apenas achar os versos synonymos mas de rima differente. É o que acontece com as cantigas n.ºs III e XVII. Se nos contentarmos só com o que nos transmittiram os editores

¹ *Leixa-pren* é palavra composta de dois verbos no imperativo: *leixar* e *prender*. Formações identicas são *curre-curre*, *bule-bule*, *fuge-fuge*, etc.

de Gil Vicente, ambas serão cantigas de *leixa-pren*; porem, se lhes adicionarmos os versos semelhantes, mas de final diverso, teremos cantigas parallelísticas. Tanto isto é assim que a illustre romanista a que me tenho referido, a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, as colloca no vol. II do *Cancioneiro da Ajuda*, entre as da 2.^a classe, enquanto no artigo critico do *Cancioneiro de D. Denis* do Dr. H. Lang, as enumera entre as primeiras ¹.

Comparando as parallelistas de Gil Vicente com as dos trovadores, vemos que a construcção é inteiramente identica, a unica differença está em que o estribilho cantado pelo côro vem na obra do dramaturgo indicado todo no principio da composição e repetido, em parte, em seguida a cada estrofe, ao passo que nos Cancioneiros apparece repetido sempre no fim de cada estrofe ². Disposição igual á de Gil Vicente apresentam o *cossante* de Diego Furtado de Mendonza, do seculo XIV, e as parallelísticas que foram recolhidas no *Cancioneiro musical dos seculos XV e XVI* publicado por Barbieri ³; na transcrição, porem, que adeante faço, ponho no principio da cantiga, como preambulo, o estribilho que repito sempre em seguida a cada copla, mettendo entre colchetes [], em harmonia com o costume adoptado, o que me parece faltar no original. Procedo assim, porque se me afigura que nestes bailes de roda havia dois coros, cada um dos quaes cantava coplas de final identico, isto é, um cantava, por exemplo, os versos cuja assonancia era em *i-a*, *i-o*, e ou *o*, o outro os em *a-o*, *a-a* e *a*, mas estes dois coros formavam um só, sempre que cantavam o refram, o que, como disse, devia acontecer no inicio da cantiga e

¹ Levou-a certamente a proceder assim o facto de na ultima d'estas cantigas vir misturada na mesma estrofe a rima em *o-a* com a em *ia*, contra o costume que era de terminar os versos do mesmo distico sempre do mesmo modo; aquella circumstancia induz realmente a crer que na transcrição se omitiram versos de parte a parte.

² D'esta regra, que eu saiba, só se exceptuam: a cantiga n.º 240 do *Cancioneiro da Vaticana*, na qual o refram apparece todo no principio, e apenas o segundo verso se repete no final de cada estrofe; a que no *Cancioneiro da Ajuda* tem o n.º 198 (293 no C. B.) onde o refram inicia a cantiga e se repete sempre após cada estrofe; e tambem as *Cantigas de Santa Maria*, de Afonso X, em que a disposição é identica. A collocação do refram antes da cantiga é considerada pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Randglossen*, n.º XIV) como um sinal de antiguidade.

³ São os n.ºs 50 e 437; quanto aos n.ºs 6 e 458, aquelle só traz o refram no principio e esta não o tem.

depois de cada copla. É o que se depreheende, a meu ver, das rubricas que acompanham uma cantiga de folia (o n.º V da: adeante transcritas) com que Gil Vicente termina o *Auto da Feira*, nas quaes se faz menção de dois coros e se dão como sendo cantados pelo primeiro os versos em -o e pelo segundo os em -a; ao primeiro côro attribuem as mesmas rubricas o canto de todo o estribilho, que depois apparece repetido, mas só o ultimo verso, no fim de cada distico; é mais provavel, porem, que a informação não seja exacta e que, como observa a Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ¹, o refram pertença a todos os disticos. Quer-me parecer tambem que em muitos casos os dois coros seriam substituidos por duas cantadeiras, cantando os pares todos em côro o respectivo estribilho.

É o que, como atrás disse, se observa em muitos dos actuaes bailes de roda nos quaes uma ou mais moças, as que possuem melhor garganta, é escusado dizê-lo, e que, devido ao officio, maior repertorio de cantigas possuem, ao mesmo tempo que tomam parte no baile, vão cantando, respondendo-lhes em côro quantos nelle entram com o refram por onde, segundo já notei, se inicia o divertimento. E que isto não é de hoje, nem privativo do nosso povo, depreheende-se de textos franceses medievaes citados por A. Jeanroy, onde se diz que ao canto da cantadeira ou cantadeiras respondiam todos em côro ².

Disse atrás que, alem da repetição da mesma ideia por palavras levemente alteradas ou synonymas, como, por exemplo, a substituição de *amigo* por *amado*, *rio* por *alto* ou *vao*, etc., ou ainda simples transposição de palavras ³, apresentam as parallelisticas tambem um artificio especial na disposição dos seus versos. Cantigas ha, porem, a que falta aquella disposição; é o que se nota em muitas da actuaes muinheiras e se observa na seguinte citada pela Sr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos:

Has de cantar á veira do rio,
Ó son das olinhas do campo frolido.

Hás de cantar á veira do mar,
Ó son das olinhas que soben e van.

¹ Vide *Cancioneiro da Ajuda*, II, 879.

² *A ceste chanson hautement chanterent tuit et respondirent*, informa o autor do *Chatelain de Coucy*, romance dos fins do seculo XIII.

³ Estão neste caso os n.ºs 691 (toda a cantiga) e 171, 242, 793 e 885 (só em parte) do *Cancioneiro da Vaticana*.

Hás de cantar á veira da fonte,
Que ch'ei de dar peros cozidos no pote.

Hás de cantar que ch'ei de dar zonzos ¹,
Hás de cantar que ch'ei de dar moitos.

Ay há de cantar, mininha solteira.
Ay há de cantar alá na ribeira.

É claro que nas parallelísticas do *Cancioneiro da Vaticana*, de Gil Vicente e do *Cancioneiro musical*, que apenas se compõem de duas estrofes e o refram ², ou pelo menos assim chegaram até nós, não podia dar-se aquelle artificio; é o que se vê também nesta muinheira:

Cando te vexo na veira do rio,
Queda-m'o corpo tembrando de frio.

Cando te vexo do monte na altura
A todo o corpo lhe dá calentura ³

Divergem, pois, estas parallelísticas das usuaes em que nellas raro se observa perfeita concatenação, porquanto deixam de repetir os mesmos versos em logares certos, e, embora como estas, repitam o mesmo verso levemente alterado por meio de palavras de diversa rima, essas palavras nem sempre são synonymas, antes por vezes de sentido differente. De construcção parecida com a das *muinheiras* citadas ha nos *cancioneiros trovadorescos* também varias composições, ás quaes, apesar do parallelismo da expressão ser evidente, falta comtudo a ligação que prende as estrofes umas

¹ Ballesteros no seu *Cancioneiro popular gallego*, que d'esta muinheira cita só este distico, acompanha-o de mais dois versos:

Has de cantar e has de cantar,
Has de cantar que ch'os hei de dar.

os quaes tem a apparencia de estribillo. A transcrição da Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos é acompanhada de uma nota interessante, na qual diz que a galleguinha a quem ouvira os versos os acompanhava de «cantigas de amigo» como estribillo.

² Taes são: os n.^{os} 429, 757, 758, 760, 761, 792, 290, 321 (dialogo) do *C. V.*; 348 do *C. B.*; 50 e 437 do *Cancioneiro musical*; e das de Gil Vicente a que adeante tem os n.^{os} IV, VIII, XIV, XV, XVIII, XIX e XX.

³ Vide Ballesteros, *Cancioneiro gallego*, vol. 1, p. 137.

às outras ¹. Nestas cantigas, pois, o parallelismo é imperfeito. É o que se nota igualmente nas de Gil Vicente que adeante teem os n.ºs VI e VII, nas quaes não ha nem o artificio que, como disse, converte a parallelística perfeita em duas cantigas de *leixa-pren*, apenas differentes pelo final dos versos, nem na primeira d'ellas a costumada divergencia de rima. Ainda com respeito á cantiga n.º VII, diz a rubrica apenas que «foi cantada por todos osromeiros ordenados em folia» e, ao contrario do costume seguido, nella se não repete o estribilho; como, porem, se trata de uma dança, pareceu-me dever repeti-lo após cada quadra. A estas parallelísticas chamarei *imperfeitas*, deixando a designação de *perfeitas* para as que satisfazem a todos os requisitos de synonymia nas palavras, divergencia de rima e repetição dos versos em logares determinados da cantiga ².

Alem das parallelísticas cuja reconstrucção tento, outras mais será talvez possivel descobrir nas obras do grande dramaturgo. Infelizmente, porem, a maneira em extremo descuidada como o respectivo texto chegou até nós, torna algo difficil essa pesquisa; ainda de algumas a minha lição, devo confessá-lo, não me satisfaz por completo; estão neste caso os n.ºs III, VI, XI e XII.

Relativamente á proveniencia d'estas cantigas, é evidente que muitas, quiçá a maior parte, são criação do poeta; inclino-me todavia a crer que algumas elle teria, com a respectiva musica, ido buscar ao povo, e não seria para admirar, se algum perspicaz e paciente pesquisador tivesse a boa fortuna de as ir desencantar nalgum recanto obscuro de qualquer das nossas provincias do norte, em especial a Beira, ou desenterrá-las de algum cancionero espanhol onde porventura algum colleccionador as tivesse recolhido. Por tudo isto e muito mais fazemos ardentes votos por que a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos nos dê quanto antes a prometida

¹ Taes são: os n.ºs 250, 414, 719, 794, 881 e 246 (esta só nos dois ultimos disticos) do *Cancioneiro da Vaticana* e 281 do *Cancioneiro da Ajuda*.

² A parallelística n.º 808 do *Cancioneiro da Vaticana* apresenta um artificio especial, que consiste em fazer seguir umas às outras tres quadras de rima divergente (-on, -ar, -er) e repetir depois como primeiros dois versos de cada uma das outras restantes os ultimos dois das estrofes precedentes, fazendo assim corresponder os dois ultimos versos das estrofes 1.ª, 2.ª e 3.ª aos dois primeiros das 4.ª, 5.ª e 6.ª, e observando nestas a mesma rima d'aquellas. Na minha *Chrestomathia archaica* (p. 363, n.º XVIII) segui a ordem do texto, mas evidentemente a estrofe que ali occupa o sexto logar deve ser a 4.ª, como a 4.ª e 5.ª devem passar para 5.ª e 6.ª.

edição critica das obras de Gil Vicente, a qual, a avaliar-pela vasta erudição da talentosa escritora e esmero que sempre põe em quanto sae da sua pena, não só derramará muita luz sobre o genial dramaturgo e suas producções, mas será tambem um monumento *aere perennius* ¹ erigido á sua memoria, o que ainda assim não dispensará a nação de lhe levantar tambem outro de pédra ou bronze em qualquer das praças da capital, pagando assim uma divida que de ha muito devia ter saldado, visto tratar-se de um dos seus filhos, illustre entre os mais illustres.

I

No, no, no, que no, que no ²

Que no quiero estar en casa,
No me pagan mi soldada :
No, no, no, que no, que no.

[Que no quiero estar aqui,
Que no quiero más servir :
No, no, no, que no, que no.]

No me pagan mi soldada,
No tengo sayo ni saya :
No, no, no, que no, que no.

[Que no quiero más servir
Pues no tengo que vestir :
No, no, no, que no, que no.]

Do Auto da Fé.

¹ Horacio, lib. III, 3o.

² O texto diz :

No, no, no, no, no, no
No, no, no

estribilho este que differe do que acompanha os dois disticos e é o que preferi.
É possivel que o verdadeiro fosse este :

No, no, no, que no, que no,
No, no, no.

Pode ser que a cantiga continuasse, comquanto se me afigure ficar completa com a restituição que proponho.

II

Mal haya quien los envuelve
Los mis amores;
Mal haya quien los envuelve ³.

Los mis amores primeros
En Sevilla quedan presos:
[Mal haya quien los envuelve]
Los mis amores;
Mal haya quien los envuelve.

[Los mis amores lozanos]
En Sevilla quedan ambos:
[Mal haya quien los envuelve]
Los mis amores;
Mal haya quien los envuelve.

En Sevilla quedan presos
Por cordon de mis cabellos:
[Mal haya quien los envuelve]
Los mis amores;
Mal haya quien los envuelve.

En Sevilla quedan ambos;
Sobre ellos armaban bandos:
[Mal haya quien los envuelve]
Los mis amores;
Mal haya quien los envuelve.

Do Auto dos Quatro Tempos.

III

En la huerta nace la rosa:
Quierome ir allá
Por mirar al ruiñeñor
Como cantaba ¹.

³ No texto este estribilho vem repetido tres vezes e o distico, que na minha restauração occupa o segundo lugar, na edição da Bibliotheca Portuguesa, que é a de que me sirvo, vem em terceiro com falta de um verso, como acima se vê.

¹ Este «refram, diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, parece ter sido originariamente um cantar independente», á semelhança de outros que occorrem nas cantigas trovadorescas e a mesma senhora considera de igual modo. Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, vol. II, p. 920 (nota 3.^a) e 924 (nota 4.^a).

Por la ribera ¹ del rio
 Limones coge la virgo :
 [En la huerta nace la rosa,]
 Quierome ir allá
 Por mirar al ruiñeñor
 Como cantaba.

[Por la ribera del alto
 Limones coge la d'algo :
 En la huerta nace la rosa,
 Quierome ir allá
 Por mirar al ruiñeñor
 Como cantaba.]

Limones coge ² la virgo
 Para dar al ³ su amigo
 [En la huerta nace la rosa]
 Quierome ir allá
 Por mirar ⁴ al ruiñeñor
 Como cantaba.

[Limones coge la d'algo
 Para dar al su amado :
 En la huerta nace la rosa,
 Quierome ir allá
 Por mirar al ruiñeñor
 Como cantaba.]

Para dar al su amigo
 En un sombrero de sirgo :
 [En la huerta nace a rosa]
 Quierome ir allá
 Por mirar al ruiñeñor
 Como cantaba.

[Para dar al su amado
 En un sombrero dorado ⁵ :
 En la huerta nace la rosa
 Quierome ir allá
 Por mirar al ruiñeñor
 Como cantaba.]

(Idem)

¹ *Las riberas* tem o texto ; com a citada autora prefiro o singular, pois igual expressão se encontra nas cantigas 753, 757 e 760 do *Cancioneiro da Vaticana*.

² *Cogia*, lê-se no texto, mas a repetição usada nestas cantigas mostra que se deve corrigir em *coge*.

³ A Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos na sua lição omite o artigo, imprimindo — *para dar a su amigo* ou *amado*. Cf. *opus laudatum*.

⁴ *Para ver* diz a edição da Bibliotheca Portuguesa.

⁵ *Em um sombrero de grana* — propõe a alludida escritora, confessa ella, porem, que a palavra *grana* não a satisfaz. O mesmo me succede com a minha

IV

Sobre mi armavão guerra :
Ver quero eu quem a mi leva.

Tres amigos que eu havia
Sobre mi armão porfia :
[Sobre mi armavão guerra];
Ver quero eu quem a mi leva.

[Tres amigos que eu houvera
Sobre mi armário guerra :
Sobre mi armavão guerra :
Ver quero eu quem a mi leva.]

Do Auto da Feira.

V

Branca estais [e] colorada,
Virgem sagrada.

Em Belem, villa do amôr,
Da rosa naceo a flor :
[Branca estais [e] colorada,]
Virgem sagrada.

Em Belem, villa do amar,
Naceo a rosa do rosal :
[Branca estais [e] colorada,]
Virgem sagrada.

Da rosa naceo a flor,
Jesu, nosso Salvador :
[Branca estais [e] colorada,]
Virgem sagrada.

Naceo a rosa do rosal,
Deos e homem natural :
[Branca estais [e] colorada,]
Virgem sagrada ¹.

(Idem)

rasturação — *en un sombrero dorado* — embora se pudesse entender de um chapéu de côr tirante a ouro, isto é, amarello ou melhor com fita de seda (sirgo) bordada a ouro. Também me occorreu — *en un sombrero de paño*. Evidentemente a palavra a achar deve ser um synonymo de *sirgo* de terminação -a -o.

¹ Segui as correções feitas pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos ao texto, as quaes nesta cantiga se limitaram apenas á addição da conjuncção

VI

Serranas, não hajais guerra,
Que eu sam a flor desta serra.

Por eu ser flor desta serra,
Serranas, não hajais guerra :
[Serranas não hajais guerra,
Que eu sam a flor desta serra.]

E vós escusae a guerra
Que eu sam a flor desta serra :
[Serranas, não hajais guerra,
Que eu sam a flor desta serra.]

Fez-me Deos flor d'esta serra,
Serranas, não hajais guerra :
[Serranas não hajais guerra
Que eu sam a flor desta serra.]

Que eu sam a flor desta serra,
Serranas não hajais guerra :
[Serranas, não hajais guerra,
Que eu sam a flor desta serra.]

Do Auto da Cananea¹

VII

Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.

Muito bem andou Castella
E todos os castelhanos,
Pois tem rainha tão bella,
Senhora de los romanos :
[Par Deos bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

e no refram e á substituição de *amor* e *pera* do 1.º verso do 2.º distico e 2.º do 3.º por *amar* e *Jesus*; preferi, porem, *naceo* e *Jesu*, por me parecerem estas formas mais em harmonia com a pronuncia da epoca. Cf. *Cançãoiro da Ajudá*, II, p. 879.

¹ No 1.º distico tem o texto: *pera ser*, etc., que alterei para: *por eu ser*, etc., que me parece condizer mais com o sentido. Tambem no 3.º distico lê-se na edição da Bibliotheca Portuguesa: *E me fez*, etc., onde a conjuncção *e* liga este verbo a outros que não fazem parte da cantiga, e tem por sujeito nomes que se referem á Virgem Maria; o leitor dirá se acertei ou não na correcção proposta.

Par Deos, bem andou Castella
Com toda sua Espanha,
Pois tem rainha tão bella,
Imperatriz d'Allemanha :
[Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

Muito bem andou Castella
Navarra e Aragão,
Pois tem rainha tão bella
E duquesa de Milão :
[Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

Par Deos, bem andou Castella
E Sicilia tambem,
Pois tem rainha tão bella,
Conquista de Jerusalem :
[Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

Muito bem andou Castella
E Navarra não lhe pesa,
Pois tem rainha tão bella
E de Frandres é duquesa :
[Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

Par Deos, bem andou Castella,
Nápoles e sua fronteira,
Pois tem rainha tão bella,
França sua prisioneira :
[Par Deos, bem andou Castella,
Pois tem rainha tão bella.]

Do Templo de Apollo.

VIII

A mi seguem os dous açores ;
Um delles morirá d'amores.

[Os] dous açores qu'eu queria
Aqui andam nesta bailia :
[A mi seguem os dous açores ;
Um delles morirá d'amores.]

[Os dous açores qu'eu amava
Aqui andam nesta bailada :
A mi seguem os dous açores ;
Um delles morirá d'amores] ¹

Da Serra da Estrellã.

IX

E se ponerei la mano en vós,
Garrido amor.

Um amigo qu'eu queria
Mançanas d'ouro m'envia :
[E se ponerei la mano eu vós,]
Garrido amor.

Um amigo qu'eu amava
Mançanas d'ouro me manda :
[E se ponerei la mano en vós,]
Garrido amor.

Mançanas d'ouro m'envia,
A melhor era partida :
[E se ponerei la mano en vós,]
Garrido amor.

[Mançanas d'ouro me manda,
A melhor era quebrada :
E se ponerei la mano en vós,
Garrido amor.] ²

Idem.

¹ Porque a *editio princeps* faz preceder o numeral *dous* do artigo *os*, que a da Bibliotheca Portuguesa omite, repeti-o nas estrofes, tanto mais que me parece indispensavel ao numero das syllabas. O segundo distico que falta no texto foi encontrado pelo Dr. H. Lang. Cf. *Das Liederbuch des Königs Denis*, p. xcii.

² Nesta, como na cantiga anterior, substitui o *havia* do texto por *queria* que é o synonymo de *amava*, lição que parece preferir a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 930, nota 5). A ultima estrofe é obra da mesma senhora (*Idem e Literatura portuguesa*, p. 151, nota 1). A proposito da palavra *mançanas* que nella occorre quatro vezes e é tida por um hispanismo, observa ainda a alludida escritora, no ultimo logar citado, que nesta cantiga, seguramente antiga, ella fôra pelo povo pronunciada como trissyllabo, isto é, *maçãas*; como porem esta pronuncia desagradasse na Côrte de D. Manuel e D. João III, lançou-se mão da forma espanhola, mais cheia, exactamente como os eruditos que fizeram regressar ao latim os antigos *meor e meos*, hoje *menor e menos*.

X

Já nam quer minha senhora
Que lhe fale em apartado :
Ó que mal tam alongado !

Minha senhora me disse
Que me quer falar um dia,
Agora por meu pecado
Disse-me que nom podia :
[Já nam quer minha senhora
Que lhe fale em apartado :]
Ó que mal tam alongado !

Minha senhora me disse
Que me queria falar,
Agora por meu pecado
Nam me quer ver nem olhar .
[Já nam quer minha senhora
Que lhe fale em apartado :]
Ó que mal tam alongado !

Agora por meu pecado
Disse-me que nam podia,
Ir-m'-ei triste polo mundo
Onde me levar a dita :
[Já nam quer minha senhora
Que lhe fale em apartado :]
Ó que mal tam alongado !

[Agora por meu pecado
Nam me quer ver nem olhar ;
Ir-m'-ei triste polo mundo
Onde me a dita levar :
Já nam quer minha senhora
Que lhe fale em apartado :
Ó que mal tam alongado !]

Idem.

XI

Nam me firais, madre,
Que eu direi a verdade.

Madre, um escudeiro da nossa rainha
Falou-me d'amores, vereis que dezia :
[Nam me firais, madre,
Que] eu direi a verdade.

[Um escudeiro da nossa rainha, madre ¹,
Falou-me d'amores, vereis que falava :
Nam me firais, madre,
Que eu direi a verdade.]

Falou-me d'amores, vereis que dizia :
Quem te me tivesse desnuda em camisa :
[Nam me firaes, madre,
Que] eu direi a verdade.

[Falou-me d'amores, vereis que falava :
Quem te me tivesse desnuda em delgada :
Nam me firais, madre,
Que eu direi a verdade.]

Idem.

XII

Quien me aora cá mi sayó ?
Cuitado!
Quien me aora cá mi sayó.

El mozo y la moza van en romaría,
Tomaes la noche naquella montiña :
[Quien me aora cá mi sayó ?]
Cuitado !
Quien me aora cá mi sayó.

[El mozo y la moza van a la velada ²,
Tomaes la noche naquella montaña :
Quien me aora cá mi sayó
Cuitado !
Quien me aora cá mi sayó !]

Tomaes la noche naquella montina,
La moza cantaba, el mozo decia :
[Quien me aora cá mi sayó ?]
Cuitado !
Quien me aora cá mi sayó ?

¹ Devo confessar que me não satisfaz esta minha tentativa de restauração, por não condizer, na assonancia, a ultima palavra d'este verso com a que vem no immediato, embora «em muitos *cantares de amigo* do *Cancioneiro da Vaticana* occorra irregularidade na assonancia» — diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 878, nota 3).

² É hesitante que emprego este termo não ser rigorosamente synonymo de *romaria*, porquanto significa «concorrença nocturna a alguma praça ou passeio publico illuminado» (Valdez). Tambem me occorreu *romagem*, mas este vocabulo, alem de não ser castelhano, não apresenta a assonancia em -a-a.

[Tomales la noche naquela montañã,
La moza cantaba, el mozo fablaba :
 Quien me aora cá mi sayó?
 Cuitado!
 Quien me aora cá mi sayó.]

Do Triunfo do Inverno.

XIII

Del rosal vengo, mi madre,
Vengo del rosale.

A ribera de aquel vado
Viera estar rosal granado :
 [Del rosal vengo, mi madre,]
 Vengo del rosale.

A ribera de aquel rio
Viera estar rosal florido :
 [Del rosal vengo, mi madre,]
 Vengo del rosale.

[Viera estar rosal granado
Cogi rosas con cuidado:
 Del rosal vengo, mi madre,
 Vengo del rosale.]

Viera estar rosal florido,
Cogi rosas con suspiro.
 Del rosal vengo, mi madre,
 Vengo del rosale ¹.

Idem.

XIV

Cual és la niã
Que coge las flores
Sino tiene amores ?

¹ Esta cantiga foi completada pela Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (Cf. *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 931). Em lugar de *riberas* do texto pus *ribera*, como na cantiga III. A edição da Bibliotheca Portuguesa depois do ultimo distico põe, segundo o uso, o ultimo verso do refram, mas em seguida repete este por inteiro.

Cogia la niña la rosa florida,
 El hortelanico prendas le pedia :
 [Qual és la niña
 Que coge las flores]
 Sino tiene amores?

[Cogia la niña la rosa granada,
 El hortelanico prendas le rogaba :
 Qual és la niña
 Que coge las flores,
 Sino tiene amores?]

Do Velho da Horta.

XV

Canas do amor, canas,
 Canas do amor.

Polo longo de um rio
 Canaval está florido :
 [Canas do amor, canas,]
 Canas do amor.

[Polo longo de um alto
 Canaval está granado :
 Canas do amor, canas,
 Canas do amor.]

Da Inês Pereira

XVI

Marido cuco me levades
 e mais duas lousas,
 Pois assi se fazem as cousas ¹.

¹ No texto figura — *pois assi se fazem as cousas* — como estribilho cantado por Pero, ao passo que os restantes versos o são por Inês. A designação symbolica do amante pelo nome de cervo, que se lê nesta cantiga, era já usada pelos trovadores: Cf. *Cancioneiro da Vaticana*, n.º 793, 796 e 797. «A comparação do marido enganado com o cuco é devida á observação superficial de ir a fema do cuco ao ninho de outras aves». (*Dictionnaire générale de la langue française*, de Hatzfeld e Darmesteter e Thomas, s. v. *cocu*, e ascende já aos Romanos, como parece deprehender-se de Plauto, *Asin.*, 5, 2, 73; d'ahi a significação que tambem tinha de «estupido» e «tolo». Com relação ao nosso país nos tempos modernos, vid. *Tradições Populares de Portugal*, de Leite de Vasconcellos, pp. 145-146.

Bem sabedes, marido, quanto vos quero ;
 Sempre fostes percebido pera cervo :
 [Marido cuco me levades
 E mais duas lousas,
 Pois assi se fazem as cousas.]

Bem sabedes ¹, marido, quanto vos amo ;
 Sempre fostes percebido pera gamo :
 [Marido cuco me levadas :
 E mais duas lousas,
 Pois assi se fazem as cousas.]

[Sempre fostes percebido pera cervo,]
 Agora, [marido], vos tomou o demo :
 [Marido ² cuco me levades
 E mais duas lousas,]
 Pois assi se fazem as cousas.

[Sempre fostes percebido pera gamo ;
 Assi] carregado ides, nosso amo :
 [Marido cuco ³ me levades
 E mais duas lousas,]
 Pois assi se fazem as cousas.

Idem.

XVII

A serra é alta, fria e nevosa
 Vi venir serrana gentil, graciosa.

[A serra é alta, nevosa e fria
 Vi venir serrana graciosa, garrida]

Vi venir serrana gentil, graciosa
 [Cheguei-me per' ella com voz maviosa.]

[Vi venir serrana graciosa, garrida,]
 Cheguei-me per' ella com gram cortesia.

[Cheguei-me per' ella com voz maviosa,
 Disse-lhe : quereis companhia amorosa ?]

Cheguei-me per' ella com gram cortesia
 Disse-lhe : senhora, quereis companhia ?

¹ O texto diz: *Bem sabedes vós, marido*, etc.

² *Com duas lousas* — é o que se lê logo em seguida ao verso precedente.

[Disse-lhe: quereis companhia amorosa?
Disse-me: escudeiro, segui a via vossa.]

Disse-lhe: senhora, quereis companhia?
Disse-me: escudeiro, segui vossa via ¹.

Da *Farça dos Almocreves*.

XVIII

D'onde vindes, filha,
Branca e colorida?

De lá venho, madre, de ribas de um rio:
Achei meus amores num rosal florido.

Florido, enha ² filha?

[D'onde vindes, filha,]

Branca e colorida?

De lá venho, madre, de ribas de um alto:
Achei meus amores num rosal granado.

Granado, mia filha?

[D'onde vindes, filha,]

Branca e colorida? ³

Do *Auto da Lusitania*.

XIX

Este é maio, o maio é este,
Este é o maio e florece.

Este é [o] maio das rosas,
Este é maio das fermosas:

[Este é maio, o maio é este],

Este é [o] maio e florece.

¹ No texto o primeiro distico vem repetido. A restituição d'esta cantiga pertence á escritora a que bastas vezes aqui me tenho referido, e vem no *Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 931. O *venir* que occorre nesta composição, a meu ver, tanto pode ser um hispanismo como representar a antiga pronuncia archaica *vêir*; o mesmo direi do *poncrei* da cantiga IX.

² Este pronome — diz a Sr.^a D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos (*Cancioneiro da Ajuda*, II, p. 931, nota 1.^a, deve ser aqui e sempre o monossyllabo *nha* (abreviatura de *minha* ou erro por *mha*, antiga orthographia de *mia*). Vide tambem o que escrevi na minha *Chrestomathia archaica*, cxv.

³ Esta-cantiga, na opinião autorizada da mesma senhora, está incompleta. O mesmo penso dos n.^{os} IV, VIII, XIV, XV e XIX.

Este é [o] mais das flores,
 Este é maio dos amores:
 [Este é maio, o maio é este]
 Este é [o] maio e florece.

Idem.

XX

Van-se mis amores, madre;
 Luengas terras van morar,
 Y no los puedo olvidar:
 Quien me los hará tornar,
 Quien me los hará tornar?

Yo soñara, madre, un sueño
 [Qu'en mi alma vino dar.]¹
 Que se iban los mis amores
 A las islas de la mar:
 [Van-se mis amores, madre,
 Luengas terras van morar]
 Y no los puedo olvidar:
 Quien me los hará tornar,
 Quien me los hará tornar?

Yo soñara, madre, un sueño
 Que me dió nel corazon,
 Que se iban los mis amores
 A las tierras de Aragon:
 [Van-se mis amores, madre,
 Luengas terras van morar]²
 Y no los puedo olvidar:
 Quien me los hará tornar,
 Quien me los hará tornar?

Idem.

Beja, Junho de 1909.

J. J. NUNES.

¹ O texto tem este verso igual ao da segunda quadra, isto é, *que me dió nel corazon*; a rima, porem, mostra evidentemente que não pode ser, mas sim outro cujo final seja em *-ar*.

² Aqui diz o texto: *allá se van a morar*.

DICCIONARIO

PORTUGUÊS-MALAIO

Na livraria antiquaria do Sr. Caldas Cordeiro, em Lisboa, adquiri em 30 de Julho de 1909 para o Museu Ethnologico Português um livrinho escrito á mão, o qual passo a descrever.

Fôrma um caderno desconjuntado e com capa amarella, de que só resta parte. Mede: 0^m,191 × 0^m,148, e é de papel de arroz. Tem 25 folhas, estando porém algumas apenas escritas em parte, e totalmente em branco a fl. 1 r. e a fl. 23 v. Numerei-as a lapiz, por folhas. Antes da fl. 1 ha mais uma em branco, de guarda, alem de outra que se ligava com a capa; e depois da fl. 25 ha quatro que cresceram, ou, se se quizer, tres, pois que a quarta está um pouco presa á capa. As folhas, por causa da finura do papel, foram dobradas antes de escritas, de modo que propriamente cada folha consta de duas; mas como o dorso da dobra ficam para fóra, cada duas folhas vale por uma, e assim as contei.

A letra, que, com excepção de *pô-passér* a fl. 17 r, é uniforme, faz crer que o manuscrito pertence á primeira metade do seculo xix. Na folha da capa, no principio, ha este titulo em letra differente da do corpo da obra: *Dicc. de lingua Malaya*. Effectivamente o opusculo encerra o seguinte:

um vocabulario português-malaio, — de fl. 1 v. a 23 v.;

uns *Dialogos* (com um adagio), tambem em português e malaio, — de fl. 24 r. a 25 v.

Tanto o vocabulario como os dialogos estão escritos em duas columnas.

É provavel que o manuscrito, no estado em que se acha, não se destinasse ao prelo, e formasse apenas um caderno de apontamentos, para uso particular de algum Português que vivesse no Oriente e colhesse de ouvido o seu material. Não creio que saísse da penna de um missionario, porque os dialogos tem aspecto completamente profano, e no vocabulario faltam certas palavras que sem dúvida ahi existiriam, se um padre o escrevesse, taes como: *altar*, *christão* (mas ha *catholico*), *Christo* (mas ha *Deos*), *confissão* (só ha *confessar*), *cruz*, *fé*, *morte* (mas ha *morrer*), *religião*, *salvação*, *santo*, — palavras estas que existem em malaio, como póde ver-se em qualquer diccionario d'essa lingua. O nosso vocabulario tem character mais pratico do que mystico: *anzol*, *bolor*, *cavallo*, *cama*, *cadeira*, *calções*, *cesto*, *cirurgião*, *direito*,

doente, embarcar, espada, fome, fumo, garfo, governador, jogo, leme, lingua, linha, maré, marinheiro, moer, navegar, negócio, orvalho, ourina, orta, pepino, pezo, porto, proa, queijo, relogio, roupa, rupia, saya, soldado, tabaco, taboa, tórno, venda, vinagre, zagaya. Infelizmente não sabemos o nome do autor.

Das linguas pertencentes á familia oceanica ou malaio-polynesia, apenas me consta que existam trabalhos portuguezes quanto ás que se fallam na nossa colonia de Timor. Refiro-me, já se vê, a trabalhos impressos. Conheço:

Diccionario portuguez-tetum, do P.^o Sebastião Maria Appario da Silva, Macau 1889;

Noções da grammatica galoli, do P.^o Manuel Maria Alves da Silva, Macau 1900 (cf. *Revista Lusitana*, vii, 158);

Diccionario teto-português, de Rafael das Dores, Lisboa 1907.

Ha alem d'isso dois trabalhos com estes titulos:

Les vocables malais empruntés au portugais, de Gonçalves Vianna, — artigo inserido nos *Mélanges Ch. de Harlez*, p. 336 sgs.;

Malaio e português, de Fokker & Gonçalves Vianna, — artigo inserido na *Revista Lusitana*, viii (1903-1905), 1 sgs.

Parece-me pois conveniente augmentar a nossa modesta bibliographia com a publicação do manuscrito do Museu Ethnologico, e por isso o reproduzo hoje na *Revista Lusitana*.

Faltam-me conhecimentos de lingua malaia para poder apreciar com competencia o opusculo; todavia, do rapido confronto que fiz d'elle com o *Dictionnaire de la langue commerciale de l'Archipel d'Asie (dite malaise)*, de L. Richard, Bordeus 1873, vejo que pôde ter-se nelle pelo menos alguma confiança. Effectivamente muitos vocabulos são os mesmos no livro de Richard e no do anonymo portuguez; outras vezes as discrepancias são meramente orthographicas ou phoneticas, como:

	Anonymo portuguez	L. Richard
ACCEITAR	<i>trimá</i>	<i>tarīma</i>
AGORA	<i>secaran</i>	<i>sakārang</i>
ÂNCORA	<i>saô</i>	<i>sāhū</i>
ESPELHO	<i>chirmim</i>	<i>cheremin</i>
LINGUA	<i>lida</i>	<i>lēdah</i>
OVO	<i>tolor</i>	<i>telūr</i>
PELLE	<i>coelete</i>	<i>kūlit</i>
PERDÃO	<i>ampon</i>	<i>ampūn</i>
SOM	<i>bonhi</i>	<i>būnyī</i> ;

sem embargo notam-se tambem divergencias fundamentaes, v. g.:

ACCUSAR	<i>bartió</i>	{ <i>menūdoh</i> { <i>chema</i>
ADIVINHAR	<i>betil</i>	{ <i>tanong-kan</i> { <i>tarka-kan</i> ,

as quaes serão devidas ou a diferenças dialectaes (pois o malaio tem muitos dialectos), ou a outras causas. Às vezes o desaccôrdo é só apparente, por causa da synonymia: no anonymo vem *lagoa* traduzido por *colam*; em Richard *kūlam*, que é a mesma palavra, significa «bassin», «pièce d'eau», «trou d'eau». É verdade porém que na lingua popular de Portugal *lagoa* tem outras accepções além das que lhe dão os compendios de geographia: tambem quer dizer «charco», e «agoa empoçada», por exemplo em Trás-os-Montes; isso explica o haver entre nós várias povoações chamadas *Lagoa* e *Lagoaça* em sitios onde não ha lagoas propriamente ditas. Outro desaccôrdo que noto entre o anonymo e Richard está na palavra *lião* ou *leão*, que aquelle traduz por *leão* e este por *singa*. Sem duvida o *leão* do anonymo é palavra nossa, porque, como me observa Monsenhor Sebastião Dalgado, o malaio não tem palavra propria para «lião»; *singa* vem do hindustani (em sânscrito *sim-ha*).

No que toca á reproducção do manuscrito, publico-o sem alteração nenhuma.

J. L. DE V.

I. [VOCABULARIO]

A			
Abano	<i>Quipàz</i>	Acodir	<i>Tolom</i>
Abobra	<i>Labù</i>	Acotilar	<i>Tetá</i>
Abaixar	<i>Baìhà</i>	Assucar pó	<i>Gula Passér</i>
Abono	<i>Tolom</i>	Assucar pedra	<i>Gula Batu</i>
Aborrecer	<i>Binchy</i>	Açoar	<i>Boam ingùs</i>
Abraçar	<i>Polò</i>	Adivinhar	<i>Betil</i>
Abraçar	<i>Bacàr</i>	Adiante	<i>Depan</i>
Abrir	<i>Bucà</i>	Admitir	<i>Man Bacampum</i>
Abundancia	<i>Banhà</i>	Ajustar	<i>Man Bacampum</i>
Acalmar	<i>Quente</i>	Afecto	<i>Banhá, Sucá</i>
Açafrão	<i>Cunhe</i>	Afflicção	<i>Sogal</i>
Acção	<i>Rupa</i>	Agoa	<i>Aer</i>
Acento	<i>Dudou</i>	Agradecimento	<i>Trimá cassi</i>
Acuzar	<i>Bartiò</i>	Agora	<i>Secaran, ou Se-bentar</i>
Aceitar	<i>Trimà</i>	Agulha	<i>Iarum</i>
Acerto	<i>Botul</i>	Agoardente	<i>Ará Holandà</i>
Achar	<i>Dapat</i>	Ahi	<i>Desitu</i>
Achaque	<i>Tubo, Saquit</i>	Adonde	<i>Dimanà</i>
Assima	<i>Atàz</i>	Ainda	<i>Lagui</i>
Aconcelhar	<i>Bichàra</i>	Ajudar	<i>Tolom</i>
Aço	<i>Bajá</i>	Ajustar	<i>Beiquim Botul</i>
Acrescentar	<i>Tamba, Lagui</i>	Alegre	<i>Sucá</i>
		Alegria	<i>Sucá</i>

Algodão Limpo *Capàz*
 Algodão sujo *Capou Xumar*
 Alimento *Mácânan*
 Alimpar *Xuxi*
 Almoçar *Macan Pagui*
 Aluguer *Sehuà*
 Alvo *Potê*
 Alfinete *Iarum*
 Alfaiate *Tucan Iaye*
 Alma *Iivay*
 Alto *Tingui*
 Ajuntar *Campun*
 Amiga *Guandá*
 Amigo *Sobat ou Tuman*
 Amimar *Bujô*
 A meudo *Quichil*
 Amizade *Basobat*
 Amor *Xintà*
 Amostra *Macam*
 Amanhã *Beissou*
 Amarello *Conin*
 Ancia *Tacat*
 Ancora *Saò*
 Anno *Taom*
 Anel *Chimchim*
 Antes *Dulu*
 Antigo *Dulu calá*
 Anzol *Panchem*
 Apertar *Terre*
 Ar *Huà*
 Arvore *Poquò*
 Arriar *Vlor*
 Arxote *Damar*
 Arxote de cera *Damar Linlin*
 Arros cru *Brass*
 Arros cozido *Nàssi massar*
 Azul *Birù*
 Asentese *Dudou*
 Aviso *Bertào*
 Aza *Sayap*
 Atrevido *Xança, ou Iaha*
 Aranha *Xixa*
 Aranhão *Labalaba*
 Azeite *Minhà*
 Areca *Pinam*
 Arranhar *Garou*
 Avò *Nene*
 Aquelle *Itu*
 Atiça *Guntem*

B

Bacia pequena *Pingàs*
 Bacia grande *Dulam*
 Baixa *Bahuà*
 Banco *Bancu*
 Batizado *Sarany*
 Barrer *Sapu*
 Barriga *Prot*
 Bula *Misse*
 Beber *Minam*
 Besta *Badó*
 Bicho *Amba propuan*
 Bicha *Amba Laqui La-
qui*
 Bico *Parrò*
 Bica *Parrò*
 Bonito *Bagus*
 Boca *Mulou*
 Bolor *Cator*
 Bom *Bahe*
 Braço *Astà*
 Brio *Chanté*
 Bruto *Bosu*
 Bolir *Goyào*
 Boraco *Luban*
 Bucha *Tombalo*
 Bucha *Tombaly*
 Bufra *Corbó*
 Banca *Mejà*
 Bule *Iompa*
 Brinco das ore-
lhas *Crabù*
 Brincar *Main*
 Barba *Dahu*
 Barbeiro *Xucor*
 Botica de reme-
dios *Quide joal oba*
 Bazar *Passar*
 Botão *Botaó*
 Buscar *Xari*
 Bombarda *Bariame*
 Barato *Murá*
 Baixo *Rendá*
 Betle *Siré*
 Barco *Capal*
 Barquinha *Sanpan*
 Basta *Sudá*
 Biscoito *Ruti querin*
 Bispote *Sampa quinxim*

Branco	<i>Poté</i>	Caixa, moeda	<i>Vam Baru</i>
Beijos	<i>Biber</i>	Camarão	<i>Vdam</i>
	C	Caranguejo	<i>Cápitim</i>
Cabeça	<i>Capala</i>	Ceia	<i>Macan malam</i>
Cabelo	<i>Rambot</i>	Cerrote	<i>Gargaji</i>
Cadeado	<i>Conxi</i>	Cesto	<i>Bacol</i>
Callar	<i>Diam</i>	Ceo	<i>Langue</i>
Cançar	<i>Lala</i>	Chá	<i>Daonthe</i>
Canivete	<i>Piso quichil</i>	Chamar	<i>Panguel</i>
Cão	<i>Angin</i>	Chaga	<i>Lucá</i>
Capaz	<i>Tugo</i>	Chão	<i>Tanà</i>
Capitão	<i>Nacoda</i>	Chapeo	<i>Cupia</i>
Carga	<i>Moat</i>	Chave	<i>Cumchij</i>
Carpinteiro	<i>Cayu</i>	Cheia	<i>Ponô</i>
Carta	<i>Surrà</i>	Chegar	<i>Singa</i>
Castigar	<i>Pucol</i>	Cheirar	<i>Chion</i>
Catholico	<i>Sarany</i>	Chumbo	<i>Tima</i>
Cativo	<i>Ambá</i>	Chupar	<i>Isap</i>
Cavar	<i>Chamcol</i>	Chuva	<i>Vjam</i>
Cavallo	<i>Cuda</i>	Claro	<i>Pute</i>
Caza	<i>Romà</i>	Claridade	<i>Tram</i>
Carne	<i>Daguim</i>	Clavina	<i>Senapam</i>
Carneiro	<i>Cambim</i>	Coar	<i>Tim tim</i>
Cabrito	<i>Ana Cambim</i>	Cobrar	<i>Taré</i>
Cabra	<i>Cambrim cassi</i>	Cobre	<i>Olar</i>
	<i>suçu</i>	Coco verde	<i>Nheor</i>
Cama	<i>Tampa Tidor</i>	Coco velho	<i>Clapa Muda</i>
Carreta	<i>Guerreta</i>	Colher	<i>Sindou</i>
Caza de pedra	<i>Gudon Batu</i>	Collo	<i>Pancò</i>
Caza de pau	<i>Romon papan</i>	Coluna	<i>Fiam</i>
Cadeira	<i>Carosi</i>	Combate	<i>Bacalay</i>
Capella dos	<i>Balu mata</i>	Cometer	<i>Cahuam</i>
olhos		Comichão	<i>Garú</i>
Cazaca	<i>Paju</i>	Comido	<i>Suda macam</i>
Cabaya	<i>Quebaya</i>	Compor	<i>Carija</i>
Calcanhar	<i>Tume</i>	Comprimento	<i>Panjam</i>
Caixa	<i>Peti</i>	Condenar	<i>Vcam</i>
Calções	<i>Xilanam</i>	Confessar	<i>Buanducà</i>
Calças	<i>Suluar panjan</i>	Confiança	<i>Sucà</i>
Cabeleira	<i>Perrique</i>	Considerar	<i>Piquer</i>
Castiçal	<i>Caqui</i>	Contrato	<i>Dagaan</i>
Camiza	<i>Quimija</i>	Conversar	<i>Balutor</i>
Cazada	<i>Caoim</i>	Copo	<i>Mancò</i>
Caminho	<i>Ialam</i>	Côr	<i>Rupà</i>
Cal	<i>Capur</i>	Coração	<i>Ati</i>
Cravo	<i>Rampà</i>	Costas	<i>Blacan</i>
Caro	<i>Burum, ou Ma-</i>	Comer	<i>Macan</i>
	<i>hal</i>	Chavena	<i>Chaun</i>
		Cotovelo	<i>Sicou</i>
		Centura	<i>Pingão</i>

Cono	<i>Pogui</i>
Culhoes	<i>Begi</i>
Cu	<i>Pantá</i>
Colete	<i>Cutan</i>
Comprar	<i>Beli</i>
Coqueiro	<i>Pocou clapà</i>
Confiar	<i>Pruxayà</i>
Confiado	<i>Pruxaya</i>
Cozinha	<i>Dapor</i>
Cozinheiro	<i>Coqui</i>
Cospir	<i>Ludà</i>
Corda	<i>Taly</i>
Coçar	<i>Gatal</i>
Comprido	<i>Panjam</i>
Curto	<i>Pinde</i>
Coentro	<i>Quelumbrar</i>
Corno	<i>Tandó</i>
Corrente	<i>Tanté</i>
Correr	<i>Lari</i>
Côrtes	<i>Tetá</i>
Cozer no fogo	<i>Massá</i>
Cozer de agu- lha	<i>Iaye</i>
Costume	<i>Adat</i>
Costumar	<i>Biaçà</i>
Couce	<i>Sepà</i>
Couro	<i>Culé</i>
Couza	<i>Apá</i>
Coitado	<i>Cassian</i>
Coxo	<i>Vndy</i>
Crescer	<i>Tunàs</i>
Cria	<i>Piarà</i>
Cru	<i>Mantà</i>
Cruel	<i>Iaá</i>
Cobrir	<i>Tutop</i>
Cuidado	<i>Lia baibai</i>
Culpa	<i>Dassoà</i>
Curtir	<i>Mamgaram</i>
Curar	<i>Casse ubat</i>
Cego	<i>Butá</i>
Cirurgião	<i>Ducon</i>
Coiza	<i>Barran</i>

D

Dali	<i>Pucol</i>
Dahi	<i>Dary</i>
Daqui	<i>Cassi sini</i>

Dar	<i>Cassi</i>
Dano	<i>Rasa</i>
Dança	<i>Tandà</i>
Discurço	<i>Acal</i>
Defender	<i>Cahuan</i>
Diferente	<i>Caen Rupa</i>
Defunto	<i>Maty</i>
Degolado	<i>Maty debonu</i>
Degolar	<i>Ficam</i>
Degrão	<i>Tangà</i>
Deixar	<i>Biar</i>
Dilatar	<i>Lambà</i>
Delgado	<i>Pipiç</i>
Delicto	<i>Salà</i>
Demanda	<i>Biquera</i>
Demora	<i>Mana dudò</i>
Dentro	<i>Dalam</i>
Deos	<i>Alá</i>
Deos guarde	<i>Sumbà</i>
De tarde	<i>Petan Ary</i>
Dia	<i>Ary</i>
Donzella	<i>Ana Darà</i>
Dinheiro	<i>Reale</i>
Diamante	<i>Iintan</i>
Depressa	<i>Xepà</i>
Depressa	<i>Lacas</i>
Dependurar.	<i>Ganton</i>
Depois	<i>Nantij</i>
Dezafiar	<i>Panguel baca</i>
	<i>Lay</i>
Descalçar	<i>Culuar</i>
Descançar	<i>Brenty</i>
Dever	<i>Turon</i>
Descobrir	<i>Bucò</i>
Desculpa	<i>Trada Salà</i>
Dezejar	<i>Sucà</i>
Dezerto	<i>Vlan</i>
Despir	<i>Talamjam</i>
Destruir	<i>Rampas</i>
Diante	<i>Aluam</i>
Diminuir	<i>Coram</i>
Direito	<i>Botol</i>
Discreto	<i>Raza Nama</i>
De vagar	<i>Palahan</i>
Divida	<i>Vtam</i>
Dizer	<i>Cata</i>
Dobro	<i>Lipat</i>
Doce	<i>Manisam</i>
Doente	<i>Saquet</i>
Dormir	<i>Tidor</i>

Doudo	<i>Guilá</i>
Durar	<i>Lamò</i>
Dia	<i>Sian</i>
Diabo	<i>Setan</i>
Dente	<i>Guigui</i>
Dedo	<i>Iari</i>
Dedo da mão	<i>Iari Tanhan</i>
Dedo do pé	<i>Iari Caquim</i>
Desprezar	<i>Inà Can</i>

E

Efeito	<i>Manjadi</i>
Egoa	<i>Cudabitinan</i>
Elefante	<i>Cuda</i>
Elle	<i>Dià</i>
Em	<i>Di</i>
Embrulhar	<i>Gulon</i>
Escuro	<i>Gláp</i>
Embarcar	<i>Naij</i>
Emenda	<i>Vbom</i>
Encalhar	<i>Canà</i>
Encher	<i>Ponó</i>
Encolher	<i>Chary</i>
Enfiar	<i>Tajou</i>
Enganar	<i>Tipur</i>
Enterro	<i>Tanam</i>
Entrar	<i>Massou</i>
Erva	<i>Rompat</i>
Espingarda	<i>Sinapan</i>
Escada	<i>Tangà</i>
Esta	<i>Succà</i>
Estimo	<i>Guadà</i>
Escarnecer	<i>Ajou</i>
Escolher	<i>Pillé</i>
Eu	<i>Guà ou Quitá</i>
Escrever	<i>Tulis</i>
Espada	<i>Pedam</i>
Espirrar	<i>Nanti</i>
Espelho	<i>Chirmim</i>
Essa	<i>Itù</i>
Esse	<i>Itù</i>
Esta	<i>Ini</i>
Este	<i>Ini</i>
Estrella	<i>Bintan</i>
Esquecer	<i>Lupá</i>
Estillo	<i>Adat</i>
Esteira	<i>Ticar</i>

F

Faca	<i>Pisso</i>
Facil	<i>Modá</i>
Fallar	<i>Tutor</i>
Falto	<i>Curam</i>
Farto	<i>Canham</i>
Favor	<i>Tolom</i>
Fazer	<i>Querija</i>
Febre	<i>Deman</i>
Feder	<i>Buçò</i>
Ferir	<i>Ticame</i>
Ferreiro	<i>Tucam bissi</i>
Ferver	<i>Mindidij</i>
Festejar	<i>Bijogue</i>
Feia	<i>Trada bagus</i>
Feio	<i>Corambaye</i>
Fiador	<i>Acu</i>
Frio	<i>Sijou</i>
Fiar	<i>Perchaya</i>
Ficar	<i>Pingal</i>
Fiel	<i>Betul</i>
Flor	<i>Bum An</i>
Filha	<i>Ana prompuan</i>
Filho	<i>Ana Laqui</i>
Fio	<i>Taly</i>
Fogo	<i>Api</i>
Fome	<i>Lapar</i>
Face	<i>Mucà</i>
Fora	<i>Luar</i>
Ferro	<i>Bissi</i>
Forão	<i>Pegui</i>
Força	<i>Cras</i>
Forasteiro	<i>Dagam</i>
Fortaleza	<i>Cutà</i>
Fortuna	<i>Vanton</i>
Forma	<i>Achuan</i>
Fraco	<i>Prada begumà</i>
Fresco	<i>Senào</i>
Frieza	<i>Sijou</i>
Frigir	<i>Gorem</i>
Fino	<i>Atuz</i>
Fogir	<i>Larry</i>
Fumar	<i>Issap</i>
Fumo	<i>Assap</i>
Furtar	<i>Churi</i>
Função	<i>Aribacar</i>
Frasco	<i>Cáchá</i>
Firmeza	<i>Ati budij</i>

Fraco	<i>Lete</i>	Infeliz	<i>Tradá ontum</i>
Fivella	<i>Gesper</i>	Inferno	<i>Norácá</i>
		Informar	<i>Blajar</i>
		Inimigo	<i>Massú</i>
	G	Intender	<i>Taò</i>
Galinha	<i>Ayame</i>	Ianella	<i>Ienella</i>
Ganho	<i>Vnton</i>	Inverno	<i>Abismocim</i>
Gastar	<i>Blanjar</i>	Igreja	<i>Mesegué</i>
Garfo	<i>Chuchou</i>	logo	<i>Iudi</i>
Gallo	<i>Ayame jantão</i>	Ir	<i>Pegui</i>
Geito	<i>Rupá</i>	Iá	<i>Sudá</i>
Geral	<i>Samsà</i>	Isso	<i>Itú</i>
Gemer	<i>Demam</i>	Iuntar	<i>Campon</i>
Geolhos	<i>Leitou</i>	Iura	<i>Sumpá</i>
Gosto	<i>Sadap</i>		
Gritar	<i>Panguel</i>		L
Guardar	<i>Simpan</i>	Lá	<i>Saná</i>
Guiar	<i>Ajar</i>	Lembrar	<i>Piquer</i>
Gostar	<i>Baij</i>	Levar	<i>Saná</i>
Gente	<i>Oran</i>	Lagoa	<i>Colam</i>
Grande	<i>Bucar</i>	Logo	<i>Nanti</i>
Graça	<i>Tatà oà</i>	Largo	<i>Lebar</i>
Governador	<i>Rajà</i>	Lagrima	<i>Aier matá</i>
Guardar	<i>Tarou</i>	Limpar	<i>Sapù</i>
Grosso	<i>Cassar</i>	Lançar	<i>Champà</i>
Gordo	<i>Gumou</i>	Lamber	<i>Macan damhan-</i>
			<i>lida</i>
	H	Laranja	<i>Manis</i>
Historia	<i>Tutor</i>	Limão	<i>Manis</i>
Huma	<i>Sātu</i>	Ladrão	<i>Ponchory</i>
He	<i>Ija</i>	Leme	<i>Comody</i>
Hoje	<i>Idi Sini</i>	Leão	<i>Leáo</i>
Homem	<i>Laqui Laqui</i>	Lagarto	<i>Boayar</i>
Honrada	<i>Baye</i>	Largar	<i>Lepaz</i>
		Leque	<i>Guipaz</i>
		Luz	<i>Iram</i>
	I	Loja	<i>Quedé</i>
Iantar	<i>Macan tem Arij</i>	Lingoa	<i>Lidá</i>
Insar	<i>Tarek</i>	Leite	<i>Sucu</i>
Idade	<i>Humor</i>	Lua	<i>Bulan</i>
Iejum	<i>Puassá</i>	Lavadeira	<i>Mainat</i>
Irmão	<i>Adé</i>	Leal	<i>Soubat</i>
Irmã	<i>Abam</i>	Ler	<i>Baxà</i>
Igual	<i>Samá</i>	Levar	<i>Bauá</i>
Imaginar	<i>Piguer</i>	Leve	<i>Rimham</i>
Imitar	<i>Turat</i>	Licença	<i>Sijim</i>
Inchar	<i>Bomcà</i>	Livre	<i>Mardecá</i>
		Lugar	<i>Maná</i>

Lanha *Clapa muda*
 Lenha *Cayu*
 Lenço *Saputahan*
 Linha *Benam*

M

Mamar *Minás tete*
 Manhã *Pagui ary*
 Mão *Iahat*
 May *Mahaa*
 Mão *Pamhan*
 Mais *Lagui*
 Maré *Laot*
 Mostrar *Tu injou*
 Mostarda *Soaciu*
 Manteiga *Manteiga*
 Malayo *Malayu*
 Mouro *Quelim*
 Mar *Laó*
 Meias *Saram Caqui*
 Menina *Begi*
 Mijar *Quinxim*
 Mezinha *Obá*
 Meu *Guapunha*
 Minha *Idou*
 Mulher *Prompuam ou*
 Beny
 Mez *Bulan*
 Morrer *Mati*
 Mentira *Bohom*
 Marinheiro *Oram classi*
 Mastro *Tiam*
 Magro *Coruz*
 Matar *Bonor*
 Molhado *Bassá*
 Maior *Bessar*
 Medida *Ocór*
 Melhor *Baguz*
 Memoria *Acal*
 Mercar *Bely*
 Meter *Massó*
 Meio *Temhá*
 Mizeria *Mesquim*
 Meudeza *Telalu quexil*
 Modo *Rupá*
 Moer *Pijar*
 Molde *Ginis*
 Môle *Lombó*

Morder *Guigui*
 Mudar *Salem*
 Mundo *Duniá*
 Mofins *Chilacá*
 Mudavel *Manucur*
 Mandar *Suró*
 Mamas *Teté*
 Moço *Budà*
 Matto *Vtan*

N

Navegar *Blajar*
 Nuvem *Avan*
 Não *Tidà*
 Nação *Bança*
 Nossa *Quitapunhà*
 Nada *Tidà*
 Noite *Malam*
 Nau *Capal*
 Nariz *Idon*
 Não quero *Tramaum*
 Não tenho *Tràdà*
 Nonha *Inché*
 Nos *Quita oram*
 Nelles *Pady*
 Nascer *Iady*
 Negar *Balé*
 Não pode *Trebolij*
 Negocio *Apa dagaham*
 Negro *Itam*
 Nenhum *Satu Tidà*
 Nome *Namà*
 Noivo *Pamhamtim*
 Nobre *Oram bussar*
 Nova *Barú*
 Novo *Barú*
 Nu *Tehamjam*
 Nunca *Tidà*
 Não vi *Gua Trada tion*

O

Obedecer *Turrat*
 Obrar *Berá*
 Obrigar *Miste crija*
 Ocupar *Telálu*
 Odio *Iaha Samadià*

Olha	<i>Lià</i>
Olho	<i>Matá</i>
Ora	<i>Pocul</i>
Orelha	<i>Copim</i>
Orvalho	<i>Ujan lante</i>
Oço	<i>Tulam</i>
Ovo	<i>Tolor</i>
Ourina	<i>Quinxim</i>
Ouro	<i>M'has</i>
Ouvir	<i>Damhar</i>
Ombros	<i>Bahu</i>
O mesmo	<i>Ilu</i>
Onde	<i>Mami</i>
Outro	<i>Laen</i>
Outro dia	<i>Luça</i>
Orta	<i>Quebon</i>

P

Pay	<i>Bapá</i>
Primo e Prima	<i>Sudarà Supupu</i>
Praya	<i>Pante</i>
Porco	<i>Baby</i>
Prato	<i>Pingão</i>
Pão	<i>Roti</i>
Peixe	<i>Ican</i>
Peixe seco	<i>Daim</i>
Portuguez	<i>Oram Sarani</i>
Piloto	<i>Malim</i>
Panella	<i>Priou</i>
Pente	<i>Sesir</i>
Pentear	<i>Sesir Rombo</i>
Pulso	<i>Meen</i>
Peito	<i>Dadá</i>
Pescoço	<i>Leer</i>
Pentelho	<i>Bulu</i>
Pica	<i>Butou</i>
Pernas	<i>Pahá</i>
Pes	<i>Caqui</i>
Pedreiro	<i>Tucam batu</i>
Punho	<i>Roflé</i>
Pescocinho	<i>Dassy</i>
Pano	<i>Caim</i>
Pano de vestir	<i>Paque</i>
Polvora	<i>Obabedel</i>
Putá	<i>Sundal</i>
Pimenta	<i>Ladá</i>
Papel	<i>Cretase</i>
Pena	<i>Sayé</i>

Parede	<i>Tembu</i>
Paò	<i>Cayu</i>
Porta	<i>Pintu</i>
Padre	<i>Agí</i>
Perder	<i>Ilaou</i>
Pataca	<i>Ringue</i>
Pataca de Ma-	<i>Reale Compani</i>
laca	
Pataca cortada	<i>Realí obatu</i>
Prata	<i>Perá</i>
Pequeno	<i>Quixil</i>
Passageiro	<i>Dágáo</i>
Parar	<i>Brimtim</i>
Prezo	<i>Curon</i>
Pedáço	<i>Sabagui</i>
Pouco	<i>Sedique</i>
Presente	<i>Antar</i>
Preto	<i>Itan</i>
Pedir	<i>Mintá</i>
Perguntar	<i>Tainhá</i>
Pela manhã	<i>Pagi</i>
Pelle	<i>Coelete</i>
Pagar	<i>Padam</i>
Palavra	<i>Pacatan</i>
Pancada	<i>Pocol</i>
Par	<i>Sepassan</i>
Parecer	<i>Nampá</i>
Parir	<i>Braná</i>
Partida	<i>Bagui</i>
Partir	<i>Baguian</i>
Pasmar	<i>Taehanan</i>
Passear	<i>Bajalan</i>
Passar	<i>Manha brame</i>
Pé	<i>Caqui</i>
Pessa	<i>Mariam</i>
Pecado	<i>Dassá</i>
Peçonha	<i>Rachom</i>
Pedra	<i>Batu</i>
Pega	<i>Tamdá</i>
Peleja	<i>Perram</i>
Pena	<i>Bulu</i>
Penhor	<i>Gadian</i>
Perceber	<i>Mamarti</i>
Perdão	<i>Ampon</i>
Perto	<i>Decat</i>
Pezar	<i>Timbam</i>
Pezo	<i>Timbalam</i>
Pessoa	<i>Oram</i>
Piolho	<i>Cutu</i>
Pobre	<i>Mesquim</i>

Poço	<i>Perigui</i>
Por	<i>Taró</i>
Porto	<i>Cualá</i>
Posse	<i>Tampat</i>
Povo	<i>Campon</i>
Preço	<i>Argá</i>
Perdição	<i>Rogui</i>
Pregar	<i>Pacu</i>
Prender	<i>Blajar</i>
Pressa	<i>Lacas</i>
Primeiro	<i>Dulú</i>
Príncipe	<i>Ana Raja</i>
Procurar	<i>Chary</i>
Proveito	<i>Vmton</i>
Puxar	<i>Taré</i>
Poupa	<i>Aloam</i>
Proa	<i>Mocá</i>
Ponta	<i>Pochó</i>
Pode	<i>Bolé</i>
Pepino	<i>Timon</i>
Pó	<i>Passér</i>

Q

Qual	<i>Apá</i>
O que	<i>Apá</i>
Quero	<i>Maum</i>
Querer	<i>Maum</i>
Quitar	<i>Culuar</i>
Quentura	<i>Panaç</i>
Quem	<i>Siapá</i>
Quilha	<i>Panta capali</i>
Queijo	<i>Queizo</i>
Queixa	<i>Bartaó</i>
Queimar	<i>Bacar</i>
Queda	<i>Bimù</i>
Quaze	<i>Amper</i>
Quebrar	<i>Pechá</i>
Quanto	<i>Brapá</i>
Quando	<i>Apaginis</i>

R

Requerer	<i>Mintá</i>
Rio	<i>Sunhe</i>
Revolta	<i>Catou</i>
Reza	<i>Baxà</i>
Riba	<i>Ataz</i>

Riqueza	<i>Caijá</i>
Rir	<i>Tataloà</i>
Relógio	<i>Oreloge</i>
Rica	<i>Caijá</i>
Rodear	<i>Culilim</i>
Rogar	<i>Mintá</i>
Ruim	<i>Ijahá</i>
Romper	<i>Coija</i>
Roupa	<i>Paquian</i>
Rota	<i>Simambù</i>
Rota fina	<i>Rotan</i>
Ruina	<i>Rugui</i>
Rey	<i>Rajá</i>
Rupia	<i>Rupia</i>
Rato	<i>Ticus</i>

S

Sol	<i>Paná</i>
Salgado	<i>Garam</i>
Salgar	<i>Taró garam</i>
Sal	<i>Garam</i>
Saya	<i>Sayá</i>
Soldado	<i>Soldadú</i>
Sapatos	<i>Cassú</i>
Sobrancelhas	<i>Quenim</i>
Sapateiro	<i>Tucan cassú</i>
Sim	<i>Yá</i>
Senhora	<i>Inche</i>
Senhor	<i>Tucan</i>
Serveidora	<i>Buda pram-puam</i>
Senhora Velha	<i>Oran tuá</i>
Senhor Velho	<i>Tuá</i>
Servidor	<i>Buda laqui laqui</i>
Solteira	<i>Anadará</i>
Sentir	<i>Raçá</i>
Sentido	<i>Acal</i>
Sentada	<i>Adadudou</i>
Sombreiro	<i>Paijon</i>
Santopea	<i>Alipan</i>
Saltar	<i>Blompà</i>
Suspirar	<i>Susa</i>
Surdo	<i>Tuli</i>
Samatra	<i>Ribou</i>
Seco	<i>Querim</i>
Secreta	<i>Jamban</i>
Sujo	<i>Xemar</i>
Sabado	<i>Arinamb</i>

Saber	<i>Taou</i>
Saco	<i>Casim</i>
Sabor	<i>Rassá</i>
Sangrar	<i>Coluardarat</i>
Sangue	<i>Darat</i>
São	<i>Jhá</i>
Sapo	<i>Cará</i>
Saudades	<i>Quesiam</i>
Sede	<i>Ais</i>
Seguir	<i>Ecat</i>
Semear	<i>Tanam</i>
Sequer	<i>Maou</i>
Serrar	<i>Gargaiji</i>
Serviço	<i>Querija</i>
Servir	<i>Bacarija</i>
Sinal	<i>Tandá</i>
Suar	<i>Pallou</i>
Sobejar	<i>Lebé</i>
Soberbo	<i>Asaram</i>
Segunda feira	<i>Ari Satu</i>
Socego	<i>Senaò</i>
Sofrer	<i>Tahan</i>
Som	<i>Bonhi</i>
Soma	<i>Ijumalá</i>
Sobir	<i>Nahe</i>
Sutil	<i>Aluz</i>
Sujar	<i>Berak</i>
Somir	<i>Sumbunhy</i>
Suspender	<i>Trecaatas</i>
Sustentar	<i>Tamgom</i>
Susto	<i>Tucujò</i>
Sexta feira	<i>Ary Iju mahat</i>

T

Toalha	<i>Caim</i>
Tabaco	<i>Tambacu</i>
Tigella	<i>Mancumbuça</i>
Testa	<i>Dagù</i>
Tezoura	<i>Guntim</i>
Tem	<i>Adá</i>
Traze	<i>Bauà</i>
Triste	<i>Ati suçà</i>
Tristeza	<i>Ati suçà</i>
Teto	<i>Lutim</i>
Trocida de luz	<i>Sumbu</i>
Tijolo	<i>Batù</i>
Tanga dinheiro	<i>Saperá</i>
Tambaque	<i>Suaçà</i>
Torcida	<i>Potrabalé</i>

Telha	<i>Pantim</i>
Taverna de vi- nho	<i>Quede juá Lará</i>
Taverna q̃ dá comer	<i>Romá casi, ou macan oram</i>
Tolo	<i>Guelá</i>
Tirar	<i>Culuar</i>
Tanto	<i>Bainhá</i>
Trocar	<i>Tucar</i>
Trovão	<i>Guntor</i>
Taboa	<i>Papan</i>
Teima	<i>Ati craç</i>
Teimar	<i>Ati craç</i>
Temer	<i>Tacat</i>
Tempero	<i>Ramparampa</i>
Tenso ou tenro	<i>Mudá</i>
Tezo	<i>Tierreé</i>
Testemunha	<i>Sauí</i>
Teu	<i>Lupunhá</i>
Tio ou Tia	<i>Pá mudá</i>
Tingir	<i>Chaló</i>
Tocar	<i>Pocol bisla</i>
Todo	<i>Semonhá</i>
Tomar	<i>Ambel</i>
Topar	<i>Baijompa</i>
Tope	<i>Motú</i>
Torcer	<i>Putar</i>
Tormento	<i>Saquetan</i>
Tornar	<i>Sambaly</i>
Torno	<i>Bacia</i>
Torto ou Torta	<i>Butá</i>
Trago	<i>Bauá</i>
Traidor	<i>Tidabale par- chaia</i>

Tranca	<i>Lipat</i>
Traz	<i>Balacan</i>
Trastes	<i>Barambaram</i>
Travessa	<i>Loron</i>
Tremer	<i>Gajam</i>
Trincar	<i>Icat</i>
Troca	<i>Tucar</i>
Tiro	<i>Bubunhi</i>
Tudo	<i>Semonhá</i>
Terra	<i>Negri</i>

V

Vaca	<i>Lumbu</i>
Vitella	<i>Lumbu muda</i>
Valer	<i>Telon</i>

Vagar	<i>Plahan</i>	Untar	<i>Sapu</i>
Valia	<i>Tavir</i>	Voar	<i>Terbam</i>
Vale	<i>Valé</i>	Vomitar	<i>Montá</i>
Vão	<i>Pegui</i>	Vou	<i>Pegui</i>
Varrer	<i>Sapú</i>	Voz	<i>Suará</i>
Vazar	<i>Passar</i>	Você	<i>Inche</i>
Veja	<i>Vrrat</i>	Uzado	<i>Paquian Lamà</i>
Veja	<i>Lia</i>	Vinho	<i>Angör</i>
Vella do Navio	<i>Layar</i>	Vestir	<i>Paque</i>
Vella	<i>Lindin</i>	Vai	<i>Pegui</i>
Velho ou Velha	<i>Tuá</i>	Vou	<i>Pegui</i>
Vencer	<i>Manam</i>	Verdade	<i>Butul</i>
Venda	<i>Iual</i>	Vir	<i>Nanti datan</i>
Vento	<i>Ahim</i>	Vinha	<i>Cücü</i>
Verá	<i>Lià</i>	Verdura	<i>Sayor</i>
Verde	<i>Ijou</i>		
Vermelho	<i>Merá</i>		X
Vergonha	<i>Malu</i>	Xeirar	<i>Xium</i>
Vestido	<i>Mindidi</i>		
Vejo	<i>Datan</i>		Z
Veze	<i>Sacaly</i>		
Ver	<i>Tenon</i>	Zagaya	<i>Lembem</i>
Viagem	<i>Blajar</i>	Zemboa ou To- ranja	<i>Buajambua</i>
Vigia	<i>Sagà</i>	Zombar	<i>Ajou</i>
Vil	<i>Ijahat</i>		
Vinagre	<i>Chucà</i>		
Vir	<i>Mari</i>		

II. DIALOGO

Portuguez

Eu venho logo
 Eu venho outro dia
 Eu não posso vir
 Rogar por força
 Não posso responder
 Eu espero
 Eu torno a vir
 Adonde tem
 Vai chamar
 Onde vai
 Eu estou contente
 Ia morreo
 Eu morro
 Quem passa na rua
 Quem entra?
 Quem vem?
 Quem tem?

Malayo

Guadá atan
Guadá atan Luçà
Guada trebole datan
Mintá dahan cras
Minhaò
Guanan anti
Guada atan cambali
Dimaná adá
Pegui Panguel
Dimaná Pegui
Guita ada Suca
Suda matim
Gua matim
Siapa adajalam?
Siapa massu?
Siapa datan?
Siapa ada?

Olha se vem
 Eu vou
 Meu Amigo
 Voce vende barato?
 Quer fazer negocio?
 Tem filhos
 Voce quer muito caro?
 Por vossa merce
 Nos juntos
 Quem bate aporta?
 Esta triste?
 Esta sentada?
 Bom caminho
 Aonde vai?
 Vou vezitar
 Vou passear
 Vou a caza
 Passe bem a noite
 Quantas horas?
 Huma hora
 Meia hora
 Hum quarto de hora
 Vai buscar
 Vai comprar
 Vai vender
 Huma peça de pano branco
 Huma pessa de lenços
 Hum pano de vestir
 Como está vossa merce
 Bom de saude
 Dormio anoite?
 Quer dormir?
 Quer beber cha?
 Dá cá cadeira
 Atiça a Luz
 A Luz acabou
 Para onde Navega
 Quero ir por muitas terras
 Quanto mezes vem
 Não posso saber
 Quem esta ahi
 Quem busca?
 Busco ao Senhor
 Vá você que eu logo vou
 Quero vizitar
 Quem manda?
 Senhora minha
 Chamo pelo Senhor
 Seu marido esta em casa
 Já sahio foi para a cidade

Lia ada datan
Gua pegui
Quita punha Sobat
Inche joal morà?
Guaman mau beniaga
Ada aná
Inche maun mahal?
Daná dià
Quita oran dòo
Siapa pocul de pintu?
Suça ati?
Ada dudor
Salaman Ialam
Dimaná Pogui
Lumana Pogui
Gua maun Pegui jalam
Gua maun pegui roman
Salaman Tidor
Pocul brápà
Satu pocul
Setaan jame
Separó jame
Pegui Xari
Pegui belli
Pegui joali
Satu caiu caim pute
Satu caiu caim saputan
Satu caiu caim paque
Bagui mana ada bay
Guada bay
Tidor Malam
Maum Tidor
Maum minau té
Cassi caroci
Guntim Lin Lin
Suda abis Lin Lin
Dimaná Blajar
Mau pogui banha Negri
Brapa bulam datan
Trabole taò
Siapá ada Situ
Siapa cheri
Cheri sama Tuam
Pulam lu saya datan
Gua maun singá
Siapa Suró
Inche Saya
Panguel Pada tuan
Laqui inhan ada roman
Suda cluar jalam Cata

Muita saudade dentro no coração

Que mulher he aquella

Mulher de outra gente

• Graciosa Dama

Magra delgadinha

Estas triste?

Porque cauza?

Ficou enganado

Athe que tenhas vida

Que faz com o dinheiro

Contrata em fazendas

Mofino de Amor

Quem demim se não Lembra

Desprezastes meu Amor

O d'antes passado

Mostraste-me tanto favor

Quem tem capa escapa

Galinha da nossa vezinha

Mais gorda que a minha

Gente forasteira

Amigos confrades

Tomar conselhos

Banha rendu dalam ati

Apa prompuam itu

Beni oram

Chante Dayam

Quexil mulé

Sugol apá?

Apa Sabap

Tingal bohóm

Sampe ada ya taida aculopa

Apa guiná ringue

Beniaga Dagaam

Chiliaca Caquiase

Podá acu taida canam

Inacan Gase Saya

Daulou Comedian

Debary banha Ormate

Ada dindin bule Thanha dap

Ayame sebelá Lebe Gomó

Taré quitá punhá

Oran dagan

Soba tandé

Safacate Soma

TRADIÇÕES POPULARES DE ATALAIA

2.^a SERIE(Vide *Rev. Lusitana*, xi, 96 sgs.)

I. ORAÇÕES

1

Ao deitar

Deitae-vos, Senhor, co'a minh'alma,
 Fazei d'ella travesseiro,
 Pelo descanso que tiveste
 Na arvore da bella cruz
 Por amor de meus pecados,
 Amantissimo Jesus.

2

Ao entrar na igreja

Nesta casa santa entrei,
 Agua benta tomei,
 Por mim derramei,
 Quero falar com Jesus
 Para sempre, amen.

3

Idem

Nesta casa santa entrei,
 Onde está o calix bento
 E a hostia consagrada;
 Venho tomar agua benta
 P'ra que os inimigos
 Fujam da minh'alma.

4

Ao mudar o missal

Mude-se o missal,
 Mude-se a flor do campo,
 Mude se a minh'alma
 P'r'ó divino Espirito Santo.

5

Ao passar no Calvario

Ó Calvario, ó calvente,
 Oh que mimo tão innocente,
 Fostes a padecer morte
 Oh que tão *incruelmente*.

6

Para dizer na semana santa

Ó meu Deus, alto, *pedroso*,
 No ceu glorioso
 Pelos martyrios que passaste
 Já não tem fim nem cuidado,
 Já vos andam *abrolhar*;
 Quem se houver de confessar
 Tanto os homens como mulheres
 Testemunhos na verdade
 Lá ireis, lá iremos.

As portas do ceu abertas
Acharemos-las como estão as do inferno

Negras e *aposanhadas*,
Parecem ser casas queimadas.
Uma alma que lá estava
Gritava e clamava
Oh quem nunca fôra nada,
Nem tão pouco engenhára,
Nem tantos tormentos passára.
N. Senhora que ouvia,
No seu coração lhe pesava
— Anda cá, meu bemdito filho,
Que vos quero pedir e rogar
Não mandeis as almas p'r'ó inferno,
Que isso parece muito mal.
— Ó Senhora Minha Mãe,
Quando eu fui ao mundo
Mais meu primo S. João
Deixei-las vacas e os bois
P'ra *samearem* o pão,
O sol para de dia,
A lua para de noite
E as estrellas resplandescentes,
E as nuvens p'ra botarem agua.
Agora, Senhora Minha Mãe,
Mil tratos me farão,
A casa de Herodes me levarão,
Um prato de cravos
Nos meus sagrados pés me porão,
Uma cruz de setenta arrobas
Nos meus sagrados hombros me porão,
Uma *crôa* de setenta e dois espinhos
Na minha sagrada cabeça me porão,
Agora, Senhora Minha Mãe,
Quem esta oração disser
Sete vezes na quaresma
Outras tantas no *carnal*
Irá jantar com Jesus
À mesa real.

7

Despedida do mundo

Adeus mundo, adeus mundo,
Já de ti não quero nada,
Chama-me Deus a contas
A fazer uma jornada.
Oh que jornada tão escura

Sem saber por onde hei de ir.
Valha-me a Virgem Maria,
Quando d'este mundo partir.
Como apparecerei, Senhora,
Ante a vossa real presença?
Perdoae-me os meus pecados,
Deitae-me a vossa benção.

8

Despedida da alma

Uma noite triste escura
Pelo rigor do inverno
Morreu alma peçadôra,
De sem receber sacramentos
Foi ao tribunal divino:
— Ó Senhor Meu Jesus Christo,
Eu visitar vos venho,
Se sou ovelha perdida
Recolhei-me ao vosso rebanho.
— Escuta-me, ó alma dolosa,
Como t'eu escutei a ti;
Deixei-te os meus calvarios,
Passeava-las correndo;
Deixei-te as minhas missas,
Nunca estavas com sossêgo;
Entre o calix e a hostia
Sempre *t'atopei* dormindo.
Ensinei-te a persignar,
Não quizeste aprender.
Aprendeste a soberba,
A soberba não sobe ao ceu,
Agora irás penar
As profundas do inferno.
— Ó meu Filho tão amado,
Filho do Padre Eterno,
Pelo leite que mamaste
Destes meus sagrados peitos
Tem conta nessa alma,
Qu'ella já se vae perdendo.
— S. Miguel pesava as almas
Chegava o peso ao chão,
A Virgem tirou o manto
O pôs sobre a balança.
Pela graça de Maria
Fica o peso *inseleante*
Christão, pega no rosario,
Ao chão não o deixes ir,
Que a Virgem é *piadosa*,

Sempre por nós está pedir.
 Quem esta oração souber que o diga,
 Quem o ouvir que o aprenda,
 Lá virá dia de juízo,
 Lá terá quem o defenda.

9

Quando Christo suspirou

Depois de Christo suspirar
 Posto no alto da cruz,
 Sol, Terra, fogo, agua e ar
 Chorava a morte de Jesus.
 Estava a triste desconsolada
De sem ter com quem se valer.
 Meu Jesus na cruz estava
De sem della o poder descer.
 Nicodemos e José
 Desceram a Deus da cruz,
 Morto e amortalhado
 Sepultaram a nosso Jesus,
 Cobriram-no co'a pedra fria.
 A divina humanidade
 Contemplaes com *piadade*.
 Oh como a Senhora ficaria
 Posta em tanta *solidade*!
 Oh que maguado suspiro
 No seu coração lhe diria
 Naquelle tão triste dia!
 — Ó pedra endurecida,
 Dá-me um filho amado,
 Querido da minha vida,
 Pois já tão só me deixaes,
 Filho meu, me desacompanhaes.
 — Alcançae-nos, Virgem pura,
 Graça e *piadade*,
 Do vosso filho perdão,
 Senhora da *Solidade*.

Santo Antonio glorioso,
 Filho de Deus Padre e Todo Pode-
 roso.

Uma alma que me destes,
 Não m'a deixeis morrer triste
 P'ra dizer esta oração.
 Quem esta oração disser
 Um anno continuamente
 Saberá bem certamente
 Quando Deus o ha de levar

Quinze dias antes da morte.
 Confessa-te, pecador,
 Contigo eu, Senhor.

10

Oração de S. João

Oração de S. João,
 Põe o pé no *pavião*
 E a mão na barreirinha
 P'ra chegar á cadeirinha
 Neste campo *sustrial*.
 Está uma rosa parida
 No collo da Virgem Maria.
 Quem esta oração disser
 Tres vezes na quaresma
 Outras tres no *Carnal*,
 Terá a sua alma tão pura
 Como o raminho de crystal.

11

Pego na minha mantilha,
 P'r'a missa vou,
 Tantos anjos m'acompanhem
 Como de passadas eu dou.

12

Quando se põe o sol

Ó sol, vae-te *despoindo*
 Lá p'ra trás d'aquella serra
 Co' uma capinha amarella
 Que *la* deu a Magdalena.
 Magdalena escreveu
 Uma carta a Jesus Christo,
 O portador que a levava
 Era o padre S. Francisco.
 S. Francisco vae descalço,
 Vestidinho de burel,
 Vae *arreceber* as chagas
 Do Divino Manuel.
 Quatro frades o levavam
 Mettidinho num caixão,
 Cuidavam qu'era um paninho
 Para S. Sebastião.
 S. Sebastião sagrado,
 Amado dos portugueses,
 Agora em todo o sempre,
 Agora em todas as vezes.

13

Para se dizer quinta feira santa

Dia de quinta feira santa
 Tres dias antes da Pascoa
 Morreu Nosso Senhor Jesus Christo
 Por seus discipulos chamava,
 Chamava d'um em um,
 De dois em dois se lh'ajuntavam
 — Andae cá, discipulos meus,
 Filhos das minhas entranhas,
 Qual ha de ser o que esta noite
 Por mim ha de morrer?
 — Olhavam uns para os outros,
 Nem um resposta lhe dava,
 Só S. João lhe disse:
 Eu por *vós morrer* esperava.
 Lá pelo meio da noite
 Tres Marias se lh'ajuntaram,
 Uma era Magdalena,
 Outra era a Virgem Pura,
 Outra era sua irmã Madre,
 Era a que mais pena lhe dava.
 Uma lh'alimpava os pés,
 E outra lh'alimpava o rosto,
 Outra *lh'apulia* o sangue
 Que Jesus Christo derramava.
 O homem que beber o sangue
 Será bem afortunado,
 Neste mundo será rei,
 No outro será rei *croado*.
 Quem esta oração souber que o diga,
 Quem o ouvir que o aprenda,
 Lá virá dia de juizo,
 Lá terá quem o defenda.

14

Padre nosso maior

Padre nosso maior,
 Sempre de meu Senhor Jesus Christo,
 Quando os anjos vão p'ra gloria
 Todos vão em procissão,
 S. Pedro leva a cruz,
 S. João leva o pendão,
 Debaixo d'aquelle pendão
 Vae um grande *armento* armado,
 Vae meu Senhor Jesus Christo
 Com pés e mãos *encravados*,

O sangue d'elle corre,
 Corre p'r'ó calix consagrado;
 Todo o homem que o beber
 Será bem afortunado,
 Neste mundo será rei
 E no outro será *croado*.
 Quem esta oração disser
 Um anno continuamente,
 Saberá certamente
 Quando Deus o vem buscar;
 Nossa Senhora virá avisar,
 Communga se tens logar,
 Á hora da tua morte
 Os anjos te vem buscar.

15

Oração

Sai alma devota,
 Sai, vereis o que leva
 Uma corda ao pescoço:
 Por ella vae puxando
 Aquelle malvado povo.
 Sai que já vae saindo,
 Da Virgem despedindo,
 Com todos os seus apostolos
 Só tres leva comsigo.
 Já d'espinhos o c'roaram!
 Rei dos ceus e vossa terra
 Os vossos mesmos naturaes
 Vos causaram toda a guerra.
 Tendes o cabello entrançado,
 Em sangue banhado,
 Amarrado vae cordeiro,
 Amarrado vae á cruz,
 Vae morrer por nos dar vida
 Nosso capitão Jesus.
 Essa face *gericada*
 Coberta vae de tristeza
 Tão feia *desafigurada*
 Que s'espanta a natureza.
 Os olhos do meu Redemptor
 Já os vejo tão quebrados
 Como o sol sem resplendor.
 Tendes o nariz negro pisado,
 Tendes a boca cheia
 De fel e sangue coalhado,
 Tendes as veias vazias,
 Ó rei das tres monarchias,

Tendes os braços abertos
 Com que a todos nos chamaes,
 Tendes os pés *encravados*,
 Qu'é o que de nós esperaes ?
 De novo se rompe o veu,
 O sol e a lua de longe se encerram,
 Choram os anjos da paz
 A morte do seu Senhor.
 Choremo-la nós tambem
 Como a Virgem magoada
 Que morreu em Jerusalem
 Ao pé da cruz trespassada.
 Este passo verdadeiro
 Resemo-lo na paixão,
 Qu'é de Christo Senhor Nosso
 E bem da salvação.

16

Ao entrar na igreja

Deus te salve, casa santa,
 Dos anjos és allumiada,
 Venho a tomar agua benta
 P'ra qu'os inimigos fujam da minh'
 alma.

17

Ao levantar

Meus pés ponho em terra,
 Minha alma com guia,
 N. Senhora vá em minha companhia
 Padre Nosso e Ave Maria

Bemdita seja a luz do dia
 Que é perfeita claridade,
 Entrego-me a Deus
 E á Santissima Trindade.

Ponho meus pés em terra
 Meu corpo em via,
 Entrego minh'alma á Virgem Maria
 Padre Nosso e Ave Maria.

18

Para quando tocam á missa

Tocam á missa do Redemptor,
 Eu não posso ir a ella,
 Jesus Christo, meu Senhor,
 Me dê parte e quinhão nella.

19

Ao entrar na igreja

Agua benta te recebo
 Em desconto dos meus pecados,
 P'ra que á hora da minha morte
 Elles me sejam perdoados.

20

Ao ajoelhar

Venho-vos a ver, Senhora,
 Que ainda vos hoje não vi,
 Venho-vos a pedir, Senhora,
 Que ainda vos hoje não pedi,
 Salvação para a minh'alma,
 Graça por vo-la vir pedir.
 Deus nos salve, filha de Deus Padre,
 Deus vos salve, Mãe de Deus filho,
 Deus vos salve, esposa do Espirito
 Santo,
 Templo e sacrario da Santissima Trin-
 dade,
 Maria Santissima, Mãe de misericordia,
 Defendei-me e ampara-e-me
 Dos meus inimigos do corpo e da alma.

21

Quando o sacerdote sae da sacristia

Donde vindes sacerdote,
 Que assim vindes revestido,
 Assim vindes escondido ?
 Vindes a consagrar o pão
 Para a nossa salvação.

22

Ao chegar ao altar

Contemplemos a sagrada morte e
 paixão de Nosso Senhor Jesus Christo
 quando veio para o horto a orar com
 tanta violencia que com o seu sagrado
 sangue chegou a regar a terra.

23

Ás perges (por asperges)

Donde vindes, cavalheiro fidalgo ?
 Com as armas de Jesus Christo vinde
 armado,

Deus vos deixe dizer missa sem ten-
tação do pecado,
Deus me deixe assistir a ella desde o
principio até ao cabo.

24

Ao lavar

Lavo as minhas mãos
P'ra que Nossa Senhora me lave o
coração,
Lavo a minha cara
P'ra que Nossa Senhora me lave a
minh'alma.

25

Ao apagar a candeia

Deus nos veja,
E o pecado cego seja
Que nunca nos veja.

26

Ao sair de casa

Eu, Senhora, fóra saio,
Com o leite da Virgem Maria vou
borrifado,
Por diversos caminhos irei,
Bons e maus encontrarei.
Anjo custodio,
Cordeiro na cruz,
Custodia é santa,
Salvae-nos Jesus.
Jesus crucificado,
Filho de Deus vivo,
Donde entra Jesus
Não entra má perigo
Padre Nosso e Ave Maria.

27

Ao olhado (ensalmo)

Dois t'o deram,
Tres t'o hão de tirar,
Que são as tres pessoas da Santissima
Trindade.
Se t'o deram na cabeça,
Que t'o tire Santa Apollonia,

Se t'o deram no coração,
Que t'o tire S. João,
Se t'o deram na barriga;
Que t'o tire a Virgem Maria,
Se t'o deram no corpo todo,
Que t'o tire Deus que é todo poderoso
Padre Nosso e Ave Maria.

28

Ao acabar de comer

Senhora, já que me deste de comer e
beber
Sem eu o merecer,
Dae a salvação a minh'alma
Quando eu morrer.

29

Para rezar ao sol do corpo (ensalmo)

Izabel d'Enguia (por Hungria)
Pelo mar abaixo ia,
Com Nossa Senhora se encontrou,
Nossa Senhora lhe disse :
Volta atrás Izabel d'Enguia
A curar os teus meninos
De sol e calmaria
Com a folha da parreira
Vinagre e agua fria
Padre Nosso e Ave Maria.

30

Estrelinha gloriosa,
Tão perfeita como a rosa,
Quando Nossa Senhora nasceu
Todo o mundo enclareceu,
Só os perros dos judeus
Mataram a Nosso Deus;
Mataram e não mataram,
À cruz o arrumaram,
Seus pés correndo sangue,
Suas mãos outro tal.
Tate, tate, Magdalena,
Não te queiras lastimar,
Que estas são as cinco chagas
Que Deus tem para passar,
Pequeninos e grandes
Todos nos hemos salvar.

II. SUPERSTIÇÕES

1. Para afastar as febres dos animaes, faz-se nas respectivas cortes um defumadouro de *cisco* da ribeira e das encruzilhadas e muitas formigas.

2. Não se pode pedir lume emprestado a casa onde haja criança não baptizada, porque se torna muito desinquieta.

3. Quando vemos uma criancinha pela primeira vez, devemos dizer-lhe: benza-te Deus, Santo Antonio te guarde.

4. Onde soarem as palavras da *magnificat*, não cae raio nem peste.

5. Crê-se que dos cabellos de mulher mettidos na agua nascem cobras.

6. Não é bom varrer a casa á noite e deitar fora o *cisco*, porque se *avanta* a fortuna.

7. É benta a lingua dos cães, e cura as feridas que lamber: é recompensa por ter lambido as chagas de Lazaro.

8. Os cães que cruzam as mãos quando se deitam não se damnam.

9. Dia da Ascensão, do meio dia á uma hora da tarde, as aves não vão ao ninho com a alegria.

10. Quem assistir a sete missas novas vae para o ceu.

11. Quem contar as estrellas tantos *cravos* lhe nascem nas mãos.

12. Quando piam os mochos proximo da povoação é sinal de morrer alguma pessoa, e quando o sino *canta dolorido* tambem se dá o mesmo.

13. Anno de muitas nozes, anno de pouco pão; quantas nozes houver num *galhinho*, tantos tostões custará o alqueire do pão.

14. Os rosmaninhos teem um aroma tão agradável, porque foi nelles que Nossa Senhora collocara os cueirinhos a enxugar.

15. É sinal de morte certa termos uma veia de côr azul a aflorar na parte superior do nariz.

16. É necessario dizermos ao arrancar um dente:

Meu dente podricão,
Boto-te p'ra trás das costas
P'ra que nasça outro são.

Ao contrario, nasce torto.

17. Dia da Ascensão seca a raiz ao pão.

18. Crê-se que as moscas nascem das bogalhas.

19. Mettendo-se a *piára* do gado nas cortes dos animaes, levantam-se *malinas*.

III. COSTUMES RELIGIOSOS

1. Descrição da festa de Santo Antonio ou festa dos moços, que se fazia em Atalaia em 1875.

Nomeavam-se para dirigir a festa tres mordomos, com os nomes e encargos de *capitão*, *alferes* e *sargento*. Eram sempre escolhidos de entre os casados do anno anterior, como para dar a entender que deviam ir alegrar pela ultima vez e dar as despedidas aos companheiros de quem se apartavam.

Como deveres collectivos competia-lhes:

1.º Tirar as esmolas para ajuda da festa; isto é, a *janeira*, constituida pelo fumeiro que tiravam após as matanças, e que é arrematada em dia de Reis, e a do cereal tirada depois das colheitas e vendida ao preço corrente do mercado. Alem d'estas tiravam uma esmola só de trigo, com um fim especial que adeante veremos.

2.º Convidar uns dez ou doze rapazes já fortes, que deviam acompanhar o Santo na procissão, assistir á missa e dar as salvas.

3.º Pedir no quartel militar os uniformes e correame necessários para vestir aquelles rapazes, que ficavam constituindo a sua tropa e como tal sujeitos ás suas ordens.

4.º Mandar fazer dois enormes pães, ordinariamente de alqueire, da esmola especial do trigo, que eram collocados durante a missa nos altares lateraes, levados detrás do pallio, divididos em fatias e repartidas pelas casas mais prezadas á razão de uma pequena quantia com que subscreviam e cobrada pelos novos mordomos para ajuda da sua festa.

5.º Nomear os novos mordomos.

6.º Convidar duas das mais lindas raparigas da aldeia para levarem os pães.

Os deveres especiaes do capitão eram: convidar os padres, dar-lhes de comer, commandar a tropa, comprar o provimento para as descargas, comprar os foguetes e pôr do seu bolso, juntamente com o alferes, a despesa a mais do producto das esmolas.

Os do alferes: contribuir com o capitão, em partes iguaes, para a despesa que fosse alem do producto das esmolas, menos o pagamento ao tambor.

Os do sargento: pagar, alugar e acompanhar o tambor nas voltas ao povo.

Com estes elementos ponhamos a procissão em andamento.

Durante a missa estavam os pães nos altares lateraes do corpo da igreja, a tropa devidamente uniformizada e equipada fazia a guarda de honra e a continencia á elevação da hostia, ás vozes do capitão: *joelho em terra, em adoração*.

Pelo caminho a tropa ladeava o pallio e atrás iam as duas raparigas com os pães collocados em açafates.

Chegada á igreja: deixavam entrar todas as imagens e Santo Antonio ficava no terreiro para receber as honras dos mordomos, e eram d'esta maneira. Avançava o capitão, que lhe apresentava tres vezes a espada, estendendo e retrahindo o braço e, dobrando-a successivamente sobre a esquerda e direita, retirava para o seu posto; ia depois o alferes, que levava a bandeira e, depois de lh'a apresentar uma vez, fazia rodar em circunferencia, fazia mesura e retirava; seguia-se o sargento, que segurando uma alabarda na mão esquerda, fazia uma continencia e depois lh'a apresentava tres vezes, segurando-a com as duas mãos e da mesma forma que o capitão.

Cabia a vez á tropa, que dava uma salva ás seguintes vozes do capitão: *perfilar, apontar*, em honra de Santo Antonio, *fogo*.

Iam jantar para virem acompanhar o Santo á sua capella, que fica ao sul da povoação. Á entrada d'esta repetiam-se as mesmas continencias que á entrada da igreja, mas aqui ao som de rufos do tambor, com tres salvas, e tudo de chapéu na cabeça. Depois vinham para o terreiro da igreja, onde dividiam os dois pães que, como já disse, iam distribuir pelas casas mais ricas, mas agora já acompanhados dos novos mordomos.

Feito isto, e sempre acompanhados do tambor, iam dar as salvas pelas portas dos habitantes da povoação, indo primeiro a casa dos novos mordomos, pela ordem da sua hierarchia, e depois ás mais ricas, onde lhe davam muito vinho e tremoços. A algumas portas davam duas salvas, uma em honra do proprietario e outra em honra de Santo Antonio. Finalmente, ao cair da tarde, havia a corrida do gallo: todas as pessoas que passavam pelo terreiro da igreja eram obrigadas a bater no gallo com a espada do capitão, que estava collocada numa cadeira sob a cabeça do gallo, e dirigia-lhe uma cantiga. Eis algumas:

Viva o Sr. alferes
E o Sr. capitão:
Se querem a minha espada
Aqui a boto no chão.

O gallo gallarós
Que tens pennas de retrós:
Quando vae p'r'ó poleiro
Vae *sujando* para vós.

E assim passavam todo o dia nesta pandega, misturando o divino com o profano; e a povoação ao anoitecer cheirava a fumo, vinho, polvora e sangue, que ao menos era o do gallo, lembrando festas guerreiras, celebrando o triunfo da batalha.

2. No dia 1 de março vão as raparigas da aldeia *assoldadar-se* com Nossa Senhora, e dizem esta oração:

Comvosco me venho assoldadar,
Sagrada Virgem Maria,
Por todo o mês de março
Que tem trinta e um dia
E eu que vos quero rezar
Em cada um 31 ave-marias.

E cumprem a promessa, excepto no dia 25 que rezam cem e para cada uma se persignam, benzem e fazem uma humilhação e no fim dizem esta oração:

Ó Valle de Judafaz irás,
Teus inimigos d'alma encontrarás,
Tu lhe dirás, arreda, arreda, Satanaz,
Tu na minh'alma parte não terás,
Tu bem sabes e eu bem sei
Que ao dia de N. Senhora de Março, cheguei,
Cem ave-marias rezei,
Cem vezes me persignei,
Cem vezes me humilhei,
Cem vezes disse amen.
Perdoae-me vós, Senhora,
Se eu alguma vos erreí.

E no ultimo dia de março dizem o seguinte:

Soldada vos venho pedir,
Sagrada Virgem Maria,
De todo o mês de março
Que tem 31 dias
E eu que vos rezei
Em cada um 31 ave-marias,
Paz, amor e alegria
Salvação para a minha alma
Que era o que eu mais queria.

3. Ha o costume de collocar, durante a missa, vasos de flores nos altares lateraes.

4. Quinta feira de Ascensão todos os habitantes da aldeia dão ao parcho o leite das suas ovelhas, vacas e cabras.

5. Quinta feira de Ascensão, durante a missa, vão os rapazitos com assobios de cana e açafates de flores collocar-se no côro, pulpito e altar-mor, para tocarem e espargirem flores sobre os fieis e o padre.

6. Ha o habito de cantar na igreja durante a missa.

7. Vae-se á missa sempre de capote.

8. Nas ladainhas de maio costumam as mulheres levar durante a procissão uns feixes de ervas cheirosas, como trovisco, rosmaninho, etc., e que deixam na igreja até o dia da Ascensão, ficando com a propriedade de afugentar as *malinas* e as trovoadas.

IV. QUADRAS

1

Ó minha silva cheirosa,
Amargosa na raiz,
Não te gabes que me deixas,
Eu fui que te não quis.

2

Uma silva prendedeira
Que prende pelas paredes :
Tambem você me prendeu
E não foram poucas vezes.

3

Já não tenho minha Rita
Nem nesta terra parentes,
Sou filho das tristes ervas,
Neto das aguas correntes.

4

No quarto aonde eu durmo
Andam as penas voando,
Tantas são as qu'eu padeço
Que as desfaço cantando.

5

Tendes o loureiro á porta
Onde fazeis o raminho :
A quem destes os abraços
Dae-lhe tambem os beijinhos.

6

Tendes o loureiro á porta,
Tendes o balcão sombrio :
Quem tem sombra tem regalo
Quem tem regalo tem brio.

7

Uma silva prendedeira
Que prende pelas aradas :
Tambem você me prendeu
Com amorosas palavras.

8

Está um calor que abrasa,
Onde irei dormir a sesta ?
Á sombra do lyrio roxo,
Nos braços d'uma Josefa.

9

Vae alta a noite, vae alta,
E o Antoninho não vem,
Por força são amores novos
Que o Antoninho lá tem.

10

Tenho um lenço igual ao teu,
Igual ao teu aos corações :
Não se ponha com chalaças
Que não sou de mangações.

11

Eu não sou de mangações
Nem de chalaças tambem :
Chamar a minha madrinha
E tambem a minha mãe.

12

Tenho uma pena no peito,
Outra que me tu s'tás dando,
Outra que meu pae me dá,
Todas tres me vão matando.

13

Tenho uma prima na raia,
Outra em Valle de la Mula,
E outra nesta terra
Que dá combates na lua.

14

Ó prima, chamaes-me prima,
Eu, prima, não vos sou nada :
Daonde viria agora
Esta nossa primarada.

15

A alegria do meu peito
Foi você que m'a roubou :
Alegre como eu era
Tão triste qu'agora sou.

16

O amor enquanto é novo
Ama com muito cuidado,
Mas depois que já é velho
Mostra papel d'enfadado.

17

Ó paleio, ó paleio,
Eu bem tenho paleado :
Para certos individuos
Está o paleio acabado.

18

Salsa frita tem bom gosto,
Eu tambem gosto de ti :
Quando deixar de t'amar
Faz de contas qu'eu morri.

19

Dentro do templo sagrado
Tu juraste e eu jurei :
Tu juraste-me ser firme
Eu te ser leal protestei.

20

Ás faces do lindo ceu
Jurei e tenho jurado :
Só a ti e a mais ninguém
Amei e tenho amado.

21

Adeus logar d'Atalaia,
Agua que d'ella corria :
Tambem me lembram as falas
Que o meu amor me dizia.

22

Quero agora cantar
Que me corre agora a veia :
É um regalo cantar
Depois da barriga cheia.

23

Você diz que me não quer,
Não me importa, vou-me embora,
Eu tenho na minha terra
Quem de joelhos m'adora.

24

Vós dizeis que não ha rosas
Nem brancas nem amarellas :
Ide á rua da cadeia
Lá está um vaso d'ellas.

25

Amarello, amarello,
Amarello linda côr :
Quem fala do amarello
Fala mal do meu amor.

26

Tenho dentro de meu peito,
No fundo do coração
O retrato do amor :
Ninguém o ha de ver, não.

27

Tenho dentro de meu peito
Uma cadeira de vidro,
Onde se senta João (fulano)
Quando vae falar comigo.

28

Adeus logar d'Atalaia,
Ó fundo ajunta a neve,
No meio está uma mesa
Onde o meu amor escreve.

29

Esta noite bole o vento,
Cae a flor ao majarico :
Casa, amor, com *quim* quiseses,
Qu'eu bem satisfeita fico.

30

Todos os Josés são varios
Os Franciscos constantes :
Antoninho rei dos cravos
Manel rei dos amantes.

31

Adeus ó rua direita,
Ao lado direito fica :
Remedio para meus males
Já os não ha na botica.

32

Em Lisboa não ha sombra
Senão a que vem do ceu :
Assente-se aqui, menina,
Á sombra do meu chapéu.

33

Adeus ó pombal das pombas
Onde contigo falei :
Não me despedi de ti,
Voltei p'ra trás e chorei.

34

Mal haja quem inventou
No mar andar em navio :
Mal haja quem inventou
Dos meus olhos serem rio.

35

Adeus logar d'Atalaia
Religio que dá las onze :
Adeus meu lindo amor,
Da tua vista estou longe.

36

O ventinho do norte
Barre-me a minha varanda :
O amor qu'ha de ser meu
Por estas terras não anda.

37

Diga-me, ó Sr. ourives,
Quanta prata eu preciso
Para fazer uma ponte
D'Almeida até ao Enchido.

38

O meu amor alem vem,
Pelo andar o conheço :
Traz o chapéu á maromba,
O capote do avesso.

39

Menina se sabe ler
Leia-me o meu coração,
Que dentro d'elle ha de achar,
Se lhe quero bem ou não.

40

Eu acordei esta noite
Com o cantar da perdiz :
Ainda fui dormir um sonho
Nos braços de quem eu quis.

41

Quatro pontos quadrar,
Eu vivo na quadração :
Maria da Piedade
Roubaste meu coração.

42

Já lá vem o sol nascendo
Tanto portal que passou
S'eu não era do teu gosto
Diz-m'amor quem t'obrigou.

43

Attentei-me a beber agua
Debaixo d'uma latada :
Foi por ver os meus amores,
Qu'a sede não era nada.

44

Estás debaixo da latada
Nem á sombra nem ó sol,
Estás defronte do amor,
Não ha regalo melhor.

45

Adeus grades do Castello,
Poucas penas me deixaes,
A maior gloria que tinha
Era lá viver com meus paes.

46

Indo eu para a Guarda
Lá ao cimo da ladeira,
Olheip ara trás e disse :
Adeus ó Valle de Madeira.

47

A agua d'aquella presa
Vae regar aquelle chão :
Ninguem deixe por outrem
Amores da sua feição.

48

Passarinho voador,
Dá-me novas d'um amante,
Diz-lhe qu'eu ainda o amo
No peito *segredamente*.

49

Estaes defronte e eu á vista,
Eu morro, vós me mataes :
Dá-me um adeus com teus olhos
Já que não pode ser mais.

50

Moreirinha do *aidro*
Não assombra a igreja :
Que nestas horas d'agora
Ninguem logra o que deseja.

51

Eu sou pastor, guardo gado,
Tambem guardo ovelhas,
Aquellas que vão á missa,
Trazem pendentes nas orelhas.

52

Quando minha mãe me bate
Logo me puxa as orelhas,
P'ra que fuja dos rapazes
Como os lobos das ovelhas.

53

Ó luar, filho da lua,
Tu és o meu inimigo :
Estou á porta do amor
Não posso entrar contigo.

54

Adeus *talegre* da serra,
Adeus ó gesta negral :
Adeus amor encoberto,
Quem te podera falar.

55

Ó Sr. mestre ferreirinho,
Faça-me uma *fechadura*,
P'ra *fechar* a minh'alma
Que a *traigo* mal segura.

56

Se eu lera como tu
Lia no teu interior,
Entraria em teu peito,
Alcançara teu amor.

CARLOS A. MONTEIRO DO AMARAL.

TRADIÇÕES POPULARES E DIALECTO

DE

PENEDONO

Penedono é uma villa, capital de concelho, do districto de Vi-seu, na extremidade oriental da Beira Alta. É muito antiga, pois tem foral dado por D. Sancho II em 1232.

O trabalhinho que hoje publico é feito sobre os apontamentos e notas que ha tres annos me leram dois alumnos da 4.^a e 5.^a classe do lyceu do Porto, os Srs. Lopo de Gouveia Sobral, e Francisco Alberto de Almeida Ribeiro Saraiva, naturaes ambos da freguesia de Souto (5 kilometros ao norte da villa), onde foi colhido quasi todo o material.

As *orações* e *ensalmos* vão exactamente como me foram dadas, embora ás vezes inintelligiveis; o *vocabulario* foi totalmente refundido; a *phonetica* e *morphologia* foram escritas na sua integra por mim.

Oxalá que esta leve contribuição sirva de incitamento a muitos collegas de portugûes dos lyceus, que, sobretudo os das ultimas classes, muitissimo poderiam ajudar o director d'esta *Revista* no empenho de colligir as immensas riquezas de tradições e vocabulario que andam dispersas por todos os recantos do país.

Ha mais de quatro annos que eu marco invariavelmente aos alumnos de portugûes, para exercicio antes das ferias de Natal, *organizar o vocabulario da propria localidade*, e, antes das ferias da Pascoa, *colleccionar as tradições populares* (orações, ensalmos, versos, lendas, contos, superstições, usos, trajos, frases, ditados topicos, ditados em geral, jogos, rimas infantis, etc.) *da propria terra*, promettendo as melhores notas aos que apresentarem trabalho mais amplo e mais original, e até a publicação nesta *Revista* se fôr excepcionalmente bom.

Porto, Outubro de 1907.

ORAÇÕES

1

Padre Nosso Pequenino

Padre Nosso pequenino,
Quando Deus era menino
Tinha as chaves do Paraíso,
Quem lh'as deu foi a Virgem Maria.
Cruz em monte, cruz em fonte,
Nunca o peccado nos encontre,
Nem de noite, nem de dia,
Nem á hora do meio dia.
Já os gallos cantam,
Já os anjos se levantam,
Já meu Deus subiu á cruz,
Para sempre *amei* Jesus.

Variante

Padre Nosso pequenino,
Quando Deus era menino,
Tinha as chaves do Paraíso.
— Quem lh'as deu, quem lh'as daria ?
— Foi S. Gabriel
Para escrever no seu papel,
Para assentar a santa cruz,
Para sempre *amei* Jesus.

2

Ave Maria

Ave Maria
De grande valor,
Rainha dos anjos,
Do ceu resplendor,
Ó mundo vieste dar
Prazer e alegria.

3

Salve Rainha

Salve Rainha,
Rosa divina,
Cravo d'amor,
Mãe de N. Senhor.

4

Oração da Santa Arquinha

Santa Arquinha bem fechada,
Santo corpo de Jesus,
Cante o gallo, venha a luz,
Venha o anjo com a cruz
Para salvar a minha alma,
Para sempre *amei* Jesus.

Variante

Arquinha fechada, divino secreto,
Lá está Jesus naquelle deserto,
Tremendo-lhe a alma com o peso da
cruz,
Respondeu Pilatos a Christo Jesus :
Nem te temo, nem te temerei,
Nem medo terei.
Quem esta oração disser
Onze vezes na procissão,
Neste mundo terá paz
E no outro a salvação.

5

Oração do deitar

Nesta cama me quero deitar
Para dormir e descansar :
Se a morte vier e me quizer levar,
Entrego-me ao cravo, do cravo á cruz,
Entrego a minha alma ao menino
Jesus.

Variante

Nesta cama me deitei,
Sete anjinhos encontrei,
A Virgem na dianteira.
Ella me disse :
Dorme e repousa,
Não terás medo a nenhuma coisa.
Emquanto fôr,
Não terei medo nem temor.
Jesus Crucificado,
Filho da Virgem Maria,

Vós me guardaes esta noite
E amanhã por todo o dia.
Meu corpo não seja preso,
Nem minha alma perdida,
Nem meu sangue derramado,
Jesus Christo, Ave Maria.

Outra variante

Nesta cama me deitei,
Sete anjinhos encontrei,
Tres aos pés, quatro á cabeceira,
Nossa Senhora na minha dianteira.
Ella me disse :
Dorme e repousa,
Não tenhas medo a alguma coisa.

6

Estrellinha formosa,
Que ao ceu subiste,
Carreirinho abriste,
Menino achaste
Cobertinho de feno.
— De quem seria ?
De quem não seria ?
— Era da Virgem Maria.
Tomara eu a minha alma
Tão limpa de peccados
Como a coroa da Virgem Maria.

7

Nesta cama me deitei,
Não sei se me levantarei,
Na fé de Christo morrerei.
Acto da SS. Trindade,
Flor da divindade,
Salvador do marido,
Salvae a minha alma.
Dolorosa Senhora,
Da minha alma mais querida,
Que eu toda hei de ser vossa
Até ao fim da minha vida.
O *resgato* desta alma,
Dae-me vós a maior dor,
Que no Calvario sentiste
Quando morreu o Senhor.
Ó Senhora do resgate,
Querida do meu coração,
Resgatae-me os meus peccados,
Que são a minha perdição,

Compaixão, ó Senhora,
Piedade, ó Maria,
Senhora, por vós espero,
Lá na ultima agonía
Infinitas graças,
Infinitos louvores
Damos a N. S. Jesus Christo
Pela grande esmola e mercê,
Que nos faz e nos está fazendo
Sua honra e seu louvor.

8

Ao anjo da guarda

Anjo da minha guarda,
Sêmelhança do Senhor,
Que ao mundo fostes dado
Para amparo guardador,
Peço-vos, anjo bemdito,
Pela vossa graça e poder,
Nos laços do inimigo
Vós me podereis defender.
Em louvor do anjo da guarda,
Que nos guarde de noite e de dia
E de todos os perigos e trabalhos,
Por onde quer que formos e andarmos.

9

A cruz do ceu desça,
E se deite ao par de mim,
Jesus Christo falle e responda por
mim,
Para que meus inimigos
Se não possam vingar de mim.
Virgem da pureza
Com Deus nasceu,
Livrae-me do inimigo,
Não me deixeis perder.

10

Jesus Christo foi dizer missa
Com sua santa religião,
Comsigo levou S. Pedro, S. Paulo e
S. João,
Os doze apostolos qu'á mesa come-
ram,
Andae cá, meus filhos,
Que hoje vos darei de cear,
Para amanhã vos confessar :
O meu corpo vos darei por pão,

E o meu sangue por vinho real.
Quem esta oração disser
Tres vezes ao deitar,
Tres almas pode salvar :
A primeira a de seu pai,
A segunda a de sua mãe,
E a terceira a sua, qu' é a principal.

11

Contra a trovoada

Santa Barbara bem dita,
Que no ceu estás escrita
Com papel e agua benta,
Pedi a Jesus Christo
Que nos livre desta tormenta.

12

Tão alta vae a lua
Como o sol ao meio dia,
Mais alta vae a Senhora,
Quando para o ceu subia,
Madalena atrás della
Alcançá-la não podia.
Quando a chegou a alcançar,
Já ella tinha parido.
Tanta pobreza lá encontrou,
Que nem um cueirinho lá tinha ;
Lançou as mãos á cabeça,
Rasgou um veu que tinha
Em quatro, que Jesus embrulharia.
Desceu um anjo do ceu,
Pannos de oiro trazia,
Elle tornou a subir ao ceu
Cantar alleluia.
S. José lhe procurou :
— A parida como ficou ?
— A parida ficou boa
Num leito d'ouro
Forrado de prata fina.
Quem esta oração disser
Onze vezes na procissão,
Neste mundo terá paz
E no outro a salvação.

13

Senhora da Conceição,
Sois formosa e esclarecida,
Mãe de Deus e rainha da vida :
Fonte da consolação

Senhora, dae-me a mão,
Muito pobre e entristecida :
Do ceu, divino sacrario,
Minha Virgem do Rosario,
Meu fiel defensor,
Em todo o tempo do mundo
Valei-me sempre Senhor.

14

Minhas mãos mólho,
Minha cara lavo,
Para dar gostos á Virgem
E penas ao peccado.

15

Meus pés ponho no chão,
Minha alma vae em guia,
Valha-me o anjo da guarda
E a Virgem Maria.

16

Nesta cama me deitei
Com a lembrança da morte :
O inferno é tão forte...
Chamei pela Virgem Maria,
Que é uma bella companhia.
Quantos se deitam sãos
E amanhecem finados ?
Assim serei eu por meus peccados.
Se isto for e me tal acontecer,
Confessado e sacramentado
Na vossa santissima fé quero morrer.

17

Em baixo vem Jesus Christo,
Com a sua santa solidão,
Traz S. Pedro, S. Paulo e S. João
Todos á mesa comendo pão.
Andae cá, filhos meus,
Que vos quero confessar.
E amanhã commungar ;
Meu corpinho vos hei de dar,
Proximo como sangue *de real*.
Quem esta oração disser
Tres vezes ao deitar,
Terá (= e tiver) tantos peccados
Como areas o mar,
O campo de flores,
O ceu de estrellas,
Tudo N. Senhora lh'ha-de perdoar.



24

Anjo custodio,
Cordeiro na cruz;
Verbo divino,
Salvae-me Jesus.

25

Confissão de S. Pedro

Eu não sei de que te fias,
Nem dos teus altivos dias;
Com Deus andas á porfia,
A qual mais has de fazer;
Quando te vaes confessar,
Olha lá o que vaes fazer,
Que a Deus vaes prometter
De nunca mais o offender.
Se o peccado te attentar,
Antes morrer que peccar.
E um grande tormento chega
Que te arrependas
Nos infernos dos damnados,
Onde ha muitos confessados,
Sacramentados,
Nenhum faz tambem aventurado.
Não sejas Judas traidor
Que negou os seus peccados
Aos pés do confessor,
Renovando a confissão
Pedindo a Deus perdão.
Se te faltar uma verdade,
Por mais ouro que tenhas,
Mais prata que te sobre,
Se te faltar a caridade,
Bem te podes chamar pobre.
A caridade encobre
A multidão dos peccados.
A confissão que S. Pedro nos ensina,
Grandes esmolos tem na missa.
Olha que te vaes lavar
Áquella chaga do lado,
Onde está Nosso Senhor
Jesus Christo Crucificado
Lá te ficar o teu dia
E a hora em que has de ser castigado.
Podias-lhe dar remedio,
Não lh'o quizeste dar,
Agora, christão, chora.

26

Oração de Nossa Senhora Sant'Anna

Da Virgem Maria foste ama,
Ó templo de Deus subiste e desceste,
Ao loureiro vos *arrematasteis*,
Aqui *gemesteis* e aqui *chorasteis*.
— O meu Senhor Jesus Christo,
Fruto do meu ventre nunca o *quises-*
teis!

— *Calha, calha*, Anna,
Ouvido ou não *desoivido*
Que á porta d'oiro irás
Com teu marido S. Joaquim acharás,
Nelle te abraçarás,
Uma filha conceberás,
Por onde te chamará,
Maria, uma rainha.
Tão alta que Deus é boa criada,
Que no mundo não houve nada,
Quando vós *paristeis*,
Quando vós *visteis*
O nosso precioso neto
Na arvore da bella cruz,
Oh que dom que vós *pedisteis*.
Qualquer homem ou mulher
Que tiver por devoção
De rezar ou mandar rezar
Doze meses de continuação,
Peço-vos, santa bemdita,
Que é divina incarnação.

27

No alto do ceu
Se diz uma missa,
S. Pedro a diz,
S. João a adora:
Ditosa da alma,
Que nessa hora acorda.

28

Quatro cantos tem o quarto,
Quatro cirios estão a arder,
Quatro mil anjos me hão de levar.
Na hora em que eu morrer.

29

Jesus, Jesus,
Tres vezes Jesus

Em roda de nossa casa,
S. Pedro, S. Paulo,
S. João Baptista,
S. João Evangelista
Nos assista.

30

Jesus crucificado na testa,
Jesus crucificado na boca,
Jesus crucificado no meu peito,
Jesus crucificado na cama onde me
deito.

31

Oração contra o demonio

Cruz divina, ei-la aqui,
Espirito mau, fuge d'ahi;
Assim como o leão venceu a guerra
Pelas tribus d'Israel
Pela geração da vida,
Credo, credo, credo,
Alleluia, Alleluia,
Jesus, Ave Maria.

ENSALMOS

I

Para talhar o olhar

Passado sejas tu
Por estas mãos sagradas,
Que não tenhas perigos
Nem trabalhos.
Quando Jesus Christo nasceu,
Todo o mundo alumiu:
Vae-te d'aqui, malvado,
Para o mar degredado,
Ar de cinza,
Ar de igreja,
Ar de ribeiro,
Ar de excommungado,
Ar de todos os maus ares,
Que eu não sou que te atalho,
É Nosso Senhor e Nossa Senhora
Com um Padre Nosso e uma Ave Maria.

II

Para livrar do mau olhar

De dois te dou e tres te tiraram,
Que é S. Pedro, S. Paulo e S. João:
Se te deu o olhar por trás,
T'o tire o Senhor S. Braz,
Se te deu por diante,



T'o tire S. Vicente,
 Se te deu á hora do meio dia,
 T'o tire a Virgem Maria;
 Por vossa honra e louvor
 Um Padre Nosso e uma Ave Maria.

PHONETICA

Vogaes e diphthongos

1. O *a* e o *o*, protegidos, em syllabas iniciaes atonas dão *e* (ás vezes por dissimilação): *Pertugal*, *kestumes*, *kestura*, *ketovêlo*, *keração*, *lecrar* (*lacrar*), *precissão*, *precuração*, *precurar*, *trevão*, *Reberto*, *Nemão*.

2. O *o* aberto (*ó*) soa algumas vezes fechado (*ô*): *ôlha* (3.^a p. ind. pres. de «olhar»); e o *o* fechado também ás vezes soa *u*: *fumos* (= *fomos* do verbo «ser»), *sucos* (= *sôccos* ou *sóccos* da linguagem corrente), *pundes* (= *pondes*).

3. O *i* inicial soa quasi sempre nasalado: *Indalina*, *Inlysio* (*Elysio*), *inducação*, *inducar*, *inzame*, *ingreja*, *infectivo*, *inzecutar*, *inleição*, *inlastigo*, *inlegante*.

4. Vogaes mudadas por influencia das consoantes vizinhas:

a) Influencia das *nasaes*:

O *e* fechado (*é*) e ordinariamente tónico soa *a*, quando se segue *m* ou *n*: *Helânia*, *Madalana*, *fano*, *jamma*, *novana*, *perdamos*, *pikano*, *terrano*, *veramos*, *aljamas*; ás vezes succede o mesmo com o *e* surdo, como, por exemplo, em *opanião*.

b) Influencia das *gutturaes* e conjuntamente do *l* e *r*: *Maquelina*, *accupar*, *nagalho*, *Alvira*, *Arnesto*, *titalo*, *alifante*, *Balchor*, *libardade*, *libaral*, *jaração*, *amaricano*, *ralojo*, *salucos*, *arincú* (< *orincú* < *ourincú* ou *ouro* em *cú*, cf. *luç-o-cú*).

c, *g* mudam a vogal vizinha em *a*.

c) Influencia das *palataes*: *jinella*, *jimento*, *jinguir*.

j, *ch*, *x* mudam a vogal vizinha em *i*.

d) Influencia das *labiaes*:

Çupriano, *Musquita*, *Mulitar*, *mussíço*, *buber*, *luvar*, *vurmelho*, *vespura*, *purfeita*, *alfunete*, *çumiterio*.

p, *b*, *m* mudam a vogal vizinha em *u*.

5. Os ditongos atonos raras vezes se trocam entre si: diz-se porém *ouvir* e *oivir*; *ou* soa *oi* em *Goiveia*, e *oi* ou *ei* em *Loirenço* ou *Leirenço*; o caso mais ordinario é reduzirem (ou passarem a vogaes simples): *Ofemia*, *Ogenio*, *Locadia*, *Balchor*, *géstas*, *jolho*, *runir*, *solheiro*.

6. São raros os casos de ditongação de vogal: *sairro*, *paulito* (= *palito*. Ha aqui talvez a influencia de *pau*), *acuidir*, *chuiva*, *saibo* (o *i* nestas tres ultimas palavras é originario: *acutio*, *pluvia*, *sapio*), e ainda noutras formas verbaes, como: *copeias*, *agencieas*, *alumeias*, etc., por confusão de *-iar* e *-ear*.

Consoantes

7. Epenthese de *b*: *carumba*, *comboro*, *cambara*.

8. O *c* o *g* iniciaes raras vezes se trocam entre si: *Conçalves*, *Grisóstino* (*Chrysostimo*), *ganapé*, *gomito* e *gomitar*, que aqui se ouvem, são usuaes em muitas terras.

8-a. Epenthese de *g*, como que para evitar hiatos: *baciga*, *bacigo*, *fatiga*, *melanciga*, *réssiga* (*ressia* ou *restia*), *almotriga*.

9. Em *dinuvio* está *n* por *l*. Aqui parece haver influencia de *nuvem de agua*, associada á ideia de *diluvio*.

10. O *l* e o *r* permutam muitas vezes entre si, quasi sempre pelo principio da dissimilação, ou para evitar a repetição da mesma consoante dentro da mesma palavra: *retolicas*, *reclutas*, *merancholias*, *pirulas*, *alcanjo*, *Lucifel*.

11. Com o *r* dão-se ainda varios phenomenos, que convem distinguir. Umas vezes desloca-se dentro da palavra (metathese), outras cae, e outras intervalla-se em palavras, onde originariamente não existia.

a) Metathese: *Grabiél*, *largato*, *praceiro*, *pracer* (= *par'cer*), *trataruga*, *triatto*, *trigue* (*tigre*), *stresco*, *strovar*, *vrido*.

b) Exemplos de queda: *sakestia*, *Kestiano*, *Kestina*¹, *Fedrico*, *saugado* (por *saurgado*, de *salgado*), *rodigão*, *cacere*. (Estes tres ultimos exemplos podem explicar-se por dissimilação).

¹ [Por **sakerstia*, etc.: *rs* > *s*, cf. *qués* < *quer's*. — J. L. DE V.].

c) Exemplos de intervallação: Ermelindra, Anicetra (influencia da palavra *cetra*), lecre, listra, chitra, chifre, penedro, mostro, epiletrico.

12. O *s* e o *c* seguidos de *e* ou *i*, quando iniciais ou mediaes, tem muitas vezes, como o *ch* tem de ordinario, um som mui aspero representado por *x* ou *tch*: dixe, enxerga, couxe, xifra, xaxo (sacho), xeringa, xefre, xeia, xibo, xico, xuva, xumbo, xamar, xucar.

13. O *s* sonoro soa muitas vezes *j*: quijesse, ujura, vijitas, curjidade, curjidoso, mujica.

14. O diphthongo *ão* (e *ãos*) soa *o*, *os*, em syllabas atonas: orgo, orgos, orpho, orphos.

15. *al* soa *aur* no principio ou no meio da palavra, quando seguido de consoante: aurtto, caurdo, maurga.

16. *en* soa sempre *an* tanto em syllabas atonas como tónicas, iniciais (protegidas) como mediaes: Banto, manter, tenante, abançoar, açander, accidente, alanto, induljancia.

17. *-ario* soa *-airo* como em todo o país: fadairo, rosairo, necessario.

18. *-bal* soa *-ble*: Annible;
-avel = *-able*: agradable;
-ivel = *-ible*: horrible.

19. *-ico*, *-ica* = *-igo*, *-iga*: etigo, politigo, inlastigo, cantigo, grammatiga.

20. O primeiro *o* é aberto nas terminações; *-ono*, *-ona*, *-onho*, *-onha*: fóna, azeitóna, Penedóno, Antónho, demónho.

21. O grupo *gn* soa *n*: inorar, inorante.

22. Temos a *prothetic* nas seguintes palavras: amètade (este è alongado com accento secundario é resultado da contracção dos dois *e* que ha no etymo *medietate*), anecral (= alecra), arreceber, alagoa, afavorecer, assucceder, abelota, aquedar.

23. *Quêda das vogaes iniciaes a, e, i, o*: vantal, Lantejo, Nuciação (Annunciação), Delaida, Duarda, Duardo, clypse, mora, moreira.

24. *Queda de syllabas iniciaes*:

potheca — hypotheca;
positar — degositar;
prestimo — emprestimo;
prestar — emprestar.

25. *Reducção de palavras pela queda de syllabas em geral*: Voucê, vossoria, Soria, sor, Zé, Zepha, Manel, dreito.

26. *Suarabacti*: calarim, cancaro, felor, lucaro, marafim, saregaço.

27. *Metathese phonetica*: manica, kespoço, punailas, Jesuralem, Jeromino, anecril, anecral (por alecrau ou talvez alecran), Deluvina.

28. *Nasalação*:

a) Casos de postsonancia nasal: munto, nonjo, manjor, nointe, Nampoleão; é morphologica em *handem* por *hã de*.

b) Casos de presonancia nasal: pentem, fanjão.

c) Casos em que a nasal é etymologica: sôar, bôa, lûa, lûar, alûado.

d) Casos isolados e que podem ter varias explicações: *pirum*, *pirûa*, *Barzabum*, *âvem*, *credam* (credo).

29. *Desnasalação*: *amei* (cf. as 1.^{as} orações), *Beijamim*, *atão*, e todos os finaes átonos, como: *home*, *virge*, *orde*, *image*, *parage*. Os tres primeiros exemplos podem explicar-se pelo principio da dissimilação, visto haver na mesma palavra outras syllabas nasaladas.

30. *Passagem de graves a esdruxulos*: *Arthurio*, *Isidrio*, *Helenia*, *asylio*, *arrecadias*, *clubio*, *desgracia*, *escadias*, *tanazias*.

31. *Passagem de esdruxulos a graves*: *ralojo*, *sito*, *refujo*, *rumedo*, *escarno*.

MORPHOLOGIA

Substantivos

1. Os nomes em *-ão* fazem geralmente o plural em *-ões*, ainda mesmo em palavras que na maior parte do país o fazem em *-ãos*: tabeliões, escrivões, irmãos, grões.

2. *Maçã* faz *mações*, no plural.

3. São também de notar os seguintes pluraes: *filhoses*, *peis* (de pelle), *péses* (de *pé*), *riles*, *reises* (de real).

4. Dizem na forma feminina *alamôa* em vez de *alemã*, o que faz suppor uma forma *alamon* para o masculino.

5. Algumas palavras, que na linguagem commum terminam em *e*, mudam-no para *a* ou *o* pelo principio da analogia ou para se assimilarem aos typos mais seguidos dos substantivos; assim dizem: *tomata* (do gen. fem.); *árvora*, pl. *arvoras*; *resgato* (cf. Oração vii).

6. Bastantes substantivos que usualmente tem fechada a vogal tónica no singular e aberta no plural, aqui, exactamente como na maior parte de Trás-os-Montes, seguem processo contrario: óvo, ôvos; tójo, tôjos; ôlho, ôlhos; ôsso, ôssos; córvo, côrvos; pôrco, pôrcos; tróco, trôcos; córpo, côrpos.

Adjectivos

7. O mesmo processo contrario se dá em grande numero de adjectivos; assim dizem: nóvo, nôvos; formóso, -ôsos; melindróso, -ôsos; teimóso, -ôsos; gróssso, -ôssos; tórto, tôrtos; (dizem também óco, óca em vez de ôco, ôca),

Pronomes

8. Aqui temos somente de notar a fórma *asquelles* = *aquelles* e *le* = *lhe*.

Verbos

9. No verbo *ser* temos de notar as fórmulas seguintes:

samos = somos;

sendes = sois;

fumos = fomos.

10. No verbo *haver*:

hamos = havemos;

handes = haveis;

handem = hão.

11. Os verbos em *-iar*, como *alumiar*, *agoniar*, *copiar*, ditongam em *ei* este *i* da terminação nos casos em que é tónico:

allumeio, -as, -a, -am;

agoneio, -as, -a, -am;

copeio, -as, -a, -am.

12. *Escutar* pronunciam *escuitar* e fazem no pres. do indicativo *escuíto*, *as*, *a*, etc.

13. Dizem *acensurar* em vez de «censurar» e fazem *acensóro*, *as*, *a* (no ind. pres.), forma que só se pode explicar pela graphia errada do infinito *accensurar*.

14. *Fazer* tem o futuro *fazerei* ao lado de *farei*.

15. *Trazer* tem o preterito *trouve* e o futuro *trazerei* ao lado de *trarei*.

16. Dizem *proteger* em vez de *proteger*, e conjugam o pres. do indicativo: *protijo*, -ges, -ge, *protegimos*, -geis, *protigem*.

17. Dizem *astrever* em vez de *atrever* e conjugam-no assim com este *s* em todos os tempos e modos: *astrevo*, *es*, *e*; *astrevia*, *astreveria*, *astrevi*, *astreva*, *astrevesse*, etc.

18. *Saber* faz na 1.^a pes. do ind. pres. *sabo* ou *saibo*.

19. As fórmulas *valhes* = vales, e *calha* = *cala* são talvez castelhanas.

20. *Vir* faz *vêu* em vez de *veio* e *vimos* em vez de *viemos*.

21. *Mentir* faz *mintes* em vez de *mentes*. Esta mudança para *i* dentro do thema explica-se por influencia do *i* da desinencia; é o mesmo phenomeno que se dá em *mino*, *sinto* (de *mentir*, *sentir*).

22. *Fugir* tem *fuge* = *foge*.

23. *Acudir* dizem *acuidir*.

24. De *ouvir* fazem *oivir*, com as formas *oivisie* e *oivido* ao lado de *ouvisto*.

25. Dos verbos *pedir*, *sair*, *parir*, etc., tenho exemplos das formas *pedisteis*, *saisteis*, *paristeis*: mas parece-me que ellas não são só dos verbos da 3.^a conjugação, mas communs a todos.

26 No verbo *pôr* temos a forma *punde* = *pôde*.

Partioulas

27. *Despois* = depois.

Escontra = contra.

Num = não.

Neja = nem, nem.

Indas que = ainda que.

Ágora = (interj.) Oh! pôde ser isso!

VOCABULARIO

A

acombelar, balouçar-se.

ágora, (interj.), oh! pois é isso?!

Águsto, Augusto.

Augustio, idem. Explica-se por influencia de *angustia*.

alcanforado, canforado.

alcoocres, alperches, especie de pessegos.

alifante, elefante.

almario, armario.

almotriga, almotolia. Se é seguro etymo o ar. al-motli, o *r* da penultima syllaba está por dissimilação e o *g* para evitar o hiato (cf. PHONETICA, n.º 8 a).

alquitarra, alambique.

amalhoar, acamar.

amanhar, fazer qualquer coisa, trabalhar.

amunçar, esfregar.

aneoral, lacrau.

aneoril, alecrim.

Antonio, Antonio.

antremoços, tremoços (influência da preposição *antre*.

aranou, pyrilampo (cf. PHONETICA, n.º 4 b).

arrate, arratel.

arrebunhar, arranhar.

arrecadias, arrecadas, brincos.

arrigar e arrinoar, arrancar, desarreigar.

arrimar, arrumar.

Arthurio, Arthur.

atacas, cordões dos sapatos.

azieiro, lugar humido onde cresce erva.

avem, ave (cf. PHONETICA, n.º 28 d).

B

baolga, bacio (cf. PHONETICA, n.º 8 a).

bacigo, ourinol, vaso de noite (cf. PHONETICA, n.º 8 a).

badana, ovelha.

bafoira, homem que se gaba de tudo e nada faz.

bautizar, baptisar. (É forma arcaica, mas ainda viva noutros pontos do país).

belanciga, melancia (cf. PHONETICA, n.º 8 a).

belfo, a, (adj.) empenado, a.

belro, vello, porção de lã já preparada. Etymo *vellere*(m) [de *vellus*] > *vel're* > *velro* ou *belro*. A mudança de desinen-

cia *re* em *ro* explica-se pela aproximação ao typo geral das terminações em *o*. O mesmo se dá em *rudo* de *rude*(m).

bilhó, castanha assada.

bixotas, batatas pequenas.

bixoto, batata pequena.

bornó, a, (adj.), meio quente, morno.

borrão por *varrão* ou porco de cobrição.

borrifo, regador.

botelha, abobora.

buseira, mulher que nada sabe fazer.

C

cabano, cesto comprido.

cajato, cajado.

calço, parede baixa e pouco extensa.

cântigo, cántico (cf. PHONETICA, n.º 19).

capão, 1) feixe de vides; 2) castanha rebentada.

carola, mentiroso, palrador.

carrapato, especie de feijão pequeno; (adj.), nu.

Carrolina, Carolina. É palavra formada sobre *Cárrelos*, pronuncia popular de Carlos.

carumba, agulhas dos pinheiros (cf. PHONETICA, n.º 7).

cavaca, acha de lenha, cavaco.

chinchinho, pequenino.

coanhos, moinha ou restos meudos de palha malhada.

cogiteira, alcoviteira.

concho, contente.

conjuntas, correias.

Conçalves, Gonsalves.

cornelho, fungão, cravagem, excrescencia preta que sae da espiga do trigo. Etymo corniclu(m), deminutivo de *cornu*.

cotorniz, codorniz.

covilhete, tigela.

crédam! (interj. de admiração) credo!

crucho, tufo, sinuosidade no vestido, folle.

curjidade, curiosidade, cuidado.

curjidoso, cuidadoso.

D

debotar, desbotar, perder a côr.

demoncho e demónho, demonio.

desarrigar, arrancar.

desaugar, desaguar.

desdichada, desgraçada.—Do hespanhol.

desimbandeirar, tirar as bandeiras.

desincarrilhar, descarrilar.

desparvar, disparar.

dinuvio, diluvio (cf. PHONETICA, n.º 9).

dónezinha, doninha.

E

emprumar, aprumar.

escaleiras, escadas.

escariote, vento do nascente.

escorripião, vadio.

esfallecer, fallecer.

estarrecido, amofinado.

estátula, estatua. Tem a mesma explicação que *trévolas*, *Bértulo*, *Albértulo*, etc.

estántula, estatua. Ha a influencia de *estante*.

estrangalhar, estragar.

F

Fascóa == Fozcóa. (O *a* explica-se por dissimilação do segundo *o*).

fachoqueira, facho grande.

fatiga, fatia (cf. PHONETICA, n.º 8 *a*).

fleito, féto (planta).

fóna, faúlha do lume.

fonecra, castanha engelhada e sem meolo.

frades, cogumelos.

G

gachos, cachos.

ganapé, canapé (cf. PHONETICA, n.º 8).

garantrita, (adj.), bem aumentada.

garruça, carapuça.

gastalho, ramo sêco das arvores.

gateira, buraco ao rés-do-chão para passar a agua.

geropia, geropiga.

gestas, giestas (cf. PHONETICA, n.º 5).

gógo, pedra.

gólas, guelas, garganta.

gomitar, vomitar.

granucho, granizo. Etymo: *granusc'lu. O *n* man-

tem-se como em *graniço*. Cf. hesp. *graniço*.
graunço, granizo. Etymo *granutiu(m)*, dando por metathese phonetica *graunço*. (Cf. *painço* de *panitui(m)*.
guesturoso, gostoso.

H

himor, humor.
hombrear, ajudar.

I

incigir, cingir.

J

joelra, restos meudos de palha que ficam com o trigo.
jolho, joelho (cf. PHONETICA, n.º 5).
jinguir, jungir (cf. PHONETICA, n.º 4 c). (Talvez seja erro de escrita em vez de *junguir*, como dizem em Villa Real).

L

lanceirinho, lugar, sitio, ponto (vid. ORAÇÕES, n.º XXIII).
lancha, pedra larga e pouco grossa. É usada tambem em Villa Real.
lapa, outeiro.
lambra, chamma, labareda.
lavoeira, lavoira.
leia, cordel (por *enleia*).
'litigo, lucro.

lôa, basofia.
lorga, buraco por onde se some a agua.
lôstra, bofetada.
Lucifêl, Lúçifer (cf. PHONETICA, n.º 10).
ludeiro, lodoso, cheio de lódo.

M

malato, carneiro novo. Já vem no *Novo Dicionario*.
maneirinho, um bocadinho, um pouco, uma pinguinha, uma gota.
maranhos, as aparas do linho ao espadelar.
mareperola, madreperola.
masgar, esmagar.
matula, pano de cozinha.
melanciga, melancia.
meleia, molhelha ou almofada presa aos chifres dos bois e na qual repousa a canga.
mistelas, gato.
mochão, moscardo.
moira, chouriço de sangue.
moirões, pedras de lareira.
mora, amora (cf. PHONETICA, n.º 23).
moreira, amoreira (cf. PHONETICA, n.º 23).
muro, palhal.
musgo, agulha sêca dos pinheiros.

N

'nadavau, nu, descoberto.
nagalho, negalho, cordel.
nana, boneca pequena.
naquinho, bocado.
neija, não, não já.

O

'oca, buraco.
oivido e **oivisto**, ouvido.
oivir, ouvir.
omage, imagem. (Ha a influencia de *ome* por homem?).
ouviar, uviar ou uivar.

P

paivante, cigarro.
paleio, conversa.
palhuço, palha moida.
parrana, labrêgo.
pataca, nodoa grande.
patata, batata.
par'co, parocho.
parreca, marreca.
parreco, marreco.
paulito, palito (cf. PHONETICA, n.º 6).
paveca, tosca.
peccado, demonio (vid. os n.ºs XIV e XXV das ORAÇÕES).
pechorra, caneca.
perca, perda.
persevelho, persevejo.
picarnel, moinho de mão.
pilheira, logar onde se deitã a cinza.
pinzel, pincel.
pita, gallinha.
pítigo, pirtigo, a vara do mangal.
pitos, pintainhos.
pitrol, petroleo. O *i* da primeira syllaba é influenciado pelo phonema *i*, que soa na desinencia.
positar, depositar.
postilha, logar bom para agachar.

poteca, hypotheca.
presunhos, pulsos.
prestar, emprestar.
prestimo, emprestimo.

Q

queira, matilha.
quescolheiro, que mexe em tudo.

R

racha, acha ou cavaco de madeira.
rafar, rapar.
rasoar, responder, fazer observações.
reco, porco.
reixêla, ovelha.
reixêlo, carneiro.
reninha, (interj.), para chamar os porcos.
repas, 1) cabelo mal penteado; 2) cabras.
ressiga, restea.
rodigão, tanchão; está em vez de *rodrigão* (cf. PHONETICA, n.º 11 c).

S

salamanora, salamandra.
samarra, pelle de carneiro.
semesuga, sanguesuga.
soidades, saudades.
sougas, correias.
spoldrar, aparar, cortar.
squeirada, tombo.
stêma, systema.
stões, tostões.
strelicado, magro. Usado tambem em Villa Real.

sturtiga, pessoa desajeitada,
descomposta, enxovalhada.
surmin, selamin.
suvantre, barriga de porco.

T

tapada, planície fertil.
tarolo, carolim, caroço da es-
piga do milho.
tanazias, tenazes (cf. PHONE-
TICA, n.º 30).
tomata (f.), tomate.
torsa, a padieira da porta. Já
vem no *Novo Dicionario*,
com a forma *torça*.
trangalhão, homem mal ves-
tido.
trem, roupa.
trupia, breca.

U

ugal, igual.
ugalha, igualha.
uviar, uivar.

V

vasculho, molho de silvas.
voucê, vocemecê.

Z

zoada, toada.
zoar, soar, tocar.
zórro, vagaroso, que anda pou-
co. A palavra e a ideia vem
de *zorra*, instrumento ou ap-
parelho de arrastar objectos
muitos pesados.

A. GOMES PEREIRA.



SUPPLEMENTO

ÀS

TRADIÇÕES POPULARES E LINGUAGEM

DE

VILLA REAL

(Vid. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 132)

CANCIONEIRO

Antoninho pede, pede,
Que eu já tenho que te dar:
Darei-te um cachinho de uvas,
Quando meu pai vendimar.

Dá-me da tua ramada
Um cachinho de moscatel:
Que eu te darei um da minha,
Quando maduro 'stiver.

Eu João Dias era
E João Dias sou:

Mas as minhas barbas
Quem foi que mas cortou ¹?

Santo Amaro da *Laja*
Não seas marralheiro:
Puxa pelos cordões á bolsa
E paga ó barqueiro.

A lua é uma barquinha
Que anda no ceu a boiar:
As estrellas são os peixes
Em volta d'ella a nadar ².

COSTUMES

1. Quando uma porta ou janela está continuamente a bater com o vento, dizem que é o *postigo de S. Tiago*, alludindo provavelmente á lenda popular de que quem não for a S. Tiago de

¹ Quadra de um homem que ao acordar se encontrou sem as barbas, que outro lhe cortara durante o somno.

² Ouvida nas abas do Marão.

Galliza, em vida, ha de ir depois de morto, de onde se segue que a porta ou postigo do santo deve estar em moto continuo, para dar razão a tantos visitantes.

2. Quando alguém cai num logro, ou dá um dinheirão tolo por um objecto de pouco valor, ou mesmo quando uma rapariga nova casa com um velho, costumam dizer que aquella pessoa *ainda não foi á missa do dia*, como quem diz que ella nunca viu gente e por isso não admira que se deixasse enganar.

3. Quando chove nos fins de setembro, costumam dizer que os *coroceiros puseram S. Miguel de mólho*, para dar chuva, que lhes ajude a vender as coroças.

4. Como expressão de ameaça é muito vulgar ouvir dizer contra os rapazes: *ah malandros, que vos escangalho e a maior posta que vos fica é a das orelhas*.

5. Em Adoufe, quando deitam á cova um defunto, o coveiro, ou outra pessoa, puxa de uma thesoura e retalha-lhe todo o fato. Este costume tem a seguinte explicação: ha poucos annos appareceu quasi desenterrado e quasi nu, no cemiterio da freguesia, um defunto enterrado nas vesperas com um rico vestido. Desde esse momento as pessoas mais gradas da freguesia adoptaram aquelle meio para esmagar os dentes á ambição dos ladrões.

6. Nas freguesias de Adoufe, S. Thomé do Castello e Villarinho da Samardã ha varios logares com os seus appellidos injuriosos, que uns lançam em rosto aos outros. Os de Borbelinha são *alfacinhas*, os do Couto *bolateiros* (= amigos da bôla do forno), ôs de Villa Sêca *poceiros*, os de Gravellos *cabaceiros*, os de Com-êdo *feiticeiros*, os de Escariz *burriqueiros*, os de Paredes *carvoeiros*, os de Tortunho *machavecos*, os de Villarinho empenharam Nosso Senhor na venda do Covêllo para beberem, quando andavam no compasso da Pascoa.

7. *Anecdota dos de S. Thomé do Castello*. — Um lavrador prometteu a S. Bento (que se venera na igreja da freguesia) o melhor *chibo* ou cabrão do seu rebanho, se este, que andava perdido na serra, lhe apparecesse completo.

Como o santo lhe fez o milagre, foi-lh'o levar á igreja, prendeu-o á imagem do santo com uma corda, e deixou-o ficar. Ainda

não tinha dado muitos passos, quando o animal puxando pela corda arrastou o santo pela igreja abaixo.

Então o lavrador todo admirado volta atrás e, erguendo o santo, diz-lhe: *Pega* (= toma), *santo, mãos de aranha, que é chibarro de amigo*.

8. *Anecdota contra os de Fortunho* (logar da freguesia anterior). -- Havia na capella d'este povo um santo muito velho que estava arrumado para um canto e coberto de teias de aranha; um dia resolveram mandá-lo compôr á villa ou trocá-lo por um outro.

Voltava já da villa um homem do povo com o santo novo ás costas; encontra-se com elle um vizinho e pergunta-lhe (apontando para o santo):

— *Então, quanto custou cá o machacaz?*

— *14 stões e ó velho* (respondeu o outro).

— *Custaria, custaria, que'êsta canalha anda muito cara.*

DITADOS

1. Quem quer ser pobre,
queima lenha verde
e come pão molle.
2. O maio me molha, o maio me enxuga.
3. De manhã prepara-te (= veste-te) bem,
que não sabes quem vem.
4. O caçador de coelho deve ser manso (ou andar de vagar
para os cães terem tempo de bater o mato).
5. Quem se não ri ao mês,
ou é tolo, ou quem o fez. (Diz-se das crianças de collo, que
se não riem para quem lhes faz festa).
6. Leve o diabo a mãe, que pariu um filho tolo. (Diz-se das
pessoas que não cuidam dos seus interesses, que não sa-
bem levar a agua para o seu moinho ou não são boas
para si).
7. Janeiro grelleiro
não enche celleiro.

8. Mulher sem cabelo
e panela sem asa,
co'ella fóra de casa.
9. Mulher casada, nem limpa nem farta. (Em Barcellos dizem,
mulher com filhos, etc.).
10. Olha para a solteira,
como vai aceada;
olha para a casada
como vae toda borrada.
11. Quando a agua benta é pouca e os diabos são muitos, não
ha quem os vença.
12. Quando a Pascoa cai em março,
ou muita fome ou muito mortago.
13. Madrasta, o nome lhe basta.
14. Bô anno de pão,
mau anno de pão,
as colheitas o farão.
15. Quem faz a barba a um cão,
perde o feitio e o sabão. (Diz-se dos mal agradecidos).
16. Ladrão do Minho, assassino de Trás-os-Montes.
17. Agua e lenha,
cada dia venha.
18. Quem não forra lenha,
nem cousa que tenha.
19. Castanha cozida não faz tanto mal como a castanha assada.
20. Caldo sem pão,
só no inferno o dão.
21. Caldo sem pão é como o gallo sem gallinhas.
22. Guarda pão para maio e palha para abril, que quem não
veio sempre ha de vir.

23. Quem come arroz com pão,
é um toleirão.
24. Quem promete o seu antes que morra,
merece com uma
25. Homem de capa no verão, ou é roto ou ladrão.
26. Quem no meio do caldo bebe vinho,
de velho se torna menino; ou: quem come sopas de vinho, etc.
27. Beber sem comer é cegar e não ver.

RIMAS POPULARES

1. Ah meu Deus de Covas,
que tão perto estás e tão longe moras.
2. Ai! Nossa Senhora da Lapa,
quem não tem que comer, muita fome rapa.
3. F. é um 'stroe-tudo,
come carne na *coresma*
e bacalhau no entrudo.
4. Chuva de molha tolos, os espertos não andam a ella.

VOCABULARIO

- | | |
|---|--|
| acorrentar , arrijar, melhorar,
sasar de uma doença. | arrendo , arrendamento, alu-
guer. |
| atempar , dar tempo, demo-
rar, espaçar; deixar enrijar a
pelle ou casca de certos fru-
tos, até se poderem arrancar
ou cortar; ex.: «as batatas,
as aboboras, etc., ainda não
estão <i>atempadas</i> ». | bagoeiro , monte de bagos, que
às vezes fica debaixo da cepa
ao vendimar. |
| arrelhoas , reliquias (vulgar no
país). | bitouta , o alto da cabeça. |
| | bretalhas ou bertalhas , as
escorridas que trasbordam da
vasilha de medir liquidos; os
restos ou excessos da agua
que rega ou lima um prado, |

os quaes são aproveitados pelos vizinhos dos prados inferiores. No Minho tem geralmente o nome de *escorridas*.
carral, porta —, portal ou porta grande, por onde entra o carro.
oatraia, egua velha e fraca.
cera benta, boa nota, boa reputação.
chapejar, patinhar, bater na agua; humedecer por varias vezes, com um pano molhado, a testa de certos doentes.
oódeas, pessoa suja e immunda.
deserto por (= desejoso de).
entesoadado, hirto de frio, interitado, teso.
esoarnoso (adj.), escarnecedor.
interitado, o mesmo *que entesoado*.

levedar a massa, torná-la lêveda, fazê-la levedar.
louco, verdejante, florescente, vigoroso, forte. «Este milho já está *louco*; este rapaz está *louco*».
machacoz, velhaco.
muata, homem que fala pouco, homem calado.
praineza, planície.
sbangar um cacho, esbagoá-lo.
surreira, immundície, agua suja.
sutibel ou **sutible**, subtil.
telhador, retelhador, homem que compõe os telhados.
toural, lugar onde ha frago de coelho.
tradilha, seda; ex.: meia de *tradilha*.
ujo, ave de rapina da familia das aguias.

A. GOMES PEREIRA.



MISCELLANEA

I

Nomes de lugar derivados do germanico -redi

Na revista mensal recreativa intitulada *Serões*, publicou em abril de 1909, n.º 46, o Sr. Adolfo Coelho um artigo, excerpto de uma obra, sobre as *Origens do português do sul*.

É opinião do Sr. Coelho que durante o dominio muçulmano a gente do sul do Mondego falava a mesma lingua que a do norte, embora pouco diferenciada, não constituindo lingua distincta. Ainda mais é convicção sua, de que na faixa em que se assentam hoje Galliza e Portugal o latim «ter-se-hia ido modificando de modo por assim dizer igual . . por opposição ao latim de leste, que seguia outra direcção, revelada nos dialectos que chamamos hespanhoes». Não é, todavia, o principio que o erudito professor do Curso Superior de Letras pretende defender que chamou a minha attenção.

Tambem não são os periodos que vou transcrever que a chamaram: «*Ourique* é nome de outra povoação meridional, tambem anterior áquelle seculo [XI]; não é arabe, como por vezes se suppôs. Occorre só como nome d'esse logar, c[oncelho] (Beja) e na designação Campo de Ourique, em Lisboa. Vejo nesse nome um derivado de *ouro*, como em *Ourilhe*, *Ouril* (nomes do N.); *Ouro* apparece tambem como nome de lugar. Ainda de *ouro* deriva, a meu ver, *Ourem* (Santarem). . . » Faço aqui uma interrupção para dizer que o Dr. Jungfer¹ deriva, e no meu entender muito bem, os nomes gallegos *Framille*, *Merille*, *Ou-rille*, *Orilles*, *Rumille*, *Viville* dos nomes germanicos de mulher

¹ *Revue Hispanique*, tomo XVIII, no artigo «Magerit-Madrid».

Framhild, Merihild, Aurild, Hromhild, Wibhild. Ficam, pois, *Ouril* e *Ourilhe* bem longe da derivação de *ouro*.

Transcreverei agora um trecho com uma serie de nomes que originariamente nenhuma relação tem: «As formações em *em* são frequentissimas em o nosso país, por exemplo: *Agostem, Aldarem, Cadem, Fontem, Formorem, Gondarem, Ferrem, Gerilharem, Lagarem, Morem, Peridem, Pintem, Rosem, Segirem, Tourem*, dadas do norte; — *Cacem, Cotem, Jandorem, Lagarem, Legocem*¹, *Morfacem, Pexem, Sacavem*, todas do sul».

Começarei pelo sul para me desempachar d'esses nomes que tem aspecto tão estranho dos do norte. *Cacem* e *Morfacem* parecem-me arabes. *Jandorem* não passa mais do que de *João de Ourem*. É vulgar no povo a pronuncia *Jão* e *Jãozinho*. Os outros tres nomes do sul são indecifráveis para mim, por meio da comparação dos nomes do norte; só o estudo dos nomes da Hespanha meridional darão talvez a chave.

O primeiro nome da lista do Sr. Adolfo Coelho é *Agostem*, que, é bem de ver, nada tem com *Augustus*. O nome de que provem é *Gudestea* (Guesto Ansur) que significa *famulus Dei*, segundo o Sr. Meyer-Lübke, *Die altport. Personennamen*, p. 79. Do genitivo *Gudestei* derivaram-se *Agostem* e *Gostei*.

Formosem e *Rosem* são derivados de *Fremosindus* e de *Ranosindus* ou *Rudosindus*.

Os nomes *Aldarem, Gondarem, Segirem, Tourem* derivam-se facilmente do genitivo de *Alderedus, Gunderedus, Segeredus* e *Teoderedus*. A estes nomes ainda se devem juntar os seguintes que o Sr. Coelho não apontou: *Asurem, Ousarem* (*Ousoredus*), *Fraldrem* (*Farleredus?*), *Lebrem* (*Leoneredus*). O primeiro nome era primitivamente *Asoredi* ou *Asorei*, nasalando-se depois, como succedeu aos outros; processo, todavia, que só este nos documenta².

Os nomes que se seguem não se nasalaram: *Escarei* (*Ascare-di*), *Garei, Iguarei* (ambos de *Egaredi*), *Guimarei* (*Vimaredi*), *Quitarei, Recarei* (*Recaredi*), *Seserei, Parei* (*Peoderedi*), *Senharei* (*Sunioredi*). A alguns d'elles não encontrei os correspondentes nomes germanicos, mas não póde haver duvidas que os tenham.

¹ Este nome e o anterior são do norte. Pelo menos assim os dá a *Chorographia* de Baptista.

² Sr. Oliveira Guimarães, *Vimaranis Monumenta Historica*, 1908, I, 10, nota

Na Galliza tambem houve o mesmo processo: *Gundarei, Gundayrey, Guillarey, Recarey, Recaré* (em Lugo). Os nomes *Baldreu* ou *Valdreu* (Balderedi), *Faldreu, Fraldreu, Lubreu* (Leoveredi), deveriam terminar antigamente em *rei*, assim como terminava *Abreu*, nas inquirições *Auurei* ¹.

Podia quedar-me por aqui, mas levarei ainda mais longe a busca das reminiscencias dos nomes germanicos, em que o segundo elemento é *redus* = «conselho».

Aldrete está isolado, mas parece haver no nome germanico certas difficuldades de interpretação.

Em nenhum d'estes nomes: *Alferrarede* (no sul), *Louredé e Povarede* é demonstravel a origem germanica. Em *Alvaredo, Escoredo, Ladredo, Loredo, Louredo, Molaredo, Peredo, Roboredo* e *Azeredo* só talvez o segundo poderá mostrar tal ou qual parentesco germanico. Os restantes são indicações campestres ². Em *Caparide, Colaride, Esparide* e *Margaride* só o terceiro poderá ser de origem germanica; o ultimo tem o etimo já estudado.

Os nomes que se seguem em *-ido* são quasi todos explicaveis por nomes de plantas: *Camarido, Lourido, Ladrado, Nesperido, Pedorido, Florido, Reborido, Sobrido*.

Estes nomes encontram-se mais no norte que no sul, mas apesar da sua reunião aqui, as suas origens são tão diversas como as formas em *-em* que o Sr. Coelho juntou no seu artigo.

Terminadas estas notas, vou ainda tocar o terreno vizinho. O Dr. Jungfer, no estudo em que procurou mostrar a derivação de Madrid do germanico *Mageric*, offerece os seguintes nomes em que julga achar em *-rite* o germanico *-redus*: *Alberite, Alverite*, (Cádiz), *Gomareitu, Ogarite* (Almeria), *Tamarite*, etc. Em Portugal, com excepção de *Aldrete*, já citado, só acho no sul o nome *Xerito*.

A conclusão a tirar é que se torna muito arriscada a comparação dos nomes de lugar do sul com os do norte. Os determinantes sociaes foram muito diversos nas duas partes que compõem Portugal para que o onomastico geral tenha os nomes caracteristicos.

PEDRO A. DE AZEVEDO.

¹ *O Archeologo Português*, x, 317, nota.

² Estudadas já pelo Sr. Dr. Leite de Vasconcellos na *Rev. Lusit.*, 1, 49 sgs.

II

Inquirições

I

Ficar a ver navios no Alto de Santa Catharina

Em seguida á entrada, em 1807, do exercito francês em Lisboa, ninguem mais na mesma cidade cuidou em obras, tanto publicas como particulares, desenvolvendo-se então uma temerosa crise de trabalho. A semelhante respeito diz José Accurcio das Neves, na sua *Historia Geral da Invasão dos Franceses em Portugal*, tomo II, p. 261: «Huma grande parte dos carpinteiros, pedreiros, fabricantes, e outros artistas, involuntariamente ociosos, nutrindo-se de esperanças, cobrião continuadamente os *altos de Santa Catharina*, Chagas, Buenos-aires, e outros sitios elevados, lançando os olhos para a esquadra Ingleza, contando os navios d'ella, e parecendo-lhes a todo o instante, que a vião entrar no Tejo, para resgatar Lisboa. Estes ajuntamentos não forão ignorados por Junot, nem lhes podião ser indifferentes; mandava dispersallos por justica, e dizem, que elle mesmo foi pessoalmente para este fim huma, ou mais vezes a Santa Catharina».

Teremos aqui a origem da frase proverbial: *Ficar a ver navios no Alto de Santa Catharina?*

II

Levar rasoa na assadura

Quero crer que esta frase nos veio da Hespanha. Em hespanhol *asadura* e *asaduría*, alem de significarem: *las entrānas del animal*, tambem significam: *derecho que se paga por el paso de los ganados*. E talvez que á parte do lucro (*rasca*) na finta que o empregado fiscal recebe, se refira a frase.

III

Quem se oisca, alhos come

Tambem creio que da Hespanha nos veio este proverbio. Em hespanhol: *ciscar* significa *ensuciar alguna cosa, fædãre*; e *ciscar-se*: *soltarse ó evacuar-se el vientre*.

IV

Ao despegar da agulha

Assim se diz, no Alemtejo, alludindo ao lusco-fusco, quando a costureira larga o trabalho. Não deverá ser: *ao pregar da agulha* (na pregadeira, ou almofadinha), ou *ao despregar da agulha*?

A. THOMÁS PIRES.

III

Observações á «Revista Lusitana»

Todos os que escrevem, sabem que, á proporção que vão dilatando a área da investigação, tem necessidade de corrigir e melhorar constantemente as suas obras, sobretudo quando estas datam do tempo em que elles começam a escrever.

Para não induzir em erro os principiantes, vou pois, pela minha parte, fazer algumas observações a artigos meus, inseridos na REVISTA LUSITANA, — as quaes poderei continuar depois ¹.

*

Vol. I, pag. 47-49. — Hoje não subscreveria tudo o que ahi publiquei a respeito dos nomes que suppus aparentados com *melro*.

¹ Alguns dos meus artigos da REVISTA LUSITANA foram aproveitados em obras maiores, e modifiquei lá o que tinha de modificar.

I, 50. — *Salxeda* assenta em *saliceta*: primeiro houve **Sali-xeda*, e depois a syncope do *i*; só assim se explica *c > ʒ* (que fica intervocalico).

I, 51. — *Sousa* e as fórmas aparentadas não podem explicar-se por *saxsum*.

I, 97, linha 30. — Saiu por lapso *auto pastoril* em vez de *romance* (ou *novella*).

I, 240. — Teria hoje de alterar, em parte, o § 7.º

I, 243. — *Maciel* vem já em documentos antigos (seculo XIII), e não pôde explicar-se por *matiana*. Outras modificações poderia fazer ao respectivo paragrapho.

I, 244-245. — PENAMACOR não pôde explicar-se por *Pena de má còr*, porque tal palavra tem no sec. XII (e ainda depois) a fórma PENAMOCOR¹; se aquella explicação fosse exacta, *má còr* soaria no seculo XII *maa coor*. — Em *Malarranha* fica sem explicação o *-l-*.

J. L. DE V.

IV

Erratas

Na reproducção do *Livro d'Alveitaria* do Mestre Giraldo feita na REVISTA LUSITANA, vol. XII, escaparam alguns erros que se torna necessario apontar e corrigir:

A pag. 2, l. 12: *e mÿ* emende-se: *a mÿ*.

Idem, nota, l. 3: *da cuerre* emende-se: *da cucrre*.

A pag. 4, l. 36: *lingnagem* emende-se: *linguagem*.

A pag. 8, l. 35: *amende* emende-se: *ameude*.

A pag. 11, l. 23: *gusjsa* emende-se: *gujssa*.

Idem, l. 24: *tembem* emende-se: *tambem*.

Idem, l. 38: *mayorou* emende-se: *mayor ou*.

A pag. 16, l. 7: *conhecenças* emende-se: *conhocenças*.

A pag. 21, l. 27: *abranga* emende-se: *atanga*.

A pag. 23, l. 30: *danelle* emende-se: *danell e*.

A pag. 31, l. 29: *ylhaas* emende-se: *ylhaaes*.

A pag. 34, l. 25: *pera a tornar* emende-se: *pera a (sic) tornar*.

A pag. 40, l. 20: *ajudarlhr* emende-se: *ajudarlha*.

A pag. 42, l. 15: *desoprenda* emende-se: *desaprenda*.

G. P.

¹ Vide *Leges et Consuetudines*, I, 539.

BIBLIOGRAPHIA

VARIA QUAEDAM

— **O Rio d'Onorenses** (dialecto trasmontano) por Daniel Rodríguez, Coimbra 1900.— Cf. as observações que fiz nas *Noticias de Lisboa*, n.º 1:269, de 6 de maio de 1909.

— Discussão no *Literaturblatt f. germ. u. rom. Philologie*, 1909, n.º 3-4, col. 139-142, entre Gassner e Huber, a proposito do opusculo d'aquelle sobre a lingoagem d'El-Rei D. Dinis: Cf. *Rev. Lusitana*, xi, 356.

— **Portuguese Literature to the End of the 18th Century** (a lecture delivered in Manchester February 1, 1909), por Edgar Prestage. Londres 1909, 40 paginas.

— **The place of Camoens in literature**, by Joaquim Nabuco (address delivered before the students of Yale University, on the 14th May, 1908).

— **A vida mental portugueza**, pelo Visconde de Villa-Moura, Coimbra 1909, 164 paginas.

— **Bernardim Ribeiro**, por Delfim Guimarães, Lisboa 1908, 276 paginas.

— **Trovas de Crisfal**, ed. de Delfim Guimarães, Lisboa 1908, 132 paginas.

— **O poeta Crisfal**, por Raul Soares, Campinas 1909, 82 paginas.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

DR. CARL VON REINHARDSTOETTNER

Na idade de 62 annos finou-se em Munich, em 1 de Abril de 1909, o Dr. Carl von Reinhardstoettner, Professor da Escola Polytechnica d'aquella cidade, ao qual a Philologia portuguesa deve alguns meritorios trabalhos:

- 1) *Beiträge zur Textkritik der «Lusiadas» des Camões*, Munich 1872 (vide a seu respeito *Bibliographia Critica*, Porto 1875, p. 257 sgs.);
- 2) *Os Lusiadas*, edição critica, Estrasburgo 1874;
- 3) Cinco artigos na citada *Bibliographia Critica*, 1875, p. 174-176, e 268-270, e um no *Circulo Camoniano*, 1, 18;
- 4) *Luis de Camoens, der Säng'er des «Lusiaden»*, biographische Skizze, Leipzig 1877 e 1879¹;
- 5) *Grammatik des portugiesischen Sprache*, Estrasburgo 1878;
- 6) *Die Plantinischen Lustspiele*, 1, Amphitrus, Leipzig 1880, (onde ha algo sobre a comedia camoniana dos *Amphitriões*: cf. Stach, *Sämmtliche Gedichte*, vi, 323);
- 7) Edição da *Historia . . do santo graal*, ms. português da Bibliotheca de Vienna de Austria, Berlim 1887, — mas ficou incompleta;

¹ Na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha dois exemplares d'esta obra, um com a data de 1877, o outro com a de 1879, e ambos com a nota de «2.ª edição», embora não diffiram entre si senão em ter aquelle um prologo que falta neste, e vir o exemplar de 1879 acompanhado de uma lista de erratas que não se encontra no de 1877.

8) *Aufsätze und Abhandlungen vornehmlich zur Litteraturgeschichte*, Berlim 1887 (onde ha seis estudos a respeito de Portugal);

9) Varios artigos bibliographicos, uns a proposito dos trabalhos de Storck (todos os quaes cito no meu livro *O Doutor Storck e a Litteratura Portuguesa*), outros a respeito de trabalhos portugueses (vid. *Literaturblatt f. germ. u. rom. Philolog.*, vols. I, II, III, VIII e XI).

Como noticia meramente pessoal, acrescentarei que em 1900 estive em Munich, e travei relações pessoaes com Carl von Reinhardstoettner, que me fallou de Portugal com muita sympathia, o que era natural, visto que tanto se occupára de nós.

J. L. DE V.

ROCHA PEIXOTO

A pequena legião dos ethnographos e archeologos portugueses soffreu um revés com a morte prematura de Rocha Peixoto, revés que não será tão depressa contrabalançado com a entrada de novos legionarios.

Entre nós, pela falta de institutos e cadeiras da especialidade, raros são os que se consagram a estes estudos, e alguns d'elles ao tentarem entrar nesta via tem de lutar com graves difficuldades, provenientes da falta do conhecimento dos periodos classicos e de bibliotecas e museus apropriados.

Tanto maior reconhecimento merecem, pois, os que alcançam nome.

Antonio Augusto da Rocha Peixoto nasceu em 18 de maio de 1868, na Povia de Varzim, sendo seu pae ali medico.

Já quando estudante da Academia Polytechnica do Porto, o seu espirito o impellia para estudos originaes, tendo até fundado com alguns condiscipulos seus uma revista em que se publicaram importantes estudos de sciencias naturaes. Depois entrou na direcção da *Portugalia*, tendo tambem pertencido á *Revista de Portugal*, que era dirigida por Eça de Queiroz. Quando falleceu, em 3 de maio de 1909, exercia os cargos de naturalista da Academia Polytechnica, de professor da Escola Industrial do Porto, e de director da Bibliotheca e Museu Municipaes d'esta cidade, os dois ultimos estabelecimentos, mercê do seu temperamento diligente, conseguiu melhorá-los muito.

A lista das suas obras acha-se compilada no *Catalogo* da Bibliotheca Municipal do Porto, tomo 1 da nova serie, 1909, a pp. 614 e 615. Omittindo os artigos que se encontram na *Portugalia* e os que tratam de sciencias naturaes, archeologia, etc., temos no campo da ethnographia os seguintes opusculos e livros:

Notas sobre a malacologia popular, Porto, 1889, 16 paginas.

A tatuagem em Portugal, Porto 1892, 32 paginas (com estampas).

O cruel e triste fardo, Figueira 1896, 13 paginas.

A terra portuguesa, Porto 1897, 303 paginas.

A probidade scientifica do Sr. João Bonança. Capitulo para o inquerito da «Historia da Luzitania e da Iberia». Porto 1890.

Survivances du régime communautaire en Portugal, separata dos *Annaes* da Academia Polytechnica do Porto; este artigo foi publicado em português nas *Notas sobre Portugal*, Porto 1909.

Nas disposições testamentarias determinou que os seus livros fossem entregues á Bibliotheca da Povia de Varzim. Assim mostrou até final o seu entranhado affecto aos assuntos ideaes.

PEDRO A. DE AZEVEDO.



INDICE DO VOL. XII

Artigos desenvolvidos :

	Pag.
<i>Livro d'alveitaria do mestre Giraldo</i> — por Gabriel Pereira.....	1
<i>Investigações ethnographicas</i> — por A. Thomás Pires.....	61 e 171
<i>Tradições populares e linguagem de Villa Real</i> — por A. Gomes Pereira	93 e 317
<i>La communauté portugaise de Batavia</i> — por G. Huet.....	149
<i>Notas filológicas</i> — por Julio Moreira.....	204
<i>As cantigas parallelísticas em Gil Vicente</i> — por J. J. Nunes.....	241
<i>Diccionario português-malaio</i> — publicado por J. Leite de Vasconcellos	268
<i>Tradições populares de Atalaia</i> — por C. A. Monteiro do Amaral	283
<i>Tradições populares e dialecto de Penedono</i> — por A. Gomes Pereira	298

Miscellanea :

<i>Taibo</i> — por D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.....	133
<i>As «ilhas» do Porto</i> — por Julio Moreira.....	138
<i>Lenda de Maria Mantella</i> — por J. L. de V.	140
<i>Etymologias</i> — por Epiphanyo Dias.....	142
<i>Observação aos «Textos antigos portugueses»</i> — por J. J. Nunes.....	142
<i>Condensação e simplificação dos ditongos cuja subjunctiva é «i»</i> — por J. L. de V.	143
<i>Chevêca</i> — por J. de Freitas Branco.....	145
<i>Observações á «Revista Lusitana»</i> — por J. L. de V.	145 e 327
<i>Nomes derivados do germanico «redi»</i> — por P. A. de Azevedo	323
<i>Inquirições</i> — por A. Thomás Pires.....	326
<i>Erratas á «Alveitaria»</i> — por G. P.	328

Chronica :

<i>Programma de Philologia Portuguesa na Universidade de Harvard —</i>	
por J. L. de V.	146
<i>A lingua portuguesa na guarnição militar da India —</i> por J. L. de V.	147
<i>A lingua portuguesa no Japão —</i> por J. L. de V.	147

Bibliographia :**VARIA QUAEDAM :**

<i>Iberismi in Italia</i> (Zaccaria)	148
<i>Portugiesisches Lesebuch</i> (Kolisch)	148
<i>Der Inez de Castro-Stoff</i> (Keisler)	148
<i>O Rio d'Onorensense</i> (Daniel Rodrigues)	329
<i>Portuguese Literature</i> (E. Prestage)	329
<i>The place of Camoens in literature</i> (Nabuco)	329
<i>A vida mental portuguesa</i> (Villa-Moura)	329
<i>Bernardim Ribeiro</i> (D. Guimarães)	329
<i>Trovas de Crisfal</i> (D. Guimarães)	329
<i>O poeta Crisfal</i> (R. Soares)	329

Necrologia :

<i>Dr. Karl von Reinhardstoettner —</i> por J. L. de V.	330
<i>Rocha Peixoto —</i> por P. A. de Azevedo	331



PENN STATE UNIVERSITY LIBRARIES

